PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

Comentário Sobre O Terceiro Livro do Moisés Chamado LEVÍTICO

705

INTRODUÇÃO

1. Título.

O livro do Levítico recebeu seu nome porque trata principalmente do sacerdócio, ofício que pertencia à tribo do Leví. Antigos eruditos hebreus o chamaram Wayiqra', que é a primeira palavra do livro, e os judeus modernos retiveram o nome. O Talmud o chamou "A lei dos sacerdotes", ou "A lei do sacrifício". O subtítulo, "Terceiro livro do Moisés", não formava parte do texto original hebreu, mas foi agregado séculos mais tarde.

2. Autor.

Não pode haver dúvida de que Moisés, o autor da Gênese, é também o autor de Levítico (veja-a introdução à Gênese). As teorias que descartam a

Moisés como autor dos livros que levam seu nome, são muito contraditórias para ser consideradas aqui. Dos tempos mais antigos, tanto judeus como cristãos acreditaram que o Levítico foi escrito pelo Moisés, e só em tempos modernos se levantaram dúvidas em relação a seu autor.

O livro do Levítico é uma parte integral do que Jesus chamou "a lei de Moisés" (Luc. 24: 44). No relato do sanamiento do leproso, associa-o de uma forma muito clara com o grande legislador (ver Mat. 8: 4; Luc. 5: 14; Lev. 14: 3, 4, 10). São significativas suas palavras aos judeus incrédulos: "Porque se acreditassem no Moisés, acreditariam-me , porque de mim escreveu ele. Mas se não criem a seus escritos, como acreditarão em minhas palavras?" (Juan 5: 46,
47). Aqui nos informa que Moisés "escreveu", e que o que escreveu se chama "seus escritos". O plural "escritos" implica que escreveu mais de um livro. Se esta passagem não se refere aos livros usualmente chamados "livros do Moisés", não sabemos onde poderíamos encontrá-los.

3. Marco histórico.

O livro do Levítico abrange um período de só trinta dias. O relato do Exodo termina com a narração da construção do tabernáculo, e a preparação para sua dedicação. Esta obra foi completada "em nos primeiro dia do primeiro mês, no segundo ano" (Exo. 40: 17). Posto que o livro que segue ao Levítico, o livro de Números, começa com o primeiro dia do segundo mês do segundo ano (Núm. 1: 1), o intervalo é exatamente de um mês. Nesse mês Deus comunicou ao Moisés as instruções contidas no Levítico, e nesse mesmo mês aconteceram os acontecimentos registrados no livro.

A construção do tabernáculo no deserto se realizou imediatamente depois da promulgação da lei no monte Sinaí. Os israelitas haviam ouvido ali a voz de 706 Deus que falava das escuras nuvens que coroavam o topo da montanha, e haviam sentido grande temor. "E tão terrível era o que via-se, que Moisés disse: Estou espantado e tremendo" (Heb. 12: 21). Em Levítico, Israel ouviria falar novamente com Deus, não da montanha a não ser desde o santuário, onde se achavam a lei e o propiciatorio. Entre os querubins, o lugar da expiação, era de onde Deus se faria conhecer. O santuário representava tanto a misericórdia como a lei. No lugar muito santo se encontravam a lei e a misericórdia, e ali chegava a ser possível a expiação. Desde este lugar fala Deus no livro do Levítico.

4. Tema.

O livro do Levítico trata principalmente do sacerdócio e os serviços do santuário. Não contém toda a instrução que Deus tinha para o Israel sobre estes temas, pois se reserva muito material importante para o livro de Números. Entretanto, a maioria dos princípios fundamentais do culto são esboçados no livro do Levítico. Isto faz que seja importante e digno de um estudo especial.

Os sacrifícios tinham sido conhecidos do tempo da queda no Éden. Entretanto, nos ritos levíticos se fez uma revelação mais clara respeito do Salvador, a quem assinalavam todos os sacrifícios. O uso contínuo e simbólico do sangue aplicado aos chifres do altar, asperjada diante do véu ou usada segundo o ritual no segundo departamento do santuário diante do arca, recalcava ante o povo a estreita relação entre o pecado e o sacrifício. Os princípios da transferência do pecado, da mediação, a reconciliação e a expiação eram ensinados claramente pela cerimônia diária na qual o oferente punha sua mão sobre a cabeça da vítima enquanto confessava seu pecado; pela instituição de um sacerdócio regular para ministrar entre Deus e o homem; pelo sacrifício vespertino e matutino; pelos holocaustos e oferendas individuais pelo pecado; e pela entrada do supremo sacerdote, uma vez ao ano, à presença de Deus no lugar muito santo. Em todos estes regulamentos e preceitos os homens viam a obra reconciliadora de Aquele que tomou sobre si nossos pecados, que morreu por nós e por cujas ulcera nós somos sanados. Levítico é um preevangelio, e devesse achar um lugar importante no estudo dos que desejam seguir ao Cordeiro até o fim do caminho.

O serviço do santuário era claramente simbólico e portanto temporario, pois não há relação necessária entre o sangue dos touros e machos caibros e o perdão dos pecados. Os sacrifícios eram todos simbólicos e tinham pouca virtude em si mesmos. Mas eram a sombra dos bens vindouros, e serviam assim um propósito vital. Corretamente compreendidos, conduziam aos homens para Deus. Ensinavam lições a respeito da gravidade do pecado, da necessidade da confissão, da majestade da lei, da santidade de Deus, de seu grande amor para o homem cansado, e da preparação necessária para estar em sua presença.

Talvez a santidade era a maior lição de todas. É o grande tema de cada capítulo do livro. Os sacerdotes deviam ser Santos; suas vidas deviam estar

livres de oprobio; seu alimento devia ser limpo; até suas vestimentas deviam simbolizar a santidade. Os sacrifícios oferecidos deviam ser perfeitos; o santuário mesmo era santo; os utensílios eram Santos; a porção das oferenda para os sacerdotes era Santa; até os terrenos do santuário eram sagrados e não deviam ser poluídos. Tudo e todos os que tinham que ver com o tabernáculo deviam estar escrupulosamente limpos fisicamente, simbolizando assim a limpeza espiritual que Deus requeria. Deus ordenou repetidamente: "Serão Santos; porque eu sou santo" (caps. 11: 44, 45; 19: 2; 20: 7,26). Símbolo desta santidade era "a lâmina da diadema Santa de ouro puro" que o Senhor ordenou ao Moisés que fizesse, e que se fixava na mitra que levava o supremo sacerdote, e sobre o qual havia "gravura de selo: SANTIDADE Ao JEHOVA"
(Exo. 39: 30). 707

Levítico ocupa um lugar central nos cinco livros do Moisés, flanqueado por Gênese e Exodo por um lado, e por Números e Deuteronomio pelo outro. Assim como o santuário era o centro do culto do Israel, também o livro de Levítico contém a medula da instrução dada em relação a aquele culto. É o Evangelho em embrião. Com ele, pode compreender-se melhor o Novo Testamento;
sem ele, algumas parte dos Evangelhos e das epístolas estão envoltas em escuridão e trevas. Cristo como sacerdote e supremo sacerdote; como Cordeiro de Deus; como nossa oferenda pelo pecado; como o sacrifício consumado, com seu sangue orvalhado ao redor do altar e sobre ele; como o pão que desceu do céu; como a luz do mundo; como o incenso fragrante, estas e muitas outras alusões seriam muito pouco entendidas sem a luz que Levítico joga sobre elas. Pablo citou numerosas vezes este livro quando escreveu a epístola aos Hebreus e tratou as doutrinas da fé cristã. Greve dizer que hoje o Israel espiritual não pode permitir-se descuidar este livro. Se a verdadeira doutrina da expiação, do dia da expiação, da purificação do santuário, de Cristo como nosso supremo sacerdote e advogado que ministra no santuário celestial, do julgamento e da logo volta de Cristo, da lei e do sábado em seu marco devido; se todas estas doutrinas forem claras contribuições a a religião e a vida, e são mensagens que devem ser jogo de dados ao mundo, então o livro do Levítico deve ocupar seu lugar legítimo na armação das verdades que devem pregar-se. "O Evangelho é dado em forma de preceitos no Levítico" (6T 392).

Às vezes surge a pergunta: por que Deus instituiu o sistema de sacrifícios e requereu derramamento de sangue. Deus aborrece o pecado porque conhece seus resultados; e um dos principais propósitos dos sacrifícios era fazer

que o Israel também o aborrecesse. O poderia ter aconselhado simplesmente a seu povo que não pecasse pois o pecado era mau e devia ser fugido. Mas não se faria neles uma impressão maior e mais duradoura mediante uma demonstração visual do resultado do pecado, de maneira que em suas mentes aparecessem sempre associados o pecado e a morte, como a causa e o efeito? Isto foi o que fez Deus no jardim do Éden, quando foi sacrificado um cordeiro depois do pecado do Adão. E não se recalcaria este efeito se o mesmo pecador levava a cabo a sentença de morte? Deus poderia então perguntar: O que mais poderia ter sido feito que eu não tenho feito para ensinar ao homem a gravidade do pecado? "Que mais se podia fazer a minha vinha, que eu não tenha feito nela?" (ISA. 5: 4).

Mas o Israel perverteu grandemente o plano de Deus. Em vez de ver na morte dos animais sacrificados uma evidência da excessiva pecaminosidad do pecado, e da necessidade de fugi-lo, começaram a considerar os sacrifícios como uma espécie de pago pelo privilégio de pecar. Por isso Deus lhes enviou mensagens por meio de seus profetas lhes anunciando que não desejava já mais de seus
sacrifícios: "Enfastiado estou de holocaustos de carneiros e de sebo de animais gordos; não quero sangue de bois, nem de ovelhas, nem de machos caibros" (ISA. 1: 11). Por meio do Amós disse: "E se me ofrecierais seus holocaustos e suas oferendas, não os receberei, nem olharei às oferendas de paz de seus animais engordados" (Amós 5: 22). E Miqueas pergunta: "Com o que me apresentarei ante o Jehová, e adorarei ao Deus Muito alto? Apresentarei-me ante ele com holocaustos, com bezerros de um ano? Agradará-se Jehová de milhares de carneiros, ou de dez mil arroios de azeite? Darei meu primogênito por meu rebelião, o fruto de minhas vísceras pelo pecado de minha alma?" Então ele responde a suas próprias perguntas: "O que pede Jehová de ti: somente fazer justiça, e amar misericórdia, e te humilhar ante seu Deus" (Miq. 6: 6-8).

Esta é uma boa doutrina paleotestamentaria e também é boa doutrina neotestamentaria. Entretanto, podem aprender-se muitas preciosas lições do 708 ritual conforme foi originalmente disposto. Um estudo do Levítico recompensará ampliamente o tempo dedicado a ele.

5. Bosquejo.

I. Leis relativas aos sacrifícios e ao culto público, 1: 1 a 10: 20.

A. Os principais sacrifícios, 1: 1 a 7: 38.

1. Holocaustos, 1: 1-17.

2. Oferendas de farinha, 2: 1-16.

3. Oferendas de paz, 3: 1-17.

4. Oferenda pelo pecado, 4: 1-35.

5. Oferenda pelas transgressões, 5: 1 a 6: 7.

6. A lei dos holocaustos, 6: 8-13.

7. A lei das oferendas de farinha, 6: 14-18.

8. As oferendas de farinha do supremo sacerdote, 6: 19-23.

9. A lei das oferendas pelo pecado, 6: 24-30.

10. A lei das oferendas por alguma culpa, 7: 1-7.

11. A porção para o sacerdote dos holocaustos e oferendas de farinha,

7:8-10.

12. A lei das oferendas de paz, 7: 11-21.

13. Proibição de comer sangue e graxa, 7: 22-27.

14. Porção para o sacerdote da oferenda de paz, 7: 28-34.

15. Conclusão desta seção, 7: 35-38.

B. A consagração do tabernáculo e do Aarón e seus filhos, e seus primeiras oferendas,

8: 1 a 9: 24.

1. Consagração do Aarón e seus filhos, 8: 1-9.

2. Unção do tabernáculo, 8: 10, 11.

3. Oferenda pelo pecado do Aarón e seus filhos, 8: 12-17.

4. Holocaustos pelo Aarón e seus filhos, 8: 18-21.

5. O carneiro das consagrações, 8: 22-30.

6. Aarón e seus filhos devem ficar sete dias dentro do santuário, 8: 31-36.

7. Aarón e seus filhos trazem sua primeira oferenda por eles mesmos, 9: 1-14.

8. A oferenda pelo povo, 9: 15-23.

9. Aprovação de Deus enviando fogo, 9: 24.

C. A transgressão dos dois filhos do Aarón; instruções respeito ao comer

e o beber, 10: 1-20.

1. A transgressão dos filhos do Aarón e sua morte, 10: 1-7.

2. Proibição de vinho, cidra e coisas imundas, 10: 8-11.

3. A lei para comer as coisas santas, 10: 12-15.

4. Moisés repreende ao Aarón por não ter comido a expiação, 10: 16-20.

II. A lei de santidade, 11: 1 a 15: 33.

A. Distinção entre animais limpos e imundos, 11: 1- 47.

B. Lei de pureza de pessoas, roupas, casas, 12: 1 a 15: 33.

1. Impureza ocasionada por partos, 12: 1-8.

2. Impureza ocasionada por lepra, 13: 1 a 14: 57.

A. Lepra de pessoas, 13: 1-46.

B. Lepra de vestidos, 13: 47-59. 709

C. Purificação de um leproso, 14: 1- 32.

d. Lepra de casas, 14: 33-53.

3. Impureza pessoal, 15: 1-33.

A. Impureza de homens, 15: 1-18.

B. Impureza de mulheres, 15: 18-33.

III. Purificação do santuário e leis suplementares, 16: 1 a 17: 16.

A. O dia da expiação, 16: 1-34.

1. Entrada do Aarón no santuário, 16: 1-4.

2. Aarón oferece oferendas pelo pecado e holocaustos pelo povo e joga

sortes sobre o macho caibro, 16: 5-10.

3. Oferece oferenda por seu pecado e por sua casa e leva o sangue e incenso ao

lugar muito santo, 16: 11-14.

4. Arbusto o macho caibro do Senhor e faz expiação pelo lugar

santo e

muito santo, 16: 15-17.

5. Faz expiação pelo altar do holocausto com o sangue mesclada do

bezerro e macho caibro, 16: 18, 19.

6. Põe ambas as mãos sobre a vítima propiciatoria lhe transferindo todas as

transgressões do Israel, e a envia ao deserto, 16: 20-22.

7. troca-se de vestimentas, lava-se e oferece sacrifício por ele e pelo povo, e

queima o bezerro fora do acampamento, 16: 23-28.

8. A observância do décimo dia do sétimo mês por estatuto perpétuo,

como dia de expiação, 16: 29-31.

9. Esse dia, um sábado de sábados, quando se fazia expiação por o

santuário, o altar, os sacerdotes e o povo, 16: 32-34.

B. Regulamentos respeito ao lugar de sacrifício, 17: 1-9.

C. Se proíbe comer sangue, 17: 10-14.

D. Leis adicionais em relação à pureza, 17: 15, 16.

IV. Leis morais e civis, 18: 1 a 20: 27.

A. Transgressões em assuntos morais, 18: 1-30.

1. Israel não devia imitar aos cananeos a não ser devia guardar os estatutos de

Deus, 18: 1-5.

2. Matrimônios ilícitos, 18: 6-18.

3. Concupiscências ilícitas, 18: 19-30.

B. Diversos preceitos morais, intercalados com regulamentos cerimoniosos e

próprias dos sacrifícios, 19: 1 a 20: 27.

V. Preceitos suplementares em relação aos sacerdotes, suas qualidades, direitos e

deveres, 21: 1 a 22: 33.

VI. Sábados e festas: páscoa, Pentecostés, dia da expiação, festa dos tabernáculos

(ou das cabanas), 23: 1-44.

VII. Leis adicionais respeito ao serviço do santuário, 24: 1-9.

VIII. O pecado de blasfêmia, 24: 10-16, 23.

IX. Leis em relação à violência contra pessoas e propriedades, 24: 17-22.
710

X. O ano do jubileu, 25: 1-55.

XI. Bênção por guardar na sábado e os outros mandamentos de Deus, maldição sobre

os desobedientes, 26: 1-46.

XII. Leis suplementares, 27: 1-34.

A. A formulação de votos, 27: 1-25.

1. Sobre pessoas consagradas por um voto, 27: 1-8.

2. Não alterar o dedicado, adicionar um quinto, 27: 9-13.

3. Consagração de uma casa ou um campo, 27: 14-25.

B. Objetos dedicados, 27: 26-34.

1. O primogênito dos animais e objetos dedicados, 27: 26-29.

2. O dízimo, santo para o Senhor, 27: 30-34.

BOSQUEJO DO SERVIÇO DO SANTUÁRIO

O seguinte resumo dos sacrifícios levíticos e as cerimônias, embora não forma parte do bosquejo do livro do Levítico, dá-se aqui para ajudar no estudo do livro.

HOLOCAUSTOS

NATUREZA: Voluntários, assim que concerniam ao indivíduo, mas especificados em certas ocasiões para toda a congregação, e em certos casos para indivíduos. Lev. 1: 3.

PROPOSITO: Fazer expiação: "Será aceito". Lei. 1: 4.

Quando se ofereciam

1. A vontade, geralmente (Lev. 1: 3).

2. Diariamente (Exo. 29: 38-42; Núm. 28: 3-8).

3. Nas consagrações (Exo. 29: 15-18; Lev. 8: 18-21; Núm. 7, 8).

4. Em dias especiais e festas.

A. Sábado (Núm. 28: 9, 10).

B. Novas luas (Núm. 28: 11-14).

C. Festa dos pães sem levedura (Núm. 28: 17-25).

d. Dia do feixe balançado (Lev. 23: 10-14).

E. Dia do Pentecostés (Lev. 23: 17-21; Núm. 28: 26-31).

F. Primeiro dia do sétimo mês (Núm. 29: 1-6).

G. Dia da expiação (Lev. 16; Núm. 29: 7-11).

H. Festa dos tabernáculos (Núm. 29: 2-34).

oitavo I. dia da festa dos tabernáculos (Núm. 29: 35-38).

5. Para a purificação.

A. Parto (Lev. 12).

B. Lepra (Lev. 14).

C. Fluxo de sangue (Lev. 15: 13-15, 25-30).

6. Voto de nazareo (Núm. 6).

7. Com oferenda pelo pecado dos pobres (Lev. 5: 7-10).

8. Com oferenda pelo pecado, quando a congregação pecava por ignorância (Núm. 15: 22-26). 711

Animais prescritos

1. Qualquer animal macho limpo usado ordinariamente para sacrifício (Lev. 1).

2. 2 cordeiros machos de um ano.

3. Novilhos, carneiros, cordeiros.

4. Em dias especiais e festas.

A. 2 cordeiros adicionais.

B. 2 novilhos, 1 carneiro, 7 cordeiros.

C. Diariamente 2 novilhos, 1 carneiro, 7 cordeiros.

d. 1 cordeiro macho de um ano.

E. Para o dia: 2 novilhos, 1 carneiro, 7 cordeiros. Pelo pão, 1 novilho, 2 carneiros, 7 cordeiros.

F. 1 novilho, 1 carneiro, 7 cordeiros, além da oferenda mensal.

G. Pelo sacerdote, 1 carneiro (Lev. 16: 3).

Pelo povo, 1 carneiro (Lev. 16: 5).

Pelo dia, 1 novilho, 1 carneiro, 7 cordeiros (Núm. 29: 7-11).

H. 13 novilhos, 2 carneiros, 14 cordeiros no primeiro dia, decrescendo a quantidade de novilhos um cada dia até 7 novilhos, 2 carneiros, 14 cordeiros em

o 7º dia.

I. 1 novilho, 1 carneiro, 7 cordeiros.

5. Para a purificação.

A. Cordeiro ou pomba ou tórtola.

B. Cordeiro ou pomba ou tórtola.

C. Pomba ou tórtola.

6. Voto de nazareo.

A. Violação acidental, pomba ou tórtola.

B. Cumprimento, cordeiro.

7. Pomba ou tórtola.

8. Novilho.

Oferendas acessórias

Generais

Sal (Lev. 2: 13).

Oferenda de flor de farinha (Núm. 15: 2-12):

Para um cordeiro ou cabrito: 1/10 de f de farinha, 1/4 de hin de azeite, 1/4 de hin de vinho.

Para um carneiro: 2/10 de f de farinha, 1/3 de hin de azeite, 1/3 de hin de veio.

Para um novilho: 3/10 de f de farinha, 1/2 hin de azeite, 1/2 hin de vinho.

Incenso (Lev. 2: 1, 2).

Sábados

Para cada cordeiro: 2/10 de f de farinha, com oferendas apropriadas de azeite e libação (dobro quantidade do comum para cada cordeiro).

Dia do feixe balançado

Para o cordeiro: 2/10 de f de farinha (dobro), azeite (provavelmente em proporção), 1/4 de hin de vinho (o regular) (Lev. 23: 13).

Purificação por parto

Não se especifica

Purificação de um leproso limpo

3/10 de f de farinha com azeite, ou 1/10 de f de farinha com azeite.

Purificação de fluxo de sangue

Nenhuma.

Procedimento

Novilho, ovelha ou cabra (Lev. 1: 3-13)

1. O oferente coloca uma mão sobre a cabeça da vítima e a degüella.

2. O sacerdote orvalha o sangue sobre o altar.

3. O oferente esfola e esquarteja o animal, lavando as patas e vísceras em água.

4. O sacerdote põe o fogo, emprega a lenha e coloca peças do animal em ordem sobre o fogo.

5. O sacrifício é consumido completamente sobre o altar. 712

Tórtola ou pomba (Lev. 1: 14-17)

1. O sacerdote lhe tira a cabeça e a queima sobre o altar.

2. Espreme o sangue contra o flanco do altar.

3. Tira-lhe o bucho e as plumas.

4. Abre o ave, mas não a despedaça.

5. A oferenda é consumida completamente no altar.

Disposição

Sangue

Orvalhada sobre o altar e ao redor dele (Lev. 1: 5, 11, 15).

Graxa, etc.

Não é separada (Lev. 1: 8, 12).

Feixe balançado

Nenhuma.

Cabeça de gado inteira

Queimada sobre o altar (Lev. 1: 9, 13, 17).

Couro

Dado ao sacerdote (Lev. 7: 8).

Bucho e plumas

Jogados sobre montão de cinzas (Lev. 1: 16).

SACRIFÍCIOS DE PAZ

NATUREZA: Geralmente voluntários. Incluíam votos, oferendas de agradecimento e oferendas voluntárias (Lev. 19: 5; 7: 15, 16). Festa pública na qual compartilhavam o Senhor, o sacerdote e o povo (Lev. 3: 11; 7: 14, 31-33; 7: 15-18; 19: 5-8; Deut. 27: 7; 12: 17, 18).

Quando se ofereciam

1. A vontade, ou em cumprimento de um voto (Lev. 19: 5; 7: 16).

2. Nas consagrações (Exo. 29: 19-28; Lev. 8: 22; 9: 4; Núm. 7).

3. No Pentecostés, com o pão (Lev. 23: 17-20).

4. Cumprimento do voto nazareo (Núm. 6: 14, 17, 18).

Animais prescritos

1. Qualquer animal limpo usado usualmente para sacrifício, macho ou fêmea (Lev. 3).

2. Carneiro (Lev. 8: 22), novilho e carneiro (Lev. 9: 4), bois, carneiros, machos caibros, cordeiros (Núm. 7).

3. 2 cordeiros (Lev. 23: 20).

4. Carneiro (Núm. 6: 14).

REGRA: Usualmente um sacrifício devia ser perfeito para ser aceito, mas uma oferenda voluntária podia ter partes supérfluas ou partes de menos (Lev. 22: 21-24).

Oferendas acessórias

Oferenda de ação de obrigado (Lev. 7: 12-14)

Tortas sem levedura amassadas com azeite.

Folhados sem levedura lubrificados com azeite.

Tortas fritas.

Pão levedado, parte do qual se balançava e dava ao sacerdote que oficiava. 713

Oferenda por voto e voluntárias (Núm. 15: 3-12)

Para um cordeiro: 1/10 de f de farinha, 1/4 de hin de azeite, 1/4 de hin de

veio.

Para um carneiro: 2/10 de f de farinha, de hin de azeite, de hin de vinho.

Para um novilho: 3/10 de f de farinha, 1/2 hin de azeite, 1/2 hin de vinho.

Para todas as oferendas

Sal (Lev. 2: 13).

Procedimento

(Veja-se Lev. 3)

1. O oferente põe sua mão sobre a cabeça da vítima.

2. O oferente degüella a vítima.

3. O sacerdote orvalha o sangue sobre o altar e ao redor dele.

4. O oferente balança o peito, a espaldilla direita, o sebo, etc., diante do Senhor (Lev. 7: 29- 32).

5. O sacerdote queima o sebo, etc., sobre o altar.

6. O resto é comido (veja-se Disposição).

Disposição

Sangue

orvalhava-se sobre o altar em redor (Lev. 3: 2); etc.).

Sebo, etc.

queimava-se sobre o altar (Lev. 3: 3-5; 7: 31).

Oferenda agitada

Peito e espaldilla direita se davam ao sacerdote (Lei. 7: 29-36).

Resto do animal

Comia-o o oferente (Deut. 27: 7; 12: 17, 18).

REGRA: A oferenda de agradecimento devia ser comida o mesmo dia. As oferendas voluntárias e de votos podiam ser comidas no segundo dia também, mas não mais tarde (Lev. 7: 16-18).

OFERENDA PELO PECADO

NATUREZA: Requeridas quando algum pecava por ignorância, e em ocasiões especiais para cobrir pecados tais de toda a congregação (Lev. 4: 2; Núm. 15: 22-29).

PROPOSITO: Fazer expiação pelo pecado (Lev. 4: 35; Núm. 15: 24).

Quando se ofereciam

1. General: se um homem "pecar por erro" (Lev. 4: 2; Núm. 15: 27, 28).

A. Sacerdote (Lev. 4: 3-12).

B. Congregação (Lev. 4: 13-21).

C. Governante (Lev. 4: 22-26).

d. Pessoa do comum do povo (Lev. 4: 27-35). 714

Casos específicos duvidosos em que se usava a oferenda pelo pecado.

A. Perjúrio sob juramento (Lev. 5: 1).

B. Contaminação por corpo morto (Lev. 5: 2).

C. Imundície de um homem (Lev. 5: 3).

d. Juramento imprudente (Lev. 5: 4).

2. Consagrações.

A. Aarón e seus filhos (Exo. 29: 10-14, 36, 37; Lev. 8: 2, 3, etc.).

B. Príncipes (Núm. 7).

C. Levita (Núm. 8).

3. Dias especiais.

A. Novas luas (Núm. 28: 15).

B. Festa dos pães sem levedura (Núm. 28: 17-24).

C. Pentecostés(Lev. 23: 19; Núm. 28: 30).

d. Primeiro dia do 7º mês (Núm. 29: 5).

E. Dia da expiação (Lev. 16; Núm. 29: 11).

F. Festa dos tabernáculos (Núm. 29: 16-34).

oitavo G. dia da festa dos tabernáculos (Núm. 29: 38).

4. Purificação.

A. Nascimento de um filho (Lev. 12: 6, 8).

B. Lepra (Lev. 14: 10, 19, 22).

C. Fluxo de sangue (Lev. 15: 14, 15, 29, 30).

5. Voto de nazareo.

A. Violação acidental (Núm. 6: 9-11).

B. Cumprimento (Núm. 6: 13-16).

Animais prescritos

A. Novilho (Lev. 4: 3-12).

B. Novilho (Lev. 4: 13-21).

Macho caibro (Núm. 15: 24).

C. Macho caibro (Lev. 4: 22-26).

d. Cabrita ou cordera (Lev. 4: 27-35); ou se era muito pobre, 2 tórtolas ou pombas (Lev. 5: 7), 1 para oferenda pelo pecado, 1 para holocausto. Se era ainda mais pobre, 1/10 de f de flor de farinha, sem azeite sobre ela, como oferenda pelo pecado (Lev. 5: 11, 12).

2. Consagrações.

A. Novilho.

B. Macho caibro.

C. Novilho.

3. Dias especiais.

A. Macho caibro (Núm. 28: 15).

B. Macho caibro, jornal (Núm. 28: 22-24).

C. Para o dia, macho caibro (Núm. 28: 30).

Para o pão, macho caibro (Lev. 23: 18, 19).

d. Macho caibro (Núm. 29: 5).

E. 1 macho caibro além disso do sacrifício da expiação (Núm. 29: 11).

F. Macho caibro, diariamente (Núm. 29: 16-34).

G. Macho caibro (Núm. 29: 38),

4. Purificação.

A. Pomba (Lev. 12: 6, 8).

B. Cordera ou pomba (Lev. 14: 10, 19, 22).

C. Pomba (Lev. 15: 14, 15, 29, 30).

5. Voto de nazareo.

A. Pomba (Núm. 6: 10, 11).

B. Cordeiro (Núm. 6: 14-16).

Oferenda acessória.

Sal (Lev. 2: 13)

Procedimento

Sacerdote e congregação (Lev. 4)

1. Emano sobre a cabeça da vítima.

2. Animal degolado.

3. orvalhava-se sangue diante do véu no lugar santo, e se colocava sobre os chifres do altar de ouro.

4. O resto do sangue se vertia ao pé do altar dos holocaustos.

5. Sebo, rins, etc., queimados sobre o altar.

6. Animal inteiro -com couro, vísceras, esterco, etc.- queimava-se fora do acampamento. 715

Dirigente e povo em geral (Lev. 4)

1. Emano sobre a cabeça da vítima.

2. Animal degolado.

3. colocava-se sangue sobre os chifres do altar dos holocaustos.

4. O resto do sangue se vertia ao pé do altar.

5. Sebo, etc., queimados sobre o altar.

6. O sacerdote comia a carne do animal (Lev. 6: 25-29; 10: 16-20).

As oferendas ocasionais aparentemente seguem a regra geral.

(Quanto às oferendas pelo pecado no dia da expiação, veja-se baixo Cerimônias Especiais.)

Disposição

Sangue

1. Sacerdote e congregação. orvalhava-se diante do véu, ficava sobre os chifres do altar de ouro. O resto se derramava (Lev. 4: 6, 7, 16-18).

2. Príncipe e povo. colocava-se sobre os chifres do altar de holocaustos. O resto se derramava (Lev. 4: 25, 30, 34).

Sebo, etc.

queimava-se sobre o altar (Lev. 4: 8-10, 19, 26, 35).

Oferenda balançada

Nenhuma

Carne

1. Pelo sacerdote e a congregação, queimava-se com todo o animal (Lev. 4: 12, 21).

2. Pelo príncipe e o povo, comia-a o sacerdote (Lev. 6: 25-29).

Couro

1. Pelo sacerdote e a congregação, queimava-se com todo o animal (Lev. 4: 12, 21).

2. Pelo príncipe e povo, não se especifica, mas pode presumir-se que o recebia o sacerdote.

REGRA: "Mas não se comerá nenhuma oferenda de cujo sangue se meter no tabernáculo de reunião para fazer expiação no santuário; ao fogo será queimada" (Lev. 6: 30).

OFERENDA POR TRANSGRESSÃO

NATUREZA: Prescritas em casos de pecados conhecidos.

PROPOSITO: Fazer expiação (Lev. 5: 16; 6: 7).

Quando se ofereciam

1. Em caso de pecado conhecido (Lev. 6: 2, 3).

2. Sacrilégio por ignorância (Lev. 5: 15).

(Caso fronteiriço no qual se usa oferenda por transgressão.)

3. Violação de uma pulseira desposada (Lev. 19: 20-22).

4. Purificação por lepra (Lev. 14: 12-18).

5. Violação acidental do voto de nazareo (Núm. 6: 9-12).

Animais prescritos

1. Carneiro (Lev. 6: 6).

2. Carneiro (Lev. 5: 15).

3. Carneiro (Lev. 19: 20-22).

4. Cordeiro (Lev. 14: 10, 13, etc.).

5. Cordeiro (Núm. 6: 12). 716

Oferenda acessória

Sal (Lev. 2: 13).

Procedimento

Igual ao da oferenda pelo pecado, exceto o sangue (Lev. 7: 1-7).

Disposição

Igual ao da oferenda pelo pecado (Lev. 7: 1-7), exceto o sangue. Era orvalhada sobre o altar e a seu redor, em vez de ser aplicada sobre os chifres do altar (Lev. 7: 2).

OFERENDAS DE FARINHA

NATUREZA: Incruentas. Acessórias às oferendas cruentas (Núm. 15: 3, 4).

Quando se ofereciam

1. Com todos os holocaustos, regulares, especiais e pessoais (Núm. 15: 2-12, 28, 29).

2. Com todas as oferendas de paz (Núm. 15: 3; Lev. 7: 11-14).

3. Casos especiais

A. Oferenda de farinha do supremo sacerdote (Lev. 6: 20-23).

B. O pão da proposição (Lev. 24: 5-9).

C. O feixe balançado (Lev. 23: 10-14).

d. Pães das primicias (Lev. 23: 16, 17).

E. Julgamento de ciúmes (Núm. 5: 15).

F. Nazareato (Núm. 6: 15).

Material prescrito

Flor de farinha (Lev. 2: 1, 2).

Pão ou tortas sem levedura (Lev. 2: 4).

Folhados sem levedura (Lev. 2: 4).

Oferenda de flor de farinha cozida em panela (Lev. 2: 7).

Grão amassado (Lev. 2: 14-16).

Farinha de cevada (Núm. 5: 15).

REGRA: Nenhum presente de farinha devia fazer-se com levedura, porque a levedura e o mel nunca deviam chegar ao altar (Lev. 2: 11).

EXCEPCION: O pão das primicias no Pentecostés e o pão com a oferenda de agradecimento deviam fazer-se com levedura, mas não deviam queimar-se sobre o altar (Lev. 2: 12; 7: 12, 13; 23: 17-20).

Oferendas acessórias

Sal (Lev. 2: 13).

Azeite (Lev. 2: 2-7; Núm. 15: 4-11).

Veio (Núm. 15: 4-11).

Incenso (Lev. 2: 2; 24: 7).

Procedimento

General (Lev. 2)

1. trazia-se a oferenda ao sacerdote.

2. O sacerdote queimava um punhado de farinha com azeite e todo o incenso; ou uma parte do pão preparado com azeite. 717

3. O resto pertencia ao sacerdote.

Oferenda de farinha do supremo sacerdote

Tudo se queimava (Lev. 6: 23).

Pães da proposição

colocavam-se sobre a mesa no lugar santo durante uma semana, com incenso a seu lado (Lev. 24: 5-8).

Feixe balançado e pães das primicias

balançavam-se diante do Senhor (Lev. 23: 11).

Disposição

Farinha

Um punhado sobre o altar (Lev. 2: 2). O resto para o sacerdócio em geral (Lev. 7: 10).

Pão preparado

Uma porção sobre o altar (Lev. 2: 9). O resto para o sacerdote que oficiava (Lev. 7: 9).

Pães da proposição

Para o sacerdócio (Lev. 24: 5-9).

Parte balançada do pão levedado

Em oferenda de agradecimento ao sacerdote que oficiava; o resto ao oferente (Lev. 7: 13, 14; Deut. 27: 7).

Pães das primicias

Ao sacerdote (Lev. 23: 20).

A PÁSCOA

NATUREZA: Prescrita. Sinal e recordativo (Exo. 13: 9, 10).

PROPOSITO: Recordar a liberação do Egito (Exo. 12: 12, 13).

Quando se oferecia

14 do Abib, primeiro mês (Exo. 12: 2, 6).

Animal prescrito

Cordeiro ou cabrito (Exo. 12: 5).

Acessórios

Ervas amargas (Exo. 12: 8).

Pão sem levedura (Exo. 12: 8).

Veio (tradição judia) (DTG 592).

Procedimento

1. Escolher o animal o 10 do Abib.

2. Degolá-lo o 14 de noite.

3. Orvalhar sangue sobre postes e dintel da porta.

4. Assar o animal inteiro.

5. Comê-lo com ervas amargas.

6. Queimar o que sobrasse.

Disposição

Sangue

orvalhava-se sobre os postes e o dintel da porta. 718

Carne

Comia-a o oferente e amigos.

Resto

queimava-se.

INCENSO

NATUREZA: Prescrita.

PROPOSITO: Para acompanhar as orações ante Deus (Sal. 141: 2; Apoc. 8: 3).

Quando se oferecia

1. Amanhã e tarde (Exo. 30: 7, 8).

2. Dia da expiação (Lev. 16: 12, 13).

3. Ocasiões especiais (Núm. 16: 46, 47).

Material prescrito

Combinação de especiarias doces (Exo. 30: 34-38).

Acessórios

Nenhum.

Procedimento

queimava-se diante do Senhor.

CERIMÔNIAS ESPECIAIS

Dia da expiação

TEXTOS: Lev. 16; 23: 27-32; Núm. 29: 7-11; Exo. 30: 10.

OFERENDAS: Holocausto diário; novilho como oferenda pelo pecado e carneiro como holocausto pelo sacerdote; 2 machos caibros como oferenda pelo pecado e 1 carneiro como holocausto pelo povo; e para o dia, 1 novilho, 1 carneiro, 7 cordeiros para holocausto, e 1 cabrito como oferenda pelo pecado.

Procedimento

1. O supremo sacerdote se banha e fica vestimentas brancas, depois de oficiar no serviço regular matutino com suas vestimentas pontifícias.

2. Apresenta o novilho diante do Senhor; coloca suas mãos sobre a cabeça do animal.

3. Apresenta machos caibros; joga sortes para determinar qual será para o Jehová e qual para o Azazel.

4. Arbusto o novilho e conserva seu sangue.

5. Leva o incensario e incenso até o lugar muito santo e emprega o incenso sobre brasas.

6. Volta para átrio para procurar o sangue do novilho, que leva até o lugar muito santo e a rocia sobre o propiciatorio e diante do propiciatorio sete vezes.

7. Volta para átrio, arbusto o macho caibro do Jehová, e entra no lugar muito santo com o sangue, orvalhando-a como fez com o sangue do novilho.

8. Volta para lugar santo, e faz expiação pelas coisas santas.

9. Volta para átrio, e faz expiação pelo altar, orvalhando-o com o sangue do novilho e do macho caibro sete vezes, colocando o sangue sobre os chifres do altar. 719

10. Confessa os pecados do Israel sobre a cabeça do macho caibro vivo, e o envia ao deserto, conduzido por um homem destinado para isso.

11. veste-se suas vestimentas pontifícias, e oferece sebo das oferendas pelo pecado, os holocaustos por si mesmo e o povo, os holocaustos para o dia, e o cabrito da oferenda pelo pecado para o dia.

O voto de nazareo

TEXTO: Núm. 6: 1-21.

Violação acidental

OFERENDAS: 2 pombas -1 como holocausto e 1 como oferenda pelo pecado- e 1 cordeiro como oferenda por transgressão.

PROCEDIMENTO

1. Rapar a cabeça o 1º e 7º dias da purificação.

2. No 8º dia trazer 2 pombas ao sacerdote, 1 para oferenda pelo pecado e 1 para holocausto.

3. Trazer 1 cordeiro como oferenda por transgressão.

4. Anular os dias anteriores à contaminação.

Cumprimento

OFERENDAS: 1 cordeiro como holocausto, uma cordera como oferenda pelo pecado, 1
carneiro como oferenda de pazes, um cesto de pães sem levedura, tortas de flor de farinha, e as oferendas de farinha e libações dos animais apropriados.

PROCEDIMENTO

1. Oferecer oferenda pelo pecado.

2. Oferecer holocausto.

3. Oferecer oferenda de pazes com acessórios.

4. Rapar a cabeça e queimar o cabelo.

5. Balançar oferenda balançada.

Purificação do leproso

TEXTO: Lev. 14: 1-32.

Cerimônia preliminar

OFERENDAS: 2 pardais, cedro, escarlate, hisopo e águas vivas.

PROCEDIMENTO

1. Matar uma avecilla sobre um copo de barro cheio de águas vivas.

2. Molhar a avecilla viva, o cedro, o escarlate e o hisopo na água e a sangue, e orvalhar ao leproso sete vezes.

3. Soltar a avecilla viva.

4. O leproso se raspa todos os cabelos e se lava o 7º dia.

5. O leproso volta para 8º dia para cerimônias e oferendas finais.

(Esta mesma cerimônia se usa para limpar uma casa infestada com praga. Lev. 14: 48-53.) 720

Cerimônia principal

OFERENDAS: 1 cordeiro como oferenda de transgressão; 1 cordeiro como holocausto; 1
cordera como oferenda pelo pecado; 3/10 de f de flor de farinha mesclada com azeite como oferenda de farinha; e 1 log de azeite.

PROCEDIMENTO

1. Degolar a oferenda pela transgressão; balançá-la junto com o log de azeite diante do Senhor.

2. Pôr algo do sangue sobre a orelha direita, o polegar direito, e o dedo polegar do pé direito do oferente.

3. Orvalhar o azeite sete vezes diante do Senhor.

4. Pôr azeite sobre a orelha, polegar e dedo do pé onde ficou o sangue.

5. Verter azeite sobre a cabeça do oferente.

6. Oferecer a oferenda pelo pecado.

7. Oferecer o holocausto e a oferenda de farinha.

(Em caso de pobreza, bastava oferecer 1 cordeiro como oferenda por transgressão e 2 filhotes de pomba: 1 como oferenda pelo pecado e 1 como holocausto.)

Água de separação

(Cerimônia da vaca alazã) [vaca vermelha]

TEXTO: Núm. 19.

PROPOSITO: Para desencardir da contaminação provocada por um corpo morto, osso, sepultura, etc.

PREPARACION

(Qualquer pessoa limpa pode realizá-la, mas o sacerdote fiscaliza.)

1. Levar uma vaca alazã fora do acampamento.

2. Degolar o animal.

3. O sacerdote orvalha o sangue para o santuário sete vezes.

4. Todo o animal é queimado.

5. O sacerdote joga madeira de cedro, escarlate e hisopo no fogo.

6. Um homem limpo junta a cinza e a guarda em um lugar limpo fora do acampamento.

PROCEDIMENTO

(Qualquer pessoa limpa pode oficiar.)

1. Mesclar cinzas com águas vivas.

2. Orvalhar primeiro o lugar da morte, se era uma casa ou loja.

3. Orvalhar sobre a pessoa imunda.

4. Orvalhar sobre a pessoa imunda o 3º e 7º dias.

5. A pessoa imunda se banhará o 7º dia, e será poda à tarde.

Purificação por parto

TEXTO: Lev. 12.

SEPARACION: Por um filho, 7 dias mais 33 dias. Por uma filha, 14 dias mais 66 dias.

OFERENDAS: Cordeiro como holocausto e pomba como oferenda pelo pecado. Em caso
de pobreza, 2 filhotes de pomba eram suficientes: 1 como holocausto e 1 como oferenda

pelo pecado. 721

Purificação de impureza de fluxo

TEXTO: Lev. 15.

OFERENDAS: 2 filhotes de pomba, 1 como holocausto e 1 como oferenda pelo pecado.

PROCEDIMENTO

1. Contar sete dias do tempo em que cessou o fluxo.

2. Lavar o 7º dia.

3. Trazer 2 filhotes de pomba ao sacerdote o 8º dia.

4. Oferecer 1 como oferenda pelo pecado e 1 como holocausto.

Julgamento de ciúmes

TEXTO: Núm. 5: 11-31.

OFERENDA: 1/10 de f de farinha de cevada.

OCASIÃO: Quando um homem duvidava da fidelidade de sua esposa.

PROCEDIMENTO

1. apresentava-se diante do sacerdote com a oferenda.

2. O sacerdote preparava água amarga mesclando o pó do piso do santuário com água Santa em um copo de barro.

3. O sacerdote pronunciava maldições por infidelidade, escrevia-as em um livro, e as apagava com as águas amargas.

4. O sacerdote balançava a oferenda de farinha diante do Senhor, e queimava um punhado sobre o altar.

5. A mulher bebia a água.

6. Se era inocente, nada acontecia; se era culpado, as maldições se cumpriam.

Expiação por um homicídio de autor desconhecido

TEXTO: Deut. 21: 1-9.

OFERENDA: Becerra que não tivesse servido, que não tivesse levado jugo.

PROCEDIMENTO

1. Medir do morto até a cidade mais próxima.

2. Anciões dessa cidade levam a becerra até um vale acidentado, que nunca tivesse sido arado nem semeado.

3. Cortar o cangote da becerra.

4. aproximam-se os sacerdotes.

5. Anciões se lavam as mãos sobre a becerra.

6. Anciões proclamam sua inocência.

Festas e convocações santas

Sábado

TEXTOS: Exo. 20: 8-11; Núm. 28: 9, 10.

TEMPO: Cada sétimo dia é santo.

OFERENDAS: 2 cordeiros para holocausto, além disso do holocausto contínuo.

Novas luas

TEXTO: Núm. 28: 11-15.

TEMPO: Primeiro dia de cada mês.

OFERENDAS: 2 novilhos, 1 carneiro, 7 cordeiros para holocausto, com oferendas apropriadas de farinha e libações; e 1 cabrito como oferenda pelo pecado. 722

Páscoa

TEXTOS: Exo. 12; Lev. 23: 5; Núm. 9: 1-14; 28: 16; Deut. 16: 1-7.

TEMPO: 14 do Abib, o primeiro mês.

OFERENDA: Cordeiro pascal.

Festa dos pães sem levedura

TEXTOS: Exo. 12: 15-20; 13: 5-9; Lev. 23: 6-8; Núm. 28: 17-25; Deut. 16: 8.

TEMPO: 15 aos 21 do Abib.

OFERENDAS: Para holocausto, diariamente, 2 novilhos, 1 carneiro, 7 cordeiros com oferendas apropriadas de farinha; e 1 cabrito como oferenda pelo pecado.

SABADO CERIMONIOSO: No primeiro dia e o sétimo dia será Santa convocação. Não pode fazer-se trabalho servil.

Cerimônia do feixe balançado

TEXTO: Lev. 23: 10-14.

TEMPO: 16 do Abib, o segundo dia da festa dos pães sem levedura.

OFERENDAS: Feixe ou omer de cevada, balançada diante do Senhor, 1 cordeiro de um

ano e sua oferenda apropriada de farinha.

"Não comerão pão, nem grão torrado, nem espiga fresca, até este mesmo dia, até que tenham devotado a oferenda de seu Deus" (Lev. 23: 14).

Pentecostés

TEXTOS: Lev. 23: 15-21; Núm. 28: 26-31; Deut. 16: 9-11.

TEMPO: Cinqüenta dias depois do feixe balançado.

OFERENDAS: 2 pães para ser balançados; e:

1. Para o dia, 2 novilhos, 1 carneiro, 7 cordeiros como holocausto, com oferenda apropriada de farinha; 1 macho caibro como oferenda pelo pecado (Núm. 28: 26-30).

2. Para o pão, 1 novilho, 2 carneiros, 7 cordeiros como holocausto, com oferenda apropriada de farinha; 1 cabrito como expiação, 2 cordeiros em sacrifício de pazes (Lev. 23: 15-21).

SABADO CERIMONIOSO: Santa convocação. Não se fazia nenhuma obra servil.

Comemoração ao som de trompetistas

TEXTOS: Lev. 23: 24, 25; Núm. 29: 1-6.

TEMPO: Primeiro dia do 7º mês.

OFERENDAS: 1 novilho, 1 carneiro, 7 cordeiros, como holocausto, com oferendas apropriadas de farinha; 1 macho caibro como expiação, além disso do holocausto contínuo e as oferendas das novas luas.

SABADO CERIMONIOSO: Neste dia era Santa convocação. Não se fazia nenhuma obra
servil.

Dia da expiação

TEXTOS: Lev. 16; 23: 27-32; Núm. 29: 7-11.

TEMPO: Décimo dia do 7º mês.

OFERENDAS: (Veja-se sob Cerimônias Especiais, dia da expiação.)

SABADO CERIMONIOSO: Neste dia era Santa convocação. "Afligirão suas almas". Não se fazia nenhuma obra. 723

Festa dos tabernáculos (cabanas)

TEXTOS: Lev. 23: 34-43; Núm. 29: 12-34; Deut. 16: 13-15.

TEMPO: 15 aos 21 do 7º mês.

OFERENDAS: Primeiro dia, 13 novilhos, 2 carneiros, 14 cordeiros como holocausto, e 1
cabrito por expiação. Cada dia posterior, reduz-se em um o número de novilhos, até que o último dia a oferenda é de 7 novilhos, 2 carneiros, 14 cordeiros como holocausto, e 1 cabrito como expiação.

SABADO CERIMONIOSO: Neste dia era Santa convocação. Não se fazia nenhuma obra
servil.

Oitavo dia da festa das cabanas

TEXTOS: Lev. 23: 36, 39; Núm. 29: 35-38.

TEMPO: 22º dia do 7º mês.

OFERENDAS: 1 novilho, 1 carneiro, 7 cordeiros, como holocausto; 1 macho caibro como expiação.

SABADO CERIMONIOSO: Neste dia será Santa convocação. Não se fará nenhuma obra
servil.

CAPÍTULO 1

1 Os holocaustos. 3 Oferendas de vacunos: procedimentos. 10 Oferendas de ovelhas e cabras. 14 Oferendas de aves.

1 CHAMO Jehová ao Moisés, e falou com ele do tabernáculo de reunião, dizendo:

2 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: Quando algum de entre vós oferece oferenda ao Jehová, de ganho vacino ou ovejuno farão sua oferenda.

3 Se sua oferenda for holocausto vacino, macho sem defeito o oferecerá; de seu vontade o oferecerá à porta do tabernáculo de reunião diante do Jehová.

4 E porá sua mão sobre a cabeça do holocausto, e será aceito para expiação dela.

5 Então degolará o bezerro na presença do Jehová; e os sacerdotes filhos do Aarón oferecerão o sangue, e a orvalharão ao redor sobre o altar, o qual está à porta do tabernáculo de reunião.

6 E esfolará o holocausto, e o dividirá em suas peças.

7 E os filhos do sacerdote Aarón porão fogo sobre o altar, e comporão a lenha sobre o fogo.

8 Logo os sacerdotes filhos do Aarón acomodarão as peças, a cabeça e a grosura dos intestinos, sobre a lenha que está sobre o fogo que haverá em cima do altar;

9 e lavará com água os intestinos e as pernas, e o sacerdote fará arder tudo sobre o altar; holocausto é, oferenda acesa de aroma grato para Jehová.

10 Se sua oferenda para holocausto for do rebanho, das ovelhas ou das cabras, macho sem defeito o oferecerá.

11 E o degolará ao lado norte do altar diante do Jehová; e os sacerdotes filhos do Aarón orvalharão seu sangue sobre o altar ao redor.

12 O dividirá em suas peças, com sua cabeça e a grosura dos intestinos; e o sacerdote as acomodará sobre a lenha que está sobre o fogo que haverá em cima do altar;

13 e lavará as vísceras e as pernas com água; e o sacerdote o oferecerá tudo, e o fará arder sobre o altar; holocausto é, oferenda acesa de aroma

grato para o Jehová.

14 Se a oferenda para o Jehová for holocausto de aves, apresentará sua oferenda de tórtolas, ou de filhotes de pomba. 724

15 E o sacerdote a oferecerá sobre o altar, e lhe tirará a cabeça, e fará que esquilo no altar; e seu sangue será espremido sobre a parede do altar.

16 E lhe tirará o bucho e as plumas, o qual jogará junto ao altar, para o oriente, no lugar das cinzas.

17 E a fenderá por suas asas, mas não a dividirá em dois; e o sacerdote a fará arder sobre o altar, sobre a lenha que estará no fogo; holocausto é, oferenda acesa de aroma grato para o Jehová.

1.

Chamou Jehová ao Moisés.

Deus tinha prometido que quando se terminasse de levantar o tabernáculo, se comunicaria com o Moisés do santuário. Até então lhe tinha falado do monte, mas agora falaria do propiciatorio (Exo. 25: 22). Em esta ocasião, Deus cumpriu sua promessa e pediu ao Moisés que se aproximasse, para que por seu intermédio pudesse instruir ao povo a respeito da forma correta de aproximar-se de Deus e ao santuário.

O povo necessitava urgentemente receber esta instrução. Israel não tinha mais que um conceito vago da santidade de Deus e da pecaminosidad do pecado. Lhe devia ensinar os princípios elementares de reverência e culto. Devia aprender que tanto Deus, como sua casa, e até os arredores da casa, eram Santos. Devia aprender que só o que é santo pode aproximar-se de Deus e entrar em sua presença. portanto não podiam atrever-se a entrar na morada de Deus, mas sim só deviam chegar até a porta do átrio, e ali entregar seu sacrifício com humildade e contrição. Este sacrifício seria recebido de seu emano pelos sacerdotes como se Deus o recebesse; os sacerdotes então levariam o sangue ao lugar santo e queimariam ali incenso. Nem mesmo os sacerdotes podiam entrar no santuário interior para oficiar nele. Isto estava reservado para o supremo sacerdote quem, logo depois de um profundo autoexamen, tinha acesso ao lugar muito santo durante uns poucos minutos, uma vez ao ano, em

o grande dia da expiação. Concluída esta cerimônia, o lugar muito santo permanecia fechado durante outro ano. Na verdade, Deus é muito santo.

Israel devia aprender a aproximar-se de Deus mediante o cordeiro sacrificado; mediante o bezerro, o carneiro, o macho caibro, os filhotes de pomba, as tórtolas; a aspersão do sangue sobre o altar do holocausto, sobre o altar do incenso, para o véu, ou sobre o arca; mediante o ensino e a mediação do sacerdócio. Não devia ficar na desesperança frente à condenação de a Santa lei de Deus. Havia uma via de escapamento. O Cordeiro de Deus morreria por eles. Por fé em seu sangue poderiam entrar em comunhão com Deus. Graças à mediação do sacerdote poderiam entrar vicariamente no santuário, e, na pessoa do supremo sacerdote, poderiam até entrar na mesma câmara de audiências do Muito alto. Para os fiéis israelitas isto prefigurava o momento quando o povo de Deus entrará sem temor "no Lugar Muito santo pelo sangue de Jesucristo" (Heb. 10: 19).

Deus desejava ensinar tudo isto ao Israel mediante o sistema de sacrifícios. Para eles representava o caminho de salvação. Dava-lhes esperança e ânimo. Embora a lei de Deus, os Dez Mandamentos, condenava-os por seus pecados, o feito de que o Cordeiro de Deus morreria por eles lhes dava esperança. O sistema de sacrifícios era o Evangelho para o Israel. Assinalava a forma de obter a comunhão com Deus.

Há cristãos professos que não consideram de grande importância nem valor para eles os serviços do templo divinamente instituídos. Entretanto, o plano evangélico de salvação, revelado mais plenamente no NT, resulta mais claro quando se entende o AT. Na verdade, quem entende o sistema levítico apresentado no AT, pode entender melhor e apreciar mais o Evangelho exposto no NT. O primeiro prefigura ao segundo e é símbolo dele.

Do tabernáculo.

Como resultado do pecado, o homem tinha sido expulso de seu lar no paraíso, onde gozava da comunhão direta com seu Fazedor. Por causa de que o homem já não era apto para viver com Deus, o Eterno se dignou descender e habitar com o homem. De acordo com isto, tinha-lhe mandado ao Moisés: "E farão um santuário para mim, e habitarei em meio deles" (Exo. 25: 8). Moisés havia feito isto, e "a glória do Jehová" tinha cheio "o tabernáculo" (Exo. 40: 34). Maravilhoso amor! Deus não podia estar separado dos seus, e em seu amor tinha formulado um plano para que pudesse 725 viver entre eles. Deus os acompanharia em sua peregrinação pelo deserto, e finalmente os guiaria à

terra prometida.

2.

Oferenda.

Heb. qorban, do verbo qarab, "aproximar-se", "aproximar-se de". Havia dois tipos de holocaustos: os obrigatórios e os voluntários. Alguns dos holocaustos obrigatórios deviam oferecer-se em determinadas ocasiões e eram apresentados por os sacerdotes para benefício de toda a nação. Entre estes estão o holocausto diário (Exo. 29: 38-42; Núm. 28: 3-8); o holocausto sabático (Núm. 28: 9, 10), e os holocaustos das festas de lua nova, de páscoa, de Pentecostés, da festa das trompetistas, do dia de expiação, e da festa dos tabernáculos (Núm. 28: 11 a 29: 39). Outros holocaustos obrigatórios eram de natureza ocasional, e eram apresentados pelas pessoas afetadas. Tais eram os holocaustos em ocasião da consagração de um sacerdote (Exo. 29: 15-18; Lev. 8: 18-21; 9: 12-14), do nascimento de um menino (Lev. 12: 6-8), da purificação de um leproso (cap. 14: 19, 20), da purificação cerimoniosa (cap. 15: 14, 15, 30), e quando se tomava o voto do nazareato (Núm. 6: 13-16). Os holocaustos voluntários podiam ser apresentados por uma pessoa em qualquer momento, mas deviam ater-se sempre aos mesmos regulamentos que regiam os holocaustos obrigatórios (Núm. 7; 1 Rei. 8: 64). Os regulamentos do Lev. 1 correspondem especificamente aos holocaustos voluntários,
embora o ritual também era similar para os outros.

3.

Se sua oferenda for holocausto.

"Se seu qorban [vers. 2] fosse 'olah". 'Olah é a palavra hebréia comum para designar o "holocausto", e significa "o que ascende". Outro vocábulo, usado somente duas vezes, é kalil, que significa "inteiro". Estas palavras se derivam do fato de que os holocaustos eram inteiramente consumidos sobre o altar e que, ao ascender a fumaça, em forma figurada ascendia a oferenda para Deus. A palavra "holocausto" vem do grego e significa "o que se queima tudo". Esta palavra descreve bem ao sacrifício queimado por fogo. Não se comia nenhuma parte do holocausto, como ocorria com alguns outros sacrifícios; tudo se queimava e subia a Deus em chamas como "aroma grato" (vers. 9). Não se retinha nada. Tudo era entregue a Deus. Indicava uma consagração completa.

mencionam-se pela primeira vez os holocaustos logo o dilúvio, quando Noé "ofereceu holocausto no altar" (Gén. 8: 20). Logo se menciona na ordem dada Por Deus ao Abraão de que oferecesse a seu filho "em holocausto sobre um de os Montes que eu te direi" (Gén. 22: 2). O livro do Job, possivelmente o mais antigo da Bíblia, registra que Job "levantava-se de amanhã e oferecia holocaustos ... porque dizia Job: Possivelmente terão pecado meus filhos, e terão blasfemado contra
Deus em seus corações" (Job 1: 5). Evidentemente Job acreditava que seus holocaustos
serviriam para apartar a ira de Deus, embora seus filhos não oferecessem sacrifícios eles mesmos e possivelmente não se deram conta de seu pecado. Os rabinos tinham um dito: "Os holocaustos fazem expiação pelas transgressões do Israel".

Os holocaustos foram os mais antigos de todos os sacrifícios, como também os mais característicos e completos; reuniam entre si os elementos essenciais de todos os sacrifícios. Sua importância resulta evidente ao considerar que, durante séculos, foram os únicos sacrifícios realizados. Mais tarde, quando se ordenou a apresentação de outros sacrifícios, declarou-se expressamente que não deviam substituir ao "holocausto contínuo", mas sim deviam oferecer-se além de este (Núm. 28: 10; 29: 16; etc.).

Embora o sacrifício diário, de amanhã e de tarde, obrigatório até no grande dia da expiação, era devotado pela nação, também tinha um propósito bem definido em benefício de cada israelita. Quando finalmente se houve instalado o serviço do santuário em Jerusalém, Deus mandou que em adiante todos os sacrifícios deviam ser levados lá, e que os sacerdotes só deviam oficiar no altar. Embora deste modo se centralizava o culto e se obtinha a uniformidade, e isto era útil, criavam-se certos problemas para os que viviam em lugares distantes do santuário. Uma viagem desde a Galilea até Jerusalém podia levar vários dias, especialmente se se levava o animal para o sacrifício. Em sua viagem de volta a casa, o homem podia pecar de novo, e podia precisar fazer outra viagem ao templo. É obvio, isto era impraticável. Para uma pessoa, o sacrifício diário, de amanhã e de tarde, oferecia uma feliz solução.

Quão animais deviam ser usados como sacrifício diário eram comprados com dinheiro contribuído por todo o povo. Todas as manhãs se oferecia no altar do holocausto um 726 cordeiro em favor de toda a nação, e à tarde se repetia o mesmo serviço. Este holocausto proporcionava expiação temporaria e provisória para a nação, até tanto o pecador pudesse comparecer,

levando seu próprio sacrifício. Estes sacrifícios nacionais tinham o mesmo propósito em benefício da nação que os sacrifícios oferecidos pelo Job, quem dizia: "Possivelmente terão pecado meus filhos, e terão blasfemado contra Deus em
seus corações" (Job 1: 5). Job não sabia se seus filhos tinham pecado. Mas existia a possibilidade de que assim o tivessem feito. portanto, a fim de "cobri-los" até que pudessem oferecer seus próprios sacrifícios, Job atuava em lugar deles. Da mesma maneira, o holocausto diário, devotado pela nação, protegia ao Israel até que cada um pudesse trazer sua oferenda individual. O Talmud ensina que o sacrifício matutino expiava os pecados cometidos durante a noite, e o sacrifício vespertino, os pecados do dia.

Os holocaustos diários eram queimados no altar, mas com fogo lento, para que um sacrifício durasse até que fosse colocado o próximo (Lev. 6: 9). O sacrifício vespertino durava até a manhã, e o sacrifício matutino durava até a tarde. Deste modo, sempre havia uma vítima sobre o altar para proporcionar expiação provisória e temporaria para o Israel. Quando um homem pecava, embora não pudesse comparecer imediatamente no santuário, ou até por semanas e meses, sabia que havia um sacrifício sobre o altar que se consumia em seu favor, e que ele estava "protegido" até que pudesse apresentar sua própria oferenda e confirmar seu arrependimento.

Esta misericordioso medida feita em favor dos pecadores de antigamente constitui uma grande esperança para o pecador de hoje. Há vezes quando pecamos mas não damo-nos conta disso até mais tarde, e portanto não fazemos uma confissão imediata. Que consolo é saber que Cristo está sempre preparado a "nos cobrir" com o manto de sua justiça até que nos precavamos de nossa condição; saber que Jesus nunca nos deixa nem nos abandona; que até antes de que aproximemo-nos dele, já tem feito a provisão necessária para que sejamos salvos. Graças a Deus por esta maravilhosa provisão! Entretanto, ninguém devesse aproveitar-se indevidamente deste benefício e demorar a confissão.

Embora os holocaustos mencionados no Lev. 1 são todos voluntários e pessoais, o ritual a seguir-se devia ser preciso e estrito. Desta maneira acostumava-se aos israelitas a obediência implícita. Deus pode perdoar, e Deus perdoará, mas deve haver uma adesão absoluta às instruções divinas. que deseja aproximar-se de Deus, deve fazê-lo como Deus manda. O único culto aceitável ante Deus é aquele que está de acordo com sua vontade; não o que nos pareça melhor e mais efetivo, não o que nós pensemos que seja mais adequado à ocasião, não o que parecesse trazer os resultados mais rápidos ou maior quantidade de dinheiro, a não ser só o culto que Deus aprova e sobre o qual

pode derramar sua bênção.

usavam-se quatro classes de animais como holocaustos: bezerros, ovelhas, cabras e aves. que apresentava a oferenda podia escolher. O rico naturalmente preferia apresentar um bezerro. O pobre podia apresentar somente um filhote de pomba
ou uma tórtola, se não tinha mais recursos. É significativo que María, a mãe do Jesus, apresentasse dois tórtolas como oferenda logo do nascimento de seu Filho (ver Lev. 12: 8; Luc. 2: 22-24). José e María eram pobres. O leão e o águia, reis das feras e das aves, não podiam ser usados para os sacrifícios posto que eram animais imundos; em troca se usavam o cordeiro e a pomba. Deus não pode tolerar um espírito altivo, mas aceita aos mansos e humildes.

O holocausto voluntário era uma dádiva de amor, de dedicação e de consagração. oferecia-se com um espírito de alegre sacrifício a Deus. Era mais que um presente; significava dar-se a gente mesmo, em sacrifício vivo. Hoje não oferecemos holocaustos, mas faríamos bem em aplicar a nossa vida diária esse espírito que impelia a oferecer holocaustos. Deus ainda se agrada do serviço contente e voluntário (2 Cor. 9: 7).

Macho sem defeito.

"Para que seja aceito será sem defeito" (Lev. 22: 21). Isto faz ressaltar o feito de que Deus exige o melhor que temos. Possivelmente não sejamos ricos, nem possamos apresentar grandes oferenda a Deus, mas o que demos deve ser perfeito. Não devemos apresentar nada que seja inferior ao melhor que tenhamos. Não devemos dar a Deus o que seja de valor inferior: uma moeda defeituosa, uma propriedade impossível de vender, restos de tempo livre. Em troca devemos 727 servir a Deus com o melhor que esteja a nossa disposição.

De sua vontade.

Melhor, "para que seja grato ante o Senhor" (BJ). Devia oferecê-los "à porta do tabernáculo", e desse modo seria aceito ante o Senhor. A mesma palavra hebréia que aqui se traduz "de sua vontade", traduz-se "aceito" no vers.
4.

4.

Será aceito para expiação dela.

O animal apresentado como sacrifício era considerado como substituto pelo pecador. Devia aceitar-se "para expiação dela", quer dizer em seu lugar. Por quanto o substituto era símbolo de Cristo, também devia ser perfeito (cap. 22: 25).

A colocação da mão de que oferecia o sacrifício sobre a cabeça da vítima era parte solene e essencial do ritual. A palavra samak, "pôr", significa "apoiar-se" com o peso do corpo. Este ato pois representava a total dependência do pecador em seu substituto. Respeito ao significado deste rito, os comentadores, antigos e modernos, entendem que representa a transferência simbólica à vítima dos pecados de que oferece o sacrifício, ou a substituição do pecador pela vítima que assim morre em seu lugar. "A imposição das mãos sobre a cabeça da vítima é um rito comum pelo qual se efectúan a substituição e a transferência dos pecados". "Em todo sacrifício existe a idéia de substituição; a vítima ocupa o lugar do pecador humano" (Jewish Encyclopedia, art. "Atonement, Day of" [Expiação, Dia da], tomo 2, pág. 286).

Posto que os cristãos agora por fé põem seus pecados sobre o Jesus, o Cordeiro de Deus, parece apropriado encontrar no conjunto de sacrifícios uma cerimônia que represente isto. Encontramo-lo refletido no ritual do holocausto; na verdade se exigia a imposição da mão em todos os casos onde tivesse pecado. O cristão considera que a cerimônia de pôr a mão sobre a vítima e apoiar-se nela é símbolo de sua própria dependência de Cristo para receber a salvação. Ao nos apoiar dessa forma, pomos nossos pecados sobre Cristo, e ele ocupa nosso lugar sobre o altar, um sacrifício "santo, agradável a Deus" (ROM. 12: 1).

depois de ter seguido as indicações dadas Por Deus, o pecador arrependido podia estar seguro de que a vítima era aceita em seu lugar. Assim também nós podemos ter a segurança de que, ao seguir as indicações de Deus, podemos ser aceptos em Cristo, nosso Substituto, sabendo que ele ocupa nosso lugar no altar: o que, na verdade, já tem feito na cruz. Cristo morreu por nós, em nosso lugar, e porque ele morreu, nós viveremos.

5.

Degolará o bezerro.

É impossível supor que uma pessoa normal pudesse sentir prazer ao cravar o faca em uma vítima inocente, embora essa vítima fosse somente um animal. E, entretanto, Deus exigia isto de que oferecia o sacrifício. Em épocas posteriores, os sacerdotes degolavam as vítimas, embora o plano original de Deus tinha sido que o pecador mesmo o fizesse. Esta experiência deve lhe haver resultado penosa e um tanto angustiosa ao pecador, porque sabia que era seu pecado o que fazia necessária essa morte. Deve lhe haver inculcado a determinação de não pecar mais. Em forma vívida via ante si os resultados do pecado. Não só significava a morte, mas também a morte de um ser inocente. O que outro efeito podia ter esta cerimônia a não ser o de criar no transgressor o odeio pelo pecado e a solene resolução de não ter nada mais que ver com ele?

A primeira lição que Deus desejava lhe ensinar ao Israel mediante o sistema de sacrifícios era que o pecado engendrava morte. Vez detrás vez esta lição foi inculcada em seus corações. Cada manhã e cada tarde através de todo o ano, oferecia-se um cordeiro em favor da nação. Dia detrás dia o povo trazia seus oferenda pelo pecado e seus holocaustos ao santuário. Em cada caso um animal era degolado e o sangue aplicado no lugar designado. Em cada cerimônia e em cada serviço estava claramente impressa a lição: O pecado engendra morte.

Esta lição é tão necessária em nossos tempos como o fora antigamente. Alguns cristãos consideram muito livianamente o pecado. Pensam que é um aspecto passageiro da vida que será superado com a maturidade. Outros consideram que o pecado é lamentável, mas inevitável. Todos necessitam que em forma indelével lhes grave na mente a lição de que o pecado significa morte. O NT declara especificamente que "o pagamento do pecado é morte" (ROM. 6: 23), mas muitos não captam a importância desta declaração. O ter um conceito mais realista da inseparável relação entre o pecado e a morte 728 ajudaria muito a apreciar e compreender o Evangelho. Para o cristão isto encerra uma lição importante. Nós fomos os culpados; Cristo não o era. A contemplação da cruz em primeiro lugar nos devesse provocar um sentimento de culpa, logo uma repulsão pelo pecado, e finalmente uma profunda gratidão a Deus pela salvação que se faz possível por meio da morte. Cristo morreu por mim. Eu devesse ter morrido, porque eu pequei, e "o pagamento do pecado é morte". Mas Cristo morreu por mim; foi ao Calvário em meu lugar. Quão adequada é esta provisão! Quão maravilhoso o amor!

Orvalharão-a.

que oferecia o sacrifício tinha concluído sua tarefa. Havia trazido seu sacrifício, tinha confessado seu pecado e tinha degolado a vítima. depois de isso começava a ministración do sangue. Um sacerdote tinha recebido em uma vasilha o sangue que emanava do animal degolado. Logo ele ministraba com a sangue, orvalhando-a "ao redor sobre o altar" do holocausto. A palavra traduzida "orvalhar" significa literalmente "pulverizar". A usa para referir-se à ação de pulverizar pó (Job 2: 12), carvões acesos (Eze. 10: 2), ou água (Núm. 19: 13), etc. Segundo o Talmud, o sacerdote te oficiem pulverizava a sangre contra o altar em dois lugares: a esquina nordeste e a esquina sudoeste, de tal modo que pudesse tocar os quatro lados do altar. Por razões higiênicas é provável que isto se feito do lado interior do altar. A porção do sangue que não se usava era vertida na base do altar. Posteriormente, no templo de Jerusalém, o sangue restante passava por um conduto ao vale do Cedrón.

Deus procurou impressionar nos israelitas o fato de que o perdão dos pecados só pode obter-se mediante a confissão e a ministración da sangue. Deviam compreender o preço infinito do perdão. É muito mais que meramente passar por cima as faltas. A Deus custou algo o poder perdoar; custou uma vida, a vida mesma de seu próprio Filho.

A alguns parece desnecessária a morte de Cristo. Pensam que Deus poderia ou deveria ter perdoado sem o Calvário. Não lhes parece que a cruz seja parte integral ou vital da expiação. Seria proveitoso que os cristãos considerassem mais o preço de sua salvação. O perdão não é coisa singela. Mediante o sistema cerimonioso, Deus ensinou ao Israel que o perdão só pode obter-se pelo derramamento de sangue. Precisamos aprender essa lição agora. No sistema de sacrifícios dos israelitas se encontram os princípios fundamentais da vida Santa. O AT é fundamental. A pessoa que está bem afirmada em seus ensinos poderá construir um edifício que não cairá quando vierem as chuvas e soprem os ventos. Ela estará edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo a principal pedra do ângulo Jesucristo mesmo" (F. 2: 20).

6.

Esfolará o holocausto.

Originalmente o fazia a mesma pessoa que oferecia o sacrifício, mas mais tarde os levita realizaram esta tarefa. No deserto eram poucos os que participavam das cerimônias do tabernáculo em comparação com épocas

posteriores, na terra prometida, quando centenares e até milhares chegavam a oferecer sacrifícios em um só dia. Levita-os e sacerdotes, já acostumados ao ritual, podiam esfolar o animal mais prontamente que a gente comum.

7.

Porão fogo sobre o altar.

Sempre ardia fogo em um lugar designado sobre o altar dos holocaustos. Era o dever dos sacerdotes assegurar-se de que esse fogo nunca se apagasse. Posto que Deus mesmo o tinha aceso, era considerado fogo sagrado. Este fogo não devia utilizar-se para nenhum fim comum, nem devia usar-se fogo comum em
os serviços do santuário. Desde este fogo principal, localizado-se no altar dos holocaustos, os sacerdotes acendiam os outros fogos para consumir os sacrifícios apresentados. Deste modo, vários fogos ardiam sobre o altar ao mesmo tempo, todos eles acesos com o fogo principal. Quando entravam no lugar santo para oferecer incenso, os sacerdotes deviam tomar as brasas deste altar para seus incensarios. O fogo que ardia sobre o altar do incenso provinha do altar do holocausto. É interessante notar que no ciclo há um anjo que tem a seu cargo o fogo (Apoc. 14: 18).

Comporão a lenha sobre o fogo.

A lenha que se usava nos serviços do santuário era cuidadosamente inspecionada antes de pô-la sobre o altar. A lenha danificada por insetos ou comida por vermes era rechaçada. Era tarefa de certos sacerdotes vigiar para que sempre houvesse lenha disponível. Uma vez ao ano lhe pedia ao povo que ajudasse a juntar lenha para o santuário. Esta tarefa deve 729 lhes haver servido de instrução; pois ao juntar a lenha deviam examiná-la para assegurar-se que os sacerdotes a aceitariam. Ao fazê-lo, devem haver sentido que Deus é santo e que até nas coisas mais pequenas exige perfeição.

Não se atirava a lenha sobre o fogo nem a colocava de qualquer maneira. Se punha-a em forma ordenada. A lição é evidente. Nada do que tem que ver com o serviço de Deus pode fazer-se descuidadamente. Todo débito realizar-se com cuidado e reverência.

8.

Acomodarão as peças.

A lição de ordem é a mesma do vers. 7. Todas as peças da vítima deviam acomodar-se sobre o altar seguindo a mesma disposição que tinham em o animal vivo, em cima da lenha que também estava em ordem, Diz o apóstolo: "Faça-se tudo decentemente e com ordem" (1 Cor. 14: 40). Isto constitui bom cristianismo neotestamentario.

9.

Lavará com água.

Em harmonia com a ordem de que nada suja devia ficar sobre o altar nem usar-se no serviço de Deus, as vísceras e as pernas eram lavadas com água antes de colocar a vítima sobre o altar. Poderia argumentar-se que isto era desnecessário, posto que o fogo logo consumiria o sacrifício e todo o sujo seria destruído. Para que, então, perder tempo em lavar as partes do animal?

Também este procedimento deve ter servido para exaltar a santidade de Deus e seu aborrecimento pela desordem e por tudo o que possa sujar. Em verdade todas as ações, todas as cerimônias, serviam para repetir a lição da santidade da obra de Deus, da santidade do caráter divino.

O sacerdote fará arder tudo.

O "tudo" tinha uma exceção. Não se queimava a pele do animal, mas sim se dava ao sacerdote (cap. 7: 8). Não nos explica o motivo desta exceção.

Aroma grato.

Quer dizer, agradável a Deus. Os holocaustos do cap. 1 não eram sacrifícios obrigatórios, a não ser voluntários, apresentados porque o que os oferecia sentia seu necessidade de Deus e queria mostrar sua avaliação pela bondade do Senhor. Ao apresentar o sacrifício expressava seu amor a Deus e se consagrava a seu serviço,

Os holocaustos eram oferecidos em muitas ocasiões e representavam consagração a Deus e gratidão a ele. Não tinham por objeto pedir um favor especial, mas sim expressavam a gratidão pela Mercedes já obtidas. ofereciam-se em ocasião da purificação de um leproso (cap. 14: 19, 20), da purificação das mulheres logo depois de dar a luz (cap. 12: 6-8), como também por uma purificação geral (cap. 15: 15, 30). Em muitos casos, uma oferenda pelo pecado acompanhava ao

holocausto, mas não sempre. Quando uma mesma pessoa apresentava uma oferenda
pelo pecado e holocaustos, a oferenda pelo pecado vinha primeiro e era por um pecado ou pecados específicos. O holocausto se oferecia pela pecaminosidad general, sem referência a nenhum pecado em particular.

Os holocaustos tiveram um lugar destacado na consagração do Aarón e de seus filhos (Exo. 29: 15-25; Lev. 8: 18), como também em seu começo no sacerdócio (Lev. 9: 12-14). Também os usava como parte dos votos de nazareato (Núm. 6: 13-16). Nestes casos representavam a consagração completa da pessoa a Deus. Por meio do holocausto, quem o oferecia-se punha simbolicamente sobre o altar, para consagrar toda sua vida ao serviço de Deus.

Os sacrifícios eram orações feitas carne. Interpretados deste modo, assumem um significado mais profundo. Se um cristão é tentado e sarda, humildemente confessa seu pecado e pede perdão. O verdadeiro israelita fazia o mesmo, mas, além disso apresentava uma oferenda pelo pecado cometido. Se também
oferecia um holocausto, ao fazê-lo estava dizendo: "Senhor, possivelmente haja feito outras coisas que não lhe agradam. Não me dou conta das haver feito, mas por sua misericórdia, perdoa aquilo no qual pude ter faltado". Quando oramos nesta forma, estamos fazendo o que fazia o israelita ao apresentar seu holocausto.

A exortação do Pablo em ROM. 12: 1, a apresentar o corpo "em sacrifício vivo", é uma referência aos antigos holocaustos. Temos que estar inteiramente dedicados a Deus. Temos que ser inteiramente limpos. Só depois de tirar toda a sujeira do holocausto, podia ficar o sobre o altar, "oferenda acesa de aroma grato para o Jehová". O mesmo ocorre conosco. Tudo pecado, toda sujeira da carne e do espírito, deve ser tirada antes de ser aptos para o altar (2 Cor. 7: 1).

O holocausto é símbolo de Cristo, quem se 730 entregou total e completamente a Deus, nos deixando um exemplo que devemos imitar. Insígnia uma completa santificação, uma inteira dedicação. Ocupa corretamente o primeiro lugar em a lista de sacrifícios do livro do Levítico. Diz-nos claramente que o sacrifício para que seja de aroma grato a Deus, deve ser uma entrega total. Tudo deve colocar-se sobre o altar; tudo deve dedicar-se a Deus.

Assim como o sacrifício devia ser perfeito, assim também Cristo é o "cordeiro

sem mancha e sem contaminação", que sendo formoso e santo "amou-nos e se entregou a si mesmo por nós, oferenda e sacrifício a Deus em aroma fragrante" (1 Ped. 1: 19; F. 5: 2).

O holocausto era grato a Deus porque revelava o desejo de consagrar-se a ele, de parte de que apresentava a oferenda. Ao oferecer seu sacrifício, dizia em essência: "Senhor, desejo te servir. Coloco-me sobre o altar, sem me reservar nada para mim. me aceite no Substituto e por amor dele". Tal atitude agrada a Deus.

Os holocaustos do cap. 1 eram de "aroma grato" a Deus porque eram inteiramente voluntários. Os cristãos correm perigo de fazer o que em si é bom e correto, não por um desejo interior nem pelo impulso do amor, mas sim porque é costume ou porque se espera que o façam. O dever é uma grande palavra e débito receber ênfase; mas não devemos esquecer que o amor é major ainda e que, bem aplicado, cumpre com o dever porque o inclui. O amor é voluntário, espontâneo, livre; o dever é exigente, obrigatório. Os dois são necessários em a vida cristã, e não se deve dar ênfase a um em detrimento do outro. O dever cumpre a lei em tudo. O amor também cumpre a lei em tudo; mas vai mais longe. Realiza a segunda milha. Entrega também a capa.

"Deus ama ao doador alegre" (2 Cor. 9: 7). Algumas pessoas queriam ler "liberal" em vez de "alegre", o que talvez seja também certo. Mas o texto diz "alegre". Se refere a um que dá voluntariamente, a quem não se necessita insistir mas sim faz alegremente sua parte. Isto é agradável a Deus. Este espírito está simbolizado no holocausto. Agradaria a Deus que o espírito de serviço alegre fosse mais comum do que é. Muitas vezes fazemos com resignação, ou até com relutância, o que devêssemos realizar com desejo e espírito alegre. Deus ama ao doador alegre: ao que gozosamente dá seu serviço, não só seu dinheiro.

Há tarefas que devem realizar-se que não são agradáveis nem prazenteiras. Deus aprecia que as façamos para cumprir com nosso dever, mas sentiria prazer mais se as fizéssemos voluntariamente e sem queixa nem falações. Há pessoas que necessitam que as anime, que as admoeste, que as insista e até que lhes prometa uma recompensa para que façam o que deveriam fazer alegre e voluntariamente (ver ISA. 64: 7; Mau. 1:10). A atitude indiferente e o desejo de obter uma recompensa cansam tanto aos homens como a Deus. Para os dirigentes, resulta descorazonador admoestar fervientemente e em repetidas ocasiões, para obter só uma lânguida resposta.

10.

Do rebanho.

Se o que apresentava o sacrifício não podia ou não desejava oferecer um bezerro, podia escolher um carneiro ou um macho de caibro do rebanho. Isto era aceito Por Deus; mas, qualquer fora o animal que escolhesse, devia ser macho, e não ter nenhum defeito.

11.

Orvalharão seu sangue.

O ritual a seguir-se era igual ao que correspondia quando se oferecia um bezerro. Neste caso não se diz nada de pôr a mão sobre a cabeça do animal, mas indubitavelmente também se realizava esta parte da cerimônia. Como ocorria com o bezerro, o sacerdote recebia o sangue e a orvalhava ao redor do altar e sobre ele (ver com. vers. 5).

13.

Lavará as vísceras.

seguia-se o mesmo ritual empregado com o bezerro. O animal era esfolado e dividido em partes; lavavam-se as pernas e as vísceras. Logo, levavam-se as peças ao altar e as acomodava em ordem.

14.

De aves.

As tórtolas e os filhotes de pomba não eram caros, de modo que até os pobres podiam oferecer este sacrifício. Deve recordar-se que os sacrifícios do cap. 1 eram voluntários. Um coração transbordante de amor encontraria alguma maneira de apresentar a Deus uma oferenda, por pequena que fosse. Tais oferendas eram tão preciosas à vista de Deus como as mais ostentosas.

Jesus ensinou isto com claridade quando disse que a viúva que tinha jogado dois brancas "jogou mais que todos" (Luc. 21: 3, 4). Posto que a branca quase não tinha valor aquisitivo, já que valia só uma fração de centavo de dólar, seu oferenda foi realmente pequena. Mas deu tudo o que tinha. A quantidade que

deu não era a verdadeira medida de sua 731 oferenda. O que lhe dava valor não era o que tinha dado, a não ser o que ficava.

15.

O sacerdote a oferecerá.

Usualmente o que oferecia o sacrifício devia matar o animal. Mas no caso de sacrificar um ave, havia tão pouco sangue que era necessário que o sacerdote mesmo a matasse para que pudesse tocar rapidamente o altar com a sangue da vítima.

16.

O bucho e as plumas.

Eram jogados sobre o montão das cinzas, pois se se queimavam, houvesse produzido um aroma desagradável.

17.

De aroma grato.

As aves eram muito pequenas para as partir, muito pequenas como para orvalhar o sangue, como se fazia no caso das outras oferendas, muito pequenas para lhes pôr a mão em cima (ver com. vers. 4); mas de todos os modos constituíam um aroma grato ao Jehová. que apresentava o sacrifício não tinha quase parte no ritual; só trazia o ave. O sacerdote fazia todo o resto. E mesmo assim, que apresentava o sacrifício tinha feito o que podia, e isto era agradável e aceitável ante Deus.

CAPÍTULO 2

1 A oferenda de farinha, azeite e incenso, 4 cozida em forno, 5 em frigideira, 7 ou em panela. 12 A oferenda de primicias. 13 O sal como parte da oferenda.

1 QUANDO alguma pessoa oferecesse oblação ao Jehová, sua oferenda será flor de farinha, sobre a qual jogará azeite, e porá sobre ela incenso,

2 e a trará para os sacerdotes, filhos do Aarón; e disso tomará o sacerdote seu punho cheio da flor de farinha e do azeite, com todo o incenso, e o

fará arder sobre o altar para memorial; oferenda acesa é, de aroma grato a Jehová.

3 E o que subtração da oferenda será do Aarón e de seus filhos; é coisa muito santo das oferendas que se queimam para o Jehová.

4 Quando oferecer oferenda cozida em forno, será de tortas de flor de farinha sem levedura amassadas com azeite, e folhados sem levedura lubrificadas com azeite.

5 Mas se oferecer oferenda de frigideira, será de flor de farinha sem levedura, amassada com azeite,

6 a qual partirá em peças, e jogará sobre ela azeite; é oferenda.

7 Se oferecer oferenda cozida em panela, fará-se de flor de farinha com azeite.

8 E trará para o Jehová a oferenda que se fará destas coisas, e a apresentará ao sacerdote, o qual a levará a altar.

9 E tomará o sacerdote daquela oferenda o que seja para seu memorial, e o fará arder sobre o altar; oferenda acesa de aroma grato ao Jehová.

10 E o que subtração da oferenda será do Aarón e de seus filhos; é coisa muito santo das oferendas que se queimam para o Jehová.

11 Nenhuma oferenda que oferecerem ao Jehová será com levedura; porque de nada leveda, nem de nenhum mel, tem-se que queimar oferenda para o Jehová.

12 Como oferenda de primicias as oferecerão ao Jehová; mas não subirão sobre o altar em aroma grato.

13 E amadurecerá com sal toda oferenda que pressente, e não fará que falte jamais de sua oferenda o sal do pacto de seu Deus; em toda tua oferenda oferecerá sal.

14 Se oferecer ao Jehová oferenda de primicias, torrará ao fogo as espigas verdes, e o grão esmiuçado oferecerá como oferenda de seus primicias.

15 E porá sobre ela azeite, e porá sobre ela incenso; é oferenda.

16 E o sacerdote fará arder o memorial dele, parte do grão esmiuçado e do azeite, com todo o incenso; é oferenda acesa para o Jehová.

1.

Oferecer oblação.

Quer dizer, "uma oferenda de cereal [minjah] como oferenda [qorban, ver com. cap. l: 2] ". A palavra minjah não 732 tinha originalmente o sentido de oferenda religiosa, mas sim designava um presente apresentado a um superior. O "presente" que Jacob deu ao Esaú era minjah (Gén. 32: 13). Também o era o "presente" que os irmãos do José lhe levaram ao Egito (Gén. 43: 11). Também se usava essa palavra para indicar o tributo pago por povos vencidos (2 Sam. 8: 2, 6). Estes pressente indicavam submissão e dependência. No monte Sinaí, minjah passou a ser a designação oficial de um presente a Deus, uma oferenda feita como comemoração, em reconhecimento da superioridade de
Aquele a quem a dava. Indicava que o homem dependia de Deus para receber todas as coisas boas da vida; reconhecia a Deus como dono e doador. Ao apresentar tal oferenda, o homem admitia ser somente um mordomo das coisas que lhe tinham crédulo.

A "oblação" do Lev. 2 era uma oferenda de cereais, de farinhas preparadas em diversas formas. Nas leis mosaicas, não se usa a palavra minjah para referir-se a oferendas de animais, embora no Gén. 4: 4, Abel ofereceu como minjah um cordeiro.

Assim como havia holocaustos públicos e individuais ou particulares, havia também oblações públicas e individuais. As oblações particulares eram voluntárias, e podiam oferecer-se a vontade, em qualquer momento. As oblações públicas eram obrigatórias e existiam regras fixas para seu apresentação.

A principal oblação pública era o pão da proposição, ou "pão da Presença", colocado cada sábado sobre a mesa no primeiro compartimento do santuário. O apresentava ao Senhor; logo permanecia durante uma semana sobre a mesa, e finalmente era comido pelos sacerdotes. O chamava o "pão da Presença" (BJ), ou literalmente o "pão da face", posto que estava continuamente sobre a mesa na presença de Deus, ou ante seu rosto, A mesa do pão da proposição também recebe o nome de "mesa poda" (Lev. 24: 6).

A oferenda do pão da proposição consistia em 12 pães, cada um feito com algo mais de 2,4 kg (5 1/3 libras) de farinha. Eram pois de bom tamanho. Os pães se colocavam sobre a mesa em duas pilhas de seis cada uma. Os sacerdotes que tinham oficiado durante essa semana, ofereciam os sacrifícios do sábado de amanhã, e permaneciam até que os sacerdotes que tinham chegada na sexta-feira, para oficiar durante a semana entrante, ofereciam os sacrifícios vespertinos do sábado. Os sacerdotes que se retiravam do serviço no santuário tiravam o pão da mesa, e os sacerdotes que começavam a servir colocavam o pão fresco. tomava cuidado se de não tirar o pão até que estivesse preparado o outro, fresco, para pô-lo sobre a mesa, pois sempre devia haver pão sobre ela, assim como devia haver sempre um holocausto sobre o altar. Por isso, o holocausto se chamava "holocausto contínuo" e se fala da "colocação contínua dos pães da proposição" (Exo. 29: 42; 2 Crón. 2: 4). O pão da proposição era devotado a Deus em sinal de "pacto perpétuo" (Lev. 24: 8). Era o testemunho perpétuo de que o Israel dependia de Deus para receber sustento e vida; de parte de Deus, era uma promessa contínua de que manteria a seu povo. A necessidade do Israel estava sempre diante de Deus, e a promessa de Deus estava sempre diante do povo.

Uma libação acompanhava aos sacrifícios matutinos e vespertinos (Exo. 29: 40; Núm. 15: 5). Por isso sobre a mesa dos pães da proposição havia "pratos", "colheres", "talheres" e "tigelas", ou segundo o expressa a BJ, "as fontes, os copos, os jarros e as taças para as libações" (Exo. 25: 29). Esta libação era derramada no lugar santo, ante o Senhor.

Não há grande diferencia entre a mesa dos pães da proposição do AT e a mesa do Senhor do NT (ver Luc. 22: 30; 1 Cor. 10: 21). O pão é o corpo de Cristo, quebrantado por nós. A taça é o novo pacto em seu sangue (1 Cor. 11: 24, 25). O "pão da Presença" simboliza a Aquele que vive "sempre para interceder" por nós, o "pão vivo que descendeu do céu" (Heb. 7: 25; Juan 6: 51).

Sua oferenda será.

Esta oferenda podia ser apresentada por qualquer pessoa que desejasse lhe fazer um obsequio a Deus. Consistia em flor de farinha, azeite e incenso. Algumas vezes a apresentava como oferenda à parte, mas geralmente se oferecia junto com um holocausto.

A flor de farinha, ou farinha fina, é o produto da cooperação entre Deus e

os homens. Deus coloca o princípio de vida na semente, dá sol e chuva, e a faz crescer. O homem semeia a semente, cuida-a, a colheita, demole-a para fazer farinha, e logo apresenta 733 esta farinha ante o Senhor, ou a prepara em tortas cozidas ao forno. É a soma do dom original de Deus mais o trabalho do homem. É lhe devolver a Deus o seu com interesse. É símbolo da obra da vida do homem, de talentos aperfeiçoados.

Deus dá a cada homem talentos segundo a capacidade que tenha para empregá-los. Alguns têm vários talentos; ninguém carece totalmente deles. Deus não se agrada quando os homens só lhe devolvem a quantidade de semente que os foi confiada. Deus quer que os homens semeiem a semente, cuidem-na, a colham, limpem-na de toda impureza, demolam-na entre as duas pedras do moinho, tirando dela toda a vida mediante a trituração, e logo se a pressentem como "flor de farinha". Deus espera que cada talento seja melhorado, refinado e enobrecido.

2.

E a trará para os sacerdotes, filhos do Aarón.

Não se dão instruções quanto à quantidade que devia apresentar-se. Isto ficava liberado ao desejo individual. De cada oferenda o sacerdote tomava um punhado de farinha, um pouco de azeite, e todo o incenso, e os queimava sobre o altar. A isto o chamava "memorial", e era uma oferenda de "aroma grato a Jehová". A esta oferenda, como a todas as demais, lhe devia adicionar sal (vers. 13; DTG 406).

3.

O que subtração.

A oblação era na verdade um presente aos sacerdotes, pois recebiam tudo, menos a parte do "memorial". Deviam dividir o resto entre eles e cada um devia receber uma parte igual (cap. 7: 10).

4.

Oferenda cozida ao forno.

A oblação que recebiam os sacerdotes consistia em farinha e azeite. Eles podiam fazer com isto o que quisessem. Também estava permitido que a

pessoa que oferecia a oblação a trouxesse já cozida e apresentasse sua oblação, já assada, aos sacerdotes. Se fazia isto, devia fazer tortas ou pães sem levedura, de herina fina e azeite, logo devia dividir os pães ou as tortas em pedaços, e derramar azeite sobre eles. Podiam cozer-se ao forno ou em frigideira.

7.

Cozida em panela.

Os ingredientes eram os mesmos: flor de farinha e azeite. As tortas ou pães eram gastos "ao Jehová" e apresentados ao sacerdote, que devia tirar a parte do "memorial" (vers. 9), para queimá-la sobre o altar. O que ficava pertencia ao Aarón e a seus filhos e era "coisa muito santo" (vers. 10).

Flor de farinha.

A farinha fina que se usava para a oblação não tinha nenhuma diferença de outra farinha da mesma qualidade, e não possuía em se nenhuma virtude especial. Entretanto, logo depois de ter sido apresentada ao sacerdote, transformava-se em "coisa muito santo". O mesmo princípio se aplicou no caso do Ananías e Safira (Hech. 5). Isto devesse fazer que todos os que ministran em coisas santas e recebem oferendas consagradas sejam cuidadosos no uso e manejo destas coisas muito santos.

Como se explicou anteriormente, a flor de farinha representa o trabalho do homem, seus talentos consagrados e aperfeiçoados.

A farinha não é mais que o grão triturado. antes de ser moído, o grão era capaz de perpetuar-se, de transmitir vida. depois da moenda, é aparentemente inútil. Nunca poderá ser plantado novamente. Não tem vida. Mas é inútil? Não. deu sua vida; morreu para sustentar outra vida. A trituração de sua própria vida se transformou no meio de perpetuar uma vida superior. Era a vida da semente; agora ajuda a manter a vida de um ser vivente, criado à imagem de Deus. A morte o enriqueceu, há-o glorificado, fazendo-o útil para o homem.

Poucas são quão vistas têm valor real e perdurável se não terem sido amassadas e golpeadas. Os homens se encontram a si mesmos e encontram a Deus nas experiências profundas e escuras da vida. Quando a alma está alagada é quando se edifica o caráter. A tristeza, a decepção e o

sofrimento são os poderosos servos de Deus. Os dias escuros contribuem chuvas de bênção, possibilitando a germinação da semente, para que esta cumpra sua missão e produza fruto.

O problema do sofrimento possivelmente seja difícil de compreender em seus aspectos mais
profundos, Mas algumas costure são claras. O sofrimento tem um propósito definido no plano de Deus como um meio de preparar a alma para o céu. Suaviza o espírito. Prepara a alma para uma compreensão mais profunda do verdadeiro significado da vida. Inspira simpatia por outros. Leva-o a um a caminhar de maneira delicada ante Deus e os homens. Humilha.

Nesta vida, só aquele que sofreu viveu de verdade. Só o que há amado viveu. Ambas as coisas são inseparáveis. O amor implica sacrifício, e o sacrifício freqüentemente 734 implica sofrimento. Entretanto, este sofrimento não é necessariamente penoso; porque o sofrimento mais elevado é santo, exaltado e contente. Uma mãe poderá sacrificar-se por seu filho; poderá sofrer fisicamente; mas o faz com gozo, voluntariamente. O amor considera como privilégio o sacrifício.

A lição completa do sofrimento não se aprendeu até que possamos nos regozijar nele. E nos regozijaremos quando experimentarmos o que Pablo experimentou quando disse que, "da maneira que abundam em nós as aflições de Cristo, assim abunda também pelo mesmo nosso Cristo consolação" (2 Cor. 1: 5). O mesmo ocorre com o sofrimento vigário. Cristo, "pelo gozo posto diante dele sofreu a cruz, menosprezando o oprobio" (Heb. 12; 2).

A farinha da oblação não devia oferecer-se sozinha; devia mesclar-se com azeite. O azeite é símbolo do Espírito de Deus. Só quando a vida seja santificada pelo Espírito, quando estiver mesclada com ele, e seja ungida por ele, poderá ser agradável ante Deus. O sofrimento em si mesmo possivelmente não resulte uma bênção.
 A alguns endurece o coração e amarga o espírito. Mas quando o Espírito Santo toma posse da alma e o doce espírito do Professor se difunde na vida, se manifesta a fragrância de uma vida consagrada.

9.

Seu memorial.

Assim como Deus se reservou uma parte da oblação como "memorial", assim também reserva-se uma parte de nossos ganhos e de nosso tempo. A décima parte de nossas entradas pertence a Deus. "O dízimo ... do Jehová é" (cap. 27: 30). Do mesmo modo, reservou-se como seu o sétimo dia da semana (Exo. 20: 10).

Nisto a igreja cristã está longe de cumprir com seu dever. Poucos reconhecem as demandas de Deus. Procedem como se o que tenham-lhes pertencesse, quando, na verdade, são meros mordomos. consideram-se liberais quando dão para a causa de Deus, mesmo que possivelmente o total do que dão não alcance a ser o que por direito pertence a Deus, porque nem sequer é de eles. Do mesmo modo, muitos fraquejam na observância do sábado. As horas do sábado são sagradas; nelas devemos fazer a obra de Deus e não a nossa.

Faríamos bem em recordar que a parte do "memorial" de tudo o que temos é de Deus.

11.

Nada leveda, nem de nenhum mel.

Estava proibida toda levedura nas oblações que se apresentavam a Deus para ser queimadas no altar. A mesma proibição se aplicava ao mel. A fermentação é símbolo de corrupção. Cristo disse: "lhes guarde da levedura dos fariseus, que é a hipocrisia" (Luc. 12: 1). Pablo fala da "levedura de malícia e de maldade" (1 Cor. 5: 8). usava-se tanto mel como levedura para produzir fermentação, especialmente para fazer vinagre. Os intérpretes bíblicos geralmente associam o mel com as paixões da carne, que à verdade podem ser prazenteiras, mas contêm elementos de corrupção e são destruidoras da vida espiritual. Entretanto, embora não se devia queimar nem levedura nem mel no altar, ordenava-se que se oferecesse pão feito com levedura como primicia (Lev. 23: 17), e o mel figura entre as primicias oferecidas pelo Ezequías (2 Crón. 31: 5).

13.

O sal do pacto.

Um pacto de sal é um pacto perpétuo (Núm. 18: 19; 2 Crón. 13: 5). No que refere-se a sua capacidade de preservar, o sal é o oposto da levedura.

O simbolismo é claro: nunca devem faltar os princípios purificadores e preservadores da santidade e a verdade em nosso pacto com Deus.

"Porque todos serão salgados com fogo, e todo sacrifício será salgado com sal" (Mar. 9: 49). O fogo desencarde, o sal preserva. Ser salgado com fogo implica não só purificação mas também preservação. Deus deseja ter um povo puro, um povo limpo, um povo santo, um povo cujos pecados tenham sido perdoados. Com apenas pedi-lo podem obter o poder preservador de Deus. Não somente têm que chegar a ser limpos e Santos, mas sim além disso têm que manter-se nessa condição. O fogo com o qual têm que ser "salgados" não destrói, a não ser desencarde. Primeiro temos que ser limpos, logo preservados. "Salgados com fogo" e salgados "com sal". Desencardidos e logo conservados puros! Maravilhosa provisão!

14.

As espigas verdes.

"Grão tenro" (BJ). Refere-se aqui a tais cereais como trigo, cevada, centeio ou aveia. Ainda hoje, no Oriente, é comida preferida o grão tenro, quer dizer não amadurecido, torrado. Tais grãos podiam usar-se como oblação. Se derramava azeite sobre as espigas, e lhes punha incenso; 735 a parte do "memorial" era queimada sobre o altar, e o resto passava a ser dos sacerdotes, Possivelmente o grão "ferido" desta oferenda simbolize a Aquele que foi ferido por nós, e por cuja chaga fomos curados (ISA. 53: 5).

As diversas oblações apresentam a Cristo como o doador e sustentador da vida, Aquele em quem, e por quem, "vivemos, e nos movemos, e somos" (Hech. 17: 28). Assim como os holocaustos representavam a consagração da vida, as oblações requeriam a consagração dos recursos. Esta consagração deve ser precedida pela consagração da vida. O Evangelho não dá lugar para a consagração da vida sem a consagração dos recursos; tampouco pode haver esta consagração sem a consagração da vida. As duas devem ir unidas. Combinadas, constituem um sacrifício completo, um "aroma grato para Jehová" (Lev, 1: 9).

Deve fazer-se ressaltar a idéia da mordomia. Alguns levam o nome de Cristo, e fazem ostentação de santidade e consagração a Deus, mas suas obras não correspondem com sua profissão. O bolso está fechado e parecem não ouvir-se os pedidos, enquanto a causa de Deus adoece. Tais pessoas necessitam entender que a consagração de toda a vida inclui também a consagração de

os recursos.

Entretanto, seria incorreto pensar que quão único Deus exige é a consagração dos recursos, e que as doações liberais aplainarão o caminho ao céu. Somos responsáveis ante Deus de cada talento que nos haja crédulo, já sejam recursos materiais, tempo, ou dons naturais. De todos estes somos mordomos, e Deus é o Amo legítimo. Talentos tais como o canto, a música, a fala e a liderança pertencem a Deus. Devem estar consagrados a ele; devem ficar sobre o altar.

A alma piedosa encontra muitas lições espirituais na apresentação de as oblações. Tudo o que somos devesse estar consagrado a Deus; tudo o que temos devesse estar sobre o altar. "lhes limpe, pois, da velha levedura, para que sejam nova massa, sem levedura como são" (1 Cor. 5: 7). "Seja sua palavra sempre com graça, amadurecida com sal, para que saibam como devem responder a cada um" (Couve. 4: 6). "Tenham sal em vós mesmos; e tenham paz os uns com os outros" (Mar. 9: 50). Finalmente, no serviço de Deus não poderemos substituir os planos de Deus com nossas próprias invenções e nossos próprios métodos, embora para nosso estes gosto sejam tão doces como o mel.

CAPÍTULO 3

1 O sacrifício de paz de gado vacino, 6 de ovelhas, 7 de cordeiro, 12 de cabra.

1 SE SUA oferenda for sacrifício de paz, se tiver que oferecer a de ganho vacino, seja macho ou fêmea, sem defeito a oferecerá diante do Jehová.

2 Porá sua mão sobre a cabeça de sua oferenda, e a degolará à porta do tabernáculo de reunião; e os sacerdotes filhos do Aarón orvalharão seu sangue sobre o altar ao redor.

3 Logo oferecerá do sacrifício de paz, como oferenda acesa ao Jehová, a grosura que cobre os intestinos, e toda a grosura que está sobre as vísceras,

4 e os dois rins e a grosura que está sobre eles, e sobre os flancos; e com os rins tirará a grosura dos intestinos que está sobre o fígado.

5 E os filhos do Aarón farão arder isto no altar, sobre o holocausto que

estará sobre a lenha que haverá em cima do fogo; é oferenda de aroma grato para Jehová.

6 Mas se de ovelhas for sua oferenda para sacrifício de paz ao Jehová, seja macho ou fêmea, oferecerá-a sem defeito.

7 Se oferecesse cordeiro por sua oferenda, oferecerá-o diante do Jehová.

8 Porá sua mão sobre a cabeça de sua oferenda, e depois a degolará diante do tabernáculo de reunião; e os filhos do Aarón 736 orvalharão seu sangue sobre o altar ao redor.

9 E do sacrifício de paz oferecerá por oferenda acesa ao Jehová a grosura, a cauda inteira, a qual tirará a raiz do espinhaço, a grosura que cobre todos os intestinos, e toda a que está sobre as vísceras.

10 Deste modo os dois rins e a grosura que está sobre eles, e a que está sobre os flancos; e com os rins tirará a grosura de sobre o fígado.

11 E o sacerdote fará arder isto sobre o altar; vianda é de oferenda acesa para o Jehová.

12 Se for cabra sua oferenda, oferecerá-a diante do Jehová.

13 Porá sua mão sobre a cabeça dela, e a degolará diante do tabernáculo de reunião; e os filhos do Aarón orvalharão seu sangue sobre o altar ao redor.

14 Depois oferecerá dela sua oferenda acesa ao Jehová; a grosura que cobre os intestinos, e toda a grosura que está sobre as vísceras,

15 os dois rins, a grosura que está sobre eles, e a que está sobre os flancos; e com os rins tirará a grosura de sobre o fígado.

16 E o sacerdote fará arder isto sobre o altar; vianda é de oferenda que se queima em aroma grato ao Jehová; toda a grosura é do Jehová.

17 Estatuto perpétuo será por suas idades, em qualquer lugar que habitem, que nenhuma grosura nem nenhum sangue comerão.

1.

Sacrifício de paz.

Heb. shélem, de uma raiz que significa "fazer paz" (Jos. 10: 4) ou "estar em paz" (Job 22: 21), "fazer restituição" (Exo. 22: 5), "completar [um pagamento]" (Sal. 50:14). A marca distintiva da oferenda de paz era a comida em comum, celebrada dentro do recinto do santuário, na qual prevaleciam o gozo e a alegria, e durante a qual conversavam o povo e os sacerdotes. Não era esta a ocasião para efetuar a paz, mas sim se tratava de uma Festa de regozijo porque a paz já existia. Geralmente era precedida por uma oferenda pelo pecado e por um holocausto. O sangue tinha sido asperjada, feito-se a expiação, outorgou-se o perdão, e se tinha recebido a segurança da justificação. Para celebrar isto, que tinha devotado o sacrifício convidava a seus parentes, a seus servos e aos levita a comer com ele. Toda a família se reunia no átrio da congregação para festejar a paz que tinha sido efetuada entre Deus e o homem, e entre o homem e seu próximo.

Não pode conceber-se maior gozo que o de estar em paz com Deus (ROM. 5: 1). Este é o legado que Cristo deixou ao dizer: "A paz vos sotaque, minha paz lhes dou" (Juan 14: 27). A paz de Cristo é essa tranqüila segurança que nasce da confiança em Deus.

Cristo pronunciou estas palavras de paz à sombra mesma do Getsemaní e do Gólgota. Sabia que tinha a prova por diante, de modo que lhe saiu ao encontro. Seu coração estava cheio de paz e de amor. Sabia em quem havia crédulo, e tinha a segurança de que o Pai o amava. Talvez não pudesse ver além dos portais da tumba. Possivelmente a esperança não lhe apresentasse sua saída do sepulcro como triunfador, nem lhe falasse da aceitação de seu sacrifício por parte de seu Pai. Mas, pela fé, já era vencedor. Sabia em quem tinha acreditado, e estava seguro de que tudo sairia bem. Esta é a paz que Cristo nos legou. Significa unidade com o Pai; significa quietude, descanso, gozo e contentamiento; significa amor, fé, comunhão e companheirismo; significa ausência de preocupação, temor e ansiedade. O cristão que goza de esta paz tem uma fonte de fortaleza que não depende das circunstâncias. Está em harmonia com Deus.

Como já se explicou, os diversos sacrifícios do AT eram orações encarnadas. Uniam a fé com as obras. Expressavam a necessidade que o homem tem de Deus e sua relação com ele. O povo não podia oferecer o incenso junto com seus orações, mas podia proporcionar o incenso. Não podia ministrar o sangue, mas podia proporcionar o sacrifício. Não podia entrar no santuário, mas

podia proporcionar os pressente e as oferendas que faziam possível o serviço. Não podia comer o pão da proposição, mas podia proporcionar a "vianda ... de oferenda acesa para o Jehová" (vers. 11).

"Justificados, pois, pela fé, temos paz para com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (ROM. 5: 1), "porque ele é nossa paz" (F. 2: 14). Em tempos de antigamente, convidava-se ao Israel a festejar o fato de que 737 estava em paz com Deus e o homem, que seus pecados tinham sido perdoados, que havia sido restituído ao favor do céu. Estas eram ocasiões de gozo e gratidão, quando já se falam esclarecido incompreensões e prevaleciam a paz e a confraternidade. Deviam participar os filhos e as filhas, os servos e as sirva, junto com os levita convidados. Todos se sentavam à mesa do Senhor para gozar-se juntos "na esperança da glória de Deus" (ROM. 5: 2). O povo de Deus destes tempos faria bem em celebrar festas de regozijo pelo fato de que está em paz com Deus (ver Nota Adicional ao final do capítulo).

2.

Porá sua mão.

O animal era degolado na porta do tabernáculo da congregação, onde matava-se a maioria dos animais para os sacrifícios, E seu sangue se orvalhava sobre o altar do holocausto (ver com. de cap. 1: 4, 5).

3.

Toda a grosura.

Não a graxa dispersa por todo o corpo, a não ser a graxa que cobria certos órgãos. junto com os rins, esta graxa era queimada sobre o altar.

A palavra traduzida "grosura" é jéleb, de uma raiz pouco usada que significa "estar gordo". A palavra "leite" é jalab, e difere de "grosura" somente nas vocais.

5.

De aroma grato para o Jehová.

Posto que a graxa era queimada sobre o altar, "uma oferenda de aroma grato para

Jehová", não parecesse ter cabo a opinião de alguns que sustentam que a graxa era símbolo de pecado. O pecado é uma abominação para Deus, e nada que o simbolizasse devia chegar ao altar. Por esta razão se excluía a levedura, símbolo do pecado (cap. 2: 11, 12). Algumas vezes se cita o Sal. 37: 20 como prova de que a "grosura" significa pecado. Mas a palavra que ali se traduz "graxa" (VVR) é yaqar, e significa "formosura", "magnificência", ou "preciosura", e não "graxa". A BJ traduz esta frase: "O ornato dos prados". A palavra yaqar é a que, na ISA. 43: 4, traduz-se "de grande estima", e é aplicada Por Deus a seu povo. A gordura sempre era queimada sobre o altar; Deus a reclamava como dela (Lev. 3: 16); era de "aroma grato" ao Senhor; era preciosa; era a "vianda" da oferenda apresentada ao Senhor (vers. 16). A expressão registrada no Gén. 45: 18 (Valha. ant.), comer "a grosura da terra", equivale a gozar do melhor que esta oferece.

6.

De ovelhas.

As mesmas regras se aplicavam tanto ao gado bovino como ao ovino. Débito se notar que para esta oferenda podia usar um animal macho ou fêmea, mas sempre devia ser sem defeito. O oferente colocava sua mão sobre a cabeça de a vítima e a matava, logo depois do qual o sacerdote ministraba o sangue.

9.

A cauda inteira.

refere-se ao carneiro da Bujaria (Ovis laticaudata). A cauda deste animal pesa geralmente de 5 a 10. kg, podendo pesar até perto de 25 kg. devido a seu peso, a cauda roça com o chão, o que resulta em dolorosas chagas, que diminuem o valor do animal. Nesses casos, o pastor, tão hoje como na antigüidade, coloca uma tabela ou uma espécie de carrinho para levar o peso da cauda.

A cauda em se está formada de uma mescla de graxa e medula, e, mesclada com outras coisas, era usada como um substituto da manteiga por quem não acatavam a ordem divina de não comer a graxa. Em alguns países orientais ainda se dá à cauda o mesmo uso.

12.

Cabra.

O procedimento devia ser o mesmo que se empregava nos outros sacrifícios. A imposição das mãos, a degolação, o orvalhado do sangue, todo se fazia da mesma forma. tirava-se cuidadosamente a graxa e, junto com os rins, a queimava sobre o altar.

17.

Estatuto perpétuo.

Deus mandou ao Israel que não comesse "nenhuma grosura nem nenhum sangue". "Toda a grosura é do Jehová" (vers. 16), e "o dízimo ... do Jehová é" (cap. 27: 30), são declarações paralelas. A razão que se apresenta para não comer a graxa é que pertence a Deus (ver com. cap. 7: 23).* 738

NOTA ADICIONAL AO CAPÍTULO 3

Hoje já não se oferecem oferendas literais de paz, de gozo e gratidão, mas seu espírito deveria permanecer. Poucos, até entre os supostos "bons" cristãos, regozijam-se como devessem, como têm o privilégio de fazê-lo, na paz e o amor de Deus. Embora em alguns casos isto se deva a que não apreciam devidamente o que Deus tem feito por eles, este não é sempre o problema. Há muitos cristãos que não compreendem que têm o privilégio de ser felizes em sua religião. Vivem mais à sombra da cruz que a sua luz. Pensam que é pecaminoso ser felizes que até um sorriso poderia ser inconveniente, e que a risada, seja inocente ou não, é sacrílega. Assinalam o feito de que não há registro de que Jesus se riu ou até sorrido. Isto é verdade, mas tampouco há registro de que Jesus se penteou ou banhado. Tais pessoas tratam de levar a carga do mundo sobre seus ombros, e pensam que qualquer momento passado em recreação não só é tempo perdido, mas sim é algo certamente irreligioso. São "bons" cristãos, mas não cristãos felizes. Se tivessem vivido no tempo de Cristo e se houvessem estado entre seus seguidores, tivessem posto em dúvida a conveniência de que Jesus assistisse às bodas do Caná, e, de haberío acompanhado, houvessem-no feito a contra gosto. Tivesse-o esperado com soma impaciência. Acaso não tinha uma grande obra que realizar? Como podia perder tempo em festas sociais? Se tivessem sabido que tão somente tinha três anos para trabalhar, tivessem estado ainda mais perplexos.

Esta classe de "bons" cristãos teria acreditado que nas atividades sociais do Jesus havia algo mau. Como podia passar tempo comendo e bebendo com os pecadores? Até os fariseus estavam perplexos por isso quando assinalaram o jejum e a oração dos discípulos do Juan, para repreender implicitamente a Cristo, quem estava em um banquete (ver Luc. 5: 29-35).

Isto se escreve tendo muito em conta os tempos em que vivemos, ao bordo mesmo da eternidade. Se alguma vez houve uma época quando a seriedade e a sobriedade devessem caracterizar as vistas dos seguidores de Cristo, este é o momento. Em vista da crise que se mora como devêssemos "andar em Santa e piedosa maneira de viver"! (2 Ped. 3: 11). Toda frivolidade e obscenidade devesse ser posta de lado, e a solenidade devesse empossar-se de tudo crente. Estão por ocorrer grandes e prodigiosos acontecimentos. Este não é momento para nos ocupar em bagatelas e necedades. O Rei está às portas.

Entretanto, estes fatos não nos devessem fazer esquecer que somos filhos do Rei, que nossos pecados foram perdoados, e que temos o direito de estar felizes e de nos regozijar. A obra deve ser terminada, e nós devemos participar dela; mas alguns falam como se tudo dependesse de eles. Em suas orações recordam a Deus o que se precisa fazer-se, como se tivessem medo de que ele se fora a esquecer de alguns assuntos que para eles são de muita importância. São almas "boas", ansiosas em todo momento de fazer o correto, mas nunca aprenderam a jogar suas cargas sobre o Senhor. Estão fazendo todo o possível por levar a carga e, embora gemam sob o peso, estão determinados a não render-se nunca. Lutam por avançar e fazem muito bem. São operários valiosos, e o Senhor os ama entrañablemente.

Mas com todo seu trabalho e seu esforço, falta-lhes uma coisa: a fé em Deus. Eles falta fé para acreditar que Aquele que começou a obra também a tem que terminar; que
ele se interessa tanto ou mais por sua obra que eles mesmos; que neste mesmo momento Deus está fazendo todo o possível por adiantar sua causa. Em seu religião encontram pouco gozo e muita preocupação. São como Marta, que trabalhou e se preocupou, mas deixou de lado o que era necessário. Olham com desaprovação às Marías; queixam-se ante o Senhor delas, e experimentam dificuldades em compreender como Cristo pôde tomar a partida da María. Perguntam se a comida se terminou de preparar, de ter havido dois Marías e nenhuma Marta. Tais cristãos trabalham e são fiéis em seu trabalho, mas por dentro sentem que outros não estão cumprindo com sua parte, e que a eles os touca muita carga.

Ressalta a mesma lição no relato do filho pródigo. O filho maior disse nunca ter feito o mau. Sempre tinha trabalhado muito, e não tinha perdido tempo em festas nem reuniões de amigos. Agora que havia tornado o filho menor, depois de ter gasto sua parte da herança em uma vida dissoluta, o major 739 estava zangado e não queria entrar na festa que se realizava em honra do irmão que tinha retornado a casa. De nada valeu que o pai saísse a lhe rogar que entrasse. Pelo contrário, o filho repreendeu a seu pai lhe dizendo que, logo que havia tornado o pródigo que tinha gasto seus bens com rameiras, o pai lhe tinha feito uma festa e tinha matado o bezerro gordo, mas nunca fazia nada por seu filho obediente (Luc. 15: 30).

Em meio dos acontecimentos mais solenes, os cristãos devessem ser pessoas felizes. Jesus não mostrou abatimento nem desânimo, nem sequer frente a a cruz. por que não temos que ser felizes? Deus pôs uma canção nova em os corações dos redimidos. São filhos do Muito alto. Caminham com Deus. Estão felizes em seu amor.

Não todos os cristãos têm a paz de Deus em seus corações como devessem tê-la, e como têm o direito de tê-la. esqueceram-se da promessa de Cristo: "A paz vos sotaque... Não se turve seu coração, nem tenha medo" (Juan 14: 27).

Os corações de muitos estão turvados. Têm medo. preocupam-se. Algum ser querido está fora do redil e estão tratando de fazê-lo entrar com seus orações. Dia e noite trabalham e oram. Não deixam nada sem fazer em seus esforços por obter sua salvação. Se alguém pode ser salvo pelas obras de outro, propõem-se obter esse propósito. Não é que deixem a Deus de lado. Oram e rogam a Deus. Oram como se terei que insistir a Deus. E finalmente esse ser amado se volta para Deus. Quão felizes estão! Agora podem descansar. Sua obra parece, sua tarefa, cumprida.

Possivelmente aos tais não lhes ocorre que a Deus interessa tanto a conversão dessa alma como a eles. Lhes ocorreu que muito antes de que começassem a orar e a trabalhar, Deus tinha posto naqueles movimento instrumentos que, de ser possível, obteriam o efeito desejado? Deus não pode salvar a um homem contra sua vontade, mas há muitas coisas que pode fazer, e as está fazendo todas. Ainda poderia fazer mais se nós cooperássemos com ele, e lhe perguntássemos humildemente se houver alguma coisa que
podemos fazer para ajudar, em vez de tentar dirigir ao Senhor. Somos

propensos a querer fazer a obra de Deus e lhe pedir sua ajuda, quando seria melhor se reconhecêssemos que a obra é de Deus e cooperássemos com ele. No momento em que compreendemos isto, chega a paz à alma. A pessoa não deixa de trabalhar nem de orar, mas sim troca a ênfase. Começará a orar com fé. Se realmente acreditam que Deus está obrando, se acreditarem que se interessa pela salvação de os homens, oraremos mais que nunca; mas deixaremos a responsabilidade com Deus. Com gozo e alegria apresentemos nossas vidas e nossos corações a Deus, em oferenda de "aroma grato".

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

17 2T 61

CAPÍTULO 4

1 Oferenda pelo pecado cometido por ignorância, 3 para o sacerdote, 13 para a congregação, 22 para o chefe, 27 para os do povo.

1HABLO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: Quando alguma pessoa pecar por erro em algum dos mandamentos do Jehová sobre coisas que não se têm que fazer, e hiciere alguma delas;

3 se o sacerdote ungido pecar segundo o pecado do povo, oferecerá ao Jehová, por seu pecado que terá cometido, um bezerro sem defeito para expiação.

4 Trará o bezerro à porta do tabernáculo de reunião diante do Jehová, e porá sua mão sobre a cabeça do bezerro, e o degolará diante do Jehová.

5 E o sacerdote ungido tirará do sangue 740 do bezerro, e a trará para o tabernáculo de reunião;

6 e molhará o sacerdote seu dedo no sangue, e orvalhará daquele sangue sete vezes diante do Jehová, para o véu do santuário.

7 E o sacerdote porá dessa sangre sobre os chifres do altar do incenso aromático, que está no tabernáculo de reunião diante do Jehová; e jogará o resto do sangue do bezerro ao pé do altar do holocausto, que está à porta do tabernáculo de reunião.

8 E tirará do bezerro para a expiação toda seu grosura, a que cobre os intestinos, e a que está sobre as vísceras,

9 os dois rins, a grosura que está sobre eles, e a que está sobre os flancos; e com os rins tirará a grosura de sobre o fígado,

10 da maneira que se tira do boi do sacrifício de paz; e o sacerdote a fará arder sobre o altar do holocausto.

11 E a pele do bezerro, e toda sua carne, com sua cabeça, suas pernas, seus intestinos e seu esterco,

12 enfim, todo o bezerro tirará fora do acampamento a um lugar limpo, onde jogam-se as cinzas, e o queimará ao fogo sobre a lenha; aonde se tornam as cinzas será queimado.

13 Se toda a congregação do Israel tiver errado, e o erro estivesse oculto aos olhos do povo, e tiverem feito algo contra algum dos mandamentos do Jehová em coisas que não se têm que fazer, e forem culpados;

14 logo que chegue a ser conhecido o pecado que cometeram, a congregação oferecerá um bezerro por expiação, e o trarão diante do tabernáculo de reunião.

15 E os anciões da congregação porão suas mãos sobre a cabeça do bezerro diante do Jehová, e em presença do Jehová degolarão aquele bezerro.

16 E o sacerdote ungido colocará do sangue do bezerro no tabernáculo de reunião,

17 e molhará o sacerdote seu dedo no mesmo sangue, e orvalhará sete vezes diante do Jehová para o véu.

18 E daquele sangue porá sobre os chifres do altar que está diante de Jehová no tabernáculo de reunião, e derramará o resto do sangue ao pé do altar do holocausto, que está à porta do tabernáculo de reunião.

19 E lhe tirará toda a grosura e a fará arder sobre o altar.

20 E fará daquele bezerro como fez com o bezerro da expiação; o mesmo fará dele; assim fará o sacerdote expiação por eles, e obterão perdão.

21 E tirará o bezerro fora do acampamento, e o queimará como queimou o primeiro bezerro; expiação é pela congregação.

22 Quando pecar um chefe, e hiciere por erro algo contra algum de todos os mandamentos do Jehová seu Deus sobre coisas que não se têm que fazer, e pecar;

23 logo que conhecesse seu pecado que cometeu, apresentará por sua oferenda um macho caibro sem defeito.

24 E porá sua mão sobre a cabeça do macho caibro, e o degolará no lugar onde se degüella o holocausto, diante do Jehová; é expiação.

25 E com seu dedo o sacerdote tirará do sangue da expiação, e a porá sobre os chifres do altar do holocausto, e derramará o resto do sangue ao pé do altar do holocauto,

26 e queimará toda seu grosura sobre o altar, como a grosura do sacrifício de paz; assim o sacerdote fará por ele a expiação de seu pecado, e terá perdão.

27 Se alguma pessoa do povo pecar por erro, fazendo algo contra algum dos mandamentos do Jehová em coisas que não se têm que fazer, e delinqüisse;

28 logo que conhecesse seu pecado que cometeu, trará por sua oferenda uma cabra, uma cabra sem defeito, por seu pecado que cometeu.

29 E porá sua mão sobre a cabeça da oferenda da expiação, e a degolará no lugar do holocausto.

30 Logo com seu dedo o sacerdote tirará do sangue, e a porá sobre os chifres do altar do holocausto, e derramará o resto do sangue ao pé do altar.

31 E lhe tirará toda seu grosura, da maneira que foi tirada a grosura do sacrifício de paz; e o sacerdote a fará arder sobre o altar em aroma grato a Jehová; assim fará o sacerdote expiação por ele, e será perdoado.

32 E se por sua oferenda pelo pecado trajere cordeiro, fêmea sem defeito trará.

33 E porá sua mão sobre a cabeça da 741 oferenda de expiação, e a

degolará por expiação no lugar onde se degüella o holocausto.

34 Depois com seu dedo o sacerdote tirará do sangue da expiação, e a porá sove os chifres do altar do holocausto, e derramará o resto da sangre ao pé do altar.

35 E lhe tirará toda seu grosura, como foi tirada a grosura do sacrifício de paz, e o sacerdote a fará arder no altar sobre a oferenda acesa a Jehová; e lhe fará o sacerdote expiação de seu pecado que terá cometido, e será perdoado.

2.

Pecar.

As oferendas pelo pecado se mencionam pela primeira vez em relação com a consagração do Aarón e seus filhos (Exo. 29: 14), mas nessa ocasião não foram prescritas para todo o povo. Tanto a palavra "pecado" como a expressão "oferenda pelo pecado" derivam-se da palavra hebréia jatta'th, feito que permite inferir a estreita relação existente entre ambos. O "pecado" implicava a necessidade de apresentar uma oferenda pelo pecado. A apresentação de uma oferenda tal indicava que se cometeu pecado. Ao trazer uma "oferenda pelo pecado" ao santuário, a pessoa literalmente apresentava o pecado que essa oferenda representava, e pelo qual devia fazer expiação. As oferendas por o pecado aparecem pela primeira vez em relação com a ereção do santuário e o começo do sacerdócio. Até esse momento somente se ofereciam holocaustos. As diversas palavras usadas na Bíblia para definir e descrever o pecado apresentam os seguintes conceitos:

1.El pecado é uma separação de uma norma definida, uma violação da lei de Deus (1 Juan 3: 4). Se concebermos a lei como uma linha reta que deve ser seguida, qualquer separação dessa linha seria pecado. Tal separação pode ser acidental ou intencional, mas sempre é pecado.

2.El pecado é ficar curto; não alcançar a meta da perfeição. O pecado é como uma flecha que não alcança o branco. O arqueiro pode ter feito tudo o que estava de sua parte, mas não teve força para que o arco despedisse a flecha com suficiente força para alcançar o branco. Não chega ao branco.

3.El pecado é desobediência. A desobediência não é possível a não ser quando há conhecimento da lei e transgressão da mesma. Há diferentes graus de

culpa na desobediência, e Deus tem recursos para isto, mas toda transgressão é grave. que persiste em sua impenitência, finalmente cometerá o pecado imperdoável.

4.El pecado é ofensa contra Deus. O homem pode pecar contra outros homens, mas sua primeira e principal ofensa é contra Deus. portanto, a confissão deve fazer-se sempre em primeiro lugar a Deus. Embora o filho pródigo havia pecado gravemente contra seu pai, quando retornou, suas primeiras palavras foram: "pequei contra o céu e contra ti" (Luc. 15: 21). Fez uma declaração acertada. Embora suas transgressões contra os homens tinham sido grandes, sua primeira ofensa era contra Deus. Assim é contudo pecado.

Por erro.

"Por inadvertência" (BJ), sem más intenções, inadvertidamente, descuidadamente, sem pensar.

Em algum dos mandamentos do Jehová.

Isto se refere especialmente aos Dez Mandamentos, mas também inclui as outras ordens divinas.

Todo o santuário, incluindo seu equipamento, seu sacerdócio e seu ritual, tinha que ver com o pecado. Os serviços giravam em volto da desobediência do homem e da necessidade de salvação. Se não tivesse sido pelo pecado, não se tivesse necessitado ter um altar sobre o qual colocar as vítimas. Houvesse sido desnecessário matar animais, derramar o sangue e realizar o ministério de a expiação. Sem dúvida teria existido um lugar onde o homem pudesse encontrar-se com Deus, mas o serviço tivesse sido de uma natureza inteiramente diferente.

A pecaminosidad do pecado não depende necessária nem exclusivamente do que se faz. Não sempre são igualmente culpados duas pessoas que cometem o mesmo pecado. A luz sempre traz consigo a responsabilidade. O mesmo pecado, cometido por um selvagem ignorante e por um homem civilizado, deve ser considerado e julgado em cada caso de um ponto de vista diferente. Deus toma tudo isto em consideração e, no capítulo que agora estudamos, toma medidas para isso. Segundo isto, há certa gradação nos castigos 742 impostos por pecados cometidos por quem está em níveis diferentes. De aquele que recebeu mais luz, espera-se mais que daquele que vive na ignorância. Neste capítulo se consideram quatro classes de transgressores;

cada um recebe o castigo segundo sua posição. O pecado de uma pessoa proeminente afeta a mais pessoas que o de uma pessoa menos distinguida; por o tanto, deve receber um castigo mais severo.

3.

O sacerdote ungido.

Todos os sacerdotes eram ungidos, mas só o supremo sacerdote era ungido na cabeça; portanto, por seu preeminencia o chama "o sacerdote ungido" (Exo. 29: 7-9; Lev. 8: 12, 13). O designa como "o supremo sacerdote entre seus irmãos, sobre cuja cabeça foi derramado o azeite da unção" (Lev. 21: 10). Geralmente o chama simplesmente "o sacerdote". Só quatro vezes aparece como "supremo sacerdote" nos livros do Moisés e em cada caso a tradução literal do hebreu seria "grande sacerdote" ou "principal sacerdote" (ver Lev. 21: 10; Núm. 35: 25, 28).

Segundo o pecado do povo.

Melhor, "fazendo culpado ao povo" (BJ). O supremo sacerdote representava ao povo (Lev. 16: 15, 16; Zac. 3: 1-4). Em harmonia com este princípio, os profetas sempre se identificavam com os pecados do povo. Embora, como mensageiros de Deus, repreendiam ao povo por suas transgressões, quando oravam a Deus se aproximavam dele como se fossem um com o povo nos pecados que tinham merecido a recriminação. É por isso pelo que repetidas vezes encontramos a expressão "pecamos e não "pecaram; "pecamos", "nossos pecados", "pecamos contra Jehová nosso Deus", "contra ti pecamos" (Neh. 1: 6; ISA. 64: 5, 7; Jer. 3: 25; 8: 14; 14: 7; Dão. 9: 5, 8, 11, 15).

Deve ressaltar o caráter vigário do supremo sacerdote. Era o representante do homem, que atuava pelo povo em tudo o que tinha que ver com o santuário. Todo o sacerdócio se resumia na pessoa do supremo sacerdote.

Quando Adão pecou, "a morte passou a todos os homens" (ROM. 5: 12), porque por "a desobediência de um homem os muitos foram constituídos pecadores" (ROM. 5: 19). Adão representava ao homem. Cristo também representava ao homem. Adão, o "primeiro homem", era a cabeça da humanidade; Cristo, o "segundo homem", o "Último Adão", o "Senhor ... do céu", é a cabeça da nova humanidade (1 Cor. 15: 45-47). "Como pela transgressão de um veio a condenação a todos os homens, da mesma maneira pela justiça de um veio a todos os homens a justificação de vida" e "pela obediência de um, os

muitos serão constituídos justos" (ROM. 5: 18, 19). "Porque assim como no Adão todos morrem, também em Cristo todos serão vivificados" (1 Cor. 15: 22).

O supremo sacerdote, que em um sentido especial era um símbolo de Cristo, representava ao homem. Representava a todo o Israel. Levava as cargas e pecados do povo. Levava a iniqüidade das coisas sagradas. Levava sobre sim o julgamento do Israel. Quando ele pecava, Israel pecava. Quando o supremo sacerdote entrava no santuário, o fazia em nome do povo. Quando ele comparecia ante Deus, eles compareciam. Representava ao povo; era o povo. Quando ele pecava, o povo pecava, e lhe exigia apresentar por seu pecado o mesmo sacrifício requerido quando toda a nação pecava.

Um bezerro sem defeito.

Machos ou fêmeas podiam usar-se para a oferenda do pecado, mas os animais deviam ser "sem defeito". O supremo sacerdote devia oferecer um bezerro por seu pecado, tanto como pelo pecado do povo (Lev. 4: 14).

4.

Porá sua mão.

Esta era a mesma cerimônia como em todos os outros sacrifícios, salvo o de as aves. A imposição de mãos não só indicava a dedicação do animal a Deus mas sim, ao apoiar-se em sua cabeça, quem oferecia o sacrifício se identificava com o animal, e este se transformava em seu substituto (ver com. cap. 1: 4).

A imposição da mão ia acompanhada da confissão do pecado que havia ocasionado a apresentação do sacrifício (cap. 5: 5). Este princípio se aplicava a todos os sacrifícios pelo pecado. A ação de impor a mão era pois significativa porque o pecador, ao confessar seu pecado e apoiar-se sobre a vítima, declarava sua fé em Deus, quem proporcionaria um substituto para que levasse a culpa de seu pecado. O castigo não era trazer um sacrifício. O castigo era a morte, e era o animal o que a sofria.

6.

Orvalhará daquele sangue.

Posto que não havia nenhum sacerdote de mais hierarquia que o supremo sacerdote,

que pudesse oficiar 743 por ele, ele mesmo devia ministrar o sangue. Nos sacrifícios já considerados, o sangue era orvalhado no altar do holocausto no átrio ou posta sobre seus chifres. Quando o sacerdote ungido pecava, a sangue era levado dentro do tabernáculo. Sem dúvida isto se devia a que seu pecado era considerado como mais grave que o de qualquer outra pessoa, ou de maior importância ante Deus. O sacerdote molhava seu dedo no sangue e a orvalhava sete vezes diante do véu, "diante do Jehová". Também punha parte do sangue sobre os chifres do altar do incenso, e do mesmo modo "diante de Jehová" (vers. 7).

Devesse notar-se que o sacerdote não orvalhava o sangue sobre o véu, a não ser diante dele. Também é de interesse que não usava mais que um dedo para orvalhar esse sangue. Além disso esta aspersão se fazia só quando o sacerdote ungido ou a congregação inteira pecava. Não temos registro de quão freqüentemente pecava o supremo sacerdote e devia apresentar um bezerro como oferenda, mas supomos que isto não acontecia com freqüência. Tampouco sabemos quão freqüentemente pecava todo o
povo e tinha que apresentar um bezerro, mas supomos que isto não era freqüente. É evidente que o povo pecava freqüentemente em forma individual, mas temos poucos incidentes registrados de pecados nacionais, como os que se consideram aqui. O único registro concreto de um incidente tal, é o caso do bezerro de ouro. É certo que houve outras apostasias nacionais, mas sendo que se devia apresentar o sacrifício só quando se arrependeram de seus pecados, não pode ter havido muitos casos.

A aspersão do sangue tinha relação com a lei que estava diretamente atrás do véu. Entretanto, o sangue não chegava até a lei; o véu se interpunha. No serviço diário não tinha chegado o momento quando o pecador devia enfrentar-se com a lei. Isso ficava para o dia da expiação, que figuradamente era o dia de julgamento do Israel (ver com. Heb. 10: 19, 20).

7.

Sobre os chifres do altar.

além de asperjar o sangue diante do véu, o sacerdote punha parte da sangre sobre os chifres do altar do incenso. Ao fazê-lo, tocava cada corno e deixava o rastro do sangue com seu dedo, registrando assim o fato de que se tinha cometido um pecado e que se ofereceu o sacrifício. A sangue que colocava sobre os chifres era de um animal que levava a culpa do pecado e portanto era sangue carregado de pecado. Isto exigia que se fizesse

"sobre seus chifres ... expiação uma vez ao ano" (Exo. 30: 10). A parte da sangue que não se usava era vertida na base do altar do holocausto,

8.

Toda seu grosura.

Ver com. cap. 3: 31 5. Não se faz menção de que fora "aroma grato para Jehová". Entretanto, o fato de que a pusesse sobre o altar, indica que era agradável a Deus.

12.

Fora do acampamento.

Todo o bezerro era levado fora do acampamento e queimado em um lugar limpo, não simplesmente para desfazer-se dele, nem porque o considerasse imundo, porque claramente o designa "coisa muito santo" (cap. 6: 25). O livro de Hebreus lhe dá um sentido simbólico ao feito de que a vítima fosse queimada fora do acampamento. Diz Pablo: "Também Jesus ... padeceu fora da porta. Saiamos, pois, a ele, fora do acampamento, levando seu vituperio" (Heb. 13: 12, 13). O fato de que o corpo fosse queimado fora do acampamento era pois um símbolo de Cristo, crucificado fora da cidade de Jerusalém, "para santificar ao povo mediante seu próprio sangue" (Heb. 13: 12). Alguns opinaram que isto indica também que morreu não só pelos judeus, mas também pelo mundo. Embora o corpo era considerado muito santo, não se dava-lhe nenhum uso cerimonioso. Posto que não era queimado sobre o altar, não havia nesse corpo nenhum valor redentor inerente. portanto, não era o corpo o que fazia a expiação, mas sim "o mesmo sangue fará expiação de a pessoa" (Lev. 17: 11).

Entretanto, não era o sangue como tal a que fazia a expiação, a não ser a sangue derramado e aplicada. Não podia efetuar-se expiação matando-se ao animal e derramando seu sangue no chão. O sangue devia ser recolhimento em uma vasilha, depois do qual o sacerdote a ministraba, orvalhando-a e de outras formas. Era o sangue orvalhado a que efetuava a expiação, não a parte restante que era vertida no chão (ver com. cap. 4: 7). Se fazia expiação com o sangue aplicada aos chifres do altar, não com a que era vertida no chão (Exo. 29: 12; 30: 10; Lev. 4: 7, 18, 25, 30, 34).

Infelizmente há cristãos que falam da "sangue derramado", expressão

que não aparece na Bíblia, e se esquecem do 744 sangue "orvalhada", que era quão única podia efetuar a expiação. O sangue derramado era o sangue não utilizada, que se vertia ao pé do altar logo depois de haver-se completado a expiação. Pablo fala da "sangue orvalhado" (Heb. 12: 24), quer dizer, a sangue usado para ministrar. Quando foi instituída a páscoa, ordenou a Israel que matasse um cordeiro e pusesse seu sangue nas ombreiras e o dintel de a porta (Exo. 12: 7, 22, 23). Deus não prometeu que os primogênitos se salvariam por haver-se dado morte ao cordeiro. A salvação ocorria porque se tinha aplicado esse sangue.

Em todas as oferendas rege o mesmo princípio. Não basta trazer a vítima e degolá-la; o sangue deve ser aplicada. Logo depois de sua ascensão, Cristo "por seu próprio sangue, entrou uma vez para sempre no Lugar Muito santo, havendo obtido eterna redenção" (Heb. 9: 12), e ali como "supremo sacerdote ... ministro do santuário, e daquele verdadeiro tabernáculo" (Heb. 8: 1-3), ministra em nosso favor. Esta fase do ministério de Cristo é tão necessária para nossa salvação como o fora o ministério do sangue do cordeiro em ocasião da primeira páscoa, como acontecia também com todas as oferendas em as quais se derramava sangue.

O ministério do sangue no grande dia da expiação era o ponto culminante do serviço anual. Era muito importante degolar a vítima -sem isso não haveria sangre para ministrar- mas se alcançava a culminação da cerimônia quando o supremo sacerdote entrava no lugar muito santo com o sangue do macho caibro do Senhor (ver Heb. 9: 25). Em forma similar, Cristo "por seu próprio sangue, entrou uma vez para sempre no Lugar Muito santo" (Heb.9: 12). Sua morte no Calvário foi essencial -sem ela não tivesse tido nada "que oferecer" (Heb. 8: 3)- mas sem o contínuo ministério do sangue no santuário celestial, o sacrifício do Calvário não houvesse valido de nada.

A maioria dos cristãos não entendem o ministério de Cristo como nosso grande Supremo Sacerdote, nem dão a esse ministério todo seu valor. Certamente, acreditam no sangue derramado; mas não compreendem que deve haver um ministério ou
uma aplicação do sangue para que seja efetiva. É hora de que se chame a atenção do mundo, e dos professos cristãos em especial, à obra que Cristo está realizando agora. Muitos perguntam por que Cristo demora tanto em voltar. Sabem que se foi, mas não sabem nada de sua obra mediadora. Como não seguiram ao Cordeiro, não sabem onde está nem o que está fazendo. É nosso dever e privilégio, nossa tarefa como povo, restaurar os antigos meio-fios (ver ISA. 58: 12) e apresentar a Cristo ao mundo como nosso mediador e Supremo

Sacerdote. Sua obra está quase terminada, e quando concluir, Cristo virá com poder e glória.

13.

Toda a congregação.

As pessoas poderiam pecar freqüentemente e apresentar as oferendas necessárias. Estranha
vez a nação inteira poderia pecar "por erro" (ver com. vers. 2,6).

Coisas que não se têm que fazer.

Aqui se incluem todos os pecados, grandes e pequenos, mas se refere sobre tudo aos assim chamados pecados pequenos. Não se refere isto à violação aberta, a não ser ao pecado relativamente leve, "contra algum dos mandamentos ... em coisas que não se têm que fazer". Quando se fazia isto, incorria-se em culpa, e devia apresentar uma oferenda pelo pecado à porta do santuário.

14.

Logo que chegue a ser conhecido o pecado.

Isso implica que se ignorava que o fato era pecado (ver com. vers. 2). Em tais circunstâncias, "toda a congregação" devia apresentar a mesma oferenda exigida do supremo sacerdote quando pecava. O bezerro o proporcionava a congregação, por quanto todos eram considerados culpados. Os anciões, escolhidos de entre as diferentes tribos, levavam o bezerro ao lugar do sacrifício, punham suas mãos sobre ele e o degolavam. Nada se diz aqui da confissão, mas esta está implícita na imposição de mãos. Sem confissão, a apresentação de uma oferenda não valeria de nada, porque não haveria transferência de pecado, do pecador ao sacrifício. Além disso, não é a forma em que se faz a confissão, a não ser o fato de confessar, o que é aceitável ante Deus,

17.

O mesmo sangue.

A ministración do sangue era quão mesma no caso do sacerdote que pecava (vers. 7). Posto que o sacerdote usava só um dedo para realizar o

ministério do sangue, usava-se somente uma pequena porção do sangue do bezerro.

19.

A grosura.

Acabado o ritual do sangue, o sacerdote tirava toda a graxa do bezerro, seguindo o mesmo procedimento 745 como no caso de que tivesse pecado o supremo sacerdote (vers. 6-8).

20.

Assim fará o sacerdote expiação por eles.

No caso do supremo sacerdote ungido não se diz nada de expiação nem de perdão. Indubitavelmente, recebia o perdão, como os outros, quando confessava seus pecados. Pareceria que por ministrar o supremo sacerdote seu próprio sacrifício, um homem podia fazer expiação por si mesmo; daí que se omita esta declaração. Mas, no caso do povo, o sacerdote devia fazer expiação por eles, e obtinham "perdão". O ritual de levar a bezerro fora do acampamento para queimá-lo em um lugar limpo era o mesmo que se efetuava no caso quando o supremo sacerdote pecava.

22.

Quando pecar um chefe.

O 'chefe" se refere ao principal da tribo, ou o principal de uma divisão de uma tribo. incluem-se tão dirigentes civis como religiosos: príncipes (Gén. 17: 20; 2 Crón. 1: ,jefes2) (Núm. 2: 3; 3: 24, 32). Possivelmente o chefe não se tinha dado conta de sua transgressão. Não se esperava que um chefe conhecesse tanto da lei como o supremo sacerdote ungido; portanto a oferenda que dele se exigia era de menos valor que a que se pedia do supremo sacerdote.

24.

Porá sua mão.

segue-se o mesmo modelo das outras oferendas e o significado é o mesmo.

Ao pôr suas mãos sobre a vítima, o pecador se identifica com ela, o transfere seus pecados por confissão e a apresenta como seu substituto.

25.

O sangue.

A ministración do sangue do macho caibro é diferente da do bezerro. Neste caso o sacerdote não leva o sangue ao santuário, mas sim a recolhe em uma vasilha e a leva a altar do holocausto. Ali aplica com o dedo a sangre aos chifres do altar.

26.

Queimará toda seu grosura.

Em todos os casos, já fora holocausto (cap. l: 8), oferenda de paz (cap. 3: 3), ou oferenda pelo pecado (cap. 4: 8), toda a graxa que se podia tirar era queimada sobre o altar. Com isto, o sacerdote terminava sua tarefa em favor do chefe que tinha pecado, o qual se ia perdoado. Não aparece nenhuma instrução quanto ao que devia fazer-se com o corpo da vítima. Segundo o cap. 6: 26, o sacerdote recebia a carne, e devia comê-la no lugar santo, no átrio do tabernáculo de reunião.

27.

Alguma pessoa do povo.

O procedimento era igual a no caso do chefe, com a exceção de que a pessoa devia apresentar uma fêmea e não um macho. considerava-se de menor valor à fêmea que ao macho, portanto era mais fácil consegui-la. O ritual do sangue e da eliminação da graxa era igual ao prescrito para os chefes que tinham pecado (vers. 23-26).

31.

Em aroma grato.

Posto que sempre se queimava a grosura sobre o altar, deve ter sido aceitável a Deus porque nunca se permitia coisa imunda sobre o altar.

32.

Se ... trajere cordeiro.

Um cordeiro custava menos ainda que uma cabra, e por esta razão se esperava que um
homem pobre apresentasse um cordeiro. O cordeiro era a oferenda do pobre. É significativo que repetidas vezes se chama cristo o Cordeiro de Deus. É o sacrifício do pobre. Em todos os outros aspectos, o ritual era o mesmo que seguia-se com a cabra.

Todos os requisitos para a apresentação de oferendas de diferentes valores refletem tanto a justiça como a misericórdia de Deus. Em primeiro lugar, o valor do sacrifício que devia apresentar-se estava determinado pelo grau de culpa do pecador e, em segundo lugar, por seus recursos para comprar uma oferenda.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

27-30 PP 368 746

CAPÍTULO 5

1 Pecado do que oculta o que sabe em um julgamento, 2 do que touca uma coisa imunda, 4 do que jura à ligeira. 6 Sua oferenda de expiação do rebanho, 7 de aves, 11 de farinha. 14 Oferenda pelo pecado de sacrilégio, 17 e por pecados cometidos por ignorância.

1 SE ALGUM pecar por ter sido chamado a atestar, e for testemunha que viu, ou soube, e não o denunciasse, ele levará seu pecado.

2 Deste modo a pessoa que houver meio doido qualquer coisa imunda, seja cadáver de besta imunda, ou cadáver de animal imundo, ou cadáver de réptil imundo, bem que não o supere, será imunda e terá delinqüido.

3 Ou se tocar imundície de homem, qualquer imundície dela com que for imundo, e não o jogar de ver, se depois chegasse ou seja o, será culpado.

4 Ou se algum jurar à ligeira com seus lábios fazer mau ou fazer bem, em qualquer coisa que o homem profere com juramento, e ele não o entendesse; se depois o entende, será culpado por qualquer destas coisas.

5 Quando pecar em alguma destas coisas, confessará aquilo em que pecou,

6 e para sua expiação trará para o Jehová por seu pecado que cometeu, uma fêmea de
os rebanhos, uma cordera ou uma cabra como oferenda de expiação; e o sacerdote fará-lhe expiação por seu pecado.

7 E sim não tuviere o suficiente para um cordeiro, trará para o Jehová em expiação por seu pecado que cometeu, dois tórtolas ou dois filhotes de pomba, o um para expiação
e o outro para holocausto.

8 E os trará para o sacerdote, o qual oferecerá primeiro o que é para expiação; e lhe arrancará de seu pescoço a cabeça, mas não a separará por completo.

9 E orvalhará do sangue da expiação sobre a parede do altar; e o que sobrar do sangue o espremerá ao pé do altar; é expiação.

10 E do outro fará holocausto conforme ao rito; assim o sacerdote fará expiação pelo pecado daquele que o cometeu, e será perdoado.

11 Mas se não tuviere o suficiente para dois tórtolas, ou dois filhotes de pomba, que pecou trará como oferenda a décima parte de um f de flor de farinha para expiação. Não porá sobre ela azeite, nem sobre ela porá incenso, porque é expiação.

12 A trará, pois, ao sacerdote, e o sacerdote tirará dela seu punho cheio, para memória dele, e a fará arder no altar sobre as oferendas acesas a Jehová; é expiação.

13 E fará o sacerdote expiação por ele quanto ao pecado que cometeu em alguma destas coisas, e será perdoado; e o restante será do sacerdote, como a oferenda de vianda.

14 Falou mais Jehová ao Moisés, dizendo:

15 Quando alguma pessoa cometer falta, e pecar por erro nas coisas santas do Jehová, trará por sua culpa ao Jehová um carneiro sem defeito dos rebanhos, conforme a sua estimativa em siclos de prata do siclo do santuário, em oferenda pelo pecado.

16 E pagará o que tiver defraudado das coisas santas, e acrescentará a isso a quinta parte, e o dará ao sacerdote; e o sacerdote fará expiação por ele com o carneiro do sacrifício pelo pecado, e será perdoado.

17 Finalmente, se uma pessoa pecar, ou hiciere alguma de todas aquelas coisas que por mandamento do Jehová não se têm que fazer, até sem fazê-lo sabendo, é culpado, e levará seu pecado.

18 Trará, pois, ao sacerdote para expiação, segundo você o estime, um carneiro sem defeito dos rebanhos; e o sacerdote lhe fará expiação pelo erro que cometeu por ignorância, e será perdoado.

19 É infração, e certamente delinqüiu contra Jehová.

1.

Se algum pecar.

Na Bíblia hebréia, os vers. 1-13 formam parte do cap. 4, pois tratam também de oferendas pelo pecado. Entretanto, as oferendas consideradas em estes versículos são algo diferentes das do cap. 4. São casos fronteiriços entre oferendas por transgressões e oferendas pelo pecado. Participam da natureza de ambas as oferendas e 747 usam os dois nomes em forma indistinta.

Por ter sido chamado a atestar.

refere-se aqui ao processo judicial, no qual se convocava às testemunhas para que dissessem o que tinham visto ou oido. Um deles se nega a atestar, e é declarado culpado. Algumas vezes temos que cumprir deveres desagradáveis, deveres que desejaríamos evitar.

Ao dizer a verdade devemos cuidar de não imputar motivos, e julgar dessa maneira a nosso irmão. deve-se tomar cuidado de que os fatos sejam reais e não meras conjeturas. As provas circunstanciais podem assinalar o caminho para a verdade, mas também podem conduzir a conclusões errôneas. nos cuidemos de não tirar conclusões indefensáveis.

Um caso tal é o de um diácono, visto por vários membros da igreja conduzindo lenha em sábado, enquanto passava frente à igreja, vestido em roupas de trabalho. Mais tarde chegou ao culto como se nada tivesse ocorrido. Foi

interrogado, posto que a transgressão tinha sido pública, mas não deu indícios de arrependimento. Não havia duvida quanto aos fatos, e o irmão não negou o que tinha feito. As testemunhas e o acusado concordavam em o que tinha ocorrido. Sua ação era uma clara violação do sábado. Logo ele explicou sua conduta:

Cedo essa manhã se havia sentido impressionado a visitar uma viúva com dois filhinhos, a quem queria levar a escola sabática. Ao chegar à casa, encontrou à mãe doente e a casa sem calefação. foi a sua casa e, logo depois de trocar-se de roupa, levou lenha até a casa da família necessitada. Isto era o que as testemunhas tinham visto, mas, sem conhecer as circunstâncias, tinham chegado à conclusão errônea de que o irmão estava fazendo o que não era correto em sábado.

Uma testemunha deve dizer a verdade, toda a verdade e somente a verdade. Não deve
acrescentar detalhes, nem tampouco tirá-los; não deve julgar os motivos que levaram a realizar a ação. evitaria-se muita injustiça e muito pesar se este princípio fosse seguido com maior restrição.

2.

Coisa imunda.

Os povos da antigüidade não tinham o conhecimento médico que hoje possuímos. Não tinham como saber que ao ficar em contato com certas enfermidades poderiam as transmitir. portanto, o único princípio seguro era evitar tudo o que tivesse aspecto suspeito. A transgressão podia levar a uma epidemia. Este princípio ainda tem validez como medida sanitária.

É obvio as leis levíticas tinham que ver em primeiro lugar com impurezas morais e cerimoniosos. Ao mesmo tempo, muitos destes regulamentos tinham significado tanto para o corpo como para a alma. Por quanto o povo não estava capacitado para entender nem valorar o aspecto físico, pelo menos em forma cabal, não se menciona freqüentemente este fator embora esteja implícito. No AT, a palavra tame, traduzida "imundo", só se usa para referir-se à "imundície" levítica. É óbvio que nos vers. 1 e 4 o tema é a responsabilidade moral. Por quanto a "imundície" dos vers. 2 e 3 aparece na mesma categoria da transgressão indicada nos vers. 1 e 4, deve ser, em essência, um assunto de responsabilidade moral. No código levítico a "imundície" é essencialmente culpabilidade moral ou cerimoniosa, podendo em

alguns casos implicar "imundície" física.

3.

Se depois chegar ou seja o.

Talvez um homem não se dava conta do que tinha feito e, portanto, poderia considerar-lhe disculpable. Entretanto, embora não se desse conta de isso, poderia constituir uma ameaça para outros por ser portador de infecção. Daí que em certos casos poderia não ser totalmente inocente e lhe devia ensinar uma lição que o impressionasse tanto a ele como a outros. Entretanto, não é do todo culpado aquele que é ignorante, a menos que o seja voluntariamente, tendo tido a oportunidade de informar-se.

Alguns de propósito fecham os olhos à luz, convencendo-se a si mesmos de que, ao não vê-la, não serão responsáveis por ela. Mas no julgamento todos teremos que dar conta, não só do que sabemos mas também também do que poderíamos haver sabido se tivéssemos feito o esforço de aprender.

4.

Se algum jurar.

Isto não se refíere à conversação a não ser a solene confirmação de uma promessa de fazer ou deixar de fazer certa coisa. Quando duas pessoas faziam um contrato ou um convênio, havia acordo mútuo, e esse acordo era confirmado com um juramento. Se uma das partes esquece sua promessa, confirmada por juramento, ou a repudia sabendo, "se depois o entender, será culpado".748

O faltar à palavra é um pecado notório de nossa época; e até parece ir em aumento. Os cristãos devem cuidar-se disto. É fácil acomodar-se às costumes de nossos tempos, descuidando as normas impostas Por Deus.

5.

Confessará.

É culpado, e sabe. Não basta uma confissão geral. Deve confessar "aquilo em que pecou". Nenhuma outra confissão servirá.

6.

Para sua expiação.

Sua oferenda devia ser uma cordera ou uma cabra, sempre fêmea. Estas eram oferecidas da maneira habitual, fazendo o sacerdote expiação pelo pecado cometido.

7.

Dois tórtolas.

Deus tinha piedade dos que eram muito pobres para trazer o sacrifício habitual. O transgressor apresentava duas aves ao sacerdote, quem oferecia uma como oferenda pelo pecado e logo a outra como holocausto.

11.

Flor de farinha.

O culpado poderia possivelmente ser muito pobre para apresentar as duas tórtolas ou os dois filhotes de pomba. Mas até o mais pobre poderia trazer uma pequena
porção de farinha. Não devia lhe pôr azeite nem incenso, porque então tivesse sido uma oblação. Sem estes acréscimos, era uma oferenda pelo pecado.

O sacerdote tomava um punhado da farinha e a queimava sobre o altar, seguindo o ritual das "oferendas acesas ao Jehová". A fim de que ninguém pensasse que se tratava de uma obrigação, Deus repete que era "expiação".

Aqui nos enfrentamos com uma situação inusitada: uma oferenda pelo pecado, sem sangue. Outro fator notável: as outras oferendas pelo pecado não eram postas sobre o altar. Mas neste caso, Deus repete, "é expiação". Como tem-se que explicar a diferença ritual permitida Por Deus neste caso?

Segundo Heb. 9: 22, "sem derramamento de sangue não se faz remissão" de pecado. Essa é a regra. No Lev. 5: 11-13 apresenta uma exceção à regra general. Não todas as coisas, a não ser "quase tudo é desencardido, segundo a lei, com
sangue" (Heb. 9: 22). O fato de que neste caso uma oferenda sem sangue

obtinha a expiação, provavelmente explica o "quase tudo".

Indubitavelmente nunca poderá haver verdadeira remissão de pecado sem o sangue de
Cristo. Se assim fora, a morte de Cristo tivesse sido em vão. Mas nos símbolos havia casos nos quais se efetuava a remissão e a purificação sem o derramamento imediato de sangue.

15.

Quando alguma pessoa cometer falta.

As "costure santas do Jehová" são as primicias, os dízimos, as oferendas e todo aquilo que pertence ao serviço de Deus. A "falta" aqui considerada implicava ter retido o que devia pagar-se ou havê-lo diminuído, A oferenda exigida por esta falta era um "carneiro sem defeito". Mas isto não bastava; o que tinha cometido a falta devia também fazer restituição, acrescentando "a quinta parte". Esta disposição tinha por objeto impedir uma retenção deliberada, embora fora transitiva, pelo que correspondia dar. Em caso de duvida quanto à quantidade implicada, o sacerdote era quem devia calculá-la. Logo depois de haver-se feito a restituição, o sacerdote fazia "expiação por ele com o carneiro do sacrifício pelo pecado" (vers. 16).

17.

Aquelas coisas que por mandamento do Jehová não se têm que fazer.

Esta segunda situação é similar à primeira (vers. 14-16), mas tem que ver com as "coisas que ... não se têm que fazer". Estas coisas são as que desagradam a Deus embora não são mencionadas especificamente.

Deus se ocupa de princípios mas bem que de detalhes. Os Dez Mandamentos têm que ver com os princípios fundamentais. O mandamento "Não furtará" não especifica que coisa não deve ser roubada. Abrange-o tudo, Não diz: "Não furtará as coisas grandes"; tampouco diz: "Não furtará as coisas pequenas". Simplesmente diz: "Não furtará". No caso que consideramos, Deus poderia ter dado mais detalhes. Se assim tivesse sido, alguns poderiam ter tido a tentação de pensar que as coisas mencionadas eram mais graves que as omitidas. Por isso Deus inclui todas as transgressões na frase "todas aquelas coisas que por mandamento do Jehová não se têm que fazer". Ninguém podia aduzir ignorância. Embora a sentença pode ter parecido dura, era justa.

18.

Por ignorância.

A ignorância é algo do qual devemos nos arrepender. Geralmente não se considera a ignorância como transgressão. Deus tem compaixão dos ignorantes, e nós também a temos que ter. Mas devemos fazer todo o que esteja a nosso alcance para reparar nossas faltas. 749

CAPÍTULO 6

1 Oferendas expiatórias pelos pecados cometidos sabendo. 8 A lei do holocausto, 14 e a lei da oferenda de farinha. 19 Oferenda para o unção de um sacerdote. 24 A lei do sacrifício expiatório pelo pecado.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Quando uma pessoa pecar e hiciere prevaricação contra Jehová, e negar a seu próximo o encomendado ou deixado em sua mão, ou roubar ou caluniasse a seu próximo,

3 ou tendo achado o perdido depois o negar, e jurar em falso; em alguma de todas aquelas coisas em que está acostumado a pecar o homem,

4 então, tendo pecado e ofendido, restituirá aquilo que roubou, ou o dano da calúnia, ou o depósito que lhe encomendou, ou o perdido que achou,

5 ou todo aquilo sobre que tiver jurado falsamente; restituirá-o por inteiro a aquele a quem pertence, e acrescentará a isso a quinta parte, no dia de seu expiação.

6 E para expiação de sua culpa trará para o Jehová um carneiro sem defeito dos rebanhos, conforme a sua estimativa, e o dará ao sacerdote para a expiação.

7 E o sacerdote fará expiação por ele diante do Jehová, e obterá perdão de qualquer de todas as coisas em que está acostumado a ofender.

8 Falou ainda Jehová ao Moisés, dizendo:

9 Manda ao Aarón e a seus filhos, e lhes diga: Esta é a lei do holocausto: o

holocausto estará sobre o fogo aceso sobre o altar toda a noite, até a manhã; o fogo do altar arderá nele.

10 E o sacerdote ficará sua vestimenta de linho, e vestirá cueca de linho sobre seu corpo; e quando o fogo tiver consumido o holocausto, apartará ele as cinzas de sobre o altar, e as porá junto ao altar.

11 Depois se tirará suas vestimentas e ficará outras roupas, e tirará as cinzas fora do acampamento a um lugar limpo.

12 E o fogo aceso sobre o altar não se apagará, mas sim o sacerdote porá nele lenha cada manhã, e acomodará o holocausto sobre ele, e queimará sobre ele as grosuras dos sacrifícios de paz.

13 O fogo arderá continuamente no altar; não se apagará.

14 Esta é a lei da oferenda: Oferecerão-a os filhos do Aarón diante de Jehová ante o altar.

15 E tirará dela um punhado da flor de farinha da oferenda, e de seu azeite, e todo o incenso que está sobre a oferenda, e o fará arder sobre o altar por memorial em aroma grato ao Jehová.

16 E o restante dela o comerão Aarón e seus filhos; sem levedura se comerá em lugar santo; no átrio do tabernáculo de reunião o comerão.

17 Não se cozerá com levedura; dei-a a eles por sua porção de minhas oferendas acesas; é coisa muito santo, como o sacrifício pelo pecado, e como o sacrifício pela culpa.

18 Todos os varões dos filhos do Aarón comerão dela. Estatuto perpétuo será para suas gerações referente às oferendas acesas para o Jehová; toda coisa que tocar nelas será santificada.

19 Falou também Jehová ao Moisés, dizendo:

20 Esta é a oferenda do Aarón e de seus filhos, que oferecerão ao Jehová o dia que forem ungidos: a décima parte de um f de flor de farinha, oferenda perpétua, a metade à manhã e a metade à tarde.

21 Em frigideira se preparará com azeite; frita a trará, e os pedaços cozidos

da oferenda oferecerá em aroma grato ao Jehová.

22 E o sacerdote que em lugar do Aarón for ungido de entre seus filhos, fará igual oferenda. É estatuto perpétuo do Jehová; toda ela será queimada.

23 Toda oferenda de sacerdote será inteiramente queimada; não se comerá

24 E falou Jehová ao Moisés, dizendo:

25 Fala ao Aarón e a seus filhos, e lhes diga: Esta é a lei do sacrifício expiatório: no lugar onde se degüella o holocausto, será degolada a oferenda pelo pecado diante do Jehová; é coisa muito santo.

26 O sacerdote que a oferecesse pelo pecado, comerá-a; em lugar santo será comida, no átrio do tabernáculo de reunião.

27 Tudo o que tocar sua carne, será santificado; 750 e se salpicar seu sangue sobre o vestido, lavará aquilo sobre que cair, em lugar santo.

28 E a vasilha de barro em que for cozida, será quebrada; e se fosse cozida em vasilha de bronze, será esfregada e lavada com água.

29 Todo varão de entre os sacerdotes a comerá; é coisa muito santo.

30 Mas não se comerá nenhuma oferenda de cujo sangue se meter no tabernáculo de reunião para fazer expiação no santuário; ao fogo será queimada.

2.

Hiciere prevaricação.

Do MA'ao, "atuar traiçoeiramente", "ser infiel".

Negar a seu próximo.

Melhor, "defrauda ao Yahvéh enganando a seu próximo a respeito do encomendado" (BJ). A mentira é considerada aqui, em primeiro lugar, como ofensa contra Deus e, logo, como pecado contra o próximo. É inconcebível que um homem engane a seu próximo quanto a algo que foi encomendado sem dar-se conta de que está mentindo. Certamente, pareceria que sabia que não estava dizendo a verdade ao afirmar não ter recebido o que lhe tinha crédulo. O fato de

que mentisse, além de reter o que pertencia ao próximo, era uma dobro transgressão: mentira e roubo, Essa pessoa era culpado de um pecado deliberado.

Ou roubar.

Seria impossível tirar algo do próximo em forma violenta sem dar-se conta. Algumas pessoas tentaram justificar este proceder dizendo que a pessoa pensava que a coisa era dela, e que tinha o direito de recuperá-la pela violência. Essa pessoa era culpado e devia apresentar sua oferenda expiatório.

3.

Perdido-o.

Este caso é mais sério que o anterior pois o homem não só minta mas também confirma sua mentira com um juramento. Pode tratar-se aqui de um juramento legal, embora não é provável. De todos os modos, a pessoa é culpado de confirmar sua mentira com um juramento.

4.

Restituirá.

Posto que todos estes casos requerem restituição, Deus prescreve para cada um uma sanção eqüitativa. Em primeiro lugar, deve haver confissão, logo restituição. Isto deve fazer-se "no dia de sua expiação" (vers. 5); é dizer, a restituição deve acompanhar à confissão. Não deve ser demorada.

A restituição é parte vital do programa que Deus assinala ao homem que deseja estar livre da culpa do pecado. Não basta a convicção do pecado; não basta o pesar pelo pecado; não basta a confissão. Estes são todos passos desejáveis para o reino, mas não são suficientes. Devem ir acompanhados de um arrependimento tão profundo e completo, que a alma não descanse até que se faça todo o possível por retificar os enganos cometidos. Em muitos casos, isto incluirá a restituição, o devolver com interesse o que foi roubado, e fazer todo esforço possível por corrigir todos os males. Os frutos dignos de arrependimento que Juan o Batista ensinava a seus auditores incluíam a restituição (Mat. 3: 8).

As "prevaricações" compreendem os transações comerciais duvidosos, a declaração fraudulenta de valores, o causar impressões falsas sem chegar a

uma falsificação completa, o engano intencional e qualquer aproveitamento a gastos dos pobres ou desafortunados. incluem-se em "prevaricações" os pagamentos exorbitantes de todo tipo, o interesse excessivo nos empréstimos, o trabalho falto de honradez realizado em troca de salários percebidos. O proceder de muitas pessoas que se gabam de seu viveza nos negócios, e que recebem a aprovação e até o louvor de outros por sua habilidade comercial, não é aprovado pelo céu (ver Hab. 2: 6).

Nestes casos, e em muitos outros, deve fazer-se restituição sempre que for possível. Quando isto não pudesse fazer-se, faria-se bem em seguir as instruções de antigamente: "Dará-se a indenização da ofensa ao Jehová entregando-a ao sacerdote" (Núm. 5: 8). A aplicação moderna desta instrução exigiria que o dinheiro em questão fosse dado para ser usado na obra do Senhor.

Há ocasiões quando pode ser aconselhável declarar-se em bancarrota. Desta maneira o devedor está legalmente livre de suas obrigações para poder assim começar de novo. Entretanto, o cristão tem a obrigação imposta por o céu de considerar cuidadosamente sua responsabilidade para com aqueles que, por esta causa, podem ter sido despojados do que lhes correspondia. Débito ter uma consciência delicada e deve atuar honestamente à vista de Deus e dos homens. 751

Em tais casos, alguns homens mundanos têm feito restituição, e os há gabado por havê-lo feito. dentro do possível, os cristãos devessem fazer o mesmo.

A mentira é um dos pecados populares de nossos dias; e gradualmente está chegando a ser considerada como digna de respeito. Em suas diversas formas, da mentira atrevida e evidente, até a suave mentira diplomática, se a pratica comum e universalmente. Em suas formas mais leves a considera como um meio necessário de suavizar as situações desagradáveis e a tolera como maneira aceitável de falar. A habilidade de mentir em forma elegante e convincente é toda uma façanha no mundo social e político e a considera como uma habilidade necessária para manter certos cargos.

A mentira é uma falsidade falada ou realizada com o intento de enganar. É a negação da verdade. O pai da mentira é seu criador; seus filhos são as reputações desfeitas e os caracteres arruinados. Faz que o branco pareça negro e o negro pareça branco (ISA. 5: 20). É motivo de separação entre maridos e algemas, pessoas que se amam e amigos; cria a guerra e arbusto a

milhões; cauteriza a consciência, destrói a confiança e a fé, acompanha a ladrões, jogadores profissionais e prostitutas, e é amiga íntima do álcool. Polui tudo o que touca, e é inimizade de todo o nobre, o verdadeiro e o puro. "Tudo aquele que ama e faz mentira" estará finalmente fora da cidade com os "cães", "os feiticeiros, os fornicarios, os homicidas, os idólatras" (Apoc. 22: 15).

A Bíblia é clara quanto ao tema da verdade; não se tolera outra coisa. Deus é o "Deus de verdade" (ISA. 65: 16; Sal. 31: 5; Deut. 32: 4). O Filho é verdade (Juan 14: 6). O Espírito é verdade (1 Juan 5: 6). A Palavra é verdade (Juan 17: 17). A lei é verdade (Sal. 119: 142). Todas as obras de Deus são verdade (Dão. 4: 37). Seus conselhos são verdade (ISA. 25: 1). Seus julgamentos são verdade (ROM. 2: 2). Jerusalém é a cidade de verdade (Zac. 8: 3). A igreja é coluna e baluarte da verdade (1 Tim. 3: 15). Os cristãos têm que chegar ao conhecimento da verdade (1 Tim. 2: 4). Os que não acreditam a verdade serão condenados (2 Lhes. 2: 12). Deus não só deseja uma conformidade exterior com a verdade; deseja que haja verdade "no íntimo", no coração (Sal. 51: 6; 15: 2).

O cristão deve ser motivado por uma paixão pela verdade. É um representante do Deus de verdade, e não deve dar falso testemunho em nenhum sentido. Em primeiro lugar, deve amar a verdade, porque é ela a que lhe dá liberdade (Juan 8: 32). Tendo chegado ao conhecimento da verdade (1 Tim. 2: 4), por meio da obediência à verdade (1 Ped. 1: 22), deve ser santificado pela verdade (Juan 17: 19). O Espírito o guiará a toda verdade (Juan 16: 13) e, como o fizesse Cristo, também ele dará testemunho à verdade (Juan 18:37). Seu testemunho pela verdade será apresentado em amor (F. 4: 15), e o amor será o amor da verdade (2 Lhes. 2: 10).

A pessoa que esteja cheia do amor à verdade será veraz em tudo que faça. Odiará e evitará toda classe de simulação e hipocrisia; seus motivos nunca serão duvidosos. Seu "sim" será "sim", e seu "não" será "não" (Sant. 5: 12). Não se orgulhará de sua franqueza, nem ferirá innecesariamente a outros, mas com toda humildade instruirá a "os que se opõem" (2 Tim. 2: 25). Terá a reputação de ser uma pessoa em cuja palavra se pode confiar.

6.

E para expiação.

Este é o terceiro passo. pecou contra o homem; isto exige restituição.

Mas também pecou contra Deus, e isso exige um sacrifício.

Sua estimativa.

Há coisas cujo valor pode depender de uma opinião pessoal, e portanto podem ser causa de disputa. Em tais casos o sacerdote devia fazer a estimativa. No Exo. 22: 1-9 se enumera uma série de transgressões nas quais a restituição é dupla, e em alguns casos até quatro e cinco vezes tanto. A diferença entre os castigos aplicados, nesse capítulo e em este, parece dever-se a que nesse caso o ofensor devia fazer restituição segundo as exigências dos "juizes" (Exo. 22: 9), enquanto que neste caso o reconhecimento da culpa parece ser voluntário.

7.

Obterá perdão.

O perdão é o quarto passo, e depende dos que o precedem. Algumas das coisas mencionadas nos vers. 2 e 3 são pecados graves; mas não importa quais tenham sido, a pessoa que os confessa e faz restituição, "obterá perdão".

9.

Holocausto.

No cap. 1 se tratou o tema dos holocaustos particulares, e no Exo. 29: 38-42 se considerou o holocausto contínuo em favor da nação. Aqui se dá informação adicional para o Aarón e seus filhos. Esta instrução 752 se aplica principalmente aos sacrifícios matutinos e vespertinos pela nação.

10.

Sua vestimenta de linho.

exigia-se que os sacerdotes levassem suas vestimentas de linho até para tirar as cinzas. Estas eram as mesmas vestimentas que levavam a oferecer os sacrifícios. Todo trabalho dentro do santuário era sagrado e exigia santidade de vida. Esta, a sua vez, era simbolizada pela pureza das vestimentas (Zac. 3: 4-7). Quando saíam do santuário para levar as cinzas a um lugar limpo, tiravam-se as vestimentas de linho.

13.

O fogo arderá continuamente.

Deus mesmo tinha aceso esse fogo (cap, 9:24). Os judeus afirmam que ardeu continuamente até o cativeiro babilônico. Alguns até pretendem que nunca se apagou até a destruição final do templo no ano 70 DC. Para manter este fogo se necessitava uma amplia provisão de lenha. Esta era juntada pelos sacerdotes que, uma vez ao ano, convidavam ao povo a lhes ajudar.

14.

Esta é a lei da oferenda.

"Da oblação" (BJ). Esta informação era para os filhos do Aarón. Quando alguém apresentava uma oferenda de cereal, ou seja uma oblação, a parte de Deus devia ser queimada sobre o altar (ver com. cap. 2: 1); o resto era dos sacerdotes. Não devia fazer-se com levedura, E qualquer outra costure com a qual a comesse tampouco devia ter levedura. Devia comer-se em "lugar santo", que aqui se define como "o átrio do tabernáculo de reunião". O pão era "coisa muito santo", como o eram a oferenda pelo pecado e as oferendas pela transgressão. Era tão sagrado que tudo o que o tocasse devia também ser santo.

20.

A oferenda do Aarón.

Aarón devia apresentar diariamente uma oblação de perto de dois litros de farinha, a metade à manhã e a metade à tarde. Devia fazer-se de flor de farinha com azeite, e devia cozer-se em pedaços. Não se menciona o incenso. Se devia-a oferecer sobre o altar e nenhuma parte dela devia comer-se.

25.

Oferenda pelo pecado.

As oferendas pelo pecado, tanto dos chefes como do povo, deviam ser comidas pelos sacerdotes em lugar santo, quer dizer no átrio. Eram coisa muito santo. Qualquer que as tocasse devia ser santo. Até a vasilha em que

estavam era Santa. Em alguns casos o sacerdote te oficiem deixava direito exclusivo à parte correspondente aos sacerdotes. Isto não ocorria no caso dos sacrifícios pelo pecado. "Todo varão de entre os sacerdotes a comerá" (vers. 29).

30.

Nenhuma oferenda.

Este versículo tráfico dos princípios que regiam o que se fazia com os corpos dos sacrifícios pelo pecado. Quando o sangue do sacrifício era levada dentro do santuário -como nos casos quando pecava o sacerdote ungido ou toda a congregação - o corpo era levado fora do acampamento e era queimado. Quando o sangue não era levado a santuário a não ser posta sobre os chifres do altar do holocausto -como quando pecava um chefe, ou uma pessoa do povo - a carne devia ser comida pelos sacerdotes. explica-se a razão

disto no cap. 10: 16-20.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

8-18 PP 365

CAPÍTULO 7

1 Lei do sacrifício pela culpa. 11 Lei do sacrifício de paz, 12 como ação de obrigado, 16 como voto ou oferenda voluntária. 22 Proibição de comer a grosura, 26 e o sangue. 28 A porção do sacerdote no sacrifício de paz.

1 ASSIM MESMO esta é a lei do sacrifício pela culpa; é coisa muito Santa.

2 No lugar onde degüellan o holocausto, degolarão a vítima pela culpa; e orvalhará seu sangue ao redor sobre o altar.

3 E dela oferecerá toda seu grosura, a cauda, e a grosura que cobre os intestinos,

4 os dois rins, a grosura que está sobre eles, e a que está sobre os flancos; e com os rins tirará a grosura de sobre o fígado.

5 E o sacerdote o fará arder sobre o 753 altar, oferenda acesa ao Jehová;

é expiação da culpa.

6 Todo varão de entre os sacerdotes a comerá; será comida em lugar santo; é coisa muito Santa.

7 Como o sacrifício pelo pecado, assim é o sacrifício pela culpa; uma mesma lei terão; será do sacerdote que hiciere a expiação com ela.

8 E o sacerdote que oferecesse holocausto de algum, a pele do holocausto que oferecer será para ele.

9 Deste modo toda oferenda que se cozer em forno, e tudo o que for preparado em frigideira ou em panela, será do sacerdote que o oferecesse.

10 E toda oferenda amassada com azeite, ou seca, será de todos os filhos do Aarón, tanto de um como de outro.

11 E esta é a lei do sacrifício de paz que se oferecerá ao Jehová:

12 Se se oferecesse em ação de obrigado, oferecerá por sacrifício de ação de obrigado tortas sem levedura amassadas com azeite, e folhados sem levedura lubrificadas com azeite, e flor de farinha frita em tortas amassadas com azeite.

13 Com tortas de pão levedo apresentará sua oferenda no sacrifício de ações de obrigado de paz.

14 E de toda a oferenda apresentará uma parte por oferenda elevada ao Jehová, e será do sacerdote que orvalhar o sangue dos sacrifícios de paz.

15 E a carne do sacrifício de paz em ação de obrigado se comerá no dia que for oferecida; não deixarão dela nada para outro dia.

16 Mas se o sacrifício de sua oferenda for voto, ou voluntário, será comido em o dia que oferecesse seu sacrifício, e o que dele ficar, comerão-o ao dia seguinte;

17 e o que ficar da carne do sacrifício até o terceiro dia, será queimado no fogo.

18 Se se comer da carne do sacrifício de paz ao terceiro dia, que o oferecesse não será aceito, nem lhe será contado; abominação será, e a pessoa

que dele comer levará seu pecado.

19 E a carne que tocar alguma coisa imunda, não se comerá; ao fogo será queimada. Toda pessoa limpa poderá comer a carne;

20 mas a pessoa que comer a carne do sacrifício de paz, o qual é de Jehová, estando imunda, aquela pessoa será atalho de entre seu povo.

21 Além disso, a pessoa que tocar alguma coisa imunda, imundície de homem, ou animal imundo, ou qualquer abominação imunda, e comer a carne do sacrifício de paz, o qual é do Jehová, aquela pessoa será atalho de entre seu povo.

22 Falou mais Jehová ao Moisés, dizendo: 23 Fala aos filhos do Israel, dizendo: Nenhuma grosura de boi nem de cordeiro nem de cabra comerão.

24 A grosura de animal morto, e a grosura de que foi despedaçado por feras, disporá-se para qualquer outro uso, mas não a comerão.

25 Porque qualquer que comer grosura de animal, do qual se oferece ao Jehová oferenda acesa, a pessoa que o comer será atalho de entre seu povo.

26 Além disso, nenhum sangue comerão em nenhum lugar aonde habitem, nem de aves nem de bestas.

27 Qualquer pessoa que comer de alguma sangue, a tal pessoa será atalho de entre seu povo.

28 Falou mais Jehová ao Moisés, dizendo:

29 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: que oferecesse sacrifício de paz a Jehová, trará sua oferenda do sacrifício de paz ante o Jehová.

30 Suas mãos trarão as oferendas que se têm que queimar ante o Jehová; trará a grosura com o peito; o peito para que seja balançado como sacrifício balançado diante do Jehová.

31 E a grosura a fará arder o sacerdote no altar, mas o peito será de Aarón e de seus filhos.

32 E darão ao sacerdote para ser elevada em oferenda, a espaldilla direita de

seus sacrifícios de paz.

33 O que dos filhos do Aarón oferecesse o sangue dos sacrifícios de paz, e a grosura, receberá a espaldilla direita como porção dela.

34 Porque tirei que os sacrifícios de paz dos filhos do Israel o peito que se balança e a espaldilla elevada em oferenda, e o dei ao Aarón o sacerdote e a seus filhos, como estatuto perpétuo para os filhos do Israel.

35 Esta é a porção do Aarón e a porção 754 de seus filhos, das oferendas acesas ao Jehová, desde dia que ele os consagrou para ser sacerdotes de Jehová,

36 a qual mandou Jehová que lhes dessem, desde dia que ele os ungiu de entre os filhos do Israel, como estatuto perpétuo em suas gerações.

37 Esta é a lei do holocausto, da oferenda, do sacrifício pelo pecado, do sacrifício pela culpa, das consagrações e do sacrifício de paz,

38 a qual mandou Jehová ao Moisés no monte do Sinaí, o dia que mandou aos filhos do Israel que oferecessem suas oferendas ao Jehová, no deserto do Sinaí.

1.

Sacrifício pela culpa.

Ou, "sacrifício de reparação" (BJ). Em geral todas as oferendas eram santas, mas a parte do sacrifício dedicada ao altar ou ao uso dos sacerdotes era coisa muito santo (caps. 2: 10; 10: 12). O pão da proposição (cap. 24: 9), o incenso (Exo. 30: 36), a carne das oferendas pelo pecado e os sacrifícios pela culpa eram coisa muito santo (Lev. 6: 17, 18; 7: 1, 6; 14: 13; Núm. 18: 9, 10; ver com. Lev. 10: 13-20).

3.

Oferecerá.

O ritual seguido no caso da oferenda pela transgressão era o mesmo que o da oferenda pelo pecado, mas havia alguma diferença na ministración do sangue. O sangue da oferenda pelo pecado era posta sobre os chifres do altar dos holocaustos; o sangue da oferenda pela

transgressão era orvalhada ao redor e sobre o altar. Em ambos os casos a grosura era queimada sobre o altar, "oferenda acesa ao Jehová" (vers. 5).

6.

Lugar santo.

Quer dizer, no átrio do tabernáculo de reunião. Ali se guardavam utensílios para cozinhar e ali os sacerdotes se reuniam para comer juntos. Tudo sacerdote, embora tivesse algum defeito físico que lhe impedisse de realizar seus deveres sacerdotais, podia comer "do pão de seu Deus, do muito santo e das coisas santificadas" (cap. 21: 22, 23).

8.

A pele.

Não se diz nada quanto ao que tinha que fazer-se com a pele das oferendas pela transgressão ou das oferendas pelo pecado, exceto o que aparece em o cap. 4: 11, 12, 21. diz-se especificamente que a pele do holocausto era para o sacerdote que tinha devotado o sacrifício.

14.

De toda a oferenda apresentará uma parte.

Quer dizer, uma parte do total que trouxesse, que geralmente era dez, O sacerdote recebia a torta e a elevava ante o Senhor. Esta oferenda era elevada ou balançada junto ao altar do holocausto. Deste modo a apresentava primeiro ao Senhor e logo a dava ao sacerdote.

15.

No dia que for oferecida.

Esta ordem tinha boa razão de ser. Promovia a higiene, as relações sociais e a liberalidade para com os pobres. Destas três razões, a primeira era a mais importante. Em um clima quente se fazia difícil manter por muito tempo em bom estado de conservação um alimento de fácil decomposição. Isto ocorria com mais facilidade ainda se a pessoa estava de viagem, como o estavam muitos quando foram ao templo. Se o oferente tentava

guardá-la por mais de dois dias, sem dúvida começava a putrefação.

Posto que lhe resultava impossível ao oferente comer toda a carne de um animal em um ou dois dias, naturalmente convidava a outros a compartilhá-la com ele. Isto era o que Deus se propunha (Deut. 12: 11, 12, 17, 18; 16: 11). Deste modo a ocasião se transformava em uma reunião familiar solene mas feliz (Sal. 42: 4; ISA. 30: 29). A presença do levita convidado lhe dava à festa certa dignidade e proporcionava uma oportunidade para que este instruíra à família.

As riquezas do mundo não estão repartidas em forma casal. Alguns têm menos do que necessitam; outros têm muito mais. Deus manda aos que têm que compartilhem com os que não têm (Deut. 15: 7-11). Entre os que eram pobres em bens terrestres estavam os levita; por isso os devia recordar (Deut. 12: 19, 12). A instrução de Cristo de chamar a "os pobres, os manetas, os coxos e os cegos" quando se fizesse uma festa (Luc. 14: 12, 13) é uma reiteração das ordens do Moisés, e reforça as palavras do Isaías (ISA. 58: 6, 7).

20.

Será atalho.

Ver com. Exo. 12: 15.

23.

Nenhuma grosura.

Esta ordem repetida com freqüência, apóia-se na explicação de que "toda a grosura é do Jehová" (cap. 3: 16). A graxa de quão animais morriam naturalmente ou que eram despedaçados pelas 755 feras podia usar-se para outros propósitos, mas não devia comer-se (cap. 7: 24).

29.

Sacrifício de paz.

Estas oferendas foram ampliamente estudadas no cap. 3. Aqui se dão alguns detalhes adicionais.

32.

A espaldilla direita.

Quer dizer, a coxa (ver com. Exo. 29: 27; Lev. 7: 14).

35.

Esta é a porção.

No cap. 7 se tem feito ressaltar a parte que corresponde aos sacerdotes. Deus ordenou que houvesse generosidade para sustentá-los em seu ministério. Cada israelita devia entender sua própria responsabilidade no sustento do sacerdócio. Assim os sacerdotes eram tidos em alta estima pelo povo. Boa parte do que davam era para os sacerdotes.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

11-34 PP 622

26,27 2T 61

CAPÍTULO 8

1 Moisés consagra ao Aarón e a seus filhos. 14 Sua oferenda pelo pecado. 18 Seu holocausto. 22 O carneiro das consagrações. 31 Lugar e tempo de seu consagração.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Toma ao Aarón e a seus filhos com ele, e as vestimentas, o azeite da unção, o bezerro da expiação, os dois carneiros, e o canastillo dos pães sem levedura;

3 e reúne toda a congregação à porta do tabernáculo de reunião.

4 Fez, pois, Moisés como Jehová lhe mandou, e se reuniu a congregação à porta do tabernáculo de reunião.

5 E disse Moisés à congregação: Isto é o que Jehová mandou fazer.

6 Então Moisés fez aproximar-se do Aarón e a seus filhos, e os lavou com água.

7 E pôs sobre ele a túnica, e lhe rodeou com o cinto; vestiu-lhe depois o manto, e pôs sobre ele o efod, e o rodeou com o cinto do efod, e o ajustou com ele.

8 Logo lhe pôs em cima o peitoral, e pôs dentro do mesmo os Urim e Tumim.

9 Depois pôs a mitra sobre sua cabeça, e sobre a mitra, em frente, pôs a lâmina de ouro, a diadema Santa, como Jehová tinha mandado ao Moisés.

10 E tomou Moisés o azeite da unção e ungiu o tabernáculo e todas as coisas que estavam nele, e as santificou.

11 E orvalhou dele sobre o altar sete vezes, e ungiu o altar e todos seus utensílios, e a fonte e sua base, para santificá-los.

12 E derramou do azeite da unção sobre a cabeça do Aarón, e o ungiu para santificá-lo.

13 Depois Moisés fez aproximá-los filhos do Aarón, e lhes vestiu as túnicas, rodeou-lhes com cintos, e lhes ajustou as tiaras, como Jehová o tinha mandado a Moisés.

14 Logo fez trazer o bezerro da expiação, e Aarón e seus filhos puseram suas mãos sobre a cabeça do bezerro da expiação,

15 e o degolou; e Moisés tomou o sangue, e pôs com seu dedo sobre os chifres do altar ao redor, e desencardiu o altar; e jogou a demais sangre ao pé do altar, e o santificou para reconciliar sobre ele.

16 Depois tomou toda a grosura que estava sobre os intestinos, e a grosura do fígado, e os dois rins, e a grosura deles, e o fez arder Moisés sobre o altar.

17 Mas o bezerro, sua pele, sua carne e seu esterco, queimou-o ao fogo fora do acampamento, como Jehová o tinha mandado ao Moisés.

18 Depois fez que trouxessem o carneiro do holocausto, e Aarón e seus filhos puseram suas mãos sobre a cabeça do carneiro;

19 e o degolou; e orvalhou Moisés o sangue sobre o altar ao redor,

20 e cortou o carneiro em partes; e Moisés fez arder a cabeça, e as partes, e a gro sul. 756

21 Lavou logo com água os intestinos e as pernas, e queimou Moisés todo o carneiro sobre o altar; holocausto de aroma grato, oferenda acesa para Jehová, como Jehová o tinha mandado ao Moisés.

22 Depois fez que trouxessem o outro carneiro, o carneiro das consagrações, e Aarón e seus filhos puseram suas mãos sobre a cabeça do carneiro.

23 E o degolou; e tomou Moisés do sangue, e a pôs sobre o lóbulo da brinca direita do Aarón, sobre o dedo polegar de sua mão direita, e sobre o dedo polegar de seu pé direito.

24 Fez aproximar-se logo os filhos do Aarón, e pôs Moisés do sangue sobre o lóbulo de suas orelhas direitas, sobre os polegares de suas mãos direitas, e sobre os polegares de seus pés direitos; e orvalhou Moisés o sangue sobre o altar ao redor.

25 Depois tomou a grosura, a cauda, toda a grosura que estava sobre os intestinos, a grosura do fígado, os dois rins e a grosura deles, e a espaldilla direita.

26 E do canastillo dos pães sem levedura, que estava diante do Jehová, tomou uma torta sem levedura, e uma torta de pão de azeite, e uma folhado, e o pôs com a grosura e com a espaldilla direita.

27 E o pôs tudo nas mãos do Aarón, e nas mãos de seus filhos, e fez balançá-lo como oferenda balançada diante do Jehová.

28 Depois tomou aquelas coisas Moisés das mãos deles, e as fez arder no altar sobre o holocausto; eram as consagrações em aroma grato, oferenda acesa ao Jehová.

29 E tomou Moisés o peito, e o balançou, oferenda balançada diante do Jehová; do carneiro daquela consagrações foi a parte do Moisés, como Jehová o tinha mandado ao Moisés.

30 Logo tomou Moisés do azeite da unção, e do sangue que estava sobre o altar, e orvalhou sobre o Aarón, e sobre suas vestimentas, sobre seus filhos, e sobre

as vestimentas de seus filhos com ele; e santificou ao Aarón e suas vestimentas, e a seus filhos e as vestimentas de seus filhos com ele.

31 E disse Moisés ao Aarón e a seus filhos: Fervam a carne à porta do tabernáculo de reunião; e comam ali com o pão que está no canastillo de as consagrações, segundo eu mandei, dizendo: Aarón e seus filhos a comerão.

32 E o que sobre da carne e do pão, queimarão-o ao fogo.

33 Da porta do tabernáculo de reunião não sairão em sete dias, até o dia que se cumpram os dias de suas consagrações; porque por sete dias serão consagrados.

34 Da maneira que hoje se feito, mandou fazer Jehová para lhes expiar.

35 À porta, pois, do tabernáculo de reunião estarão dia e noite por sete dias, e guardarão o regulamento diante do Jehová, para que não morram; porque assim me foi mandado.

36 E Aarón e seus filhos fizeram todas as coisas que mandou Jehová por meio de Moisés.

2.

Toma ao Aarón e a seus filhos.

Cronologicamente, este capítulo segue ao último capítulo do Exodo, no qual relata-se a ereção do tabernáculo. Os sete capítulos intermédios contêm instruções que Aarón e seus filhos deviam receber antes de começar seu ministério no santuário.

O primeiro requisito para o sacerdócio era o ser descendente do Aarón. Se conservavam com grande cuidado os registros genealógicos (2 Crón. 31: 16-19). Quem não pudesse apresentar provas legais de sua ascendência aarónica, não podia ministrar no cargo sacerdotal (Esd. 2: 62; Neh. 7: 64).

O segundo requisito era não ter nenhuma deformidade física. Qualquer defeito ou lesão bastava para impedir que um filho do Aarón se aproximasse do altar, ou até para que entrasse no santuário. Por ser descendente do Aarón tinha direito de receber seu sustento; podia comer da porção sacerdotal dos sacrifícios

e receber parte do dízimo (Lev. 21: 17-23). Além disso o sacerdote devia estar livre de toda contaminação cerimoniosa e devia abster-se de tomar vinho e bebidas fortes (cap. 10: 8-10).

A função especial dos sacerdotes era a de aproximar-se de Deus em representação do povo (Lev. 10: 3; 21: 17; Núm. 16: 5). Deviam mediar entre um Deus santo e um povo pecador. portanto, eles mesmos deviam ser Santos. O assunto da santidade ressalta repetidas vezes na descrição de a obra dos 757 sacerdotes. O supremo sacerdote, em quem o sacerdócio se centrava, é chamado "o santo do Jehová" (Sal. 106: 16). Sobre a prancha de ouro que levava na mitra estavam inscritas as palavras "Santidade ao Jehová" (Exo. 28: 36), e se diz expressamente que ele devia levar "as faltas cometidas em todas as coisas santas, que os filhos do Israel tiverem consagrado em todas suas santas oferendas" (Exo. 28: 38).

Mas antes de que o supremo sacerdote e seus filhos pudessem começar a ministrar no tabernáculo, deviam ser solenemente apartados para esta tarefa. Aarón devia ser ungido com o azeite santo, e seus filhos deviam ser orvalhados com ele em a porta do tabernáculo de reunião, onde devia realizá-la investidura.

6.

Lavou-os.

Isto era um símbolo de regeneração (Tito 3: 5). Não deviam lavar-se a si mesmos, porque a pureza que Deus exigia deles não era algo que eles mesmos pudessem proporcionar. Outra pessoa devia lavá-los.

Enquanto os dois irmãos se aproximavam da fonte, seus pensamentos devem ter estado ocupados com o significado e a importância do que estavam fazendo. Isto era mais que um banho comum; era uma limpeza espiritual. Aarón não podia limpar-se a si mesmo do pecado. Alguém devia fazê-lo por ele.

7.

Pôs sobre ele a túnica.

Logo do lavamiento se investiu ao Aarón com as vestimentas sagradas, insígnia de seu ofício. Este também era um ato simbólico; não lhe permitiu pois vestir-se a si mesmo.

A esta altura da cerimônia, Aarón deve haver-se sentido completamente necessitado. Não haveria algo que pudesse fazer por si mesmo? Seria que outros deviam fazê-lo tudo por ele? Não poderia acaso ficá-la mitra? Isso o poderia fazer melhor que Moisés. Mas não; Aarón devia submeter-se às ordens de Deus. Devia chegar a sentir sua própria insuficiência. Devia aprender que nada do que ele pudesse fazer seria aceitável ante Deus. Devia aprender a lição de uma completa dependência. Era Deus quem o estava adequando e preparando para o serviço. Era Deus quem o estava vestindo com a justiça divina (Sal. 132: 9).

Agora Aarón estava totalmente vestido. Levava o comprido manto azul, com as campainhas e as amadurecidas, o efod com os nomes inscritos das doze tribos do Israel em duas formosas pedras de ônix, o peitoral com as doze pedras e o Urim e o Tumim e, na cabeça, a mitra com sua coroa áurea e a inscrição: "Santidade ao Jehová".

10.

Ungiu o tabernáculo.

antes de ungir ao Aarón, Moisés ungiu o tabernáculo e seus móveis, incluindo o arca, segundo Deus o tinha ordenado (Exo. 30: 22-29).

12.

E derramou.

Logo depois de ter ungido o tabernáculo e seu equipamento, Moisés ungiu ao Aarón. Essa
foi sua coroação como supremo sacerdote (Lev. 21: 12; cf. Zac. 6: 11-13). A unção era tão copiosa que o azeite correu pela barba do Aarón e sobre seus vestimentas (Sal. 133: 2).

14.

O bezerro da expiação.

Esta oferenda pelo pecado não era somente pelo Aarón e seus filhos mas também pelo altar. O altar tinha uma função muito importante no ministério da reconciliação, e portanto devia ser ungido e desencardido em forma especial.

Durante todo o ritual da consagração, Moisés atuou como sacerdote. Tomou o sangue e a colocou sobre os chifres do altar; derramou ao pé do altar o resto do sangue; queimou a grosura sobre o altar; queimou o corpo do bezerro fora do acampamento. Aarón não tinha começado ainda seu trabalho; pelo tanto Moisés atuou não só como sacerdote, mas também como supremo sacerdote. Entrou no lugar muito santo para ungir o arca do testemunho (Exo. 30: 26; Lev. 8: 10).

22.

O carneiro das consagrações.

A cerimônia do carneiro das consagrações era o último ato da consagração do Aarón e de seus filhos. Com ela terminava a dedicação, e os sacerdotes ficavam em condições de desempenhar-se nos diferentes serviços sacerdotais de mediação.

23.

O lóbulo da orelha direita do Aarón.

A aplicação do sangue à orelha implicava sua consagração ao serviço de Deus. Desde esse momento em adiante, Aarón devia atender diligentemente as ordens de Deus e devia fechar os ouvidos ao mal. Esta lição é proveitosa tanto para os ministros como para os laicos. Faríamos bem em lhe emprestar atenção, porque "o obedecer é melhor que os sacrifícios e o emprestar atenção que a grosura dos carneiros" (1 Sam. 15: 22).

O dedo polegar de sua mão direita.

A colocação do sangue sobre o polegar direito do Aarón significava que em adiante 758 todos seus atos deviam ser justos. A mão representa a obra de a vida, os diversos atos visíveis, o obrar justiça. De Cristo se escreveu: "Hei aqui que venho, OH Deus, para fazer sua vontade" (Heb. 10: 7). "Minha comida -disse Jesus - é que faça a vontade do que me enviou" (Juan 4: 34).

O dedo polegar de seu pé direito.

A colocação do sangue sobre o polegar do pé tem um significado similar. Implica caminhar na luz, fazer os mandados de Deus, ficar de

parte da verdade e da justiça. Todas as faculdades do ser devem estar dedicadas a Deus.

24.

Sobre o altar ao redor.

O altar já tinha sido ungido com azeite. Já lhe tinha aplicado o sangue de a oferenda pelo pecado e o sangue do holocausto (cap. 8: 10, 15, 19, 24). Agora era orvalhado com o sangue do carneiro das consagrações. O altar recebia

mais atenção que qualquer outra parte do santuário. Sem dúvida isto se devia a sua importância dentro do esquema da expiação. Em quase todos os sacrifícios desempenhava um papel importante.

31.

Comam.

Esta comida cerimoniosa dava fim à cerimônia da consagração. O comer de a carne do carneiro das consagrações era o oposto de comer a carne de a oferenda pelo pecado. Ao comer da carne do carneiro, os sacerdotes eram consagrados para que pudessem comer da carne da oferenda pelo pecado e levar assim o pecado do povo (cap. 10: 17).

35.

Sete dias.

Com isto terminou a cerimônia do dia, mas ao Aarón e a seus filhos não se os permitiu deixar o tabernáculo até depois de sete dias. Este tempo era para estudo, para oração, para meditação, para repetir vez detrás vez o ritual, para que não se equivocassem quando lhes chegasse o momento de oficiar.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-3 PP 373

CAPÍTULO 9

1 Os primeiros sacrifícios do Aarón, oferecidos por si mesmo e por seu povo. 8 O sacrifício de expiação. 12 O holocausto devotado por si mesmo. 15 As oferenda pelo povo. 23 Moisés e Aarón benzem ao povo. 24 O fogo de Jehová consome o holocausto.

1 EM NOS oitavo dia, Moisés chamou o Aarón e a seus filhos, e aos anciões de Israel;

2 e disse ao Aarón: Tira da vacaria um bezerro para expiação, e um carneiro para holocausto, sem defeito, e oferece-os diante do Jehová.

3 E aos filhos do Israel falará dizendo: Tomem um macho caibro para expiação, e um bezerro e um cordeiro de um ano, sem defeito, para holocausto.

4 Deste modo um boi e um carneiro para sacrifício de paz, que imolem diante de Jehová, e uma oferenda amassada com azeite; porque Jehová se aparecerá hoje a vós.

5 E levaram o que mandou Moisés diante do tabernáculo de reunião, e veio toda a congregação e ficou diante do Jehová.

6 Então Moisés disse: Isto é o que mandou Jehová; façam, e a glória de Jehová lhes aparecerá.

7 E disse Moisés ao Aarón: te aproxime do altar, e faz sua expiação e seu holocausto, e faz a reconciliação por ti e pelo povo; faz também a oferenda do povo, e faz a reconciliação por eles, como mandou Jehová.

8 Então se aproximou Aarón ao altar e degolou o bezerro da expiação que era por ele.

9 E os filhos do Aarón lhe trouxeram o sangue; e ele molhou seu dedo no sangue, e pôs dela sobre os chifres do altar, e derramou o resto do sangue ao pé do altar.

10 E fez arder sobre o altar a grosura com os rins e a grosura do fígado da expiação, como Jehová o tinha mandado ao Moisés. 759

11 Mas a carne e a pele as queimou ao fogo fora do acampamento.

12 Degolou deste modo o holocausto, e os filhos do Aarón lhe apresentaram a

sangue, a qual orvalhou ele ao redor sobre o altar.

13 Depois apresentaram o holocausto peça por peça, e a cabeça; e o fez queimar sobre o altar.

14 Logo lavou os intestinos e as pernas, e os queimou sobre o holocausto em o altar.

15 Ofereceu também a oferenda do povo, e tomou o macho caibro que era para a expiação do povo, e o degolou, e o ofereceu pelo pecado como o primeiro.

16 E ofereceu o holocausto, e fez segundo o rito.

17 Ofereceu deste modo a oferenda, e encheu dela sua mão, e a fez queimar sobre o altar, além disso do holocausto da manhã.

18 Degolou também o boi e o carneiro em sacrifício de paz, que era do povo; e os filhos do Aarón lhe apresentaram o sangue, a qual orvalhou ele sobre o altar ao redor;

19 e as grosuras do boi e do carneiro, a cauda, a grosura que cobre os intestinos, os rins, e a grosura do fígado;

20 e puseram as grosuras sobre os peitos, e ele as queimou sobre o altar.

21 Mas os peitos, com a espaldillla direita, balançou-os Aarón como oferenda balançada diante do Jehová, como Jehová o tinha mandado ao Moisés.

22 Depois elevou Aarón suas mãos para o povo e o benzeu; e depois de fazer a expiação, o holocausto e o sacrifício de paz, descendeu.

23 E entraram Moisés e Aarón no tabernáculo de reunião, e saíram e benzeram ao povo; e a glória do Jehová se apareceu a todo o povo.

24 E saiu fogo de diante do Jehová, e consumiu o holocausto com as grosuras sobre o altar; e vendo-o todo o povo, elogiaram, e se prostraram sobre seus rostos.

1.

Em nos oitavo dia.

Já tinham transcorrido os sete dias da consagração, e tinha chegado o momento quando Aarón devia oferecer seu primeiro sacrifício. antes deste momento ele não tinha realizado nenhum serviço estritamente sacerdotal em favor do povo.

Sua instrução tinha sido completa, mas deve haver sentido certa ansiedade ao enfrentar-se com este dia de prova.

Moisés chamou o Aarón, a seus filhos e a todos os anciões do povo para que se apresentassem com os sacrifícios requeridos e começassem sua obra. Enquanto tanto, todo o povo se aproximou e ficou diante do Jehová.

8.

aproximou-se Aarón.

Sem mais demora Aarón ofereceu o bezerro para sua expiação, enquanto seus filhos ajudavam no ritual do sangue. Fez tudo "segundo o rito", sem equivocar-se.

10.

Como Jehová o tinha mandado.

Tudo isto foi observado com interesse pelo Moisés. Era ele quem tinha recebido as comunicações do Senhor e quem tinha instruído ao Aarón e a seus filhos em o que deviam fazer. Agora observava para ver que todo se fizesse segundo as instruções de Deus. Aarón tivesse cometido um grave engano se houvesse orvalhado o sangue da oferenda pelo pecado sobre o altar e ao redor dele. Isso não devia fazer-se nunca. O sangue da oferenda pelo pecado devia ser posta sobre os chifres do altar. Por outra parte, tivesse sido uma equívoco grave pôr o sangue do holocausto sobre os chifres do altar. Nunca devia fazer-se assim. O sangue do holocausto sempre era orvalhada sobre o altar e ao redor dele. O simbolismo exigia que tudo devia fazer-se exatamente como Deus o tinha prescrito. Aarón pois não se equivocou.

15.

A oferenda do povo.

Logo depois de ter concluído os sacrifícios feitos em benefício próprio, Aarón prosseguiu com o ritual das oferendas do povo. O procedimento era algo diferente do que se tinha que seguir posteriormente, pois esta era a primeira vez em que Aarón oficiava em favor do povo. Regularmente, a oferenda pelo pecado do povo consistia em um bezerro (cap. 4: 14), e seu sangue devia ser levada a primeiro compartimento do santuário (cap. 4: 17, 18); mas neste caso a oferenda pelo pecado foi um macho caibro. Salvo no dia da expiação, o sangue de um macho caibro não era levada a santuário. Aarón tinha recebido instruções definidas quanto à oferenda do dia, e seguiu essas instruções. Tudo se fez como Moisés o tinha mandado, sem engano.

22.

Elevou Aarón suas mãos.

Os israelitas tinham observado com interesse. Tinham visto o Aarón oferecer os sacrifícios por si mesmo; o 760 tinham visto oferecer os sacrifícios por eles. E agora Aarón levantou suas mãos para o povo e o benzeu. Foi um momento solene e feliz, porque Deus tinha aceito suas oferendas.

23.

A glória do Jehová.

Moisés e Aarón entraram juntos no santuário. Não nos diz o que ocorreu, mas devem ter experiente uma profunda reverência os dois irmãos quando olharam o véu que separava o lugar santo do muito santo. Podemos pensar que

Moisés deu ao Aarón as instruções quanto aos abajures, ao pão da proposição, ao castiçal, ao oferecimento do incenso, ao rociamiento da sangue diante do véu, e ao ato de pôr o sangue nos chifres do altar do incenso. Não nos diz se o véu interior estava aberto ou não, nem se Aarón recebeu instruções quanto ao que devia fazer no dia da expiação. O rociamiento do sangue sobre o propiciatorio era o ato mais sagrado que teria que realizar.

Repentinamente "a glória do Jehová se apareceu a todo o povo". Não se nos diz de que maneira precisa ocorreu esta demonstração, mas deve ter sido um testemunho notável da aprovação de Deus pelo edifício que o povo havia levantado para ele, e de que aceitava ao Moisés e ao Aarón como seus servos.

Aarón tinha sido consagrado ao sacerdócio; com esta demonstração, Deus colocava seu selo sobre ele.

24.

Fogo.

Este fogo poderia ter consumido ao Moisés, ao Aarón e a todo o povo (cap. 10: 1, 2); em troca consumiu as oferendas sobre o altar. Deus tinha completo sua promessa (vers. 4, 6). Segundo a tradição judia, o fogo sagrado que nessa ocasião descendeu do céu foi conservado ao menos até a destruição do templo do Salomón, e possivelmente durante mais tempo ainda.

Deus tinha aceito a obra do homem. O santuário tinha sido dedicado e consagrado. Também os sacerdotes. Todos os preparativos estavam completos para esse serviço que teria que continuar durante mais de 1.400 anos, para ser então transferido ao santuário celestial.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-91 22-24 PP 373

CAPÍTULO 10

1 Nadab e Abiú consumidos pelo fogo por ter devotado fogo estranho. 6 Se proíbe ao Aarón e seus filhos que façam duelo por eles. 8 Se Proíbe o vinho a os sacerdotes antes de entrar no tabernáculo. 12 Disposições sobre o consumo das oferendas sagradas. 16 A desculpa do Aarón.

1 NADAB e Abiú, filhos do Aarón, tomaram cada um seu incensario, e puseram em eles fogo, sobre o qual puseram incenso, e ofereceram diante do Jehová fogo estranho, que ele nunca lhes mandou.

2 E saiu fogo de diante do Jehová e os queimou, e morreram diante do Jehová.

3 Então disse Moisés ao Aarón: Isto é o que falou Jehová, dizendo; Nos que se aproximam me santificarei, e em presença de todo o povo serei glorificado. E Aarón calou.

4 E chamou Moisés ao Misael e ao Elzafán, filhos do Uziel tio do Aarón, e lhes disse: lhes aproxime e tirem seus irmãos de diante do santuário, fora do

acampamento.

5 E eles se aproximaram e os tiraram com suas túnicas fora do acampamento, como disse Moisés.

6 Então Moisés disse ao Aarón, e ao Eleazar e Itamar seus filhos: Não descubram suas cabeças, nem rasguem seus vestidos em sinal de duelo, para que não morram, nem se levante a ira sobre toda a congregação; mas seus irmãos, toda a casa do Israel, sim lamentarão pelo incêndio que Jehová há hecho.761

7 Nem sairão da porta do tabernáculo de reunião, porque morrerão; por quanto o azeite da unção do Jehová está sobre vós. E eles fizeram conforme ao dito do Moisés.

8 E Jehová falou com o Aarón, dizendo:

9 Você, e seus filhos contigo, não beberão vinho nem cidra quando entrarem no tabernáculo de reunião, para que não morram; estatuto perpétuo será para suas gerações,

10 para poder discernir entre o santo e o profano, e entre o imundo e o limpo,

11 e para ensinar aos filhos do Israel todos os estatutos que Jehová lhes há dito por meio do Moisés.

12 E Moisés disse ao Aarón, e ao Eleazar e ao Itamar seus filhos que tinham ficado: Tomem a oferenda que fica das oferendas acesas ao Jehová, e comam sem levedura junto ao altar, porque é coisa muito Santa.

13 A comerão, pois, em lugar santo; porque isto é para ti e para seus filhos, das oferendas acesas ao Jehová, porque assim me foi mandado.

14 Comerão deste modo em lugar limpo, você e seus filhos e suas filhas contigo, o peito balançado e a espaldilla elevada, porque por direito são teus e de vocês filhos, jogo de dados dos sacrifícios de paz dos filhos do Israel.

15 Com as oferendas das grosuras que se têm que queimar, trarão a espaldilla que se tem que elevar e o peito que será balançado como oferenda balançada diante de

Jehová; e será por direito perpétuo teus e de seus filhos, como Jehová o há mandado.

16 E Moisés perguntou pelo macho caibro da expiação, e se achou que havia sido queimado; e se zangou contra Eleazar e Itamar, os filhos que tinham ficado do Aarón, dizendo:

17 por que não comeram a expiação em lugar santo? Pois é muito Santa, e a deu ele a vós para levar a iniqüidade da congregação, para que sejam reconciliados diante do Jehová.

18 Vejam que o sangue não foi levada dentro do santuário; e vós deviam comer a oferenda no lugar santo, como eu mandei.

19 E respondeu Aarón ao Moisés.- Hei aqui hoje ofereceram sua expiação e seu holocausto diante do Jehová; mas me aconteceram estas coisas, e se houvesse eu comido hoje do sacrifício de expiação, seria isto grato ao Jehová?

20 E quando Moisés ouviu isto, deu-se por satisfeito.

1.

Nadab e Abiú.

Eram dois dos filhos do Aarón, e portanto sobrinhos do Moisés. depois de Moisés e Aarón ocupavam os postos mais elevados no Israel e tinham muitas vantagens e privilégios. Tinham ouvido a voz de Deus; tinham estado com o Moisés e Aarón no monte de Deus; tinham visto o Deus do Israel, e "comeram e beberam" (Exo. 24: 9-11). Tinham recebido grandes favores; mas não haviam aproveitado essas oportunidades.

Pouco antes de que ocorresse o registrado neste capítulo, tinham passado toda uma semana de estudo e meditação, preparando-se para o dia em que teriam que começar a oficiar no santuário. Tinham ajudado a seu pai a oferecer os sacrifícios, e lhe tinham levado o sangue das vítimas (Lev. 9: 9). Haviam presenciado o solene serviço da dedicação e eles mesmos tinham sido orvalhados com o sangue do sacrifício. Tinham sido completamente doutrinados e conheciam cabalmente a santidade da obra de Deus. Tudo isto serve somente para fazer mais grave seu pecado. Não tinham desculpa. Quando lhes tocou oficiar, fizeram o que Deus "nunca lhes mandou".

Fogo estranho.

Fogo comum. Não tinha sido tirado do altar dos holocaustos, fogo que Deus mesmo tinha aceso e que era portanto sagrado (cap. 16: 12,13). No átrio da congregação havia fogões onde os sacerdotes se preparavam a comida, e possivelmente Nadab e Abiú tomaram seu fogo dali.

2.

Fogo de diante do Jehová.

O efeito produzido no povo reunido para a oração deve ter sido profundo. Uns poucos meses antes o Israel tinha visto a grande manifestação do poder de Deus ao pronunciar a lei; logo apostatou adorando ao bezerro de ouro. Deus tinha estado a ponto de deserdá-lo, mas pelos rogos do Moisés havia sido restaurado. Tinha construído o tabernáculo, que tinha sido aceito; Deus tinha demonstrado seu agrado pelo espírito de devoção que representava o santuário, ao mandar fogo para consumir o sacrifício. E agora, à hora do sacrifício vespertino, quando el762 povo se achava reunido, aconteceu o imprevisto. Dois dos filhos do Aarón estavam mortos. O gozo se tornou em pesar e perplexidade. Os teria abandonado Deus? O que significava esta tragédia?

3.

Então disse Moisés.

A declaração a qual possivelmente se referia Moisés é a do Exo. 19: 22: "E também que se santifiquem os sacerdotes que se aproximam do Jehová, para que Jehová não faça neles estrago". É evidente que os filhos do Aarón não se tinham santificado. A consagração ao sacerdócio não tinha efetuado uma mudança em seu coração; eles mesmos eram "profanos" ainda.

O caráter dócil e indulgente do Aarón constituía a raiz do problema. Débito

ter tido remorsos de consciência ao pensar em sua própria debilidade de tão somente uns meses atrás. É verdade que Deus o tinha perdoado, Deus havia aceito sua oferenda pelo pecado; mas os resultados de sua debilidade não tinham sido evitados pelo arrependimento. "E Aarón calou".

6.

Nem rasguem seus vestidos.

Era o costume rasgá-la roupa quando se sentia grande tristeza. Isto se fazia rasgando a parte superior dianteira das vestimentas, para expor, por assim dizê-lo, a tristeza do coração. Aarón e os filhos que ficavam não deviam fazer isto, pois dessa maneira pareceriam estar mostrando desagrado por os julgamentos de Deus. Tampouco deviam a tirar o chapéu cabeça, nem apresentar um
aspecto desarrumado, segundo típica demonstração de tristeza própria dos orientais.

7.

Conforme ao dito do Moisés.

Com grande pesar no coração, Aarón prosseguiu serenamente com o ritual do sacrifício vespertino e ofereceu o incenso. Nem em palavra nem em gesto revelou sua tristeza. Quando o povo o viu realizar seu ministério com calma e sem perturbação, deu-se conta de que a trágica perda de dois filhos não havia debilitado a fé do Aarón em Deus. Possivelmente eles não entendessem, mas a calma
do Aarón suavizou seus próprios temores e restabeleceu sua fé.

9.

Não beberão.

Esta proibição sugere a causa da transgressão. Não parecesse razoável pensar que Deus tivesse proclamado tal ordem nesse momento e nessas circunstâncias a não ser para esclarecer a verdadeira causa da tragédia.

Para que não morram.

A morte era o castigo mais severo que podia aplicar-se, e fazia ressaltar a atitude de Deus para com o uso de bebidas embriagantes. O pecado desses jovens não era um assunto de pouca importância que pudesse ser apagado com oferecer um sacrifício. Tinha sido deliberado e refletia desprezo das costure santas. Era um pecado de magnitude e merecia um castigo drástico.

10.

Para poder discernir.

O vinho e as bebidas fortes podem entorpecer de tal maneira as faculdades, que o homem não consegue distinguir claramente entre o bom e o mau, o santo e o profano, o puro e o imundo. Por isso os dois filhos tinham tomado fogo comum ao entrar no santuário; na condição em que se encontravam, não perceberam nenhuma diferença. Até onde pudessem ver os homens, não havia diferença. Acaso o fogo não é sempre fogo? Mas Deus julgou seus corações, e viu o que os homens não podiam ver. Havia diferença. De maneira similar, o primeiro dia da semana é tão bom como o sétimo dia, segundo o raciocínio humano. Não há diferença: a não ser a ordem de Deus. E é aí onde está a distinção, uma distinção vital: a diferença entre a vida e a morte.

Qualquer forma de intemperança faz menos nítida a diferença entre o santo e o profano, entre o limpo e o imundo, entre o correto e o errôneo. O uso de bebidas alcoólicas afeta todas as faculdades e altera os processos ordenados da mente. A pessoa que conduz um veículo logo depois de haver bebido álcool, é uma ameaça para si mesmo e para outros; é um homicida em potência. Sua mente está confundida, seus reflexos são lentos, sua visão não é digna de confiança e seu sentido de responsabilidade quase não existe.

Estes perigos não se limitam aos que estão realmente ébrios. Até uma pequena quantidade de álcool pode causar desastres. O bebedor moderado é um risco para a sociedade. Pode fazer incalculável dano. O fato de que pode tolerar bem o álcool, do qual se gaba, e controlar-se bem depois de ter bebido, pode levar a outros a pensar que poderiam fazer o mesmo. O bebedor contumaz causa repulsão por sua sujeira, e serve de advertência. O bebedor moderado prova a outros a seguir seu exemplo porque dá a aparência de ser "respeitável". À larga, dos dois, é o bebedor moderado o que faz mais dano. 763

Não só são afetadas pela bebida as faculdades físicas mas também também as morais; este é possivelmente o pior dos dois maus. O assalto, o homicídio, a violação, a deslealdade, não significam o mesmo para o bebedor. Sob a influência do vinho, os homens fazem o que nunca pensariam fazer estando sóbrios. Somente no julgamento se revelará o pecado da embriaguez em suas verdadeiras dimensões. A advertência divina para o Aarón e seus filhos se aplica plenamente hoje. Os homens não podem beber e ter ao mesmo tempo uma clara percepção da diferença entre o santo e o profano, entre o limpo

e o imundo (ISA. 28: 7).

Esta instrução se dirige especialmente aos dirigentes. O ensino é mais que instrução verbal; abrange tanto exemplo como preceito. O que pode ocorrer se o julgamento do professor quanto ao que é correto e o que é incorreto está confundido e sua conduta contradiz suas palavras? De entre todos os homens, aqueles que ensinam a outros, já seja no Estado ou na Igreja, sempre devem ter a mente alerta, lista para fazer frente a qualquer problema que surja. Quando consideramos algumas das decisões tomadas em os conselhos de Estado, sabendo a quantidade de álcool que se consumou em tais ocasiões, compreendemos que o conselho de Deus de não beber nem veio nem bebidas fortes é uma verdade que também hoje tem vigência.

11.

Para ensinar.

Os sacerdotes eram professores. portanto deviam instruir ao povo nos estatutos e caminhos de Deus. Como poderiam fazer isto se eles mesmos eram incapazes de discernir a diferença entre o bem e o mal? É impossível ensinar a outros, ou guiá-los pelo caminho que devessem tomar, se se tiver a mente embotada.

Por meio do Moisés.

Até hoje há quem menospreza ao Moisés; entretanto, tais pessoas devem saber que Deus falou por meio dele e que, com estas palavras, Deus expressou seu aprovação da vida e da obra do Moisés. Cristo disse: "Porque se acreditassem no Moisés, acreditariam-me ... Mas se não criem a seus escritos, como acreditarão em minhas palavras?" (Juan 5: 46,47). É verdade que algumas disposições eram tão somente para o Israel e se aplicavam às condições locais. Mas estas podem facilmente ser discernidas. Os princípios eternos que Deus comunicou "por meio do Moisés" têm tanta força e tanta vigência como em outros tempos. Todo cristão deve meditar nas palavras de Cristo: "Se não criem a seus escritos, como acreditarão em minhas palavras?" Esta declaração
não pode tomar-se livianamente, pois foi feita por Cristo.

13.

Comerão-a.

dentro da confusão que tinha seguido à morte de seus dois filhos, Aarón tinha deixado de comer a porção da oferenda que lhe correspondia. Havia ocorrido uma tragédia, mas isto não devia afetar ao ritual prescrito. A pesar disso, a obra devia prosseguir.

14.

Suas filhas contigo.

É evidente que a oferenda a qual se alude aqui compreendia também a oferenda de paz, posto que as filhas do Aarón deviam participar delas (cap. 9: 17-21). As oferendas eram coisa muito santo, e só os sacerdotes deviam comer delas. Toda a família, como também outras pessoas "podas", podiam participar da oferenda de paz.

15.

Como Jehová o mandou.

Com o correr dos anos, a idéia de que nada devia impedir a obra de Deus, de que as circunstâncias não deviam interromper o ritual do santuário, se arraigou profundamente na consciência dos sacerdotes. Em ocasião da toma e destruição final do templo pelos romanos no ano 70 DC, foi posta a prova até o máximo. A cidade de Jerusalém já tinha sido tomada, mas o templo estava ainda em pé. Era a hora do sacrifício vespertino. Em forma acalmada e solene os sacerdotes estavam levando a cabo o ritual enquanto os romanos escalavam os muros e entravam no recinto do templo. Os edifícios foram incendiados e por todos lados subiam as chamas. Mas os sacerdotes, com passos lentos e medidos, prosseguiram com sua tarefa, sem sequer olhar o que estava ocorrendo a seu redor. Nada devia interferir com a obra de Deus.

Os reis aprendem a mesma lição. Pode explorar uma bomba perto do carruagem real, mas o rei não deve fazer conta. Deve reter sua compostura, sem permitir que nada o turve. A parada deve prosseguir; ninguém deve olhar para atrás.

A resposta dada pelo Jesus a certas pessoas que queriam ser seus discípulos, mas que punham em primeiro lugar seus assuntos pessoais, parece com primeira vista

um tanto dura e desprovida de afeto (ver Luc. 9: 59-62). Poucos deveres são considerados mais urgentes 764 que o de cuidar dos pais. Entretanto, até isto que poderia ser considerado como dever sagrado - não deve antepor-se à realização da obra de Deus. A obra deve prosseguir.

16.

Moisés perguntou.

Moisés ainda tinha o mando e devia vigiar para que se fizesse tudo como Deus o tinha mandado. Quando se usava um macho caibro como oferenda pelo pecado, o sangue não era levado a santuário, mas sim era posta sobre os chifres do altar do holocausto. Segundo a lei, em tais casos a carne devia ser comida pelos sacerdotes (cap. 6: 26). Esse dia se ofereceu um macho caibro como oferenda pelo pecado (cap. 9: 15), e posto que o sangue não havia sido levada a santuário, a carne devia haver-se comido. Não se tinha feito assim; em conseqüência, o simbolismo do ritual se desvirtuou completamente.

Ao não comer da carne, Aarón não tinha carregado com os pecados do povo. Não podia fazer expiação por quão pecados não levava sobre si. Por isso era um equívoco tão sério. Os pecados levados pelo macho caibro deviam ter sido transferidos aos sacerdotes, quem então faria expiação por eles. Mas neste caso, não podia haver transferência porque os sacerdotes não tinham comido a carne. Tudo o que o macho caibro podia fazer era morrer, mas a obra de intercessão ficava sem fazer.

zangou-se.

A mansidão do Moisés era notável (Núm. 12: 3), mas ele também teve momentos da Santa indignação. Em um momento sua indignação foi tal que arrojou as duas pranchas de pedra e as rompeu em pedaços, ação pela qual Deus não o reprovou (Exo. 32: 19). Deus mesmo estava zangado (Exo. 32: 9, 10). A ira de Moisés não se abateu imediatamente porque, ao ver o bezerro de ouro, fez-o moer e fez que o Israel bebesse a água (Exo. 32: 20).

Há ocasiões quando é correto demonstrar Santa indignação. Sem dúvida a esses momentos se aplica o conselho do Pablo: "lhes ire, mas não pequem" (F. 4: 26). De si mesmo, Pablo diz: "A quem lhe faz tropeçar, e eu não me indigno?" (2 Cor. 11: 29). Quando Moisés quebrou as pranchas de pedra, "ardeu a ira de Moisés". Por isso Aarón o reprovou (Exo. 32: 19, 22), insinuando que não havia

motivo para zangar-se. Mas, como já se destacou, o Senhor esteve de acordo com Moisés

em que havia justo motivo para irar-se. A ira do Moisés se devia ao zelo que sentia Por Deus e por sua causa, não a seu orgulho pessoal nem ao desejo de vingança.

19.

Seria isto grato ao Jehová?

Embora Moisés se dirigiu ao Eleazar e ao Itamar, filhos do Aarón, e os tinha repreendido, quem respondeu foi o pai. Aarón sabia que a ação de comer a oferenda pelo pecado representava a transferência dos pecados do oferente a quem a comia, como Moisés o havia dito. Mas depois do ocorrido, e sentindo-se parcialmente responsável por isso, não se havia sentido capaz de levar os pecados de outros. Com os seus já tinha suficiente. Não podia menos que sentir-se causar pena pela morte de seus filhos; possivelmente sentisse
também algum remorso. Evidentemente pensou que no estado de ânimo em que se encontrava, seu serviço como portador simbólico de pecados não seria grato ao Jehová.

20.

deu-se por satisfeito.

A palavra assim traduzida pode também significar "fazer alegrar" ou "fazer agradar". Moisés se deu conta que Aarón não tinha sido negligente nem havia omitido sabendo um dever conhecido, sem uma razão. Moisés aceitou a explicação do Aarón e modificou sua atitude.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-20 PP 373-377

1 C(1949) 77; Ev 156; FÉ 409, 427; OE 20; PP 373, 421; Lhe 39, 58, 238; TM 363, 365, 377

1, 2 CH 82; CMC 216; CV 102; MB 304; Lhe 166, 248

1-3 3JT 153

1-10 Lhe 255

1-11 CH 366

2 FÉ 428; OE 20; PP 373

2, 3 C (1949) 77

3 OE 20; PP 375

6 DTG 655

6, 7 PP 375

9-11 PP 377; Lhe 40, 238, 248

17 CS 471; PP 368 765

CAPÍTULO 11

1 Os animais que podem comer-se, 4 e os que não podem comer-se. 9 Peixes comestíveis. 13 Aves comestíveis. 29 Animais imundos.

1 FALO Jehová ao Moisés e ao Aarón, lhes dizendo:

2 Falem com os filhos do Israel e lhes digam: Estes som quão animais comerão de entre todos quão animais há sobre a terra.

3 De entre os animais, tudo o que tem pezuña fendida e que rumina, este comerão.

4 Mas dos que ruminam ou que têm pezuña, não comerão estes: o camelo, porque rumina mas não tem pezuña fendida, terão-o por imundo.

5 Também o coelho, porque rumina, mas não tem pezuña, terão-o por imundo.

6 Deste modo a lebre, porque rumina, mas não tem pezuña, terão-a por imunda.

7 Também o porco, porque tem pezuñas, e é de pezuñas fendidas, mas não rumina, terão-o por imundo.

8 Da carne deles não comerão, nem tocarão seu corpo morto; terão-os por imundos.

9 Isto comerão de todos quão animais vivem nas águas: todos os que têm aletas e escamas nas águas do mar, e nos rios, estes comerão.

10 Mas todos os que não têm aletas nem escamas no mar e nos rios, assim de tudo o que se move como de toda coisa vivente que está nas águas, os terão em abominação.

11 Lhes serão, pois, abominação; de sua carne não comerão, e abominarão seus corpos mortos.

12 Tudo o que não tuviere aletas e escamas nas águas, terão-o em abominação.

13 E das aves, estas terão em abominação; não se comerão, serão abominação: a águia, o quebrantahuesos, o azor,

14 o gallinazo, o milano segundo sua espécie;

15 todo corvo segundo sua espécie;

16 a avestruz, a coruja, a gaivota, o gavião segundo sua espécie;

17 o mocho, o somormujo, o íbis,

18 o calamón, o pelicano, o abutre,

19 a cegonha, a garça segundo sua espécie, a abubilla e o morcego.

20 Tudo inseto alado que anduviere sobre quatro patas, terão em abominação. 21 Mas isto comerão de tudo inseto alado que anda sobre quatro patas, que tuviere pernas além de suas patas para saltar com elas sobre a terra;

22 estes comerão deles: a lagosta segundo sua espécie, o langostín segundo seu

espécie, o argol segundo se espécie, e o hagab segundo sua espécie.

23 Tudo inseto alado que tenha quatro patas, terão em abominação.

24 E por estas coisas serão imundos; qualquer que tocar seus corpos mortos será imundo até a noite,

25 e qualquer que levar algo de seus cadáveres lavará seus vestidos, e será imundo até a noite.

26 Todo animal de pezuña, mas que não tem pezuña fendida, nem rumina, terão por imundo; e qualquer que os tocar será imundo.

27 E de todos quão animais andam em quatro patas, terão por imundo a qualquer que ande sobre suas garras; e tudo o que tocasse seus cadáveres será imundo até a noite.

28 E o que levar seus cadáveres, lavará seus vestidos, e será imundo até a noite; terão-os por imundos.

29 E terão por imundos a estes animais que se movem sobre a terra: a doninha, o camundongo, a rã segundo sua espécie,

30 o ouriço, o crocodilo, o lagarto, a lagartixa e o camaleão.

31 Estes terão por imundos de entre os animais que se movem, e qualquer que os tocar quando estiveram mortos será imundo até a noite.

32 E todo aquilo sobre que cair algo deles depois de mortos, será imundo; seja coisa de madeira, vestido, pele, saco, seja qualquer instrumento com que se trabalha, será metido em água, e ficará imundo até a noite; então ficará limpo.

33 Toda vasilha de barro dentro da qual cair algum deles será imunda, assim como tudo o que estivesse nela, e quebrarão a vasilha.

34 Todo alimento que se come, sobre o 766 qual cair a água de tais vasilhas, será imundo; e toda bebida que houver nessas vasilhas será imunda.

35 Todo aquilo sobre que cair algo do cadáver deles será imundo; o

forno ou fogões se derrubarão; são imundos, e por imundos os terão.

36 Contudo, a fonte e a cisterna onde se recolhem águas serão podas; mas o que houver meio doido nos cadáveres será imundo.

37 E se cair algo dos cadáveres sobre alguma semente que se tenha que semear, será poda.

38 Mas se se tiver posta água na semente, e cair algo dos cadáveres sobre ela, terão-a por imunda.

39 E se algum animal que tiver para comer muriere, que tocar seu cadáver será imundo até a noite.

40 E o que comer do corpo morto, lavará seus vestidos e será imundo até a noite; deste modo o que tirar o corpo morto, lavará seus vestidos e será imundo até a noite.

41 E todo réptil que se arrasta sobre a terra é abominação; não se comerá.

42 Tudo o que anda sobre o peito, e tudo o que anda sobre quatro ou mais patas, de todo animal que se arrasta sobre a terra, não o comerão, porque é abominação.

43 Não façam abomináveis suas pessoas com nenhum animal que se arrasta, nem lhes poluam com eles, nem sejam imundos por eles.

44 Porque eu sou Jehová seu Deus; portanto lhes santificarão, e serão Santos, porque eu sou santo; assim não poluam suas pessoas com nenhum animal que se arraste sobre a terra.

45 Porque eu sou Jehová, que lhes faço subir da terra do Egito para ser seu Deus. serão, pois, Santos, porque eu sou santo.

46 Esta é a lei a respeito das bestas, e as aves, e tudo ser vivente que se move nas águas, e todo animal que se arrasta sobre a terra,

47 para fazer diferença entre o imundo e o limpo, e entre os animais que podem-se comer e quão animais não se podem comer.

2.

Estes são os animais.

Os princípios expostos neste capítulo foram estabelecidos Por Deus para que os que lhe amam e escolhem lhe servir não consumam os mantimentos de origem animal
que poderiam danificar seus corpos. Como se poderá ver mais adiante, em vários casos
não é possível identificar com precisão aos animais em questão. Em alguns casos, se expressa claramente essa dúvida. Entretanto, esta medida de incerteza não apresenta problemas insolúveis ao cristão que se propõe em seu coração não poluir o "templo de Deus" (1 Cor. 3: 17) a não ser fazer "tudo para a glória de Deus" (1 Cor. 10: 31). Para tal pessoa, os princípios fundamentais que aqui se esboçam serão uma orientação suficiente.

4.

Não comerão estes.

O camelo parecesse ter a pezuña fendida, mas na parte posterior da pata tem uma espécie de talão. portanto o considera imundo. [Com o camelo se inclui a outros camélidos: chama, prata alemã, vicuña, guanaco. N. do T.]

Imundo.

Os judeus deviam ter todas as coisas imundas "em abominação", shaqats (vers. 11, 13, 43). Da mesma raiz é o verbo abominar no Deut. 7: 26 e Sal. 22: 24. Quão animais aqui se enumeram como "imundos" não são aptos para a alimentação humana (DTG 569; 2T 96; ver com. Gén. 9: 3).

5.

Coelho.

De shafan, "que se esconde". A descrição do coelho no Prov. 30: 26 faz pensar em algum animal diferente do que hoje chamamos coelho. A BJ traduz "damán", uma espécie de marmota. Alguns comentadores pensaram que possa referir-se mas bem a um tipo de texugo que vive entre as pedras. Este texugo parece-se bastante ao apeará (espécie de coelhinho de Índias) em tamanho, aparência e habitat. Por outro lado, o texugo é carnívoro e o apeará é

roedor granívoro.

6.

A lebre.

Do ponto de vista científico, a lebre não pode ruminar, pois não tem a devida disposição anatômica para fazê-lo. Mas sim mastiga seu alimento de tal maneira que parecesse ruminar. É imunda porque não tem a pezuña fendida.

Rumina.

Nesta passagem não está comprometida um problema de precisão científica, porque as Escrituras falam a linguagem do comum das gente. Para elas a lebre parecia rurniar. Quando dizemos que o sol se "põe", ninguém 767 nos recrimina por haver dito um pouco cientificamente incorreto, embora bem sabemos que o sol não fica". Muitas vezes se fala de uma baleia como de um "peixe", embora saibamos que é em realidade um mamífero aquático. Não deve criticá-la Bíblia e tratar a de pouco científica quando usa expressões comuns do povo.

7.

O porco.

De todos os animais proibidos por lei, considerava-se ao porco como o mais imundo (ver ISA. 65: 3, 4; 66: 17). Não é esta a ocasião de discutir com detalhes o dano causado pela ingestão da carne porcina. Para o cristão basta fazer ressaltar a atitude de Deus para com ela. Deve haver algo daninho no consumo da carne de porco; de outro modo Deus não houvesse falado como o faz. O criou o porco e sabe o que é. Proíbe o uso de seu carne como alimento.

É evidente que Cristo não considerava de grande valor aos porcos pois permitiu a destruição de uns dois mil destes animais (Mat. 8: 31, 32; Mar. 5: 13). Não sabemos que valor monetário tinham esses porcos. Hoje teriam um valor considerável, e sem dúvida também então representavam um grande investimento. Dois homens tinham sido sanados de corpo e alma, mas ao custo de dois mil porcos. Cristo considerou que os homens valiam este preço; os aldeãos pensaram de outra maneira.

Não importa o que pensem os homens quanto a se se pode comer a carne de porco ou não, Deus nesta passagem o desaprova. Deus não troca de opinião (Mau. 3: 6); e é também certo que os porcos não trocaram que natureza. Fazemos bem em emprestar atenção ao conselho divino.

9.

Todos os que têm aletas e escamas.

Deus deseja que seu povo só consuma aqueles mantimentos que são melhores. Aqui ele faz a distinção entre os animais limpos e quão imundos vivem em as águas. Os que têm tanto aletas como escamas são permitidos. Os que não têm aletas, ou que não têm escamas, ou que não têm nem aletas nem escamas, não são permitidos. Ao indicar o que pode comer-se, eliminam-se todos os outros.

13.

As aves.

Não se dá uma regra geral para distinguir entre as aves podas e as imundas. nomeiam-se vinte que são proibidas, o que permitiria inferir que todas as demais podem comer-se. Entretanto, alguns comentadores bíblicos acreditam que esta lista de vinte não é exaustiva mas sim só se refere às aves conhecidas pelos hebreus.

O quebrantahuesos.

Tanto esta ave como o azor, ou "águia marinha" (BJ), são aves de rapina que se alimentam de carniça, sendo portanto inaceitáveis como alimento,

14.

O gallinazo, o milano.

Melhor, "o abutre, o falcão" (BJ).

Segundo sua espécie.

Ou "em todas suas espécies" (BJ). Esta expressão indica que se incluem todos os membros de uma mesma família embora não se nomeia a não ser um animal (vers.

15,
16, 22).

16.

Gaivota.

Há diferentes opiniões quanto à identidade de algumas das aves de esta lista.

17.

Somormujo.

Também a chama mergulhador. Um ave palmípeda.

18.

Calamón.

Dificilmente seja o "cisne" (BJ). Sua identificação não é exata. Pode tratar-se também do gallinazo ou, segundo outros, de alguma coruja.

O abutre.

Possivelmente se trate do abutre egípcio, ave de hábitos imundos e repulsivos.

19.

A garça.

trata-se de um ave voraz, provavelmente uma variedade de avefría (chorlito).

A abubilla.

Pode ser outra variedade de avefría, ave insetívora de pico curvo e magro.

O morcego.

encontra-se na lista de aves apesar de ser mamífero, provavelmente porque também voa.

20.

Inseto alado.

Quer dizer, "inseto alado" (BJ,que) também se arrasta.

22.

O langostín.

Possivelmente algum tipo de lagosta ou grilo. A BJ simplesmente translitera as palavras hebréias: "toda classe de solam, de jargol e de jagab". Embora não é possível identificar com total estes precisão três últimos insetos, parece tratar-se da lagosta nas distintas etapas de sua metamorfose, ou do gafanhoto.

Os quatro insetos enumerados neste versículo eram usados corrientemente como alimento na antigüidade, e até o dia de hoje no Oriente os come geralmente assados. Também os ferve em água com sal. desprezam-se a cabeça, as asas, as patas e as vísceras. Também pode fritar-lhe Para uso posterior, os seca ou ahúma. servem-se com sal, especiarias ou vinagre. Em alguns negociados 768 orientais se vendem as lagostas por peso, ou por número, enhebradas em um fio.

23.

Tudo inseto alado.

Quer dizer "qualquer outro inseto alado" (BJ), fora dos nomeados. O fato de que muitos insetos som portadores de enfermidades explica o cuidado escrupuloso que deve tomar-se logo depois de ter entrado em contato com eles (vers. 23-25).

29.

Animais que se movem.

Um grupo misto que compreende a roedores, répteis e outros.

A doninha.

A palavra hebréia assim traduzida designa a um animal escorregadio e elusivo, o que quadra bem com a doninha.

O camundongo.

É provável que este término inclua a vários roedores pequenos.

A rã.

Melhor, "lagarto" (BJ), ou "crocodilo de terra" (LXX). Em muitos lugares se considera comestível o lagarto. Os árabes preparam um caldo com sua carne. Em outros países se seca a carne e se usa como amuleto ou medicina.

30.

O ouriço.

A palavra assim traduzida só aparece aqui no AT. Parece referir-se a uma lagartixa ou salamanqueja (salamanquesa), animal capaz de subir por superfícies verticais.

Crocodilo.

trata-se de kóaj, uma espécie ainda não determinada de lagartixa.

O lagarto.

Uma lagartixa de 5 cm de comprimento que se alimenta de insetos e corre pelas paredes.

Em total, este versículo menciona cinco variedades de lagartos e/ou lagartixas.

39.

E se algum animal.

A proibição de tocar um corpo morto se aplicava também ao cadáver de um animal cuja carne podia comer-se.

40.

que comer.

Aqui está implícito que alguns possivelmente comeriam da carne de um animal morto de morte natural. A lei proibia estritamente o uso de "carne destroçada pelas feras no campo" (Exo. 22: 31). Os sacerdotes não deviam comer nada "mortiço nem despedaçado por fera" (Lev. 22: 8). Entretanto, poderia ocorrer que em alguma oportunidade se comesse, talvez sem dar-se conta, ou por carência de recursos. Posto que o comer tal carne provocava uma contaminação cerimoniosa, apresentam-se as disposições para uma purificação da mesma índole.

A proibição de comer carne de um animal "mortiço ou despedaçado por fera" sem dúvida se devia a que em tais casos quase tudo o sangue ficava no cadáver, sem ser drenada na forma devida.

44.

Serão Santos.

É indubitável que existe uma estreita relação entre a santidade e os hábitos alimentares. A santidade compreende a obediência às leis divinas relacionadas com o corpo físico.

NOTA ADICIONAL AO CAPÍTULO 11

Alguns consideram que Deus se rebaixaria se desse instruções quanto ao regime alimentar humano. por que haveria Deus de preocupar-se do que comemos?

Poderíamos ampliar esse conceito perguntando qual será a razão pela que Deus interessa-se no homem. "O que é o homem, para que dele tenha memória?", é a pergunta do salmista (Sal. 8: 4). Cristo a respondeu nos dizendo que Deus não só se interessa no homem, mas também também em muitas coisas até menos
valiosas (Luc. 12: 7).

O homem está feito à imagem de Deus. Os pardais não compartilham esse honra. diz-se que o homem é precioso à vista de Deus e de mais valor "que o ouro fino", "mais que o ouro do Ofir" (ISA. 13: 12; 43: 4). A medida de a estimativa que Deus tem do homem é demonstrada em que se identifica com

ele. "Porque o que vos touca, toca à menina de seu olho" (Zac. 2: 8). Além disso, o feito de que Deus pagasse um preço tão elevado para obter a redenção do homem, para o cristão é um sinal do valor que Deus lhe adjudica. Pelo tanto, podemos confiar que algo que afeta ao homem é de interesse para Deus.

As leis divinas sobre a alimentação não são, como alguns o supõem, simplesmente negativas e prohibitorias. Deus deseja que o homem disponha do melhor de todas as coisas, "o melhor do trigo" (Sal. 81: 16; 147: 14). Aquele que criou todas as coisas sabe o que mais convém a suas criaturas e, de acordo com sua sabedoria, dá conselhos e recomendações. "Não tirará o bem aos que andam em integridade" (Sal. 84: 11). O que Deus proíbe não o proíbe em forma arbitrária, a não ser para o bem do homem. Os homens podem menosprezar o conselho divino, mas a experiência 769 e os resultados finais sempre demonstram a sabedoria celestial.

Deus lhe deu ao homem um maravilhoso corpo com possibilidades quase ilimitadas, mas que também consta de muitos órgãos delicados, que devem ser cuidadosamente protegidos do abuso se é que têm que funcionar bem. Dentro do corpo mesmo Deus dispôs o necessário para o cuidado e a mantención de seus diversos órgãos, e até para sua renovação, se se seguirem as instruções dadas por ele. Em muitos casos é possível começar um processo de reabilitação até anos depois de ter abusado do corpo. Os poderes recuperativos da natureza são maravilhosos. No momento mesmo de sofrer uma ferida, as forças vitais do corpo imediatamente começam a reparar o dano feito. Os médicos podem ajudar e fazer um grande bem, mas não têm poder curador. Em muitos casos quão único podem fazer é deixar que Deus obre.

Alguns insistem em que Deus se interessa mais pela alma do homem que por seu corpo; que os valores espirituais são superiores aos físicos. Isto é certo, mas deve recordar-se que o corpo e a alma estão intimamente interrelacionados, que a uma afeta poderosamente ao outro, e que não sempre é fácil dizer onde começa um e termina o outro. Embora concordemos em que o homem espiritual é de suprema importância, não acreditam que por isso deva descuidar o corpo. Tal era a filosofia de certos "Santos" medievais que mortificavam-se o corpo para benefício da alma; mas esse não era o plano de Deus. Uniu o corpo com a alma para que se beneficiassem mutuamente.

A declaração "porque qual é seu pensamento em seu coração, tal é ele" (Prov. 23: 7) touca um dos problemas fundamentais da vida. O homem é o que

pensa. É um processo físico o pensamento? Podem existir os pensamentos independentemente de algum tipo de mecanismo que seja capaz de pensar? Seja o que for o pensamento, de todos os modos determina a conduta. Se uma pessoa pensa em forma correta, é provável que sua conduta seja correta. Se a mente se ocupa no mau, as ações serão más.

Tem o corpo alguma influencia sobre o pensamento do homem? Por certo que sim. Todos sabem que ingerir bebidas embriagantes afeta tanto o pensamento como as ações. O álcool desbarata o julgamento do homem e tende a fazê-lo irresponsável. Sua mente não funciona como quando está sóbrio; suas faculdades não operam normalmente; todas suas reações se retardam. Se dirige um automóvel, converte-se em um perigo para outros e em um homicida em potência (ver com. cap. 10: 9).

A maioria dos homens admitem que a bebida tem maus efeitos. Podem ter efeitos similares os hábitos errôneos de alimentação? Sim, embora possivelmente não sejam tão notáveis como os do álcool. O alimento afeta a conduta e o pensamento do homem. mais de um moço recebeu uma surra porque as torradas do pai se queimaram, ou porque o café estava chirle ou frio. mais de um divórcio teve sua origem no departamento culinário da casa. Os vendedores não esperam concretizar boas vendas frente a clientes dispépticos. O advogado ardiloso sabe que há um momento adequado para aproximar-se de um juiz venal em busca de uma consideração favorável; e os diplomáticos e estadistas conhecem o valor de um banquete opíparo. Se se combinam em forma hábil o vinho e os mantimentos, pode-se chegar a acordos que nunca se assinariam se os contratantes tivessem estado em pleno uso de seus faculdades normais. Tais acordos foram a maldição do mundo por gerações.

Afeta à mente o alimento? Afetam o espírito a comida e a bebida? É obvio. Uma perspectiva azeda da vida freqüentemente nasce de um estômago ácido. O comer bem não necessariamente produzirá um gênio agradável; mas comer mal entorpece o viver à altura da norma fixada Por Deus.

As leis divinas que regem a alimentação não são pronunciamentos arbitrários que privam ao homem do gozo de comer. São mas bem leis sensatas e justas que o homem fará bem em acatar se deseja manter a saúde, ou talvez recuperá-la. Por regra general se encontrará que o alimento que Deus passa é o mesmo que os homens têm descoberto que é o melhor, e que o desacordo não provém do que se passa, mas sim do que se proíbe.

Estes estatutos alimentá-los foram jogo de dados ao Israel de antigamente e se adaptavam a
suas circunstâncias. A maioria dos judeus ainda as respeita, e estas leis serviram bem durante mais de 3.000 anos. A condição física dos 770 judeus dá testemunho de que estas regras não são obsoletas nem perderam seu vigência, se é que entendemos que seu propósito é o de produzir um povo notavelmente livre de muitas das enfermidades que açoitam aos homens hoje. Apesar das perseguições e as penalidades sofridas pelos judeus, maiores que as experimentadas por qualquer outra nação sobre a face da terra, e por períodos mais largos, em geral os judeus são uma raça vigorosa. Ao menos em parte, este fato se explica por sua obediência às leis sobre alimentação apresentadas Por Deus no Lev. 11.

As leis repartidas ao Israel no Sinaí tratavam de todos os aspectos de seu dever para com Deus e o homem. Estas leis podem classificar-se da seguinte maneira:

1. Morais. Os princípios expressos no Decálogo refletem o caráter divino, e são tão imutáveis como Deus mesmo (ver Mat. 5: 17, 18; ROM. 3: 31).

2.Ceremoniales. Estas leis se ocupavam do sistema de culto que prefigurava a cruz, e que portanto deixou de existir em ocasião da morte do Jesus (Couve. 2: 14-17; Heb. 7: 12).

3.Civiles. Estas leis aplicavam os amplos princípios dos Dez Mandamentos à estrutura do antigo o Israel como nação. Embora este código ficou invalidado quando o Israel antigo deixou de ser uma nação, e não foi posto em vigor como tal no Estado do Israel moderno, que não é uma teocracia, entretanto, os princípios fundamentais de justiça e eqüidade compreendidos seguem tendo validez.

4.De saúde. Os princípios de alimentação do Lev. 11, junto com outras regras higiênicas, foram jogo de dados pelo sábio Criador para fomentar a saúde e a longevidade (ver Exo. 15: 26; 23: 25; Deut. 7: 15; Sal. 105: 37; PP 396). Por estar apoiados na natureza e as necessidades do corpo humano, estes princípios não podem ser afetados de maneira nenhuma nem pela cruz nem pela desaparecimento temporário do Israel como nação. Estes princípios que fomentavam a saúde faz 3.500 anos, produzirão os mesmos resultados hoje.

O cristão sincero considera que seu corpo é templo do Espírito Santo (1 Cor. 3: 16, 17; 6: 19, 20). A avaliação deste fato o levará, entre outras

coisas, a comer e beber para a glória de Deus, quer dizer, a reger seu alimentação pela vontade revelada de Deus (1 Cor. 9: 27; 10: 31). Por isso, para ser conseqüente, deve reconhecer e obedecer os princípios enunciados em Lev. 11.

NOTA ADICIONAL AO CAPÍTULO 11 PRÓPRIA DA EDICION CASTELHANA

O cap. 11 do Lev. pode suscitar algumas pergunta e dúvidas quanto à forma em que aparecem ali agrupados diversos animais. Por isso, recorde-se que foi o sábio naturalista sueco Carlos Linneo (1707-1778) quem pôs as bases da moderna classificação zoológica em seu livro Systema Naturae de 1758. Esta foi revisão pelo Lamarck (1744-1829), em 1801; em 1829, pelo Cuvier (17691832), quem introduziu várias mudanças ao dividir os animais em quatro ramos; pelo Leuckart, em 1840; Agassiz, em 1859; Haeckel em 1864 e Ray Lankester, em 1877. Todos eles deram forma ao aspecto geral que apresenta a classificação que usamos atualmente em zoologia. Em rigor de verdade, a classificação é artificial, feita para estudar em forma ordenada os animais que apresentam características comuns.

Em último término, a classificação que se acha nos livros de ciência natural é um artifício que não sempre segue uma lógica rigorosa. Afirmamos isto porque uma quantidade de animais foram classificados -é obvio muito depois do Linneo - obedecendo a um critério apoiado na idéia da evolução.

Entre eles podemos mencionar ao anfioxo, bichinho semelhante a um "pececito" (suposto elo entre os invertebrados e os vertebrados) que se encontra nas praias do sul da Argentina. Outro exemplo está constituído por certos parasitas de alguns calamares que vivem no oceano Indico. trata-se do Filum mesozoa, formado por diminutos animais em forma de vermes, denominados Dicyema e Rhopalura. Os Dicyema vivem como parasitas nos rins (nefridios) de polvos e calamares. Os Rhopalura são estranhos parasitas das malhas e as cavidades de lombrigas e estrelas de mar. Os evolucionistas fazem para estes bichinhos toda uma grande divisão -denominada Phylum- porque supõem que são um elo entre duas etapas de 771 a evolução; intermediários entre os animais de uma só célula e os que estão formados por muitas.

Isto confirma o que já dissemos, que todas as divisões na classificação são conceitos humanos, posto que na natureza só existem indivíduos (por exemplo, um gato) ou populações animais (por exemplo, uma colméia).

Com o propósito de documentar o que acabamos de afirmar no parágrafo precedente, recorremos à autoridade do catedrático Tracy I. Storee, professor de zoologia e zoólogo da Estação Experimental de Agricultura da Universidade de Califórnia, no Davis. Informa-nos: "Os zoólogos concordam bastante bem em muito do que corresponde à classificação animal, mas não há dois que tenham exatamente a mesma opinião quanto a todos os detalhes. Como resultado, não há dois livros que contenham esquemas idênticos de classificação" (General Zoology, pág. 260, McGraw Hill, Book Company Inc., Nova Iorque, 1951). Esta obra é livro guia em mais de um dos principais museus argentinos.

Tudo os agrupamentos particulares chamadas gênero, espécie, classe, ordem, família, etc. são produto do engenho humano para estudar ordenadamente os animais, dos que há 900.000 formas distintas. Ninguém poderia familiarizar-se mais que com uma pequena porção de tão grande número de animais conhecidos.

Dado que um dos propósitos da zoologia é obter uma perspectiva da totalidade do reino animal, fez-se necessário algum artifício para agrupá-los com fins de estudo. Esta função é cumprida por uma divisão da ciência chamada zoologia sistemática, taxonomia ou classificação. A nomenclatura de os animais se apoiou em seus caracteres e suposta origem. A chamada classificação natural se funda na teoria da evolução e é um esforço para indicar a suposta árvore genealógica do reino animal e seus subdivisões. Em tal nomenclatura, os evolucionistas consideram essencial distinguir os caracteres homólogos ou de persumida origem similar, e os análogos, ou de funções parecidas.

Em vista do exposto, a nomenclatura que se utiliza na Bíblia é tão legítima como qualquer outra. Ao estudá-la-se recebe a impressão de que está feita a propósito na linguagem popular para que se pudesse entender com facilidade de que animais se tratava. Entretanto, em nossos dias -a muitos séculos de distância, em ambientes onde há animais que não existiam nas zonas bíblicas e viceversa, e com os problemas próprios das mudanças e as mutações inerentes a todos os idiomas - perdeu-se ou resulta duvidoso o significado de vários desses nomes. Contudo, é possível estudar a orientação que nos proporciona o povo hebreu -pelo menos o setor fiel a os ensinos dadas Por Deus por meio do Moisés- que os transmitiu a través de sua tradição.

Assim pode ser melhor nosso conhecimento nos casos de dúvida, como os que figuram no Lev. 11: 22 onde se fala do "argol" e o "hagab", impossíveis de identificar. Anotaremos que "argol" e "hagab" ("jargol" e "jagab" na BJ) são meras transliteraciones de palavras hebréias; não são em realidade traduções.

Anotaremos também que o animal limpo chamado "langostín" (cap. 11: 22) não deve confundir-se com o "camarão" marítimo. O primeiro dispõe de quatro patas, dois "pernas" "para saltar" e é "alado". É evidente que são características impossíveis de confundir com as de um animal marítimo.

Em caso de uma legítima vacilação a respeito de se determinado animal é "limpo" ou "imundo", bem vale a pena aplicar o sábio adágio latino "Na dúvida, absten". Mais ainda, é necessário obedecer a admoestação bíblica: "que duvida sobre o que come, é condenado, porque não o faz com fé; e tudo o que não provém de fé, é pecado" (ROM. 14: 23).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-8 DTG 569

7, 8 CH 116; CRA 33, 468; 1T 206 772

CAPÍTULO 12

1 Purificação da mulher depois do parto. 6 Oferendas por sua purificação.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: A mulher quando conceber e dê a luz varão, será imunda sete dias; conforme aos dias de sua menstruação será imunda.

3 E ao oitavo dia se circuncidará ao menino.

4 Mas ela permanecerá trinta e três dias desencardindo-se de seu sangue; nenhuma costure Santa tocará, nem virá ao santuário, até quando forem cumpridos os dias de sua purificação.

5 E se diere a luz filha, será imunda duas semanas, conforme a sua separação, e sessenta e seis dias estará desencardindo-se de seu sangue.

6 Quando os dias de sua purificação forem cumpridas, por filho ou por filha, trará um cordeiro de um ano para holocausto, e um filhote de pomba ou uma tórtola para
expiação, à porta do tabernáculo de reunião, ao sacerdote;

7 e ele os oferecerá diante do Jehová, e fará expiação por ela, e será poda do fluxo de seu sangue. Esta é a lei para a que diere a luz filho ou filha.

8 E se não ter o suficiente para um cordeiro, tomará então dois tórtolas ou dois filhotes de pomba, um para holocausto e outro para expiação; e o sacerdote fará expiação por ela, e será poda.

1.

Falou Jehová.

O capítulo anterior versou sobre a contaminação ocasionada pelo contato com diversos animais "imundos". Os caps. 12 aos 15 tratam da contaminação pessoal, tanto física como cerimonial, na qual não esteja implicada uma transgressão moral. Neste capítulo não aparece Aarón. Em mudança, figura nos caps. 11 e 13.

2.

Varão.

Este era o desejo de toda mulher israelita, porque o Mesías tinha que ser da "semente" da "mulher" (Gén. 3: 15).

Os dias de sua menstruação.

A lei sobre isto aparece no cap. 15: 19-33.

3.

Circuncidará-se.

Isto se fazia em reconhecimento da relação do pacto, e simbolicamente fazia que o menino fosse incorporado ao pacto. Este rito foi praticado por primeira vez no caso do Isaac (Gén. 17: 10, 11; 21: 4), o filho da promessa

(Gál. 4: 23), como sinal do cumprimento da promessa do pacto que implicava seu nascimento.

4.

Seu sangue.

Os primeiros seis dias depois do parto eram críticos para a mãe e freqüentemente produzia-se considerável perda de sangue. supunha-se que depois de uma semana a crise teria passado. Durante outros 33 dias a mãe não devia chegar até o santuário nem participar de nenhuma cerimônia religiosa. Não devia assistir a nenhuma reunião pública. Era a mãe e não a criatura, a que era considerada imunda.

5.

Filha.

Não se dá a razão pela que o período de purificação logo do nascimento de uma menina devia ser muito mais comprido que no caso de um menino varão.

6.

Holocausto.

Não devia oferecê-lo ela mesma. Só o levava a tabernáculo e se o entregava ao sacerdote, quem o oferecia por ela. Também devia apresentar uma oferenda pelo pecado, que o sacerdote oferecia por ela.

Este procedimento diferia do seguido usualmente em tempos anteriores, depende o qual o oferente devia degolar a vítima. Havia também outra diferença. Quando se trazia uma oferenda pelo pecado e um holocausto, sempre se apresentava primeiro a oferenda pelo pecado, a que era seguida pelo holocausto. Neste caso, o holocausto era devotado primeiro. Além disso, a oferenda pelo pecado era sempre a mais destacada e custosa. Aqui ocorre o contrário. O holocausto, um cordeiro, oferecia-se primeiro; logo vinha a oferenda pelo pecado, uma tórtola ou um filhote de pomba, a menor de todas as oferendas possíveis.

Tudo o que o homem faz leva os rastros do pecado. Por isso foram prescritas oferendas pelo pecado em muitos casos em que, ao falto de

instrução, pareceria-lhe desnecessário fazê-lo. Especialmente se vê isto nas oferenda pelo pecado em ocasião da dedicação do santuário e da inauguração do sacerdócio. Esta cerimônia servia para inculcar profundamente no povo o sentido 773 da pecaminosidad do pecado. Em ocasião de um nascimento parece ter existido um intento deliberado de lhe subtrair ênfase ao pecado, e a oferenda exigida não era mais que um sacrifício simbólico. Não havia confissão, nem imposição de mãos.

7.

Será poda.

Na antigüidade, a situação da mulher não era muito feliz. Ela realizava boa parte do trabalho duro que hoje se consideraria trabalho de homens. Isto ocorre ainda hoje em alguns países, onde o trabalho, tanto na casa como em os campos, é realizado principalmente por mulheres. A mulher não recebia grande consideração por ter dado a luz um bebê; na verdade a regra era que a mulher fora objeto de práticas cruéis e desumanas. Em tais condições, Deus dispôs que as mães do Israel desfrutassem de um período de relativo descanso e isolamento que durava várias semanas. Durante este tempo deviam gozar de descanso e de tranqüilidade para recuperar as forças.

As regras quanto ao nascimento de um bebê que aparecem neste capítulo mostram o tenro cuidado de Deus para com as mães. As mulheres têm um lugar honroso no plano de Deus, e isto é justo. Muitas delas chegaram a ser dirigentes, e algumas, profetisas. Através das difíceis vicissitudes da vida, têm o cuidado protetor de Deus, e lhes convida a aproximar-se de ele com suas perplexidades (ver DTG 473). Recebam as mulheres a honra que se merecem.

CAPÍTULO 13

1 Leis a respeito da lepra.

1 FALO Jehová ao Moisés e ao Aarón, dizendo:

2 Quando o homem tuviere na pele de seu corpo inchaço, ou erupção, ou mancha branca, e houver na pele de seu corpo como chaga de lepra, será gasto ao Aarón o sacerdote ou a um de seus filhos os sacerdotes.

3 E o sacerdote olhará a chaga na pele do corpo; se o cabelo na chaga

tornou-se branco, e parecer a chaga mais profunda que a pele da carne, chaga de lepra é; e o sacerdote lhe reconhecerá, e lhe declarará imundo.

4 E se na pele de seu corpo houver mancha branca, mas que não parecesse mais profunda que a pele, nem o cabelo se tornou branco, então o sacerdote encerrará ao ulcerado por sete dias.

5 E ao sétimo dia o sacerdote o olhará; e se a chaga conserva o mesmo aspecto, não havendo-se estendido na pele, então o sacerdote lhe voltará para encerrar por outros sete dias.

6 E ao sétimo dia o sacerdote lhe reconhecerá de novo; e se parece haver-se escurecido a chaga, e que não estendeu na pele, então o sacerdote o declarará limpo: era erupção; e lavará seus vestidos, e será limpo.

7 Mas se se estendesse a erupção na pele depois que ele se mostrou ao sacerdote para ser limpo, deverá mostrar-se outra vez ao sacerdote.

8 E se reconhecendo-o o sacerdote vê que a erupção se estendeu na pele, declarará-o imundo: é lepra.

9 Quando houver chaga de lepra no homem, será gasto ao sacerdote.

10 E este o olhará, e se aparecer tumor branco na pele, o qual haja mudado a cor do cabelo, e tira o chapéu deste modo a carne viva,

11 é lepra crônica na pele de seu corpo; e lhe declarará imundo o sacerdote, e não lhe encerrará, porque é imundo.

12 Mas se brotar a lepra estendendo pela pele, de modo que cobrir toda a pele do ulcerado da cabeça até seus pés, até onde possa ver o sacerdote,

13 então este lhe reconhecerá; e se a lepra houver talher todo seu corpo, declarará limpo ao ulcerado; toda ela se tornou branca, e ele é limpo.

14 Mas o dia que aparecesse nele a carne viva, será imundo.

15 E o sacerdote olhará a carne viva, e o 774 declarará imundo. É imunda a carne viva; é lepra.

16 Mas quando a carne viva trocar e se voltar branca, então virá ao sacerdote,

17 e o sacerdote olhará; e se a chaga se tornou branca, o sacerdote declarará limpo ao que tinha a chaga, e será limpo.

18 E quando na pele da carne houver furúnculo, e se sanar,

19 e no lugar do furúnculo houver um inchaço, ou uma mancha branca avermelhada, será mostrado ao sacerdote.

20 E o sacerdote olhará; e se parecer estar mais profunda que a pele, e seu cabelo houver se tornado branco, o sacerdote o declarará imundo; é chaga de lepra que se originou no furúnculo.

21 E se o sacerdote a considerar, e não aparecer nela corto branco, nem for mais profunda que a pele, a não ser escura, então o sacerdote lhe encerrará por sete dias;

22 e se se for estendendo pela pele, então o sacerdote o declarará imundo; é chaga.

23 Mas se a mancha branca se estuviere em seu lugar, e não se houver estendido, é a cicatriz do furúnculo, e o sacerdote o declarará limpo.

24 Deste modo quando houver na pele do corpo queimadura de fogo, e houver no sanado do fogo mancha esbranquiçada, avermelhada ou branca,

25 o sacerdote a olhará; e se o cabelo se tornou branco na mancha, e esta parecer ser mais profunda que a pele, é lepra que saiu na queimadura; e o sacerdote o declarará imundo, por ser chaga de lepra.

26 Mas se o sacerdote a olhar, e não aparecer na mancha corto branco, nem for mais profunda que a pele, mas sim estivesse escura, encerrará-lhe o sacerdote por sete dias.

27 E ao sétimo dia o sacerdote a reconhecerá; e se se tiver ido estendendo pela pele, o sacerdote o declarará imundo; é chaga de lepra.

28 Mas se a mancha se estivesse em seu lugar, e não se estendeu na pele, mas sim estuviere escura, é a cicatriz da queimadura; o sacerdote

declarará-o limpo, porque sinal da queimadura é.

29 E ao homem ou mulher que lhe sair chaga na cabeça, ou na barba,

30 o sacerdote olhará a chaga; e se parecer ser mais profunda que a pele, e o cabelo dela for amarelado e magro, então o sacerdote lhe declarará imundo; é tinja, é lepra da cabeça ou da barba.

31 Mas quando o sacerdote tiver cuidadoso a chaga da tinja, e não parecesse ser mais profunda que a pele, nem houver nela corto negro, o sacerdote encerrará por sete dias ao ulcerado da tinja;

32 e ao sétimo dia o sacerdote olhará a chaga; e se a tinja não parecesse haver-se estendido, nem houver nela corto amarelado, nem parecesse a tinja mais profunda que a pele,

33 então lhe fará que se raspe, mas não raspará o lugar afetado; e o sacerdote encerrará por outros sete dias ao que tem a tinja.

34 E ao sétimo dia olhará o sacerdote a tinja; e se a tinja não houver estendido na pele, nem parecesse ser mais profunda que a pele, o sacerdote o declarará limpo; e lavará seus vestidos e será limpo.

35 Mas se a tinja se foi estendendo na pele depois de seu purificação,

36 então o sacerdote a olhará; e se a tinja tiver estendido na pele, não procure o sacerdote o cabelo amarelado; é imundo.

37 Mas se lhe parecesse que a tinja está detida, e que saiu nela o cabelo negro, tinja-a está sanada; ele está limpo, e limpo o declarará o sacerdote.

38 Deste modo quando o homem ou a mulher tuviere na pele de seu corpo manchas, manchas brancas,

39 o sacerdote olhará, e se na pele de seu corpo apareceram manchas brancas um pouco obscurecidas, é impigem que brotou na pele; está poda a pessoa.

40 E o homem, quando lhe cair o cabelo, é calvo, mas limpo.

41 E se para sua frente lhe cair o cabelo, é calvo por diante, mas limpo.

42 Mas quando na calva ou na antecalva houver chaga branca avermelhada, lepra é que brota em sua calva ou em seu antecalva.

43 Então o sacerdote o olhará, e se parecer o inchaço da chaga branca avermelhada em sua calva ou em seu antecalva, como o parecer da lepra da pele do corpo,

44 leproso é, é imundo, e o sacerdote 775 o declarará logo imundo; em seu cabeça tem a chaga.

45 E o leproso em quem houver chaga terá vestidos rasgados e sua cabeça descoberta, e embuçado apregoará: Imundo! imundo!

46 Todo o tempo que a chaga estuviere nele, será imundo; estará impuro, e habitará sozinho; fora do acampamento será sua morada.

47 Quando em um vestido houver praga de lepra, já seja vestido de lã, ou de linho,

48 ou em urdimbre ou em trama de linho ou de lã, ou em couro, ou em qualquer obra de couro;

49 e a praga for esverdeada, ou avermelhada, em vestido ou em couro, em urdimbre ou em
trama, ou em qualquer obra de couro; praga é de lepra, e se tem que mostrar ao sacerdote.

50 E o sacerdote olhará a praga, e encerrará a coisa infestada por sete dias.

51 E ao sétimo dia olhará a praga; e se se tiver estendido a praga no vestido, na urdimbre ou na trama, no couro, ou em qualquer obra que se faz de couro, lepra maligna é a praga; imunda será.

52 Será queimado o vestido, a urdimbre ou trama de lã ou de linho, ou qualquer obra de couro em que houver tal praga, porque lepra maligna é; ao fogo será queimada.

53 E se o sacerdote olhar, e não parecer que a praga se estendeu em o vestido, na urdimbre ou na trama, ou em qualquer obra de couro,

54 então o sacerdote mandará que lavem onde está a praga, e o encerrará outra vez por sete dias.

55 E o sacerdote olhará depois que a praga for lavada; e se parecesse que a praga não trocou que aspecto, embora não se estendeu a praga, imunda é; queimará-a ao fogo; é corrosão penetrante, esteja o puído no direito ou no reverso daquela coisa.

56 Mas se o sacerdote a vir, e parecer que a praga se obscureceu depois que foi lavada, cortará-a do vestido, do couro, da urdimbre ou de a trama.

57 E se aparecer de novo no vestido, a urdimbre ou trama, ou em qualquer coisa de couro, estendendo-se neles, queimará ao aquilo fogo em que estivesse a praga.

58 Mas o vestido, a urdimbre ou a trama, ou qualquer coisa de couro que lavar, e que lhe tirar a praga, lavará-se segunda vez, e então será poda.

59 Esta é a lei para a praga da lepra do vestido de lã ou de linho, ou de urdimbre ou de trama, ou de qualquer coisa de couro, para que seja declarada poda ou imunda.

2.

A pele de seu corpo.

Esta expressão aparece somente uma vez na Bíblia. Parece referir-se à epiderme, ou capa exterior da pele.

A lepra era comum no Egito na antigüidade. Sem dúvida foi ali onde os israelitas tiveram sua primeira relação com ela. Entretanto, Deus em seu misericórdia prometeu proteger os das enfermidades do Egito se lhe obedeciam (Exo. 15: 26).

Inchaço, ou erupção.

Quando aparecia tal sintoma, a pessoa devia ser levada ante o Aarón ou um de os sacerdotes para ser examinada. A expressão "será gasto" (Lev. 13: 2) implica a relutância de parte da pessoa para ir por si mesmo, sabendo o que isto poderia lhe significar a ela mesma e também a sua família se se encontrava que estava leprosa. Por esta razão devia ser gasta.

Chaga de lepra.

A palavra "lepra" se deriva de um vocábulo que significa "derrubar de um golpe", "açoitar". A lepra era pois um "açoite". Os judeus consideravam que uma pessoa doente de lepra tinha sido ferida Por Deus.

Em tempos dos israelitas, considerava-se que a lepra era a mais terrível de todas as calamidades. acreditava-se que era um castigo direto de Deus pelos pecados cometidos. Qualquer que sofresse dela -fora príncipe ou camponês - era excluído da sociedade e considerado merecedor de pouca simpatia e compaixão; era um emparelha entre os homens.

Alguns críticos sugerem que no cap. 13 se tratam sete enfermidades diferentes, mas que o escritor, por não ser médico, acreditou erroneamente que eram diversos aspectos da mesma enfermidade e, por ignorância, chamou a todas lepra. Não estão de acordo os críticos quanto à identificação dessas sete enfermidades. Se os homens de ciência modernos desejam fazer distinção entre as diversas formas e etapas da praga, e lhes dar 776 nomes diferentes, podem fazê-lo. A Bíblia foi escrita para a gente comum e não se preocupa das definições da ciência moderna. Usa uma terminologia comum, apta para o homem comum.

A Bíblia não dá nenhuma informação quanto à origem, ao contágio ou a cura da enfermidade. A considerava, como foi já dito, como um castigo pelo pecado. Isto parecesse ter ocorrido no caso da María (Núm. 12: 10-15), Giezi (2 Rei. 5: 27) e Uzías (2 Crón. 26: 16-21). Qualquer tivesse sido a causa, o paciente era isolado, expulso de sua casa, não se o permitia entrar em nenhuma cidade murada; era excluído do santuário, já não podia assistir a nenhum tipo de reunião. Quando lhe aproximava outro ser humano, devia cobri-la boca e gritar: "Imundo, imundo". Se entrava em alguma casa, esta também ficava "imunda". Qualquer que o tocasse, corria igual sorte.

Na primeira etapa, a enfermidade não deixava a não ser uma manchita sobre a pele, a qual não causava dor nem outro inconveniente. Simplesmente era uma mancha

persistente. Às vezes transcorriam meses ou até anos, com freqüência muitos anos, desde a primeira aparição das manchas até o desenvolvimento completo de a enfermidade. Algumas vezes os sintomas pareciam quase desaparecer, dando esperanças de recuperação, para logo reaparecer ainda mais ativos que antes. Nas etapas avançadas da lepra, o doente apresentava um aspecto repulsivo. Foram carcomendo o nariz e os dedos, desapareciam os pálpebras, perdia completamente a vista, e o doente tomava uma aparência espectral.

A sua era uma morte em vida. Lhe deteriorava a voz e terminava desaparecendo; o fôlego lhe tornava insuportável; as articulações se o deformavam ou se cobriam das protuberâncias próprias da enfermidade; seu corpo se cobria de manchas violáceas de carne putrefata. A enfermidade avançava até abranger todo o corpo, terminando assim com a vida da vítima. Não pode conceber-se espetáculo mais repulsivo. Abandonado por seus amigos e familiares, o leproso era em todo sentido um espetáculo digno de lástima. Não é de maravilhar-se que os homens o considerassem abandonado de Deus.

Um de seus filhos.

Não era necessário que o supremo sacerdote realizasse o exame. Podia ser feito por qualquer dos sacerdotes. Segundo o Talmud, aqueles levita que não pudessem servir como sacerdotes por ter defeitos físicos, podiam servir para examinar estes casos.

3.

O sacerdote olhará.

Devia examinar a zona infectada, porque podia tratar-se de lepra ou não. Havia dois sinais que devia procurar: cabelo branco na chaga, e uma depressão na pele. Deve recordar-se que os judeus geralmente eram gente de cabelo escuro. Se existiam estes dois elementos, declarava-se imunda à pessoa.

4.

Mais profunda.

Quer dizer, debaixo da capa exterior da pele. O fator causador da lepra não está na epiderme, mas é ali onde aparecem as primeiras

manifestações da enfermidade.

11.

Lepra crônica.

Sem dúvida havia casos de pessoas que não se apresentaram ao sacerdote ao ocorrer as primeiras manifestações de uma possível lepra, pessoas cujas famílias não se atreveram a apresentá-los ao sacerdote, sabendo o que significaria para eles um relatório desfavorável. Quando sua condição já não podia ocultar-se mais, ia, ou era levada a sacerdote. Se havia inchaço, se o cabelo nesse lugar se tornou branco, e havia também "carne viva", se tratava de "lepra crônica" e o sacerdote devia imediatamente declarar imunda a tal pessoa. Não havia necessidade de pô-la em quarentena nem em observação para ser examinada posteriormente.

13.

Declarará limpo ao ulcerado.

Este caso foi motivo de muita discussão. Sobre o particular se hão mantido duas posições: (1) a pessoa não tinha tido lepra a não ser alguma erupção inofensiva, ou (2) tinha tido lepra e se curou. O primeiro de estes pareceres fica excluído pelas declarações: "de modo que cobrir toda a pele" (vers. 12), e "a lepra houver talher todo seu corpo" (vers. 13). Entretanto, é possível que esta lepra tivesse tido um parecido só superficial com o que hoje chamamos lepra (ver comentários adicionais ao final do capítulo).

18.

E se sanar.

O quarto caso em que podia suspeitar-se de lepra tinha sua origem em um abscesso ou furúnculo, quer dizer forúnculo. Tal chaga tende facilmente a infectar-se. O procedimento para realizar o diagnóstico era similar ao do caso prévio (vers. 2-8). 777

24.

Queimadura de fogo.

O quinto caso em que podia suspeitar-se de lepra provinha de uma queimadura, que, a semelhança de um furúnculo, fazia que a pele pudesse infectar-se. A inspeção do sacerdote e o procedimento geral do diagnóstico são os mesmos como no caso prévio (vers. 18-23).

29.

Na cabeça.

O sexto tipo de possível lepra aparecia no cabelo ou na barba.

38.

Manchas brancas.

"Manchas brilhantes, manchas brancas" (BJ). Trata-se aqui de uma erupção inofensiva na pele, mas a inclui a fim de que não houvesse confusão possível entre este tipo de erupção e a lepra para não causar ansiedade à pessoa afetada nem a seus familiares. Tal tipo de "sarda" ou de "impigem" não era infeccioso.

42.

Na calva.

A calvície não é uma impureza. Mas a infecção pode aparecer ali como em outros lugares. Se aparecia uma mancha devia tratar-lhe como nos outros casos. Em este se trata de uma mancha branca avermelhada acompanhada de inchaço.

45.

Vestidos rasgados.

O leproso levava vestimentas de luto. Devia comportar-se como se a morte já tivesse obtido a vitória sobre ele. Os vestidos rasgados eram o sinal acostumada de calamidade e profundo pesar (Job 1: 20; 2: 12; Mat. 26: 65). Devia levar a cabeça "descoberta", ou mas bem desgrenhada. Não devia cortar-se o cabelo nem pentear-se. Devia apresentar uma aparência de desalinho. Nas últimas etapas da enfermidade as pálpebras, as orelhas e o nariz

desapareciam, ficando expostos algumas vezes os ossos da cara. Seria difícil imaginar um espetáculo mais repulsivo. Se o leproso procurava refúgio sob uma árvore, qualquer pessoa que estivesse sentada à sombra do mesmo árvore se considerava poluída.

O leproso devia viver sozinho, fora do acampamento, e sob nenhuma circunstância podia entrar na cidade. Dependia da caridade para viver. A lepra era em verdade uma "morte em vida".

47.

Um vestido.

Quer dizer, qualquer gosta muito de vestir. As vestimentas levadas pelos israelitas eram principalmente de lã ou de linho. Baixo certas condições climáticas, podiam aparecer nelas manchas de mofo.

NOTA ADICIONAL AO CAPÍTULO 13

Muitos dos sintomas dos diversos tipos de "lepra" enumerados neste capítulo, diferem dos sintomas da enfermidade que agora se conhece com esse nome. Além disso as disposições mosaicas para a limpeza cerimoniosa implicam a cura a curto prazo de alguns pacientes de "lepra". Até faz poucos anos, não se conhecia uma padre eficaz para a verdadeira lepra.

A palavra traduzida "lepra" vem do Heb. tsara' que significa "golpear", "abater", "açoitar". Uma pessoa afetada de lepra tinha sido açoitada presumivelmente como castigo divino por atos pecaminosos. Isto foi certo em o caso da María (Núm. 12: 10), do Giezi (2 Rei. 5: 27), e do Uzías (2 Rei. 15: 5). Em outros casos de lepra mencionados no AT não fica claro se este princípio se aplica ou não (2 Rei. 5: 1; 7: 3). Gesenius considera que tsara' é intercambiável com gara', que se refere a crostas ou crostas. A palavra grega leprós, da qual se deriva nossa palavra lepra, quer dizer "áspero", "com escamas", "com crostas". Atualmente se reconhecem dois grandes tipos de lepra: lepromatosa e tuberculoide. Outros casos se incluem em um terceiro grau "indeterminável". O tipo lepromatoso é maligno. A lepra tuberculoide -habitualmente benigna- compreende as variedades macular, micropapuloide e maior. A "abolição das sensibilidades", característica da lepra, significa sucessivamente a perda da sensibilidade ao calor, ao tato, à dor e, por fim, à pressão. O tipo neural, chamado também lepra atrófica ou maculoanestésica, é considerado atualmente como não

infectivo, o que faz desnecessária a segregação do paciente.

Parecesse o mais provável que a "lepra" do Lev. 13 fora um término geral usado para descrever várias enfermidades da pele, tais como a psoriasis e o vitiligo, como também a verdadeira lepra. A maior parte dos sintomas aqui descritos se parecem com os da lepra mosaica, ou psoriasis. A "inchaço" do vers. 2 pode ser similar às protuberâncias características da lepra tuberculoide, ou possivelmente da lepra maculoanestésica. As "manchas brancas" ou "brilhantes" (BJ), mencionadas repetidas vezes, podem ter sido de vitiligo, uma enfermidade tropical cujo sintoma principal é a aparição de manchas na pele. No vitiligo, os cabelos das partes afetadas se voltam brancos, como se descreve no vers. 3. A enfermidade começa com a aparição de manchas pequenas, mas 778 se estende com freqüência abrangendo grandes extensões de pele. É inofensiva, mas desfigura a aparência, sobre tudo da pessoa de tez escura.

O fato de que haja diversos sintomas da "lepra" mencionada neste capítulo reforça a posição de que, sob o título "lepra", compreendem-se várias enfermidades que afetam a pele. Em épocas quando não existia a ciência médica como tal, deve ter sido difícil que os sacerdotes dessem um diagnóstico acertado das diversas enfermidades que afetam a pele, quando estas enfermidades eram parecidas e não havia nem sequer um nome específico para cada uma. Evidentemente Moisés agrupou todas estas enfermidades similares sob um título, tsara', que se traduziu "lepra".

A idéia de pôr em quarentena aos doentes de doenças contagiosas parece haver-se originado entre os hebreus; era uma proteção dada Por Deus mesmo. pensou-se que a idéia bíblica de segregar às pessoas que tivessem "lepra" levou, na Idade Média, ao costume de isolar aos doentes da verdadeira lepra. Alguns comentadores hão sustenido que a lepra se originou em Egito, mas em realidade sua origem é desconhecida. Muito antes da época de os israelitas, a lepra já se propagou pelo Longínquo Oriente, Índia e África, e pelas costas mediterráneas.

A "lepra" nas paredes das casas ou nas vestimentas tomava forma de manchas ou nervuras vermelhas e verdes. Parece ter sido uma forma de cogumelo, e embora
era diferente da "lepra" dos seres humanos, provavelmente indicava que a casa era insalubre. A roupa infectada poderia possivelmente estender aos seres humanos uma enfermidade causada por cogumelos.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

45 DTG 227, 722

46-52 MC 212

CAPÍTULO 14

1 Ritos e sacrifícios para a purificação do leproso. 33 Sinais de lepra em uma casa. 43 A Purificação dessa cara.

1 E FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Esta será a lei para o leproso quando se limpar: Será gasto ao sacerdote,

3 e este sairá fora do acampamento e o examinará; e se vir que está sã a praga da lepra do leproso,

4 o sacerdote mandará logo que se tomem para o que se desencarde dois mora vivas, podas, e madeira de cedro, grão e hisopo.

5 E mandará o sacerdote matar uma avecilla em um copo de barro sobre águas correntes.

6 Depois tomará a avecilla viva, o cedro, o grão e o hisopo, e os molhará com a avecilla viva no sangue da avecilla morta sobre as águas correntes;

7 e orvalhará sete vezes sobre o que se desencarde da lepra, e lhe declarará limpo; e soltará a avecilla viva no campo.

8 E o que se desencarde lavará seus vestidos, e raspará todo seu cabelo, e se lavará com água, e será limpo; e depois entrará no acampamento, e morará fora de sua loja sete dias.

9 E o sétimo dia raspará todo o cabelo de sua cabeça, sua barba e as sobrancelhas de seus
olhos e todo seu cabelo, e lavará seus vestidos, e lavará seu corpo em água, e será limpo.

10 Nos oitavo dia tomará dois cordeiros sem defeito, e uma cordera de um ano sem mancha, e três décimos de f de flor de farinha para oferenda amassada com azeite, e um log de azeite.

11 E o sacerdote que lhe desencarde apresentará diante do Jehová ao que se tem que limpar, com aquelas coisas, à porta do tabernáculo de reunião;

12 e tomará o sacerdote um cordeiro e o oferecerá pela culpa, com o log de azeite, e 779 o balançará como oferenda balançada diante do Jehová.

13 E degolará o cordeiro no lugar onde se degüella o sacrifício pelo pecado e o holocausto, no lugar do santuário; porque como a vítima por o pecado, assim também a vítima pela culpa é do sacerdote; é coisa muito sagrada.

14 E o sacerdote tirará do sangue da vítima pela culpa, e a porá o sacerdote sobre o lóbulo da orelha direita do que se desencarde, sobre o polegar de sua mão direita e sobre o polegar de seu pé direito.

15 Deste modo o sacerdote tirará do log de azeite, e o jogará sobre a palma de sua mão esquerda,

16 e molhará seu dedo direito no azeite que tem em sua mão esquerda, e pulverizará do azeite com seu dedo sete vezes diante do Jehová.

17 E do que ficar do azeite que tem em sua mão, porá o sacerdote sobre o lóbulo da orelha direita do que se desencarde, sobre o polegar de seu emano direita e sobre o polegar de seu pé direito, em cima do sangue do sacrifício pela culpa.

18 E o que ficar do azeite que tem em sua mão, porá-o sobre a cabeça do que se desencarde; e fará o sacerdote expiação por ele diante do Jehová.

19 Oferecerá logo o sacerdote o sacrifício pelo pecado, e fará expiação pelo que se tem que desencardir de sua imundície; e depois degolará o holocausto,

20 e fará subir o sacerdote o holocausto e a oferenda sobre o altar. Assim fará o sacerdote expiação por ele, e será limpo.

21 Mas se for pobre, e não tuviere para tanto, então tomará um cordeiro para

ser devotado como oferenda balançada pela culpa, para reconciliar-se, e uma décima de f de flor de farinha amassada com azeite para oferenda, e um log de azeite,

22 e dois tórtolas ou dois filhotes de pomba, conforme possa; a gente será para expiação pelo
pecado, e o outro para holocausto.

23 Ao oitavo dia de sua purificação trará estas coisas ao sacerdote, à
porta do tabernáculo de reunião, diante do Jehová.

24 E o sacerdote tomará o cordeiro da expiação pela culpa, e o log de
azeite, e os balançará o sacerdote como oferenda balançada diante do Jehová.

25 Logo degolará o cordeiro da culpa, e o sacerdote tirará do sangue
da culpa, e a porá sobre o lóbulo da orelha direita do que se
desencarde, sobre o polegar de sua mão direita e sobre o polegar de seu pé direito.

26 E o sacerdote jogará do azeite sobre a palma de sua mão esquerda;

27 e com seu dedo direito o sacerdote orvalhará do azeite que tem em sua mão esquerda, sete vezes diante do Jehová.

28 Também o sacerdote porá do azeite que tem em sua mão sobre o lóbulo
da orelha direita do que se desencarde, sobre o polegar de sua mão direita e sobre o polegar de seu pé direito, no lugar do sangue da culpa.

29 E o que sobre do azeite que o sacerdote tem em sua mão, porá-o sobre
a cabeça do que se desencarde, para reconciliá-lo diante do Jehová.

30 Deste modo oferecerá uma das tórtolas ou um dos filhotes de pomba, conforme possa.

31 E um em sacrifício de expiação pelo pecado, e o outro em holocausto,
além da oferenda; e fará o sacerdote expiação pelo que se tem que
desencardir, diante do Jehová.

32 Esta é a lei para o que tiver tido praga de lepra, e não tuviere mais
para sua purificação.

33 Falou também Jehová ao Moisés e ao Aarón, dizendo:

34 Quando tiverem entrado na terra do Canaán, a qual eu lhes dou em posse,
se pusiere eu praga de lepra em alguma casa da terra de sua posse,

35 virá aquele de quem for a casa e dará aviso ao sacerdote, dizendo:
Algo como praga apareceu em minha casa.

36 Então o sacerdote mandará desocupar a casa antes que entre a olhar a
praga, para que não seja poluído tudo o que estivesse na casa; e depois
o sacerdote entrará em examiná-la.

37 E examinará a praga; e se se virem manchas nas paredes da casa,
manchas esverdeadas ou avermelhadas, as quais parecerem mais profundas que a
superfície da parede,

38 o sacerdote sairá da casa à porta dela, e fechará a casa por
sete dias.

39 E ao sétimo dia voltará o sacerdote, e a examinará; e se a praga se
tiver estendido nas paredes da casa,

40 então mandará o sacerdote, e arrancarão as pedras em que estivesse a
780 praga, e as jogarão fora da cidade em lugar imundo.

41 E fará raspar a casa por dentro ao redor, e derramarão fora da cidade,
em lugar imundo, o barro que rasparem.

42 E tomarão outras pedras e as porão em lugar das pedras tiradas; e
tomarão outro barro e recubrirán a casa.

43 E se a praga voltar a brotar naquela casa, depois que fez arrancar
as pedras e raspar a casa, e depois que foi recubierto,

44 então o sacerdote entrará e a examinará; e se parecesse haver-se
estendido a praga na casa, é lepra maligna na casa; imunda é.

45 Derrubará, portanto, a tal casa, suas pedras, seus madeiros e toda a mescla
da casa; e tirarão todo fora da cidade a lugar imundo.

46 E qualquer que entrar naquela casa durante os dias em que a mandou
fechar, será imundo até a noite.

47 E o que durmiere naquela casa, lavará seus vestidos; também o que comer na casa lavará seus vestidos.

48 Mas se entrar o sacerdote e a examinar, e vir que a praga não se há estendido na casa depois que foi recubierto, o sacerdote declarará poda a casa, porque a praga desapareceu.

49 Então tomará para limpar a casa dois avecillas, e madeira de cedro, grão e hisopo;

50 e degolará uma avecilla em uma vasilha de barro sobre águas correntes.

51 E tomará o cedro, o hisopo, o grão e a avecilla viva, e os molhará em o sangue da avecilla morta e nas águas correntes, e orvalhará a casa sete vezes.

52 E desencardirá a casa com o sangue da avecilla, com as águas correntes, com a avecilla viva, a madeira de cedro, o hisopo e o grão.

53 Logo soltará a avecilla viva fora da cidade sobre a face do campo. Assim fará expiação pela casa, e será poda.

54 Esta é a lei a respeito de toda praga de lepra e de tinja,

55 e da lepra do vestido, e da casa,

56 e a respeito do inchaço, e da erupção, e da mancha branca,

57 para ensinar quando é imundo, e quando limpo. Esta é a lei referente a a lepra.

2.

A lei para o leproso.

dão-se mais detalhe quanto à purificação de um leproso que a respeito da purificação de qualquer outra impureza. Posto que o leproso estava excluído, não só do santuário mas também também do acampamento, sua restauração se
efetuava mediante duas cerimônias. A primeira lhe permitia voltar para acampamento

e relacionar-se com seus irmãos. A segunda, realizada uma semana mais tarde, levava-se a cabo no átrio do tabernáculo e o restaurava a uma plena comunhão e a todos os privilégios da relação do pacto.

3.

Fora do acampamento.

A primeira cerimônia, cujo objeto era capacitar ao leproso para que voltasse para acampamento, realizava-se fora de este.

4.

Dois avecillas.

Deviam ser avecillas silvestres, declara o Talmud; provavelmente porque o simbolismo exigia que o passarinho se fora voando, e uma avecilla doméstica não tivesse-o feito (vers. 7). Alguns comentadores comparam as duas avecillas com os dois machos caibros usados nos serviços do dia da expiação, um do Senhor, o outro do Azazel. Esta teoria admite objeções sérias. Não se fala de expiação no caso das avecillas. menciona-se limpeza, mas deve recordar-se que não se usavam as avecillas para limpeza. A pessoa já tinha sido declarada poda. No caso das avecillas não se orvalhava a sangre no altar como expiação. Em realidade a cerimônia nem sequer se realizava no santuário a não ser no campo. As aves não eram as que se usavam para os sacrifícios no altar; eram aves silvestres. O sangue que se usava eram umas gotas mescladas com água em uma vasilha o suficientemente grande como
para conter a madeira de cedro que, segundo o Talmud, devia medir um cotovelo. Era uma solução muito fraco que, evidentemente, não tinha propriedades expiatórias simbólicas. Não se diz que as avecillas tivessem sido apresentadas como oferenda pelo pecado, nem pela transgressão, nem como holocausto, nem oferenda de paz, nem como oblação. Em realidade não eram sacrifícios. Acabada a cerimônia, a pessoa ainda não podia ir ao santuário. Não podia sequer ir a seu própria loja. Logo depois de outros sete dias, a pessoa desencardida podia oferecer sua oblação, sua oferenda pela transgressão e seus holocaustos. Nessa ocasião se fazia a expiação (vers. 18-21, 29, 31). 781

6.

O cedro.

Não se explica claramente o simbolismo do cedro, do hisopo e do grão. Possivelmente a fragrante madeira de cedro recordava o incenso usado exclusivamente em
o santuário. O hisopo simbolizava a purificação (Sal. 51: 7; ver com. Exo. 12: 22). O "grão" era uma bandagem ou tira de lã, tinta duas vezes, usada para atar o hisopo à madeira de cedro, posto que ambos eram molhados com a sangue da avecilla.

7.

E soltará a avecilla viva no campo.

Entretanto, antes de que o sacerdote soltasse a avecilla, orvalhava sete vezes ao que devia ser desencardido, e o declarava limpo. Então lhe mandava que se lavasse a roupa, que se barbeasse e que se banhasse. Logo depois de ter realizado isto, podia entrar no acampamento. Deve ter sido um cortejo contente o que acompanhava-o de volta ao acampamento. Entretanto, não estava totalmente restaurado. Não tinha devotado ainda um sacrifício. Não tinha estado ainda no santuário. Não podia entrar em sua própria loja, mas tinha sido achado limpo e estava contente.

A cerimônia era um formoso quadro do que Deus tinha feito e faria pelo leproso. matava-se um ave silvestre, e outra ave era molhada em seu sangue e logo libertada. Este era o quadro do leproso, condenado a morte, e de seu liberação. O leproso já estava morrendo, mas tinha sido sanado. O milagre de seu cura estava relacionado simbolicamente com o sangue e a água. Se usava tão somente muito pouco sangue, por assim dizê-lo, possivelmente só uma ou duas gotas,
mas depois de que o leproso tinha sido orvalhado com ela, o declarava limpo. O verdadeiro sacrifício não tinha sido apresentado ainda. O homem não tinha ido ainda ao altar. O sangue da avecilla não tem poder para desencardir, mas logo o sacerdote tomará um cordeiro e se fará a expiação.

10.

Nos oitavo dia.

Uma semana depois da primeira cerimônia, realizada fora do acampamento (vers. 3-8), o leproso se aproximava da porta do tabernáculo para cumprir os ritos finais.

Três décimos de f.

Três gomeres, ou seja 6 litros.

Um log de azeite.

Aproximadamente 0,31 litro.

12.

Pela culpa.

Note-se que se exigia uma oferenda pela transgressão para a cerimônia da purificação de um leproso, mas que não se menciona a oferenda de paz, que geralmente acompanhava a uma oferenda pela transgressão. Está longe de ser clara a razão pela qual se exigia a apresentação de uma oferenda pela transgressão. Tal oferenda devia apresentar-se em todos aqueles casos onde devia fazer-se restituição; nos outros casos se exigia uma oferenda pelo pecado. Pode perguntar-se: O que tinha feito o leproso para que lhe exigisse uma restituição? Parecesse que ao oferecer uma oferenda pela transgressão em lugar de uma oferenda pelo pecado, que tinha que ser desencardido punha seu emano sobre a cabeça do animal e confessava seus pecados. Embora não se o mencione explicitamente aqui, é indubitável que esta cerimônia se realizava (Lev. 5: 5; Núm. 5: 7).

São cinco os aspectos nos quais a oferenda pela transgressão em ocasião da purificação do leproso era diferente: (1) Não se exigia que o animal apresentado fosse de algum valor determinado como ocorria habitualmente no caso da oferenda pela transgressão (Lev. 5: 16; 6: 6). (2) Balançava-se esta oferenda, ao passo que a oferenda pela transgressão não era balançada. (3) Era balançada pelo sacerdote, enquanto que a oferenda balançada comum era balançada pelo
que apresentava a oferenda, ajudado pelo sacerdote (cap. 7: 30). (4) Todo o animal era balançado (cap. 14: 12), o que solo ocorria em um caso mais (cap. 23:20). (5) A apresentação da oferenda era acompanhada com azeite.

A razão que geralmente se dá para explicar o fato de que se apresentasse uma oferenda pela transgressão e não uma oferenda pelo pecado, é que o Senhor se tinha visto privado dos serviços do leproso durante todos os anos de seu enfermidade. Isto poderia ser assim só no caso quando a pessoa houvesse

cometido de propósito uma ação que a tivesse incapacitado para o serviço.

Se um homem viver de tal maneira que danifica sua saúde, priva a Deus do serviço que lhe deve. Em um caso tal, o homem devesse oferecer uma oferenda pela transgressão e fazer restituição dentro do possível. Um número excessivo de pessoas lhe dão ao mundo seus melhores anos, e quando estão doentes e anciãs, voltam-se para Deus. Deus aceita aos tais; mas na verdade privaram a Deus e à humanidade do serviço que poderiam ter emprestado, e que deveriam haver emprestado, se precozmente em sua vida se consagraram a ele. 782

14.

O lóbulo da orelha direita.

Esta parte do ritual era similar ao rito de consagração do sacerdote e possivelmente tivesse o mesmo significado (cap. 8: 23).

16.

O azeite.

Esta parte da cerimônia pertence exclusivamente aos ritos da purificação do leproso. Em nenhum outro caso se orvalhava o azeite. usava-se a combinação de sangue e azeite (cap. 8: 30), mas nunca azeite sozinho.

19.

O sacrifício pelo pecado.

Logo depois de oferecer o sacrifício pela transgressão, ofereciam-se o sacrifício pelo pecado e o holocausto. A oferenda pela transgressão tinha efetuado a expiação (vers. 18). Todo descuido passado tinha sido perdoado. Finalmente, o sacerdote oferecia o sacrifício pelo pecado, e o holocausto que devia acompanhá-lo.

21.

Se for pobre.

Um pobre podia oferecer dois tórtolas ou dois filhotes de pomba em lugar dos dois cordeiros exigidos para a oferenda pelo pecado e o holocausto. Entretanto,

não podia substituir o cordeiro da oferenda pela transgressão. Devia apresentar o cordeiro, já se tratasse de um rico ou de um pobre. Também havia uma diminuição na quantidade de farinha requerida, posto que se aceitava 1/10 de f (2 litros ou 900 gramas) em lugar dos 3/10 do vers. 10. O log de azeite permanecia invariável.

Com a exceção destes detalhes, o ritual prosseguia como o apresenta em os vers. 10-20. O homem recebia o perdão por todos seus delitos passados e lhe concedia a expiação. Ficava restaurado à plena paróquia na congregação e novamente podia participar dos diversos serviços religiosos.

34.

Se pusiere.

Isto pode implicar um ato direto de Deus ou não. Na Bíblia aparecem muitas afirmações tais, nas quais não se faz uma clara referência a um ato de Deus. Por exemplo: Deus alimenta as aves (Luc 12: 24). Quando Deus põe uma praga em uma casa, pode tratar-se de um ato direto de Deus, ou pode ser o resultado da má construção feita pelo homem.

49.

Tomará para limpar a casa.

A casa devia limpar-se, não só com o sangue da avecilla e com água corrente, mas também com "a madeira de cedro, o hisopo e o grão" (vers. 52).

NOTA ADICIONAL AO CAPÍTULO 14

A reação frente à lepra, que levava a que o doente fosse excluído do acampamento, devia-se indubitavelmente ao caráter peculiar da enfermidade. A verdadeira lepra estava intimamente ligada com a morte, na qual acabava normalmente. Em suas últimas etapas era em realidade uma "morte em vida", na qual se produzia a necrose das malhas, a ulceração das carnes e também a atrofia dos membros. antes de morrer, o leproso era o espectro da morte e ilustrava de maneira gráfica o pagamento do pecado. Por esta razão, a lepra foi considerada, através dos séculos, tanto por judeus como por cristãos, como um símbolo do pecado e de seus resultados.

A pessoa que tinha sido excluída do acampamento pela suspeita de ter lepra, podia chamar o sacerdote se existia a mais mínima indicação de que estava melhorando. Era o dever do sacerdote ir em tais casos, mas podemos supor que algumas vezes o fazia um tanto a contra gosto. Pressentindo que não havia melhoria, podia sentir-se tentado a impacientar-se com o que o chamava ou a demorar sua visita ao pobre leproso. Necessitava paciência a fim de não perder nunca o sentido da compaixão que tanto necessitava o leproso. Devia aprender a não fugi-lo a não ser a compadecer-se dele e ajudá-lo. Esta é uma lição para os servos de Deus na atualidade. Como o sacerdote de antigamente, o ministro do Deus hoje deve mostrar-se paciente (Heb. 5: 2).

Em suas primeiras etapas, a lepra não provoca grande dor física; entretanto, o espanto e terror da enfermidade devem ter afetado vitalmente a vida inteira do paciente. Assim também o pecado não se faz sentir tão agudamente, e um homem possivelmente logo que esteja consciente de sua natureza maligna. A lepra é
corrosiva, e se propaga quase sem ser percebida até que aparecem as úlceras, a carne viva, e finalmente se produz a atrofia e desaparecimento de algumas partes do corpo. Assim também o pecado carcome a beleza e a vida do espírito, embora por fora não existam indícios manifestos da condição existente por dentro. Finalmente, a enfermidade brota por fora, e o homem converte-se em um 783 cadáver vivente, uma massa de repugnante corrupção. Assim também o pecado ao final dá seu fruto até que a imagem de Deus no homem é quase totalmente puída. Assim como a lepra termina na morte, o pecado leva a morte. Por isso, a lepra se adapta muito bem para simbolizar, como não o poderia fazer nenhuma outra enfermidade, os diversos aspectos do pecado.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

4-7 PP 281

45-47 MC 212

CAPÍTULO 15

1 Impureza física do varão. 13 Sua purificação. 19 Impureza física da mulher. 28 Sua purificação.

1 FALO Jehová ao Moisés e ao Aarón, dizendo:

2 Falem com os filhos do Israel e lhes digam: Qualquer varão, quando tuviere fluxo de sêmen, será imundo.

3 E esta será sua imundície em seu fluxo: seja que seu corpo destilou por causa de seu fluxo, ou que deixe de destilar por causa de seu fluxo, ele será imundo.

4 Toda cama em que se deitar o que tuviere fluxo, será imunda; e toda coisa sobre que se sentasse, imunda será.

5 E qualquer que tocar sua cama lavará seus vestidos; lavará-se também a si mesmo com água, e será imundo até a noite.

6 E o que se sentar sobre aquilo em que se sentou o que tem fluxo, lavará seus vestidos, lavará-se também a si mesmo com água, e será imundo até a noite.

7 Deste modo o que tocar o corpo de que tem fluxo, lavará seus vestidos, e a si mesmo se lavará com água, e será imundo até a noite.

8 E se o que tiver fluxo cuspir sobre o limpo, este lavará seus vestidos, e depois de haver-se lavado com água, será imundo até a noite.

9 E toda arreios sobre que cavalgar o que tuviere fluxo será imunda.

10 Qualquer que tocar qualquer coisa que tenha estado debaixo dele, será imundo até a noite; e o que a levar, lavará seus vestidos, e depois de lavar-se com água, será imundo até a noite.

11 E todo aquele a quem tocar o que tem fluxo, e não lavar com sua água mãos, lavará seus vestidos, e a si mesmo se lavará com água, e será imundo até a noite.

12 A vasilha de barro que tocar o que tem fluxo será quebrada, e toda vasilha de madeira será lavada com água.

13 Quando se limpou de seu fluxo o que tem fluxo, contará sete dias desde sua purificação, e lavará seus vestidos, e lavará seu corpo em águas correntes, e será limpo.

14 E o oitavo dia tomará dois tórtolas ou dois filhotes de pomba, e virá diante de

Jehová à porta do tabernáculo de reunião, e os dará ao sacerdote;

15 e o sacerdote fará do um oferenda pelo pecado, e do outro holocausto; e o sacerdote lhe desencardirá de seu fluxo diante do Jehová.

16 Quando o homem tuviere emissão de sêmen, lavará em água todo seu corpo, e será imundo até a noite.

17 E toda vestimenta, ou toda pele sobre a qual cair a emissão do sêmen, se lavará com água, e será imunda até a noite.

18 E quando um homem jazer com uma mulher e tuviere emissão de sêmen, ambos lavarão-se com água, e serão imundos até a noite.

19 Quando a mulher tuviere fluxo de sangue, e seu fluxo for em seu corpo, sete dias estará apartada; e qualquer que a tocar será imundo até a noite.

20 Todo aquilo sobre que ela se deitar enquanto estivesse separada, será imundo; também todo aquilo sobre que se sentar será imundo.

21 E qualquer que tocar sua cama, lavará seus vestidos, e depois de lavar-se com água, será imundo até a noite.

22 Também qualquer que tocar qualquer 784 móvel sobre que ela se tiver sentado, lavará seus vestidos; lavará-se logo a si mesmo com água, e será imundo até a noite.

23 E o que estivesse sobre a cama, ou sobre a cadeira em que ela se houver sentado, que o tocar será imundo até a noite.

24 Se algum durmiere com ela, e seu menstruo for sobre ele, será imundo por sete dias; e toda cama sobre que durmiere, será imunda.

25 E a mulher, quando siguiere o fluxo de seu sangue por muitos dias fora do tempo de seu costume, ou quando tuviere fluxo de sangue mais de seu costume, todo o tempo de seu fluxo será imunda como nos dias de seu costume.

26 Toda cama em que durmiere todo o tempo de seu fluxo, será-lhe como a cama de seu costume; e todo móvel sobre que se sentar, será imundo, como a impureza de seu costume.

27 Qualquer que tocar essas coisas será imundo; e lavará seus vestidos, e a si mesmo se lavará com água, e será imundo até a noite.

28 E quando for livre de seu fluxo, contará sete dias, e depois será poda.

29 E o oitavo dia tomará consigo dois tórtolas ou dois filhotes de pomba, e os trará para o
sacerdote, à porta do tabernáculo de reunião;

30 e o sacerdote fará do um oferenda pelo pecado, e do outro holocausto; e desencardirá-a o sacerdote diante do Jehová do fluxo de sua impureza.

31 Assim vos separarão de suas impurezas aos filhos do Israel, a fim de que não morram por suas impurezas por ter poluído meu tabernáculo que está entre eles.

32 Esta é a lei para o que tem fluxo, e para o que tem emissão de sêmen, devendo ser imundo por causa disso;

33 e para a que padece seu costume, e para o que tuviere fluxo, seja varão ou mulher, e para o homem que durmiere com mulher imunda.

2.

Quando tuviere fluxo de sêmen.

A palavra hebréia zab, traduzida "fluxo de sêmen", "fluxo seminal" (BJ), não é o suficientemente específica para traduzir-se nesta forma. Significa mas bem "fluxo" em geral,

podendo-se incluir o fluxo normal de certas funções fisiológicas, como também o fluxo anormal de alguma enfermidade, tanto na mulher como no homem.

Este capítulo tráfico de diversos tipos de contaminação, tanto no homem como na mulher. Essas contaminações não implicavam transgressão moral, embora tanto a pessoa afetada como os que entravam em contato com ela, ficavam poluídos. Algumas destas contaminações ocorrem no curso normal de a vida, como no caso da mulher que tem o "tempo de seu costume" ou "suas regras" (BJ), quer dizer sua menstruação (vers. 25), ou um "fluxo de sangue"

(vers. 19), ou no caso do homem que tem uma "emissão de sêmen" enquanto dorme (vers. 16). Chegamos à conclusão de que as contaminações descritas neste capítulo não são resultado do pecado mas sim do funcionamento normal do corpo, ou acaso de alguma condição anormal.

3.

Sua imundície.

Neste capítulo se mencionam seis diferentes casos: (1) Condições anormais no homem (Lev. 15: 2-15; cf. Lev. 22: 4; Núm. 5: 2). (2) Condições normais no homem (Lev. 15: 16, 17; cf. Lev. 22: 4; Deut. 23: 10, 11). (3) Relações conjugais normais (Lev. 15: 18; cf. Exo. 19: 15; 1 Sam. 21: 5; 1 Cor. 7: 5). (4) Condições normais na mulher (Lev. 15: 19-23; cf. Lev. 12: 2; 20: 18). (5) Relações conjugais inoportunas (Lev. 15: 24; cf. Lev. 18: 19; 20: 18). (6) Condições anormais na mulher (Lev. 15: 25-30; cf. Mat. 9: 20; Mar. 5: 25; Luc. 8: 43).

14.

Dois tórtolas.

No primeiro e no sexto dos casos enumerados no comentário do vers. 3, quando existiam condições físicas anormais, requeria-se um sacrifício. Nos outros casos, não fazia falta. O sacrifício era a menor de todas as oferendas de sangue: uma tórtola ou um filhote de pomba como oferenda pelo pecado, e o
mesmo como holocausto (vers. 29, 30).

31.

A fim de que não morram.

Qualquer pessoa que se atreveu a entrar no santuário nesse estado de contaminação, o teria poluído, apesar de que na maioria de os casos a contaminação pessoal era involuntário e não requeria um sacrifício. Estes regulamentos indicam o interesse de Deus na saúde e a higiene pessoal, e ao mesmo tempo serviam para fazer ressaltar a santidade de as coisas sagradas. A contaminação 785 cerimonial era símbolo da contaminação moral. Nas leis levíticas, faz-se uma clara distinção entre o pecado real e a imundície cerimoniosa.

Deus odeia ao pecado. Viu-o desde seus começos, e prevê seu fim; sabe o que é. Também aborrece toda classe de impureza, embora não seja especificamente pecado. Deus faz distinção entre o pecado e a impureza e não chama delinqüência moral ao que é somente impureza. Mas Deus faz saber ao homem que toda classe de impureza lhe desagrada. Esta lição é também para nós.

Deus exige santidade; exige limpeza. Requer de nós recato e humildade. Requer que não embotemos nossa sensibilidade moral com coisas que tendam a nos fazer menos atentos a sua voz.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

4-12 MC 212

CAPÍTULO 16

1 Forma como o sacerdote deve entrar no lugar muito santo. 11 A reconciliação por si e por sua casa. 15 Expiação pelo pecado do povo. 20 O macho caibro. 29 Festa anual da expiação.

1 FALO Jehová ao Moisés depois da morte dos dois filhos do Aarón, quando aproximaram-se diante do Jehová, e morreram.

2 E Jehová disse ao Moisés: Dava ao Aarón seu irmão, que não em todo tempo entre em
o santuário atrás do véu, diante do propiciatorio que está sobre o arca,
para que não mora; porque eu aparecerei na nuvem sobre o propiciatorio.

3 Com isto entrará Aarón no santuário: com um bezerro para expiação, e um carneiro para holocausto.

4 Se vestirá a túnica Santa de linho, e sobre seu corpo terá cueca de linho, e se aterá o cinto de linho, e com a mitra de linho se cobrirá. São as santas vestimentas; com elas se tem que vestir depois de lavar seu corpo com água.

5 E da congregação dos filhos do Israel tomará dois machos caibros para expiação, e um carneiro para holocausto.

6 E fará trazer Aarón o bezerro da expiação que é dele, e fará a reconciliação por si e por sua casa.

7 Depois tomará os dois machos caibros e os apresentará diante do Jehová, a a porta do tabernáculo de reunião.

8 E jogará sortes Aarón sobre os dois machos caibros; uma sorte pelo Jehová, e outra sorte pelo Azazel.

9 E fará trazer Aarón o macho caibro sobre o qual cair a, sorte por Jehová, e o oferecerá em expiação.

10 Mas o macho caibro sobre o qual cair a sorte pelo Azazel, apresentará-o vivo diante do Jehová para fazer a reconciliação sobre ele, para enviá-lo a Azazel ao deserto.

11 E fará trazer Aarón o bezerro que era para expiação dela, e fará a reconciliação por si e por sua casa, e degolará em expiação o bezerro que é dele.

12 Depois tomará um incensario cheio de brasas de fogo do altar de diante do Jehová, e seus punhos cheios do perfume aromático moído, e o levará detrás do véu.

13 E porá o perfume sobre o fogo diante do Jehová, e a nuvem do perfume cobrirá o propiciatorio que está sobre o testemunho, para que não mora.

14 Tomará logo depois do sangue do bezerro, e a orvalhará com seu dedo para o propiciatorio ao lado oriental; para o propiciatorio pulverizará com seu dedo sete vezes daquele sangue.

15 Depois degolará o macho caibro em expiação pelo pecado do povo, e levará o sangue atrás do véu dentro, e fará do sangue como fez com a sangue do bezerro, e a pulverizará sobre o propiciatorio e diante do propiciatorio. 786

16 Assim desencardirá o santuário, por causa das impurezas dos filhos de Israel, de suas rebeliões e de todos seus pecados; da mesma maneira fará também ao tabernáculo de reunião, o qual reside entre eles em meio de seus impurezas.

17 Nenhum homem estará no tabernáculo de reunião quando ele entre a fazer a expiação no santuário, até que ele saia, e tenha feito a expiação por sim, por sua casa e por toda a congregação do Israel.

18 E sairá ao altar que está diante do Jehová, e o expiará e tirará da sangue do bezerro e do sangue do macho caibro, e a porá sobre os chifres do altar ao redor.

19 E pulverizará sobre ele do sangue com seu dedo sete vezes, e o limpará, e santificará-o das imundícies dos filhos do Israel.

20 Quando tiver acabado de expiar o santuário e o tabernáculo de reunião e o altar, fará trazer o macho caibro vivo;

21 e porá seus Aarón duas mãos sobre a cabeça do macho caibro vivo, e confessará sobre ele todas as iniqüidades dos filhos do Israel, todas seus rebeliões e todos seus pecados, pondo-os assim sobre a cabeça do macho caibro, e o enviará ao deserto por mão de um homem destinado para isto.

22 E aquele macho caibro levará sobre si todas as iniqüidades deles a terra inabitada; e deixará ir o macho caibro pelo deserto.

23 Depois virá Aarón ao tabernáculo de reunião, e se tirará as vestimentas de linho que tinha vestido para entrar no santuário, e as porá ali.

24 Lavará logo seu corpo com água no lugar do santuário, e depois de ficar seus vestidos sairá, e fará seu holocausto, e o holocausto do povo, e fará a expiação por si e pelo povo.

25 E queimará no altar a grosura do sacrifício pelo pecado.

26 O que tiver levado o macho caibro ao Azazel, lavará seus vestidos, lavará também com água seu corpo, e depois entrará no acampamento.

27 E tirarão fora do acampamento o bezerro e o macho caibro imolados pelo pecado, cujo sangue foi levada a santuário para fazer a expiação; e queimarão no fogo sua pele, sua carne e seu esterco.

28 O que os queimar lavará seus vestidos, lavará também seu corpo com água, e depois poderá entrar no acampamento.

29 E isto terão por estatuto perpétuo: No sétimo mês, aos dez dias do mês, afligirão suas almas, e nenhuma obra farão, nem o natural nem o estrangeiro que mora entre vós.

30 Porque neste dia se fará expiação por vós, e serão limpos de todos seus pecados diante do Jehová.

31 Dia de repouso é para vós, e afligirão suas almas; é estatuto perpétuo.

32 Fará a expiação o sacerdote que for ungido e consagrado para ser sacerdote em lugar de seu pai; e se vestirá as vestimentas de linho, as vestimentas sagradas.

33 E fará a expiação pelo santuário santo, e o tabernáculo de reunião; também fará expiação pelo altar, pelos sacerdotes e por todo o povo de a congregação.

34 E isto terão como estatuto perpétuo, para fazer expiação uma vez ao ano por todos os pecados do Israel. E Moisés o fez como Jehová lhe mandou.

L.

Falou Jehová ao Moisés.

Embora Aarón tinha sido designado como supremo sacerdote, Deus reconhecia ao Moisés
como dirigente e deu ao Aarón as instruções necessárias por intermédio de seu irmão.

2.

Não em todo tempo.

Isto ocorreu pouco depois da morte dos dois filhos do Aarón, registrada em o cap. 10. Embora ainda faltavam vários meses até o dia da expiação, Deus instruiu ao Aarón quanto a este dia a fim de que tivesse suficiente tempo para familiarizar-se com o ritual.

Véu.

No santuário havia dois véus: um à entrada do primeiro compartimento; o outro entre os dois compartimentos. Aqui se faz referência ao segundo véu (Heb. 9: 3), que estava diante do propiciatorio (Exo. 26: 31, 32). Era diante deste véu onde se paravam os sacerdotes para oferecer o incenso sobre o altar do incenso, diante do propiciatorio. Não podiam olhar a través do véu, mas sabiam que do outro lado estava o arca com seu propiciatorio, onde Deus tinha prometido encontrar-se com seu povo (Exo. 25: 22). As figuras dos querubins bordadas no véu representavam para eles aos anjos 787 que estão diante do trono de Deus. O véu os protegia da glória consumidora, mas ao mesmo tempo lhes permitia chegar muito perto de Deus.

Os querubins devem lhes haver feito recordar aos querubins se localizados à porta do Éden (ver com. Gén. 3: 24). depois de ter pecado, Adão e Eva não puderam passar além desses querubins; os sacerdotes tampouco podiam ir além de onde estavam os querubins simbólicos e entrar na presença de Deus. Isto deve lhes haver causado uma profunda impressão quanto à santidade de Deus. Só o supremo sacerdote podia entrar no lugar muito santo para ministrar ali, mas como, só brevemente uma vez ao ano.

Durante todo o ano o sangue das vítimas era levada a santuário e orvalhada "sete vezes diante do Jehová, para o véu do santuário" (Lev. 4: 6, 17), nos casos quando o sacerdote ungido ou toda a congregação houvesse pecado. Imediatamente atrás do véu estava o arca com as pranchas da lei. devido à lei se orvalhava o sangue, porque ao pecar os homens haviam quebrantado essa lei, e suas transgressões exigiam expiação. O ato de orvalhar o sangue era o reconhecimento da autoridade da lei e uma forma de pagamento simbólico de suas demandas, já fosse de obediência perfeita, ou da vida do desobediente. Obedece e viverá, desobedece e morrerá: essa era sua sentença.

Entretanto, o sangue orvalhado nunca chegava até a lei pois se interpunha o véu. Até no dia da expiação, quando se apartava o véu e se orvalhava sangre no lugar muito santo, o sangue tampouco chegava até a lei. O propiciatorio a cobria, e ali ficava o sangue. O propiciatorio era símbolo de Cristo. Segundo ROM. 3: 25 Deus pôs a Cristo "como propiciación", literalmente, para que fosse um "propiciatorio". Cristo é nosso "propiciatorio". Por sua morte na cruz e seu ministério no santuário celestial, Cristo nos salva, tendo tomado nosso lugar na cruz e tendo intervindo em nosso favor frente à lei quebrantada. fica entre nós e a lei e nos salva de seu castigo, não ignorando-a nem abolindo-a, a não ser satisfazendo suas justas exigências. Deste modo Cristo

reconhece a autoridade da lei e a honra.

Os sacerdotes entravam no santuário levando o sangue de um animal degolado, e por virtude dela. Cristo, "segundo o poder de uma vida indestrutível" (Heb. 7: 16), entrou, não com "sangue de machos caibros, nem de bezerros, mas sim por seu próprio sangue ... uma vez para sempre no Lugar Muito santo, tendo obtido eterna redenção" (Heb. 9: 12). Convida a entrar por fé ali com ele (Heb. 4: 16). Cristo nos abriu o caminho novo e vivente. O mesmo transitou por esse caminho. É o caminho da cruz, o caminho da obediência. Não há outro caminho.

Muitas vezes se fala -e possivelmente descuidadamente- de seguir a Cristo "até o fim". Cristo entrou no lugar muito santo, onde está agora ministrando por nós. Foi pelo caminho da cruz, do Getsemaní e do Gólgota. Nos convida também a lhe seguir (Mat. 20: 22, 23). Aqueles que aceitem seu convite, devem estar dispostos a caminhar com ele pelo caminho da cruz. Os que assim o sigam aqui, terão o privilégio de viver em sua presença, em o mundo melhor.

A mesma lição está contida no partimiento do pão e a participação de a taça. Disse Cristo: "Isto é meu corpo que por vós é partido... Esta taça é o novo pacto em meu sangue" (1 Cor. 11: 24, 25). Ao participar da taça, ao tomar o pão partido, entramos em um solene pacto com Deus de que iremos até o fim, embora isto possa significar para nós um corpo quebrantado e o derramamento de nosso sangue no martírio.

Parece extremamente adequado que a igreja de Deus seja "a linhagem mais nobre de todas as épocas". Sobre ela se projeta toda a luz das idades passadas. Esta igreja herdou não só as debilidades das gerações já idas mas também o conhecimento bíblico acumulado durante os séculos. Esta igreja recebeu luz sobre as Escrituras como não o recebeu nenhum outro povo. Tem a luz sobre o santuário; tem a palavra profética mais segura; foram-lhe confiados os oráculos de Deus. Compreende a obra que Cristo está realizando agora no tribunal celestial. recebeu o inestimável privilégio de proclamar ao mundo que chegou a hora do julgamento de Deus, e que o fim de todas as coisas se aproxima. Como não deve andar "em Santa e piedosa maneira de viver"! (2 Ped. 3: 11).

O arca.

No arca, debaixo do propiciatorio, estavam os Dez Mandamentos, o

fundamento mesmo do trono de Deus. No arca 788 confluíam justiça e a misericórdia; aqui a "justiça e a paz se beijaram" (Sal. 85: 10); neste lugar Deus se revelava; ali estava o lugar secreto do Muito alto. O arca e o propiciatorio eram o centro de todo o sistema de sacrifícios.

A fim de que não mora.

Esta precaução recorda o desastre que tinha sobrevindo aos filhos do Aarón por causa de sua desobediência (Lev. 10: 1, 2).

Na nuvem.

Deus lhe tinha prometido ao Moisés que se encontraria com ele "à porta do tabernáculo de reunião" (Exo. 29: 42), no altar do incenso diante do véu (Exo. 30: 36; Núm. 17: 4) e, como se o expressa aqui, diretamente diante do propiciatorio (Exo. 25: 22; 30: 6). A presença da "nuvem" sobre o propiciatorio não implica de maneira nenhuma que o lugar muito santo tivesse sido escuro, porque na nuvem estava a glória do Senhor (1 Rei. 8: 10, 11; 2 Crón, 5: 13, 14; Apoc. 15: 8). A Shekinah, evidência visível de que Deus estava em verdade com seu povo, repousava sobre o propiciatorio (Exo. 25: 22; Sal. 80: 1; ISA. 37: 16). Ao homem lhe pode parecer que Deus mora na "escuridão" (1 Rei. 8: 12; Sal. 18: 11), mas "Deus é luz, e não há nenhuma trevas em ele" (1 Juan 1: 5). Habita "em luz inacessível" (1 Tim. 6: 16). Ao revelar-se a seu povo, Deus sempre velou sua glória com uma nuvem, a fim de que os mortais precavessem-se de sua presença e, entretanto, pudessem resisti-la (Exo. 16: 10; 19: 9; 24: 16; 34: 5; 40: 34, 38).

3.

O santuário.

Neste capítulo Moisés usa a expressão "santuário" para referir-se ao lugar muito santo, e "tabernáculo de reunião" para indicar o lugar santo.

Um bezerro para expiação.

No caso de oferecer-se juntos o sacrifício pelo pecado e o holocausto, se apresentava primeiro a oferenda pelo pecado. Esta oferenda exigia a vítima mais nobre. portanto, a oferenda pelo pecado era um bezerro, e o holocausto, um carneiro.

4.

A túnica Santa.

Ao princípio havia tão somente uns poucos sacerdotes, e o supremo sacerdote geralmente ajudava aos sacerdotes comuns em seu ministério. Quando aumentou o número de sacerdotes, o supremo sacerdote cumpria menos freqüentemente esta função. Finalmente chegou a ser o costume que os ajudasse só nos dias sábados, as luas novas e as três festas anuais. considerava-se aos outros sacerdotes como representantes deles, e quando oficiavam, seu ministério era aceito como se o supremo sacerdote mesmo o tivesse realizado. Mas não podiam oficiar em seu lugar no dia da expiação. O era o sacerdote por excelência, e quando oficiava levava as gloriosas vestimentas áureas pertencentes a seu excelso cargo. Estas custosas vestimentas não só estavam adornadas com ouro e pedras preciosas (Exo. 28: 13-36), mas sim também estavam bordadas com as cores do santuário e com fios de ouro puro (Exo. 28: 4-6). Vestido desta maneira, o supremo sacerdote representava a Cristo em sua glória divina como o Filho de Deus.

No dia da expiação, o supremo sacerdote em pessoa oficiava em todas as fases do serviço, ajudado pelos outros sacerdotes. Dirigia os serviços matutinos e vespertinos embelezado com essas vestimentas áureas. Mas ao realizar o ritual especial do dia da expiação, levava a "Santa túnica de linho" (Lev. 16: 23), que se usava exclusivamente nessa ocasião. Esta "túnica Santa" parecia-se com as túnicas dos sacerdotes comuns com exceção dos bordados jaspeados daquela. Provavelmente era de uma textura mais fina que as túnicas dos outros sacerdotes.

O supremo sacerdote se trocava de vestimenta várias vezes durante o dia, lavando-se todo o corpo cada vez que se mudava. À primeira luz do dia, conforme o afirma o Talmud, tirava-se suas roupas pessoais e vestia as vestimentas áureas; assim embelezado dirigia os serviços regulares da manhã. Terminado este serviço, tirava-se as vestimentas áureas para colocá-la "túnica Santa" a fim de oficiar nos serviços especiais do dia (vers. 4). Logo a tirava para voltar a ficá-las vestimentas áureas para o serviço vespertino (vers. 23, 24). Ao concluir este, ficava seus vestidos pessoais para retirar do recinto sagrado do santuário. Vestido com seus vestimentas áureas, o supremo sacerdote representava a Cristo ante o povo, enquanto que vestido da "túnica Santa" simbolizava a Cristo como mediador e representante do povo ante Deus (CS 474).

O branco imaculado das vestimentas que levava o supremo sacerdote no dia da expiação simbolizava a perfeição de caráter que ele e seu povo procuravam mediante os ritos desse dia. "Como o supremo sacerdote, depois de realizar seu serviço no lugar muito santo, saía vestido com suas roupas pontifícias, 789 à congregação que esperava, assim Cristo virá a segunda vez, talher de vestidos ... brancos" (HAp 27). E assim como o povo estava "limpo" de todos seus pecados ao concluir esse serviço (vers. 30), assim também quando Cristo apareça ante seu povo, este estará "sem mancha diante do trono de Deus" (Apoc. 14: 5; F. 5: 27; Couve. 1: 22; Jud. 24; Apoc. 19: 8).

5.

Para expiação.

Aarón devia tomar dois cabritos da congregação para fazer "Isto expiação não era comum, pois no serviço diário se exigia um bezerro como oferenda por o povo, e não uma cabra (cap. 4: 14). Mas o dia da expiação era diferente de todos os outros dias.

Holocausto.

Devia oferecer um carneiro em holocausto, assim como se fez para a consagração do Aarón (cap. 9: 2).

6.

Fará trazer Aarón.

Aarón não devia degolar o bezerro nesse momento mas sim devia apresentar-lhe al Señor en la puerta del tabernáculo para que Dios lo aceptase (vers. 11).
ao Senhor na porta do tabernáculo para que Deus o aceitasse (vers. 11). Deixava o bezerro junto ao altar do holocausto preparado para ser devotado quando chegasse o momento.

Por sua casa.

O bezerro devia ser devotado pelo Aarón e sua família. Só ele devia oficiar em esta ocasião solene, e devia estar livre de toda mancha de pecado a fim de simbolizar devidamente a Cristo em seu papel de mediador (ver Juan 17: 19). Os outros sacerdotes ajudavam, mas não ofereciam nenhum sacrifício.

7.

Os dois machos caibros.

Aarón devia tomar os dois machos caibros e apresentar-lhe ao Senhor na porta do tabernáculo, onde permaneciam enquanto se tornavam sortes sobre eles.

8.

Jogará sortes.

Isto se fazia pondo dois objetos com inscrições em uma urna ou outro receptáculo, e logo os tirava. Dessa maneira a seleção ficava em mãos de Deus. Em tempos remotos, usavam-se pedaços de madeira com inscrições que marcavam um para o Senhor, e outro para o Azazel. Posteriormente, fizeram-se de materiais mais nobres, até de ouro. Segundo o Talmud, os machos caibros deviam ser tão parecidos entre si como fosse possível consegui-los. Para evitar a confusão logo depois de haver-se tornado sortes, se colocava um cordão escarlate nos chifres do macho caibro para o Azazel e um cordão no pescoço do macho caibro para o Senhor. Assim era possível distinguir claramente entre os dois.

Pelo Azazel.

Alguns teólogos pensam que ambos os machos caibros representam a Cristo em dois fases diferentes de sua obra expiatória. Entretanto, não poucos pensam que representam duas forças opostas; e como a gente é para o Senhor, o outro deve ser para Satanás. A grande maioria das versões deixam sem traduzir a palavra hebréia 'azazel, porque não há unanimidade de opinião quanto ao significado de esta palavra. Muitos eruditos modernos sustentam, junto com os judeus, que Azazel é um espírito suprahumano, pessoal e maligno. Quase todos estão de acordo em que o significado da raiz dessa palavra é "que tira", mais especificamente o que tira algo "por uma série de atos". Outros sugerem que a palavra é uma combinação de 'ez, "cabra", e 'azal, "ir-se", "partir".

Assim como um macho caibro era para o Senhor, um Ser pessoal, o outro animal devia ser também para um ser pessoal, e posto que evidentemente existe aqui uma antítese, a posição mais lógica seria a de pensar que Azazel está em oposição ao Senhor, e portanto não pode ser a não ser Satanás.

9.

A sorte pelo Jehová.

Aarón devia oferecer o macho caibro sobre o qual caísse a "sorte pelo Jehová" como oferenda pelo pecado do povo (vers. 15).

10.

Mas o macho caibro.

O contraste entre os dois animais é completo. O macho caibro do Jehová era degolado; o do Azazel não o era. O sangue do macho caibro do Senhor era levada a santuário e orvalhada; não assim o sangue do macho caibro do Azazel, posto que não era morto. Sempre se queimava sobre o altar a grosura da oferenda pelo pecado. Assim se fazia com o macho caibro do Senhor (vers. 25), mas evidentemente não se fazia assim com o macho caibro do Azazel. O sangue do macho caibro do Senhor era capaz de limpar (vers. 15, 16); o macho caibro do Azazel poluía (vers. 26). O contraste entre os duas animais era absoluto (ver com. vers. 20, 21).

A reconciliação.

Ver com. vers. 21.

11.

Fará trazer Aarón o bezerro.

Este bezerro já tinha sido apresentado ao Senhor (vers. 6); agora o aproximava para que fosse sacrificado. antes de que Aarón pudesse estar preparado para fazer expiação por outros, devia fazer expiação por si mesmo.

12.

Brasas de fogo.

degolou-se o 790 bezerro e seu sangue tinha sido guardada por um de os sacerdotes em uma vasilha. antes de entrar no santuário com esse sangue, Aarón tomava brasas do altar do holocausto e enchia seu incensario. Tomava também dois punhados de incenso para colocá-los sobre as brasas uma vez que entrasse no lugar muito santo.

Atrás do véu.

Esta era a primeira vez que Aarón oficiava no lugar muito santo. Era também a primeira vez em que oficiava vestindo a "túnica Santa". Até esse momento tinha vestido as gloriosas vestimentas áureas e tinha feito a expiação por outros. Agora devia vestir as vestimentas de humildade, implorando misericórdia por si mesmo e pelo povo. Seu papel tinha trocado totalmente.

Segundo o Talmud, o supremo sacerdote passava na semana anterior ao dia da expiação em uma habitação reservada para ele no lugar onde se alojavam os sacerdotes, a fim de dedicar-se à oração e à meditação e para repassar cuidadosamente todos os detalhes do ritual desse dia. Não poderia menos que perguntar-se qual seria o significado desse serviço que ia realizar. Começava a compreender o significado da mudança de vestimentas, e a mudança de posição de Cristo em sua encarnação? (Ver com. vers. 4.) Compreendia o significado de despojar-se das vestimentas reais e passar até atrás do velo à presença de Deus? Parece pouco provável que o supremo sacerdote pudesse oficiar no serviço mais importante do ano sem ter ao menos alguma compreensão de seu verdadeiro significado. Sacrificar bezerros, carneiros e machos caibros, orvalhar seu sangue sobre o altar ou o lugar muito santo, sem conhecer o significado destes atos seria reduzir esta muito solene cerimônia do santuário a uma farsa piedosa. Não podemos conceber que assim fora. "Abraham ... se gozou de que tinha que ver meu dia -disse Cristo -; e o viu, e se gozou" (Juan 8: 56). Se Abraão compreendeu, certamente também Aarón haverá compreendido o que representava todo esse ritual.

Podemos chegar acertadamente à conclusão de que Aarón entendia esta verdade espiritual, ao menos em parte, sem possivelmente captar todos os detalhes do plano de
redenção. Alguns dos homens de antigamente sabiam mais a respeito de Deus e da salvação que muitos sábios de hoje. Do Moisés, Cristo disse: "De mim escreveu" (Juan 5: 46). O que Moisés escreveu era tão claro que pelo escrito Felipe e Natanael puderam reconhecer ao Mesías quando o viram (Juan 1: 45). Pablo afirmou que não pregava "nada fora das coisas que os profetas e Moisés disseram que tinham que acontecer: Que o Cristo tinha que padecer, e ser o primeiro da ressurreição dos mortos" (Hech. 26: 22, 23).

13.

O perfume.

Uma vez afastado o véu, só o incenso separava ao Aarón da sagrada presença de Deus. Fora do tabernáculo, as orações dos israelitas subiam com o perfume do incenso, e por fé, eles também entravam com Aarón no lugar muito santo.

14.

O sangue do bezerro.

Deixando o incensario no lugar muito santo, Aarón voltava para átrio a procurar a sangue do bezerro. Com o asperjamiento de seu sangue, primeiro sobre o propiciatorio, logo sete vezes diante do mesmo, concluía seu ministración em o lugar muito santo. Assim tinha feito expiação "por si e por sua casa" (vers. 17). Livre de pecado, então chegava a ser um representante idôneo de Cristo, Aquele que não tem pecado, e assim podia mediar em favor de outros.

15.

O macho caibro.

Logo depois de ter concluído o serviço do bezerro, Aarón trazia o macho caibro do Jehová, que era para a "expiação pelo pecado do povo", e o degolava. Então levava seu sangue dentro do lugar muito santo e a orvalhava assim como tinha orvalhado o sangue do bezerro, uma vez sobre o propiciatorio, e sete vezes diante do mesmo. Orvalhava o sangue do macho caibro nos mesmos lugares onde tinha orvalhado o sangue do bezerro.

16.

Assim desencardirá.

Melhor, "assim fará uma expiação" ou "desta maneira e com este sangue fará um expiação pelo lugar santo". De principio a fim, os serviços do santuário eram essencialmente uma obra de expiação. Em cada passo dos serviços do santuário se fazia uma expiação pelo pecado.

1. Em qualquer momento do ano, quando um pecador apresentava sua oferenda e confessava sobre ela seus pecados, se fazia uma "expiação" por ele. Era perdoado (caps. 4: 20, 26, 31, 35; 5: 6, 10, 13, 16, 18; 6: 7). Pela ministración do sangue da oferenda, e pelo ato de queimar parte dela

sobre o altar, e também algumas vezes pelo fato de que o sacerdote comesse parte da oferenda, o pecado era transferido simbolicamente ao santuário. 791 Entretanto, não se tinha obtido assim a expiação total. Embora seus pecados tinham sido perdoados, a pessoa devia continuar no caminho de a obediência. Se não o fazia assim, e se no dia da expiação não afligia sua alma (cap. 23: 27-29), todos esses pecados que tinham sido perdoados voltavam sobre ele, e devia morrer (Eze. 18: 24; 33: 13). Sua única segurança estava em perseverar "até o fim". Então e só então podia esperar ser salvo (Mat. 24: 13).

2. No dia da expiação -o dia da expiação final e completa de todos os pecados confessados e perdoados durante o ano (Lev. 16: 16, 19; Heb. 10: 1-3)- o sangue do macho caibro do Jehová simbolicamente tirava esses pecados do santuário, fazendo deste modo expiação pelo recinto. Também o santuário ficava livre de pecado (Lev. 16: 17, 20).

No primeiro dia do sétimo mês se tocavam as trompetistas para chamar a atenção do povo ao dia da expiação, que se celebraria dez dias mais tarde (Núm. 29: 1). Os nove dias que transcorriam entre as duas datas eram dias de escudriñamiento do coração, de preparação para o dia da expiação, o dia do julgamento que selaria o destino de cada um. Os judeus acreditavam que nesse dia "sela-se quem tem que viver e quem tem que morrer" (Jewish Encyclopedia, tomo 2, pág. 286, art. "Atonement, Day of " [Dia da expiação]).

17.

Nenhum homem.

Durante a ministración do sangue do bezerro e do macho caibro no lugar muito santo, o véu que o separava do lugar santo estava deslocado. Desta maneira qualquer pessoa que estivesse no lugar santo poderia ver o que ocorria no lugar muito santo, mas esta era prerrogativa exclusiva do supremo sacerdote, porque era o único que podia comparecer ante a mesma presença de Deus. A proibição aqui apresentada se aplica aos vers. 12-16, que tratam da ministración do supremo sacerdote no lugar muito santo.

O povo esperava ansiosamente ouvir as campainhas do manto do supremo sacerdote no dia da expiação. Tinha entrado no lugar muito santo vestido de branco para orvalhar o sangue e, em forma simbólica, para tirar assim

para sempre o registro dos pecados cometidos. Aceitaria-o Deus, e com ele aceitaria-os a eles? Quando se retirava do lugar muito santo, e voltava para vestir suas vestimentas áureas, o povo ouvia o som das campainhas com profundo regozijo e gratidão.

18.

Sairá ao altar.

Logo depois de ter desencardido o lugar muito santo e de ter concluído seu ministério ali, então Aarón também devia desencardir o "tabernáculo de reunião", é dizer, o lugar santo (vers. 16). Então devia sair ao altar do holocausto. Ali devia tirar do sangue do bezerro e do macho caibro, e com ela devia desencardir o altar de todas as "imundícies dos filhos de Israel" (vers. 19). Segundo a tradição judia, mesclava-se o sangue do bezerro com a do macho caibro em uma mesma vasilha. A estrutura gramatical do versículo pareceria corroborar esta tradição.

além de colocar o sangue sobre os chifres do altar -onde já tinha sido posta o sangue das oferendas pelo pecado - o supremo sacerdote devia orvalhar o sangue sobre o altar mesmo, onde tinha sido orvalhada o sangue dos sacrifícios pelas transgressões, e dos holocaustos, como também a sangue dos cordeiros do sacrifício matutino e do sacrifício vespertino. Ao fazê-lo, o supremo sacerdote desencardia e santificava o altar "das imundícies dos filhos do Israel".

Podemos compreender facilmente a razão pela qual era necessário desencardir os dois altares do santuário terrestre, posto que o sangue dos holocaustos e das oferendas pelo pecado tinha sido orvalhada sobre eles (caps. 1: 5, 11; 4: 7, 18, 25, 30, 34). No caso dos holocaustos e das oferendas pela transgressão, o sangue tinha sido orvalhada sobre o altar mesmo (caps. 1: 5, 11; 5: 9); no caso das oferendas pelo pecado, tinha sido colocada sobre os chifres (cap. 4: 7, 18, 25, 30, 34). Do altar do incenso se diz que Aarón devia fazer "expiação uma vez no ano com o sangue do sacrifício por o pecado para expiação" (Exo. 30: 10). Quanto ao altar dos holocaustos diz-se o seguinte: "Sairá ao altar que está diante do Jehová ... e tomará do sangue do bezerro e do sangue do macho caibro, e a porá sobre os chifres do altar ao redor. E pulverizará sobre ele do sangue com seu dedo sete vezes, e o limpará, e o santificará das imundícies dos filhos de Israel" (Lev. 16: 18, 19; cf. vers. 20).

O templo terrestre é imitação do templo celestial. A purificação na terra não é mais que 792 um símbolo da purificação no céu. Disto fala Daniel ao dizer que, ao fim dos 2.300 dias, o santuário seria "desencardido" (ver com. Dão. 8: 14). Mas, precisa ser desencardido o santuário celestial? ocorreu no céu alguma contaminação que faça necessária tal purificação? Pablo responde: "Foi, pois necessário que as figuras das costure celestiales fossem desencardidas assim [com os sacrifícios de animais]; mas as coisas celestiales mesmas, com melhores sacrifícios que estes" (Heb. 9: 23).

20.

Quando tiver acabado.

O sangue do macho caibro do Jehová que era devotado no dia da expiação desencardia o lugar muito santo, o lugar santo e o altar dos holocaustos de "as imundícies dos filhos do Israel" e "de suas rebeliões e de todos seus pecados" (vers. 16, 19). O povo já tinha recebido o perdão por estes mesmos pecados ao ter apresentado, no serviço diário, suas oferendas pessoais por seus pecados. Nesses casos, o sangue era posto sobre os chifres do altar dos holocaustos, e o penitente se ia perdoado. Se afirma várias vezes que o sacerdote devia fazer "por ele a expiação de seu pecado, e terá perdão" (cap. 4: 26, 31, 35). Entretanto, embora o pecado era perdoado, o registro do pecado permanecia até o dia da expiação, quando era apagado. Ao realizar-se isto, a expiação do santuário estava concluída (ver com. vers. 16).

21.

Macho caibro vivo.

Enquanto o supremo sacerdote tinha estado ocupado em fazer a expiação com o macho caibro do Jehová e enquanto limpava o santuário com o sangue do animal, o macho caibro do Azazel estava pacote junto ao altar, sem ter parte alguma no ritual. Chegava-lhe seu turno só depois de haver-se completado a expiação com o macho caibro do Jehová (vers. 20), logo depois de haver-se "acabado"
a expiação do "santuário e o tabernáculo de reunião e o altar" (vers. 20).

O supremo sacerdote, depois de ter limpo o santuário de pecado, saía com esses pecados à porta do tabernáculo onde estava esperando o macho caibro

do Azazel (PP 369; CS 474). Punha as mãos sobre a cabeça do macho caibro, confessava sobre o animal os pecados, e os transferia assim do santuário ao macho caibro, quem devia transportá-los ao deserto (PP 369, 371).

Na realidade simbolizada, Cristo finalmente terá que desencardir o santuário celestial, tirando dali todos os pecados confessados e perdoados, e porá estes pecados sobre Satanás. Este será declarado culpado de todo o mal que fez cometer, e deverá sofrer o castigo final (CS 474, 538, 614). "Os pecados dos redimidos com seu sangue cairão ao fim sobre o causador do pecado, quem terá que sofrer o castigo daqueles pecados" (P 178).

Quão apropriado é que o ato final do drama da forma em que Deus trata o pecado, seja fazer cair sobre a cabeça de Satanás todo o pecado e toda a culpa que, emanando originalmente dele, trouxeram uma vez tal tragédia às vistas dos que agora se acham liberados do pecado pelo sangue expiatório de Cristo. Deste modo se completa o ciclo, termina o drama. Somente depois de que Satanás -o instigador de todo o pecado - tenha sido finalmente tirado, poderá-se afirmar com certeza que o pecado foi eliminado para sempre do universo de Deus. Só colocando os fatores nesta ordem podemos entender que o "macho caibro do Azazel" tivesse uma parte na expiação (vers. 10). Quando os justos tenham sido salvos, os malvados "cortados" e Satanás já não exista, então, e só então, poderá-se dizer que todo o universo está em perfeita harmonia e unidade, como esteve originalmente, antes de que entrasse o pecado.

Enviará-o.

Literalmente, "expulsará-o". Este mesmo vocábulo se usa nos casos de divórcio (Deut. 21: 14; 22: 19, 22; Jer. 3: 8). É uma palavra forte. Assim como se espanta uma besta perigosa ou repulsiva, assim também se envia o macho caibro ao deserto (Heb. midbar). Uma vez no deserto, o macho caibro podia morrer ou não, porque os hebreus pastoreavam seus rebanhos no midbar, término que pode significar um lugar desabitado onde viviam as feras. O Talmud menciona o costume de despenhar ao macho caibro, mas até neste caso sua morte não desempenha parte alguma na cerimônia dos sacrifícios. Em contraste com o macho caibro do Jehová, o do Azazel era enviado vivo fora do acampamento israelita; sua morte eventual não era em maneira alguma de sacrifício ou vigária.

22.

Todas as iniqüidades.

Os israelitas sabiam que tinham pecado e que não alcançavam a norma do que Deus esperava deles. 793 Entretanto, durante o dia da expiação haviam tido uma demonstração visual do completo afastamento dos pecados que tinham confessado e que lhes tinham sido perdoados durante o ano que havia terminado, e podiam ver também a bondade de Deus ao lhes haver preservado a vida. Sabiam que não mereciam a graça que lhes tinha sido estendida. Sem embargo, pelo sangue derramado do sacrifício do dia da expiação, o mesmo registro de seus pecados perdoados tinha sido puído do santuário. Ao contemplar a partida do macho caibro do Azazel, eram testemunhas do último ato do drama: Satanás, com todos quão pecados tinha instigado, agora voltados "sobre sua cabeça" (Sal. 7: 16), afastando-se para sua condenação.

23.

Tirará-se as vestimentas de linho.

Estas vestimentas, chamadas também "a túnica Santa de linho" (vers. 4), só se usavam no dia da expiação. Aarón as punha ao entrar no lugar muito santo com o incenso na manhã desse dia. Logo depois de ter concluído a obra especial de mediação, tirava-se as vestimentas de linho e ficava as áureas.

24.

Lavará logo seu corpo.

Aarón se tinha relacionado com o pecado. Não tinha ficado poluído até o ponto de precisar oferecer um sacrifício pelo pecado. Entretanto, devia banhar-se, depois do qual devia ficar suas vestimentas áureas. Logo oferecia o holocausto vespertino habitual, tanto para sua pessoa, como para o povo. Com isto começava o ciclo das cerimônias religiosas de um novo ano.

25.

A grosura.

Não se queimava até este momento a graxa dos sacrifícios oferecidos pelo pecado durante o dia (vers. 11, 15).

26.

que tiver levado o macho caibro.

Esta pessoa não precisava ser sacerdote. O "homem destinado para isto" podia ser qualquer israelita que estivesse em condições de fazê-lo (vers. 21). Se tinha-lhe pacote uma corda ao pescoço do animal, e o homem o guiava com ela, ou o aguilhoava valendo-se da vara que levava.

27.

O bezerro.

A lei requeria que fossem queimados fora do acampamento os corpos de aqueles animais cujo sangue era introduzido no santuário pelo supremo sacerdote para a remissão dos pecados. Pablo viu nesta prática um simbolismo de Cristo, quem "padeceu fora da porta", e admoesta a sair "a ele, fora do acampamento, levando seu vituperio" (Heb. 13: 11-13).

29.

Estatuto perpétuo.

O dia da expiação era o único dia de jejum em todo o ano. Por isso se chamava-o "o jejum" (Hech. 27: 9). Os outros jejuns que foram acrescentados posteriormente não eram exigidos Por Deus nem recebiam sua aprovação (ISA. 58: 3-7; Zac. 7: 3- 10). Nos dias de Cristo havia 29 jejuns no ano, além disso de dois dias de jejum por semana.

Afligirão suas almas.

Isto é mais que jejuar. Compreendia um autoexamen, repasse do progresso obtido na vida Santa, procurar deus, confessar os pecados, fazer reparação pelos deveres descuidados, ajustar as contas com Deus e com os homens, redimindo assim o tempo.

30.

Serão limpos.

Por ser este o dia da expiação, era necessário que cada alma cooperasse em a obra de purificação. O sacerdote podia fazer expiação só na medida em que o Israel confessava seus pecados e implorava a ajuda de Deus. Só os pecados confessados, os pecados pelos quais os penitentes tinham apresentado sacrifícios durante o ano, eram os que podiam ser expiados pelo supremo sacerdote. Este dia proporcionava simbolicamente a oportunidade anual de obter que os pecados fossem apagados para sempre. Era o tempo aceitável.

31.

Dia de repouso.

"Dia de descanso completo" (BJ). Literalmente, "um sábado de sábados", um grande dia de festa espiritual.

32.

Que for ungido.

O sacerdócio e seu serviço tinham que continuar logo depois da morte do Aarón. Outro sacerdote devia então ser ungido e consagrado ao ofício sacerdotal, para ficá-la túnica Santa de linho, e para desempenhar o cargo.

Levitico 16 é um dos grandes capítulos da Bíblia. Nele se revela em forma impressionante e formosa o plano de salvação. Em seus 34 versículos estão escondidas algumas das coisas recônditas de Deus. A profundidade de significado que se revela nas cerimônias descritas revela um autor divino. A mente deve esforçar-se no máximo para chegar a compreender seus ensinos.

NOTA ADICIONAL AO CAPÍTULO 16

A fim de compreender claramente os serviços 794 do dia da expiação, é necessário ter algum conhecimento respeito ao edifício onde se desenvolvia o ritual do santuário, como também certas noções quanto a seus arredores. No comentário do Exo. 26: 1 se encontrará uma descrição general. A descrição detalhada se encontra nos comentários do Exo. caps. 25 aos 40.

O tabernáculo original, construído pelo Moisés, era uma loja, cujas paredes eram de madeira (ver com. Exo. 26: 15-26). O teto era feito de quatro capas, e a interior era de linho fino, e as outras eram de diversos tipos de

peles (ver com. Exo. 26: 1-14). A loja mesma media aproximadamente 13, 34 m por 4,5 m; estava localizada dentro de um átrio que media 50 m por 25 m (ver com. Exo. 27: 9-18).

O edifício estava dividido em dois compartimentos; o primeiro e maior era o lugar santo e o segundo, o lugar muito santo. Uma cortina, ou véu de ricos cores, separava os dois ambientes. Como não havia janelas no edifício, em o primeiro compartimento um castiçal de sete abajures proporcionava suficiente luz artificial como para que os sacerdotes desempenhassem suas tarefas.

No primeiro compartimento havia três móveis: a mesa dos pães da proposição, o castiçal e o altar do incenso. Ao entrar no tabernáculo pela porta que dava ao este, via-se o altar do incenso para o final de a habitação. À direita estava a mesa do pão da proposição, e à esquerda o castiçal. Sobre a mesa estavam os pães da proposição, dispostos em duas pilhas de seis pães cada uma, como também o incenso para o pão, e as vasilhas para as libações. Também havia copos, colheres e outros implementos usados no ritual. O castiçal era de ouro puro; seus abajures tinham forma de amêndoas.

O móvel mais importante neste compartimento era o altar do incenso. Media aproximadamente 88,9 cm de alto, e sua coberta quadrada tinha 44,45 cm de lado. Estava recubierto de ouro, e ao redor de sua coberta tinha como uma coroa de ouro. Sobre este altar o sacerdote punha a vasilha que continha as brasas tiradas do altar dos holocaustos, como também o incenso. Quando punha o incenso sobre as brasas, ascendia a fumaça, e posto que o véu não chegava até o teto, o incenso não só enchia o primeiro compartimento, mas sim penetrava também no segundo. Deste modo, o altar do incenso, embora estava no lugar santo, servia também ao lugar muito santo.

No segundo compartimento só estava o arca, um cofre aproximadamente de 1, 12 m de comprimento por 0,66 m de largura e 0,66 m de alto. A coberta do arca era chamada o propiciatorio, lugar onde se fazia a expiação no dia da expiação. Em volto da parte alta do propiciatorio havia uma coroa de ouro, similar a que se encontrava no altar do incenso. Dentro do arca estavam as pranchas da lei escritas com o dedo de Deus.

Em cima do propiciatorio havia dois querubins de ouro. Neste lugar Deus se punha em comunhão com seu povo (Exo. 25: 22).

No átrio fora da loja se achava a grande fonte de bronze que continha água para lavar-se. Nesta fonte os sacerdotes deviam lavá-las mãos e os pés antes de entrar no santuário ou antes de começar seu serviço (Exo, 30: 17-21; 38: 8).

Também no átrio, ao leste da fonte, estava o altar dos holocaustos, que desempenhava um papel muito importante em todas as oferendas de sacrifícios. O altar tinha aproximadamente 1,34 m de alto, o que exigia que houvesse uma espécie de plataforma para que o sacerdote pudesse oficiar comodamente ante o altar. Isto também permitia que o povo visse como oficiava o sacerdote ante o altar. Este era quadrado e media 2,23 m de lado. Era feito de madeira recubierta de bronze. Posteriormente este altar foi muito aumentado para dar capacidade a um maior número de praticantes do culto. Sobre este altar se queimavam os sacrifícios. Por isso tinha o nome de altar dos holocaustos. Aqui também se queimava a graxa das vítimas sacrificadas como do mesmo modo certas partes de outras oferendas. Nos quatro ângulos do altar havia projeções a modo de chifres, conhecidas com o nome de "os chifres do altar". Em certos sacrifícios, os sacerdotes tocavam estes chifres com sangue. Em outros casos, o sangue era orvalhado ao redor do altar. O sangue restante, não usada no serviço, era derramada no chão ao pé do altar.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

2 MC 344 795

7, 8 PP 368

8, 10 CS 471

13, 14 4T 124

14 CS 472

15 PP 368

16 CS 471; PP 368

17 CS 481; MC 344

19 CS 471; PP 368

21 CS 472; PP 369

21, 22 CS 472; P 177; PP 369

22 CS 539

29-34 CS 451

CAPÍTULO 17

1 O sangue de todos os animais sacrificados devia oferecer-se ao Jehová na porta do tabernáculo. 7 Não deviam oferecer sacrifícios aos demônios. 10 Se proíbe o consumo de sangue, 15 e de quão animais morrem se por acaso mesmos ou despedaçados.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Fala ao Aarón e a seus filhos, e a todos os filhos do Israel, e lhes diga: Isto é o que mandou Jehová:

3 Qualquer varão da casa do Israel que degolar boi ou cordeiro ou cabra, em o acampamento ou fora dele,

4 e não o trajere à porta do tabernáculo de reunião para oferecer oferenda a Jehová diante do tabernáculo do Jehová, será culpado de sangue o tal varão; sangue derramou; será talhado o tal varão de entre seu povo,

5 a fim de que tragam os filhos do Israel seus sacrifícios, os que sacrificam no meio do campo, para que os tragam para o Jehová à porta do tabernáculo de reunião ao sacerdote, e eles sacrifiquem sacrifícios de paz ao Jehová.

6 E o sacerdote pulverizará o sangue sobre o altar do Jehová à porta do tabernáculo de reunião, e queimará a grosura em aroma grato ao Jehová.

7 E nunca mais sacrificarão seus sacrifícios aos demônios, depois dos quais fornicaram; terão isto por estatuto perpétuo por suas idades.

8 Lhes dirá também: Qualquer varão da casa do Israel, ou dos estrangeiros que moram entre vós, que oferecesse holocausto ou sacrifício,

9 e não o trajere à porta do tabernáculo de reunião para fazê-lo ao Jehová,

o tal varão será igualmente talhado de seu povo.

10 Se qualquer varão da casa do Israel, ou de quão estrangeiros moram entre eles, comer alguma sangue, eu porei meu rosto contra a pessoa que comer sangue, e a cortarei de entre seu povo.

11 Porque a vida da carne no sangue está, e eu lhes dei isso para fazer expiação sobre o altar por suas almas; e o mesmo sangue fará expiação da pessoa.

12 portanto, hei dito aos filhos do Israel: Nenhuma pessoa de vós comerá sangue, nem o estrangeiro que mora entre vós comerá sangue.

13 E qualquer varão dos filhos do Israel, ou de quão estrangeiros moram entre eles, que caçar animal ou ave que seja de comer, derramará seu sangue e a cobrirá com terra.

14 Porque a vida de toda carne é seu sangue; portanto, hei dito aos filhos do Israel: Não comerão o sangue de nenhuma carne, porque a vida de toda carne é seu sangue; qualquer que a comer será talhado.

15 E qualquer pessoa, assim dos naturais como dos estrangeiros, que comer animal mortiço ou despedaçado por fera, lavará seus vestidos e a si mesma se lavará com água, e será imunda até a noite; então será poda.

16 E se não os lavar, nem lavar seu corpo, levará sua iniqüidade.

3.

Qualquer varão.

Quando os israelitas saíram do Egito, saiu com eles um grande grupo, principalmente composto de egípcios. Era uma "multidão de toda classe de gente" (Exo. 12: 38) ou "a gente estrangeira que se mesclou com eles" (Núm. 11: 4). Uma palavra ainda melhor é "chusma", que se emprega na 796 BJ. Essas pessoas foram causa de constantes problemas, E sempre encabeçaram as rebeliões. Instigaram aos israelitas a exigir carne, o que deu por resultado a morte de milhares (Núm. 11: 4-6, 18-20, 31-33). Embora diariamente eram testemunhas do milagre divino do maná celestial, não eram agradecidos nem piedosos. Como ocorre no caso dos que vivem da caridade de outros, seus exigências foram em constante aumento.

É razoável supor que esta multidão de estrangeiros procuraria continuar seus festas religiosas pagãs. No Egito se encontravam algumas das formas mais envilecidas do paganismo. Entre estas, o culto aos demônios era provavelmente o pior (Lev. 17: 7); nele se sacrificavam machos caibros ou "sátiros" (BJ). Estes abusos tinham começado a estender-se entre os israelitas, e se necessitava uma reforma.

antes de que se estabelecesse o santuário, o pai de família era o sacerdote da mesma, e como tal, oferecia sacrifícios. Quando se erigiu o tabernáculo e os sacerdotes se fizeram cargo dos sacrifícios, ocorreu uma grande mudança na vida do Israel. O pai de família deveu entregar algumas de seus anteriores prerrogativas aos levita, e isto pode ter causado certo mal-estar.

O que ocasionou mais problemas foi a regra de que todos os animais, daí em adiante, deviam ser sacrificados no santuário, e que as festas que normalmente acompanhavam tais sacrifícios deviam também realizar-se ali. Isto em si não devia causar dificuldade ao Israel, pois o santuário estava se localizado em o centro do acampamento e era igualmente acessível para todos. Mas esta ordem faria que terminassem automaticamente todas as festas de camaradagem de os estrangeiros, que -assim o supomos - tinham sido entusiastamente adotadas por muitos israelitas. O vers. 7 indica até que ponto tinham cansado na idolatria os filhos do Israel.

De todos os sacrifícios, os que mais facilmente se emprestavam para o abuso eram os sacrifícios de paz. Em geral, os outros sacrifícios em que se derramava sangue eram entregues ao sacerdote ou queimados depois de haver-se orvalhado o sangue e tirado a graxa. Mas no caso das oferendas de paz, o Senhor recebia o sangue e a grosura; o sacerdote, o peito e a espaldilla direita (cap. 7: 34); e o resto do animal era para o oferente e para seus convidados (Deut. 27: 7; ver com. Lev. 7: 15).

Do ponto de vista humano, as oferendas de paz tinham outra vantagem. Para ser aceitos todos outros sacrifícios, deviam ser de animais perfeitos (cap. 22: 21; 3:1); mas uma oferenda de paz, apresentada espontaneamente, não precisava ser perfeita. Podia usar um animal que tivesse "de mais ou de menos" (cap. 22: 23). Se alguém desejava fazer uma Festa, podia escolher um animal disforme mas não doente. A partir da proclama aqui mencionada devia levá-lo a santuário para apresentar-lhe ao Senhor, e devia lhe dar ao sacerdote o que Deus requeria. Alguns não tinham feito isto no Israel. Desse momento

em adiante, nenhum israelita devia participar de uma Festa a menos que fosse celebrada dentro do acampamento. Era de esperar-se que essas festas se levariam a cabo em harmonia com as normas religiosas e sociais implícitas em a lei de Deus.

Esta centralização do oferecimento de sacrifícios e das festas que o acompanhavam teria outros benefícios. O texto parece implicar que toda matança de animais devia fazer-se sob a supervisão imediata dos sacerdotes. Deste modo o sacrifício de um animal passava a ser um ato semirreligioso. Assim entendida esta ordem, ressaltava o fato de que débito reconhecer-se a Deus em todas as coisas, que ele demanda como sua uma porção de tudo o que possuímos: neste caso, o sangue e a grosura. Este regulamento devia lhe ensinar ao Israel a honrar a Deus com seus bens e a compartilhar com os sacerdotes a parte que lhes correspondia. Sobre tudo, o derramamento da sangue e o sangue em si, cobravam um novo significado porque a gente devia tratá-la com o maior respeito, não podendo consumi-la em nenhum caso.

Estes princípios têm tanta validez agora como a tinham então. Deus tem direito sobre tudo o que possuímos. Até na comida e na bebida, Deus deve ser honrado. Além disso Deus quer que seu povo se separe da multidão de estrangeiros. Tão jovens como anciões correm perigo ao associar-se com o mundo. As amizades se formam com facilidade, e os resultados são freqüentemente fatais para a fé do crente. A assistência a institutos de ensino mundanos está carregado de perigo. Não só há problemas de classes e exames em dia sábado, mas sim as atividades 797 sociais constituem uma armadilha para os jovens. Todo aquele que saia "fora do acampamento" necessita amparo especial, e em primeiro lugar devesse estar seguro de que Deus o chama para que saia fora.

9.

Será igualmente talhado.

Nos vers. 1-7 se apresenta uma legislação que tinha por objeto separar aos israelitas da influência contaminadora dos egípcios (ver cap. 18: 3). Pelo castigo que devia seguir à transgressão se faz evidente que Deus considerava este assunto como de grande importância. No caso de certas infrações das leis concernentes às impurezas físicas, Deus ordenou os ritos de purificação. Em outros casos se requeria um sacrifício, E em outros restituição. Mas neste caso prescreve a mesma severo pena de excomunhão que pesava sobre o pecador que não se humilhasse no dia da

expiação. Os "estrangeiros" estavam incluídos nesta legislação (vers. 8). Pelo menos no caso do estrangeiro, o "ser talhado" provavelmente significava a exclusão dos privilégios da comunhão com o povo de Deus (ver com. Gén. 17: 14; Exo. 12: 15).

Israel tinha muitas coisas que aprender, e Deus se propunha que aprendesse essas lições no deserto. Nesta situação, formava um grupo compacto; nem semeava nem segava, e podia dedicar sua atenção indivisa à instrução que era repartida. Por exemplo, recebia o pão diretamente do céu, o que sempre lhe recordava sua dependência de Deus.

A ordem de degolar todos os animais à porta do santuário foi rescindida depois de que o Israel teve entrado no Canaán (ver Deut. 12: 15, 20, 2l). Então todos os animais para o sacrifício religioso eram levados a tabernáculo; os que se sacrificavam para alimento, podiam ser mortos em casa, É possível que para esse tempo o Israel tinha aprendido já o que Deus se havia proposto lhe ensinar. Além disso, a multidão de estrangeiros já não constituía um motivo de tropeço para os israelitas.

Para fazê-lo ao Jehová.

antes de chegar ao Sinaí, Israel não tinha tido sacerdotes designados. O pai tinha sido o sacerdote de sua família; agora Deus ordenava uma mudança e pedia que todos cumprissem com o ordenado. Os homens não somente deviam adorar a Deus mas sim deviam adorá-lo na maneira que ele mesmo havia designado. Os israelitas deviam reconhecer aos dirigentes assinalados. Deviam abster-se do proibido, deviam honrar a Deus com seus bens e evitar as reuniões ímpias. Deus não proibiu as reuniões sociais mas as que se celebravam tinham que estar em harmonia com o ambiente próprio do santuário. Não devia haver mais festas lhes conviva.

10.

Comer alguma sangue.

Deus lhe proibiu estritamente que comesse sangue tanto ao israelita como ao estrangeiro (vers. 12). Por dois fatos se vê claramente que isto não é meramente um regulamento judia: (1) A ordem foi dada pela primeira vez ao Noé, progenitor de toda a raça humana logo do dilúvio (Gén. 9: 4). (2) A primerísima legislação adotada pela igreja do NT incluía esta proibição: "Que lhes abstenham ... de sangue, de afogado" (Hech. 15: 29).

11.

A vida da carne.

A proibição de comer sangue se repete sete vezes nos livros do Moisés (Gén. 9: 4; Lev. 3: 17; 7: 26, 27; 17: 10; Deut. 12: 16, 23, 24; 15: 23). A razão para isto é que o sangue representa a vida. Em realidade o sangue é a vida. Isto é certo em um sentido muito literal. O sangue leva alimento, força e calor a todas as partes do corpo, e se leva tudo o que danifica e destrói. É o fator indispensável sem o qual a vida seria impossível. O organismo inteiro é alimentado por ela. Se se produzir uma ferida em qualquer parte, o sangue leva até ali os elementos necessários para seu cura.
A ciência está aprendendo continuamente novos feitos a respeito do sangue; com cada achado nos maravilhamos de suas qualidades surpreendentes.

O sangue ocupa uma posição destacada no plano de salvação. Muitas vezes diz-se que o sangue de Cristo é o elemento vital da redenção. Desde aí que existam expressões como as seguintes: "Ganhou por seu próprio sangue" (Hech. 20: 28); "redenção por seu sangue" (F. 1: 7); "paz mediante o sangue" (Couve. 1: 20); "santificar ao povo mediante seu próprio sangue" (Heb, 13: 12); "a sangue do pacto eterno" (Heb. 13: 20); "orvalhados com o sangue do Jesucristo" (1 Ped. 1: 2); "o Espírito, a água e o sangue" (1 Juan 5: 8); "não mediante água somente, a não ser mediante água e sangue" (1 Juan 5: 6); "lavou-nos de nossos pecados com seu sangue" (Apoc. 1: 5). Se se eliminar a doutrina da sangue e da expiação por meio do sangue, ficamos 798 sem um Salvador.
O "como cordeiro foi levado a matadouro" e "por sua chaga fomos nós curados" (ISA. 53: 7, 5).

Indubitavelmente foi difícil que os discípulos aceitassem o anúncio do Jesus: "Se não comerem a carne do Filho do homem, e bebem seu sangue, não têm vida em vós. que come minha carne e bebe meu sangue, tem vida eterna" (Juan 6: 53, 54, 60). Para o cristão sincero, estas palavras têm fundo significado. Recordam as palavras do novo pacto, do pacto de sangue, do qual é símbolo o Jantar do Senhor (1 Cor. 11: 25).

Expiação da pessoa.

Literalmente, "uma cobertura para a pessoa". É o sangue a que faz expiação pela vida que nela está. O sangue de Cristo faz expiação porque representa sua vida. A morte de Cristo cumpriu um propósito, sua vida

realizou outro; juntas as duas nos asseguram a salvação. Por sua morte Cristo pagou a pena e satisfez as demandas da lei; por sua vida nos assegura a vida (ver ROM. 5: 10).

12.

Comerá sangue.

As regras quanto a ingerir sangue não tinham somente o propósito de que os israelitas se abstiveram de comer o sangue literal. Era todo isso e muito mais. Tinham o propósito de lhes inculcar uma elevada estima pelo que a sangue representa, a vida. Toda vida procede de Deus e lhe pertence. Não deve ser maltratada nem destruída.

13.

Derramará seu sangue.

Esta deve ter sido uma lição impressionante para o caçador. depois de ter caçado um ave, recorda a ordem de Deus de tratar o sangue com respeito. Verte-a na terra e reverentemente a cobre. É obvio, isto não se fazia a causa do ave. Tinha o objeto de lhe ensinar ao homem o valor e a importância da vida (Mat. 10: 29).

14.

A vida de toda carne é seu sangue.

Este versículo é uma repetição, mas a essa repetição lhe acrescentou algo. Nas declarações anteriores se afirmava que a vida estava no sangue. Este versículo afirma que a vida é o sangue.

Cristo sentia compaixão pelos seres humanos, e ensinou essa compaixão. A entrada no reino dos céus se relaciona com o interesse pelos famintos, os sedentos, os nus e os encarcerados, e o cuidado que lhes tenha brindado (Mat. 25: 34-40). A vida desses precisados provém de Cristo, o autor da vida, e ao ajudar a outros, ajudamos a Cristo.

15.

Mortiço.

Embora não se proibia comer a carne de animal mortiço ou despedaçado, a pessoa que a comesse ficaria poluída, Entende-se que a razão disto estava em que o sangue não tinha sido devidamente drenada.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

11 CS 471

CAPÍTULO 18

1 Matrimônios ilegais. 19 Proibição de atos de imoralidade.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos do Israel, e lhes diga. Eu sou Jehová seu Deus.

3 Não farão como fazem na terra do Egito, na qual moraram; nem farão como fazem na terra do Canaán, a qual eu lhes conduzo, nem andarão em seus estatutos.

4 Meus regulamentos porão por obra, e meus estatutos guardarão, andando em eles. Eu Jehová seu Deus.

5 portanto, guardarão meus estatutos e meus regulamentos, os quais fazendo o homem, viverá neles. Eu Jehová.

6 Nenhum varão se chegue a parienta próxima alguma, para descobrir sua nudez. Eu Jehová.

7 A nudez de seu pai, ou a nudez de sua mãe, não descobrirá; sua mãe é, não descobrirá sua nudez. 799

8 A nudez da mulher de seu pai não descobrirá; é a nudez de você pai.

9 A nudez de sua irmã, filha de seu pai ou filha de sua mãe, nascida em casa ou nascida fora, sua nudez não descobrirá.

10 A nudez da filha de seu filho, ou da filha de sua filha, sua nudez não descobrirá, porque é tua nudez.

11 A nudez da filha da mulher de seu pai, engendrada de seu pai, você irmã é; sua nudez não descobrirá.

12 A nudez da irmã de seu pai não descobrirá; é parienta de você pai.

13 A nudez da irmã de sua mãe não descobrirá, porque parienta de você mãe é.

14 A nudez do irmão de seu pai não descobrirá; não chegará a sua mulher; é mulher do irmão de seu pai.

15 A nudez de sua nora não descobrirá; mulher é de seu filho, não descobrirá sua nudez.

16 A nudez da mulher de seu irmão não descobrirá; é a nudez de você irmão.

17 A nudez da mulher e de sua filha não descobrirá; não tomará a filha de seu filho, nem a filha de sua filha, para descobrir sua nudez; são parientas, é maldade.

18 Não tomará mulher junto com sua irmã, para fazê-la seu rival, descobrindo sua nudez diante dela em sua vida.

19 E não chegará à mulher para descobrir sua nudez enquanto esteja em seu impureza menstrual.

20 Além disso, não terá ato carnal com a mulher de seu próximo, te poluindo com ela.

21 E não dê teu filho para oferecê-lo por fogo ao Moloc; não polua assim o nome de seu Deus. Eu Jehová.

22 Não te jogará com varão como com mulher; é abominação.

23 Nem com nenhum animal terá prefeitura amancillándote com ele, nem mulher alguma ficará diante de animal para ayuntarse com ele; é perversão.

24 Em nenhuma destas coisas vos amancillaréis; pois em todas estas coisas se hão

corrompido as nações que eu jogo de diante de vós,

25 e a terra foi poluída; e eu visitei sua maldade sobre ela, e a terra vomitou seus moradores.

26 Guardem, pois, vós meus estatutos e meus regulamentos, e não façam nenhuma destas abominações, nem o natural nem o estrangeiro que mora entre vós

27 (porque todas estas abominações fizeram os homens daquela terra que foram antes de vós, e a terra foi poluída);

28 não seja que a terra lhes vomite por havê-la poluído, como vomitou à nação que a habitou antes de vós.

29 Porque qualquer que hiciere alguma de todas estas abominações, as pessoas que as hicieren serão atalhos de entre seu povo.

30 Guardem, pois, meu regulamento, não fazendo os costumes abomináveis que praticaram antes de vós, e não lhes poluam nelas. Eu seu Jehová Deus.

3.

Como fazem.

depois de ter saído do Egito, Israel devia deixar os costumes do Egito. Ia para o Canaán, onde também prevalecia a iniqüidade. Devia evitar o mal, qualquer fosse sua origem.

4.

Meus regulamentos porão por obra.

Nisto estava sua única salvação. No meio do pecado e da degradação, em meio de uma nação torcida e perversa, Deus desejava que seu povo brilhasse como luzes no mundo (Fil. 2: 15).

Alguns se perguntaram porquê permitiu Deus que os israelitas vivessem em meio de tais condições como as que prevalecem no Egito e Canaán. Embora tinham vivido no Egito, não deviam haver-se misturado com os egípcios (ver Juan 17: 15). Isto é evidente porque lhes proporcionou um lugar à parte para que

vivessem, na terra do Gosén. Se eles tivessem guardado seu lugar, se tivessem obedecido o conselho de Deus, tivessem permanecido afastados dos maus que os rodeavam. Mas em lugar de fazê-lo, mesclaram-se com os egípcios, aprenderam seus costumes e chegaram a corromper-se eles mesmos. Os 40 anos de peregrinação no deserto foram anos de aprendizagem, durante os quais Deus quis que esquecessem os costumes do Egito e aprendessem as costumes divinos. Quando chegou o momento de entrar na 800 terra de Canaán, a geração que tinha saído do Egito quase tinha desaparecido do tudo. Durante este intervalo Deus lhes deu sua lei do Sinaí, deu-lhes seus estatutos, "os quais fazendo o homem, viverá neles" (vers. 5). Deu-lhes demonstrações de seu poder e de sua capacidade para suprir suas necessidades em todas as circunstâncias. Tudo isto tinha o objeto de fortalecer sua fé. Se tão somente tivessem crédulo em Deus, tudo tivesse ido bem.

Deus guiou aos israelitas à terra do Canaán apesar de conhecer as tentações que ali lhes aguardavam. Poderia ter procedido de uma maneira diferente, mas em sua sabedoria acreditou oportuno fazê-lo assim. Apesar disso, não deviam mesclar-se com os cananeos nem adotar seus costumes. O processo de ocupar a terra do Canaán devia ser gradual (Exo. 23: 29, 30). Durante esse processo teriam outra oportunidade para desenvolver o caráter; sua lealdade a Deus seria provada. Se Deus tivesse tirado imediatamente todo motivo de tentação, não poderia ter ocorrido esse desenvolvimento do caráter.

Israel não devia ocupar mais território que o necessário para satisfazer seus necessidades imediatas. O plano era ideal. Israel teria o território necessário e estaria protegido; ao mesmo tempo não se associaria diretamente com os pagãos, mas teria muito perto um campo missionário. Entretanto, Israel não cooperou com os planos de Deus; "não entraram" (Heb. 4: 6).

6.

Nenhum varão se chegue.

A imoralidade era um dos pecados resaltantes da antigüidade, e a terra do Canaán não era uma exceção. O matrimônio era tido em pouca estima e as mulheres eram tratadas como ganho. Este capítulo apresenta o quadro real de as condições existentes entre os pagãos (vers. 24-27), e Deus admoestou a Israel contra tudo isto. O fato de que fora necessário que Deus fizesse esta advertência, com todos seus crudos detalhe, põe de relevo o perigo que confrontava o Israel, e do qual devia estar prevenido.

No princípio Deus criou um homem e uma mulher, estabelecendo assim as condições ideais para a bênção e a comodidade do homem. O plano de Deus teria preservado o lar, a nação e a castidade de ambos os sexos. O matrimônio não é desonroso; não é pecaminoso, nem algo que deva ser evitado, como opinam alguns. Foi ordenado Por Deus mesmo e é honorável (Heb. 13: 4). É uma instituição tão divina como na sábado, e como este deve ser tido em alta estima. Tanto na sábado como o matrimônio requerem reverência e santidade para sua devida observância. Ambos podem ser profanados, ambos podem ser uma bênção. O respeito do corpo e suas funções é o tema central de este capítulo: respeito por nosso próprio corpo, e pelo corpo alheio.

21.

Ao Moloc.

O tenebroso rito pagão descrito pela frase "oferecê-lo por fogo ao Moloc" aparece pela primeira vez nesta passagem. encontram-se outras menções desta prática no Lev. 20: 2-5; 2 Rei. 23: 10, e Jer. 32: 35. O "Moloc" de 1 Rei. 11: 7, descrito como deus dos amonitas, é provavelmente o mesmo "Milcom" do vers. 5 do mesmo capítulo e de 2 Rei. 23: 13.

Mas, quem é Moloc? Várias gerações de teólogos se feito esta mesma pergunta. Alguns pensaram que Moloc (molek) representa ao deus cananeo Mekal, que aparece em certas inscrições, e que as duas últimas consonantes podem haver-se investido. Entretanto, a maioria dos eruditos hão apresentado a seguinte interpretação: a palavra Moloc tem em hebreu as mesmas consonantes que a palavra mélek, "rei". No hebreu antigo somente escreviam-se as consonantes, neste caso mlk. Deste modo, ambas as palavras seriam idênticas. A inserção de diferentes vocais resultou em uma palavra diferente. A antiga tradição judia concorda com estes eruditos ao sustentar que Moloc não era o nome de uma deidade específica a não ser a designação de qualquer deus, que poderia chamar-se "rei" no mesmo sentido em que os hebreus aplicavam esse término a Deus (ver Sal. 5: 2; 10: 16; etc.). Segundo a tradição judia, o título mélek, "rei", reservava-se para o Deus verdadeiro, e unicamente se pronunciava o conjunto de consonantes, mlk, e ao referir-se aos deuses cananeos, falavam de molek, usando as mesmas consonantes, mas com as vocais "ou" e "e" da palavra bósheth, "vergonha". Desta maneira, o título molek significaria "rei de vergonha", em contraste com mélek, o verdadeiro rei do céu e da terra. Esta explicação da palavra "Moloc" teve ampla aceitação nos círculos teológicos.

Em 1935 O. Eissfeldt publicou seus achados quanto a certas inscrições púnicas de 801 Cartago, no norte do África, que datam do período 400-150 AC, nas quais aparecem os términos "molk de ovelhas" e "molk de homens", para descrever sacrifícios animais e humanos (Molk als Opferbegriff im Punischen und Hebrdischen und dá Ende dê Gottes Moloch). Posto que o idioma púnico era muito parecido ao hebreu, Eissfeldt explicou que a palavra hebréia molek devia significar "voto" ou "promessa". Explicado desta maneira, o passagem "oferecê-lo por fogo ao Moloc" interpretaria-se "como um molek", é dizer, como cumprimento de uma promessa feita a um deus pagão.

Muitos eruditos bíblicos se inclinaram a aceitar a explicação de Eissfeldt. Entretanto, nas escavações da cidade do Mari, em Mesopotamia, apareceram textos nos quais G. Dossin achou a um deus chamado Muluk, que era adorado na região do Eufrates médio no século XVIII AC (Revue d'Assyriologie, tomo 35, [1938], pág. 178, nota 1). Também os deuses do Sefarvaim, Adrammelek (que aparece em inscrições mesopotámicas sob o nome do Adad - milki) e Anammelek, a quem lhe sacrificavam meninos em holocausto (2 Rei. 17: 31), evidentemente tinham alguma relação com o deus Muluk, conforme o indica a última parte de seus nomes.

O deus Malkum aparece mencionado em quatro textos do Drehem (última parte do terceiro milênio AC); parece ser o mesmo Muluk e também o malik de três textos assírios, nos quais aparece como o deus equivalente ao Nergal, deus asiro-babilônico do inferno. Um texto, descoberto no Ugarit, na costa de Palestina, que data provavelmente de mediados do segundo milênio AC, fala claramente de um "sacrifício para o Mlk", não deixando dúvida alguma de que Mlk era um deus.

Considerando toda esta evidência, pode afirmar-se que Moloc era um deus pagão, ao qual lhe ofereciam meninos em holocausto, de modo que a tradução tradicional "passar pelo fogo ao Moloch" (Valha. ant.), pode considerar-se correta. Entretanto, mais tarde o nome deste deus se usou como término técnico para referir-se a certos sacrifícios de animais e de seres humanos, conforme o revelam as inscrições púnicas de Cartago.

24.

Em nenhuma destas coisas vos amancillaréis.

As nações vizinhas ao Israel eram culpados de todos os pecados enumerados em este capítulo, e por isso deviam ser expulsas de suas terras. Israel devia

evitar esses pecados para não ser expulso. A mensagem aqui apresentada faz ressaltar o perigo real que confrontava.

28.

Vomite-lhes.

De qo', "vomitar" (ver Lev. 18: 25; Jon. 2: 10). Israel poderia permanecer em a terra prometida somente se respeitava o pacto. Se o violava, perdia o direito de permanecer no Canaán. Seriam "arrancados de sobre a terra" e pulverizados (Deut, 28: 63, 64). Com o símbolo de uma "vinha", Isaías representa ao Israel plantado em "uma ladeira fértil". Mas quando a vinha produziu "uvas silvestres", Deus se propôs deixar deserta a terra (ISA. 5: 1-7).

30.

Eu Jehová.

Assim como começou o capítulo termina com esta afirmação, cujo propósito era recordar ao povo do Israel a santidade de Deus e a alta normatiza que, como povo, devia alcançar.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

5 PP 389

26, 27 1T 280

CAPÍTULO 19

Repetição de diversas leis.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Fala a toda a congregação dos filhos do Israel, e lhes diga: Santos serão, porque santo sou eu Jehová seu Deus.

3 Cada um temerá a sua mãe e a seu pai, e meus dias de repouso* guardarão. Eu Jehová seu Deus.

4 Não lhes voltarão para os ídolos, nem farão os filhos para vós deuses de

fundição. Eu Jehová seu Deus.

5 E quando ofrecierais sacrifício de oferenda de paz ao Jehová, ofereçam o de tal maneira que sejam aceptos. 802

6 Será comido o dia que o ofrecierais, e o dia seguinte; e o que ficar para o terceiro dia, será queimado no fogo.

7 E se se comer-nos terceiro dia, será abominação; não será aceito,

8 e o que o comer levará seu delito, por quanto profanou o santo do Jehová; e a tal pessoa será atalho de seu povo.

9 Quando segar a colheita de sua terra, não segará até o último rincão de ela, nem espigará sua terra segada.

10 E não rebuscará sua vinha, nem recolherá o fruto cansado de sua vinha; para o pobre e para o estrangeiro o deixará. Eu Jehová seu Deus.

11 Não furtarão, e não enganarão nem mentirão o um ao outro.

12 E não jurarão falsamente por meu nome, profanando assim o nome de seu Deus. Eu Jehová.

13 Não oprimirá a seu próximo, nem lhe roubará. Não reterá o salário do jornaleiro em sua casa até a manhã.

14 Não amaldiçoará ao surdo, e diante do cego não porá tropeço, mas sim terá temor de seu Deus. Eu Jehová.

15 Não fará injustiça no julgamento, nem favorecendo ao pobre nem agradando ao grande; com justiça julgará a seu próximo.

16 Não andará fofocando entre seu povo. Não atentará contra a vida de você próximo. Eu Jehová.

17 Não aborrecerá a seu irmão em seu coração; raciocinará com seu próximo, para que não participe de seu pecado.

18 Não te vingará, nem guardará rancor aos filhos de seu povo, a não ser amará a seu próximo como a ti mesmo. Eu Jehová.

19 Meus estatutos guardará. Não fará ayuntar seu gado com animais de outra espécie; seu campo não semeará com mescla de sementes, e não te porá vestidos com mescla de fios.

20 Se um homem jazer com uma mulher que for sirva desposada com algum, e não estivesse resgatada, nem lhe tiver sido dada liberdade, ambos serão açoitados; não morrerão, por quanto ela não é livre.

21 E ele trará para o Jehová, à porta do tabernáculo de reunião, um camero em expiação por sua culpa.

22 E com o carneiro da expiação o reconciliará o sacerdote diante de Jehová, por seu pecado que cometeu; e lhe perdoará seu pecado que cometeu.

23 E quando entrarem na terra, e plantem toda classe de árvores frutíferas, considerarão como incircunciso o primeiro de seu fruto; três anos lhes será incircunciso; seu fruto não se comerá.

24 E o quarto ano todo seu fruto será consagrado em louvores ao Jehová.

25 Mas ao quinto ano comerão o fruto dele, para que lhes faça crescer seu fruto. Eu Jehová seu Deus.

26 Não comerão coisa alguma com sangue. Não serão agoureiros, nem adivinhos.

27 Não farão tonsura em suas cabeças, nem danificarão a ponta de sua barba.

28 E não farão arranhões em seu corpo por um morto, nem imprimirão em vós sinal alguma. Eu Jehová.

29 Não poluirá a sua filha fazendo-a fornicar, para que não se prostituya a terra e se encha de maldade.

30 Meus dias de repouso* guardarão, e meu santuário terão em reverência. Eu Jehová.

31 Não lhes voltem para os encantados nem aos adivinhos; não os consultem, lhes poluindo com eles. Eu Jehová seu Deus.

32 diante das cãs te levantará, e honrará o rosto do ancião, e de seu Deus terá temor. Eu Jehová.

33 Quando o estrangeiro morar com vós em sua terra, não o oprimirão.

34 Como a um natural de vós terão ao estrangeiro que morre entre vós, e o amará como a ti mesmo; porque estrangeiros foram na terra do Egito. Eu Jehová seu Deus.

35 Não façam injustiça em julgamento, em medida de terra, em peso nem em outra medida.

36 Balanças justas, pesa justas e medidas justas terão. Eu seu Jehová Deus, que lhes tirei da terra do Egito.

37 Guardem, pois, todos meus estatutos e tudo meus regulamentos, e ponham por obra. Eu Jehová.

2.

Santos serão.

Esta é a nota tónica do livro do Levítico. Em todos seus capítulos se faz ressaltar a santidade. A razão pela que aqui se dá esta ordem é porque Deus é santo. 803

3.

A sua mãe e a seu pai.

Nesta passagem a ordem que usualmente se segue nas Escrituras está investido. Alguns pensam que se trata de um acidente, que de algum jeito a ordem das palavras foi transposto. Mas sem dúvida Deus o quis assim. De nenhuma maneira diminui a dignidade e a posição do pai, mas faz ressaltar o fato de que as mães não são esquecidas Por Deus, nem devessem sê-lo pelos homens.

Em muitos lares não se honra devidamente à mãe. Possivelmente não ocupa ela seu devido lugar, ou não exerce a influência positiva e construtiva que devesse exercer. Talvez rebaixa sua autoridade à vista do menino lhe dizendo que quando

chegue o pai, este o fará obedecer, prejudicando assim ao menino. A mãe que habitualmente evade sua responsabilidade na educação e disciplina de seus filhos, deveria procurar a causa de seu fracasso e tomar medidas necessárias para corrigir o engano, O mandamento diz: "Honra a seu pai e a sua mãe" (Exo. 20: 12).

Meus dias de repouso guardarão.

O quarto e o quinto mandamentos, aqui citados, são os dois mandamentos positivos da lei. Os dois inculcam reverência e respeito pela autoridade.

Eu Jehová.

Esta afirmação é repetida várias vezes neste capítulo (vers. 4, 10, 12, 14, 16, 18, 25, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 37).

4.

Não lhes voltarão para os ídolos.

O vers. 4 alude ao primeiro e ao segundo mandamentos, sobre tudo a este último. Não é necessário que nos prostremos ante ídolos de madeira e pedra para transgredir este mandamento. Algo que se honre no lugar de Deus, ou que seja preferida antes que ele, constitui um ídolo, embora seja só um assunto da imaginação.

5.

Sacrifício de oferenda de paz.

A modo de ênfase, repete-se aqui a instrução dada no cap. 7: 11-21. Como se apresentasse no comentário do cap. 17: 1-7, era mais fácil abusar de as oferendas de paz que das outras.

9.

Nem espigará sua terra segada.

Deus sempre demonstrou especial cuidado pelos pobres. Freqüentemente a pobreza vem como resultado da falta de economia, previsão, diligência ou capacidade. Em outros casos, é acidental e inevitável. Qualquer seja a

causa, Deus se compadece de todos os necessitados e há comissionado a seu povo para que as socorra segundo suas necessidades. Alguns que não podem trabalhar precisam receber uma ajuda direta e a usarão sabiamente. Outros são capazes de trabalhar e estão dispostos a fazê-lo, e deveria dar-se os essa oportunidade. Não é fácil sair a espigar, e às vezes os resultados são escassos. Mas está acostumado a
ser melhor proporcionar trabalho aos necessitados que lhes fazer obséquios. Exceto nos casos de genuína necessidade, o receber algo sem dar nada prejudica a dignidade. O lhe dar trabalho ao necessitado cumpre vários propósitos, tanto para o que dá como para o que recebe. Ajuda ao doador a promover um espírito liberal, e freqüentemente é o instrumento que Deus emprega para
responder as orações dos necessitados. Também é ajudado o que recebe, pois é induzido a agradecer a Deus e a apreciar aos que lhe proporcionaram uma oportunidade de ajudar-se a si mesmo. Isto tende a criar um espírito de irmandade.

11.

Não furtarão.

O furto e a falsificação estão aparentados. Este último pecado é freqüentemente necessário para ocultar o primeiro (ver cap. 6: 2). Há diversas maneiras de roubar e de mentir. Também há casos duvidosos, sendo estes provavelmente os mais comuns. Deus deseja que a verdade morre no íntimo de nosso ser (Sal. 51: 6). Tudo o que tenha um sotaque de astúcia ou hipocrisia é abominação para Deus (F. 4: 14; 1 Tim. 4: 2).

12.

Não jurarão falsamente por meu nome.

Por implicação, isto permite o juramento judicial. Aqui não se fala de emprestar juramento ante um tribunal, mas sim de jurar falsamente. Com toda justiça, o perjúrio se considera um crime muito grave porque perverte Injustiça. Definidamente quebranta o terceiro mandamento e merece um severo castigo (Mat. 5: 33-37).

13.

Não oprimirá a seu próximo.

No vers. 11, proíbe-se machucar a alguém com astúcia; aqui se proíbe fazê-lo com violência ou usando de uma autoridade superior. Alguns chegam à conclusão de que se algo for legal, está permitido que o cristão o faça. Uma coisa pode ser permitida por lei, mas estar longe de ser conveniente (1 Cor. 6: 12; 10: 23). Também pode ocorrer que a lei do país declare legal certa conduta que Deus não possa passar. Deus não tem em conta as escapatórias legais.

O salário.

Os salários devem pagar-se regularmente, como as dívidas, quando corresponde. além de ser uma falta de honradez, 804 o reter os salários convindos, faltar ao pagamento de uma dívida justa ou demorar o pagamento das obrigações em forma indevida, desagrada a Deus (Deut. 24: 14, 15). A estrita honradez requer que uma pessoa não contraia nenhum compromisso nem aceite obrigações a menos que tenha boa razão para acreditar que pode cumprir com seus responsabilidades nesse sentido. Além disso o deixar acontecer o tempo designado para pagar um compromisso sem fazer acertos satisfatórios com o credor, é uma fraude da pior classe, e apresenta como irresponsável e indigno de confiança a quem o faz.

14.

Ao surdo.

Não temos que amaldiçoar ao surdo porque não ouça, nem pôr tropeço ao cego porque
não vê. Fazê-lo é mau e cruel. "Maldito o que hiciere errar ao cego no caminho" (Deut. 27: 18; cf. Job 29: 15). Os que têm impedimentos físicos merecem consideração especial. Ao mesmo tempo, eles não devem aproveitar-se desse impedimento.

15.

Com justiça julgará.

O fazer "acepção de pessoas" é cometer pecado (Sant. 2: 9). O artista há representado corretamente à justiça ao pintá-la como uma mulher que sustenta em sua mão uma balança, com os olhos enfaixados a fim de não deixar-se influir pelas pessoas ou as coisas que estão ante ela.

16.

Não andará fofocando.

Quer dizer, propagar rumores daninhos, já seja porque não são certos, ou porque prejudicam à pessoa implicada. Os rabinos ensinavam que eram três os pecados que tirariam ao homem deste mundo e o privariam do mundo futuro: idolatria, incesto, e homicídio, mas que a calúnia era pior que estes pois matava a três pessoas de uma vez: ao caluniador, ao caluniado e ao ouvinte. É mais efetiva que uma espada de dobro fio.

Não atentará contra a vida de seu próximo.

Já fora diretamente, ou por dar falso testemunho (Dão. 8: 25; 11: 14; 1 Crón. 2 1: l). Os judeus interpretam que esta passagem significa que a pessoa que visse outro em perigo, já fora de afogar-se, de ser roubada, ou devido a feras, tinha a obrigação de lhe emprestar ajuda. Se uma pessoa for testemunha de um crime ou de uma injustiça, está obrigada a ajudar ao danificado, já seja pessoalmente, ou por meio de testemunho ante o juiz.

17.

Não aborrecerá a seu irmão.

É possível odiar e desprezar a uma pessoa sem dar disso evidências externas. Entretanto, o ódio é pecado (1 Juan 2: 9-11). que odeie-se machuca a si mesmo em primeiro lugar.

Raciocinará com seu próximo.

"Corrige a seu próximo" (BJ). Cristo disse: "Se seu irmão pecar contra ti, lhe repreenda" (Luc. 17: 3; ver também Mat. 18: 15-17). Pablo diz: "Aos que persistem em pecar, repreende-os diante de todos" (1 Tim. 5: 20); "repreende-os duramente" (Tito 1: 13); "repreende com toda autoridade" (Tito 2: 15). As três últimas afirmações se referem à responsabilidade dos ministros, mas o conselho de Cristo em Mat.18: 15-17 se aplica a todos. É tão mau albergar odeio no coração como reter a correção. Os rabinos ensinavam que aquele que não repreendia a um ofensor compartilhava seu pecado, e que lhe seria melhor que se
jogasse em um forno ardente.

18.

Não te vingará.

É debilidade humana a de querer vingar-se daquele que nos fez mau, mas a Bíblia não aprova tal proceder. Disse Pablo: "Não lhes vós vinguem mesmos, amados meus, a não ser deixem lugar à ira de Deus" (ROM. 12: 19). É inútil albergar rancor. A ninguém faz bem, e pode lhe causar muito danifico ao que o alberga. Avinagra o caráter e desfigura a perspectiva da vida.

Amará a seu próximo.

Nesta ordem estão compreendidas os seis últimos mandamentos (Mat. 22: 40). Disse Cristo: "Ouviram que foi dito: Amará a seu próximo e aborrecerá a você inimigo. Mas eu lhes digo: Amem a seus inimigos" (Mat. 5: 43, 44).

Até os críticos admitem que a declaração chamará a seu próximo como a ti mesmo" era uma ordem que estava completamente fora do habitual nessa época da história do mundo. Não é comum em nenhuma época. O egoísmo prevalece hoje, como o tem feito em todos os tempos, e sempre há pouco amor pelo próximo quando seus interesses entram em conflito com os próprios. Geralmente, cada um trata de procurar o seu. Se for possível lhe fazer bem ao próximo sem prejudicar-se a gente mesmo, está-se disposto a fazê-lo. Em boa medida, o amor pelo próximo não é mais que interesse próprio bem entendido.

19.

Mescla de sementes.

No princípio Deus criou diferentes espécies de animais e novelo. Nunca teve a intenção de que houvesse amalgamação das diferentes classes na que ficassem todas confundidas. Não é clara a ordem quanto à mescla de linho e lã, nem tampouco a explica em outra parte de 805 a Bíblia. Possivelmente tenha tido por propósito impressionar na mente o princípio aplicável às coisas vivas. A idéia de manter intactos os diversos "gêneros" como Deus os criou, é para o bem de todos.

20.

Se um homem jazesse.

Neste caso a sirva está comprometida com um homem mas não foi ainda resgatada. portanto, não é livre mas sim é considerada propriedade da pessoa a quem serve.

Ambos serão açoitados.

Literalmente, "haverá uma investigação". O vocábulo hebreu biqqóreth, que aparece aqui, tem a idéia de uma investigação realizada com o propósito de determinar qual seria o castigo adequado para o crime.

21.

O trará.

Além disso do castigo que se julgasse adequado, o homem devia apresentar seu oferenda pela transgressão (ver com. cap. 7:1). Com o castigo pagava seu dívida à sociedade; com o sacrifício ficava reconciliado com Deus. Não se esperava que a mulher apresentasse tais oferendas.

23.

Considerarão como incircunciso.

considerava-se que uma árvore frutífera não alcançava a maturidade até os quatro anos. Até então o considerava "incircunciso". Quer dizer, seu fruto não devia comer-se nem apresentar-se ao Senhor. Ao quarto ano "todo seu fruto" era consagrado "em louvores ao Jehová", e devia ser apresentado a ele.

26.

Sangue.

O sangue de qualquer animal que se matava para proporcionar alimento, devia ser drenada. Até hoje, os judeus conscienciosos observam esta regra e têm, dentro do possível, seus próprios matadouros. Em outros lugares, o rabino se faz presente no matadouro em determinados momentos para comprovar que os animais se sacrificam de tal forma que os judeus possam comer sua carne. A carne, drenada segundo o costume judia, é apta para consumo de judeus e está acostumado a
vender-se sob o nome de "kasher" ou "kosher". Por regra general, os

cristãos emprestam pouca atenção a esta lei higiênica, esquecendo que unicamente com esta condição se permitiu o consumo da carne (Gén. 9: 4). Se os impôs a mesma restrição aos cristãos gentis (Hech. 15: 20, 29).

Não serão agoureiros.

"Não praticarão encantamentos" (BJ). É provável que aqui se faça referência aos feitiços e amuletos, que embora não eram de por si imorais nem licenciosos, tendiam à superstição e a idolatria. É impressionante encontrar que muitas pessoas vivem sob a influência de crenças supersticiosas. Até diários respeitáveis publicam os horóscopos que predizem boa ou má fortuna. Os homens pretendem predizer o futuro pela posição das estrelas e aconselhar quanto ao que devesse fazer-se ou deixar-se de fazer em determinados dias. Os adivinhos e médiums espíritas, florescem por milhares com diversos nomes e métodos, e milhões são enganados por eles. Muitas pessoas levam amuletos de diversas índole nos bolsos para que não ocorra-lhes algo mau, ou cravam ferraduras sobre as portas; outros "tocam madeira". Muitos não começam nem realizam certa tarefa em sexta-feira. Se considera que o número 13 traz "má sorte" e há quem não se atreve a mover-se da casa em terça-feira 13. Muitos se fixam nos maus agouros, tais como os gatos negros. Alguns se negam a caminhar debaixo de uma escada por temor ao que poderia acontecer, e outros pretendem curar certas enfermidades arrojando um objeto detrás das costas em uma noite sem lua. Na antigüidade tais coisas se tomavam muito a sério, e havia perigo de que o Israel interessasse-se pela magia das nações circunvizinhas.

27.

Nem danificarão a ponta de sua barba.

"Nem corte os borde de sua barba" (BJ). Os judeus se orgulhavam de seus barbas, as considerando como um sinal de virilidade e dignidade. sugeriu-se que uma barba "danificada" indicava que o que a levava era devoto de algum deus pagão. Possivelmente a parte da barba que se recortava era oferecida aos deuses. O Senhor proibiu a seu povo que seguisse este costume pagão. dentro de seu contexto (vers. 26-28) esta restrição só podia ter significado como resguardo frente aos costumes religiosas dos pagãos. Não pode fazer-se nenhuma aplicação sensata desta ordem à situação existente hoje.

28.

Arranhões em seus corpos.

"Não farão incisões em sua carne pelos mortos" (BJ). Diversos povos da antigüidade se cortavam as carnes em relação com os ritos cerimoniosos celebrados em honra dos mortos. Ainda hoje alguns povos pagãos seguem tais costumes. Os membros de certas tribos de Nova Guinea se cortam uma falange do dedo em ocasião da morte de um familiar. 806

Nem imprimirão em vós sinal alguma.

Possivelmente se refira às tatuagens (BJ), costume que em si não é imoral, mas certamente indigna do povo de Deus pois tende a danificar a imagem do Criador.

29.

Não poluirá a sua filha.

Era costume entre as nações da antigüidade, sobre tudo entre os pobres, vender a suas filhas, ou algumas vezes a suas algemas, como pulseiras e prostitutas. Por regra general, as mulheres não eram tidas em muito alta estima.

30.

Meus dias de repouso guardarão.

"Guardem minhas sábados" (BJ). As duas ordens deste versículo têm que ver com a reverência. Algumas pessoas observam na sábado mas não mostram o devido respeito pelo santuário. Outros demonstram reverência pelo santuário, mas não por na sábado. A verdadeira religião exige a reverência como ambos, pois os dois são Santos.

31.

Os encantados.

De 'oboth, literalmente "odres", como no Job 32: 19. Aqui aparece esta palavra pela primeira vez na Bíblia. O fato de que se use esta palavra para designar aos médiums espíritas parece haver-se devido ao timbre de voz que estes usavam: uma voz sonora, não natural, nem clara, como a que podia

produzir-se ao falar dentro de um "odre" ou de algum outro receptáculo. A palavra traduzida "sussurram" na ISA. 8: 19, significa também "murmurar", "cochichar", "retumbar". Pode também significar "meditar em voz alta", como se a pessoa estivesse falando sozinha em uma voz baixa que parece um suspiro (Sal. 143: 5). No mesmo versículo o hebreu usa outro verbo para descrever a forma de falar do adivinho: tsafaf, palavra onomatopéica usada para descrever a forma de falar do médium. A BJ traduz: "Os adivinhos que bisbisean e murmurejam". Na ISA. 29: 4 tsafaf se traduz "sussurrar" e na ISA. 38: 14 "queixar". A LXX geralmente traduz a palavra 'oboth por eggastrimuthoí, "ventríloquos", com o que indica que a voz se projetava do ventre em tons graves e sepulcrais. A ventriloquia se disposta facilmente para os fins da magia.

'Oboth é uma palavra feminina plural, que possivelmente sugere que a maioria dos médiums eram mulheres. usa-se a palavra 'ob para designar ao espírito que falava através do médium. Segundo o ensino bíblico, o médium não era poseído do espírito, mas sim o possuía. A tradução literal de 1 Sam. 28: 7 seria: "Uma mulher proprietária de um espírito" ('ob). Segundo ISA. 29: 4 a voz do "fantasma" ('ob) saía da terra. A pitonisa do Endor viu deuses que subiam "da terra" (1 Sam. 28: 13) e Saúl se inclinou com o "rosto a terra" para conversar com o espírito que pretendia ser Samuel (vers. 14-19).

Os "terafines", ídolos ou estátuas do AT (ver com. Gén. 31: 19), parecem ter sido usados, ao menos em algumas ocasione, E freqüentemente com a ajuda da ventriloquia, pelos médiums em suas fingidas comunicações com os mortos. No Zac. 10: 2 se diz que "os terafines deram vãos oráculos" quando lhes tinha feito pergunta. Pelo menos em um caso a palavra "terafín" se refere a uma estátua tão parecida com um ser humano que pôde enganar aos mensageiros enviados pelo Saúl, de modo que acreditaram que era David
que estava na cama (1 Sam. 19: 12- 17). Um ventríloquo poderia facilmente simular uma conversação com uma imagem de maneira tão realista como para convencer aos supersticiosos de que estavam falando os espíritos dos mortos. Seria tão somente natural que o diabo controlasse as palavras de um médium espírita para que harmonizassem com seus propósitos.

32.

As cãs.

Esta ordem ampla o quinto mandamento. A reverência e o respeito são

virtudes fundamentais. A irreverência, a falta de respeito ou de preocupação pelo ancião e suas necessidades sempre foram pecados comuns. Este é o dia da juventude. Ela constitui a esperança do mundo e da igreja.
Mas isto não quer dizer que devam deixar de lado aos homens de maior idade e experiência e ignorar seu conselho.

De seu Deus terá temor.

Esta ordem sempre tem vigência. A igreja de nossos dias é admoestada: "Temam a Deus, e lhe dêem glorifica" (Apoc. 14: 7).

33.

O estrangeiro.

Na antigüidade os desconhecidos estavam acostumados a ser considerados como suspeitos.
por que motivo se teria afastado essa pessoa de seu lar? Teria cometido algum crime? Seria um fugitivo da justiça? Seria acaso um escravo que fugia de seu amo? Era natural que surgissem tais perguntas em uma época na qual poucos se aventuravam a afastar-se de seu terruño. O estrangeiro estava à defensiva, mas o povo de Deus não devia lhe oprimir. 807

34.

Como a um natural de vós.

Não bastava que não se incomodasse ao estrangeiro. Devia ser tratado com a mesma consideração com que eles se tratavam mutuamente. Quando esteve na terra, Cristo enunciou esta mesma norma. Citou diretamente deste capítulo de Levítico ao dizer: "Amará a seu prógimo como a ti mesmo" (Mat. 22: 39; Lev. 19: 18). Para que ninguém pensasse que ao dizer "próximo" se referia a um judeu, Cristo apresentou a parábola do bom samaritano. Qualquer necessitado, judeu ou samaritano, conhecido ou estranho, é nosso próximo (Luc. 10: 30-37).

Estrangeiros foram.

Faz-nos bem recordar que pode ter havido algum momento do passado quando estivemos entre estranhos e necessitamos uma mão ayudadora ou uma palavra de ânimo. Isto nos deveria voltar mais bondosos com os que necessitam de nossa ajuda e de nosso apoio.

35.

Não façam injustiça.

Deus ordena que sejamos estritamente honrados nas medidas de longitude, peso e volume. Em todo intercâmbio se tem que observar a mais estrita justiça. Disse Cristo: "Com a mesma medida com que medem, eles voltarão a medir" (Luc. 6: 38).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

9 MC 140

9, 10 Ed 41; HAp 271; PP 571

11 2JT 71; 4T 350

13 5T 350

13-15 MB 253

14 SC 266

17 DMJ 51; DTG 409; 3JT 200; 1T 214; 4T 513

18 PP 130, 312, 390, 450; PVGM 242, 364

30 2JT 193; MeM 295; MJ 263

31 CS 613; PP 745

32 Ed 239; HAd 330; MeM 288; LS 275

33 34 PP 541

34 DTG 463

35 36 MC 142

CAPÍTULO 20

1 Proibição de oferecer os filhos ao Moloc. 4 Recriminação contra os que permitem esta prática. 6 Proibição de consultar a encantadores ou adivinhos. 7 Convite a santificar-se. 9 Castigo para os que amaldiçoam a seus pais. 10 Adultério. 11, 14, 17, 19 Incesto. 13 Sodomia. 15 Bestialismo. 18 Impureza física da mulher. 22 Obediência e santidade. 27 Os adivinhos deviam ser apedrejados.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Dirá deste modo aos filhos do Israel: Qualquer varão dos filhos do Israel, ou de quão estrangeiros moram no Israel, que oferecer algum de seus filhos a Moloc, de seguro morrerá; o povo da terra o apedrejará.

3 E eu porei meu rosto contra o tal varão, e o cortarei de entre seu povo, por quanto deu de seus filhos ao Moloc, poluindo meu santuário e profanando meu santo nome.

4 Se o povo da terra fechar seus olhos em relação a aquele varão que tiver dado de seus filhos ao Moloc, para não lhe matar,

5 então eu porei meu rosto contra aquele varão e contra sua família, e o cortarei de entre seu povo, com todos os que fornicaram em detrás dele prostituyéndose com o Moloc.

6 E a pessoa que atendesse a encantadores ou adivinhos, para prostituir-se detrás deles, eu porei meu rosto contra a tal pessoa, e a cortarei de entre seu povo.

7 Lhes santifique, pois, e sede Santos, porque eu Jehová sou seu Deus.

8 E guardem meus estatutos, e ponham por obra. Eu Jehová que lhes santifico.

9 Todo homem que amaldiçoara a seu pai ou a sua mãe, de certo morrerá; a seu pai ou a sua mãe amaldiçoou; seu sangue será sobre ele.

10 Se um homem cometer adultério com a mulher de seu próximo, o adultero e a adúltera indefectiblemente serão mortos.

11 Qualquer que jazer com a mulher de seu pai, a nudez de seu pai descobriu; ambos têm que ser mortos; seu sangue será sobre eles.

12 Se algum durmiere com sua nora, ambos 808 têm que morrer; cometeram grave perversão; seu sangue será sobre eles.

13 Se algum se ayuntare com varão como com mulher, abominação fizeram; ambos têm que ser mortos; sobre eles será seu sangue.

14 O que tomar mulher e à mãe dela, comete baixeza; queimarão com fogo a ele e a elas, para que não haja baixeza entre vós.

15 Qualquer que tuviere cópula com besta, tem que ser morto, e matarão à besta.

16 E se uma mulher se chegar a algum animal para ayuntarse com ele, à mulher e ao animal matará; morrerão indefectiblemente; seu sangue será sobre eles.

17 Se algum tomar a sua irmã, filha de seu pai ou filha de sua mãe, e vir sua nudez, e ela vir a sua, é coisa execrável; portanto serão mortos a olhos dos filhos de seu povo; descobriu a nudez de sua irmã; seu pecado levará.

18 Qualquer que durmiere com mulher menstruosa, e descobrisse sua nudez, seu fonte descobriu, e ela descobriu a fonte de seu sangue; ambos serão cortados de entre seu povo.

19 A nudez da irmã de sua mãe, ou da irmã de seu pai, não descobrirá; porque ao descobrir a nudez de seu parienta, sua iniqüidade levarão.

20 Qualquer que durmiere com a mulher do irmão de seu pai, a nudez do irmão de seu pai descobriu; seu pecado levarão; morrerão sem filhos.

21 E o que tomar a mulher de seu irmão, comete imundície; a nudez de seu irmão descobriu; sem filhos serão.

22 Guardem, pois, todos meus estatutos e tudo meus regulamentos, e ponham por obra, não seja que lhes vomite a terra na qual eu lhes introduzo para que habitem nela.

23 E não andem nas práticas das nações que eu jogarei de diante de vós; porque eles fizeram todas estas coisas, e os tive em abominação.

24 Mas lhes hei dito: Vós possuirão a terra deles, e eu vos darei-a para que a possuam por herdade, terra que flui leite e mel. Eu Jehová seu Deus, que lhes apartei que os povos.

25 portanto, vós farão diferença entre animal limpo e imundo, e entre ave imunda e poda; e não poluam suas pessoas com os animais, nem com as aves, nem com nada que se arrasta sobre a terra, os quais lhes hei afastado por imundos.

26 Hão, pois, de me ser Santos, porque eu Jehová sou santo, e lhes apartei dos povos para que sejam meus.

27 E o homem ou a mulher que evocar espíritos de mortos ou se entregar à adivinhação, tem que morrer; serão apedrejados; seu sangue será sobre eles.

1.

Falou Jehová.

A maioria das faltas que aparecem neste capítulo já foram tratadas no comentário dos caps. 18 e 19. Ali se exortava ao povo com um fundamento puramente espiritual; recorria-se a seu sentido de correção. Aqui, estas faltas são consideradas como crímenes contra o Estado que devem ser castigados. Geralmente o castigo é a morte.

2.

Ao Moloc.

Não se tratava meramente de dedicar ao menino ao Moloc mas sim de sacrificá-lo por fogo, sendo o menino queimado vivo (2 Rei. 23: 10; Jer. 32: 35; ver Jer. 7: 31; Eze. 16: 21; 23: 37). Veja-a exposição feita sobre "o Moloc" no com. de Lev. 18: 21.

5.

Cortarei-lhe.

Literalmente "cercear", "despedaçar", "consumir", "destruir". Deus decretou que os que sacrificassem a seus filhos ante o Moloc deviam ser executados,

geralmente por apedrejamento. Se o povo não reagia, mas sim tolerava este crime, Deus mesmo tomaria medidas do caso e o "cortaria" a ele, e a " todos os que fornicaram em detrás dele prostituyéndose com o Moloc". Na maioria dos casos não fica claro quais eram os meios usados para "cortar" ao pecador (ver com. Gén. 17: 14; Exo. 12: 15). Nesta passagem somente pode significar a morte.

6.

Adivinhos.

castigava-se de igual maneira aos que de alguma forma procuravam ficar em contato com os espíritos ou comunicar-se com os mortos (vers. 27). Já que em o vers. 6 não se menciona a pena de morte, supõe-se que em alguns casos se deixava o castigo liberado à decisão dos juizes, segundo a gravidade do delito. O vers. 27, indica que o castigo habitual era a morte. Com referência aos "adivinhos", veja o com. do Lev. 19: 31.

7.

Sede Santos.

Como já se mencionou, a santidade é a nota tónica do livro do Levítico. Deus queria que seu povo sempre tivesse em 809 conta este tema. A razão dada é simplesmente: "Eu Jehová sou seu Deus".

8.

Guardem meus estatutos.

O vers. 7 inculca a santidade. Imediatamente lhe segue a ordem: "Guardem meus estatutos"; logo vêm as palavras: "Eu Jehová que lhes santifico". Aqui se combinam a observância dos estatutos de Deus e a santificação: como débito acontecer na vida real. É falsa a pretensão de que pode alcançá-la santificação sem obedecer a vontade de Deus.

9.

Maldijere a seu pai.

Não se informa especificamente quanto ao conteúdo da maldição capaz de

exigir pena de morte. O fato de que não se defina esta maldição implica que inclui-se todo tipo de falta de respeito.

A morte parecesse ser um castigo muito severo por meramente amaldiçoar a alguém. Esta ordem colocava uma grande responsabilidade sobre os pais, a fim de que ensinassem a seus filhos a respeitar toda autoridade. Vem isto a nossa memore ao ver que alguns pais mansamente se deixam maltratar por um menino irado que, não só se nega a obedecer, mas também também grita, dá chutes, rebela-se, e até golpeia a seu pai ou a sua mãe. Muito tarde tais pais poderão lamentar-se de não ter feito obedecer ao menino a tempo, deixando-o passar além dos limites da sujeição. Terão o maior remorso ao compreender que se tivessem atuado sabiamente e com prontidão, esse menino poderia haver-se salvado para o reino.

10.

Adultério.

A leitura dos vers. 10- 12 não constitui uma leitura agradável, nem era esse seu propósito. Quão pecados aqui se mencionam são perversos e vergonhosos. Por isso o castigo é geralmente a sentença de morte.

20.

Morrerão sem filhos.

Hoje pode não parecer tão drástico este castigo. Entretanto, na antigüidade era algo muito sério. Morrer sem filhos significava não ter parte na esperança do Israel; equivalia, virtualmente, a ficar fora do pacto.

23.

As práticas das nações.

Deus desejava que seu povo fosse diferente das nações que o rodeavam, em costumes, vestimenta, moralidade; até em sua maneira de comer, O ideal que Deus tem para seu povo é a completa separação do mundo.

25.

Farão diferença.

Vercom. do cap. 11.

26.

Apartei-lhes.

Literalmente, "separei-lhes". A mesma palavra hebréia aparece no Gén. 1: 4,6,7,14; Exo. 26: 33; ISA. 59:2; etc. É a mesma palavra que no vers. 24 traduz-se "apartei" e no vers. 25 "farão diferença". Israel devia ser diferente de todas as demais nações, não só na forma de seu culto, mas também em seus ideais, seus objetivos, sua vida social e recreativa, seu regime alimentar e sua vestimenta. Deus "apartou" a seu povo de todos os outros, não meramente para fazê-lo diferente de todos outros, mas sim para que pudesse representar em todos seus hábitos de vida a perfeição do caráter divino. Desta maneira as nações pagãs chegariam a reconhecer a superioridade da leis de Deus (Deut. 4: 6-9).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

2, 3 HAd 120

6 CS 612; PP 741

7 2JT 339

7, 8 CH 66, 68, 83; MeM 258

23-25 MC 213

27 CS 612

CAPÍTULO 21

1 O duelo dos sacerdotes. 6 Sua santidade. 7, 13 Seu casamento. 17 Os sacerdotes com defeitos físicos não deviam oficiar no santuário.

1 JEHOVA disse ao Moisés: Fala com os sacerdotes filhos do Aarón, e lhes diga que não
poluam-se por um morto em seus povos.

2 Mas por seu parente próximo, por sua mãe ou por seu pai, ou por seu filho ou por seu irmão,

3 ou por sua irmã virgem, a ele próxima, a qual não tenha tido marido, por ela se poluirá.

4 Não se poluirá como qualquer homem de seu povo, fazendo-se imundo.

5 Não farão tonsura em sua cabeça, nem rasparão a ponta de sua barba, nem em sua carne farão arranhões.

6 Santos serão a seu Deus, e não profanarão o 810 nome de seu Deus, porque as oferendas acesas para o Jehová e o pão de seu Deus oferecem; portanto, serão Santos.

7 Com mulher rameira ou infame não se casarão, nem com mulher repudiada de seu marido;
porque o sacerdote é santo a seu Deus.

8 Lhe santificará, portanto, pois o pão de seu Deus oferece; santo será para ti, porque santo sou eu Jehová que lhes santifico.

9 E a filha do sacerdote se começasse a fornicar, a seu pai desonra; queimada será ao fogo.

10 E o sumosacerdote entre seus irmãos, sobre cuja cabeça foi derramado o azeite da unção, e que foi consagrado para levar as vestimentas, não descobrirá sua cabeça, nem rasgará seus vestidos,

11 nem entrará onde haja alguma pessoa morta; nem por seu pai nem por sua mãe poluirá-se.

12 Nem sairá do santuário, nem profanará o santuário de seu Deus; porque a consagração pelo azeite da unção de seu Deus está sobre ele. Eu Jehová.

13 Tomará por algema a uma mulher virgem.

14 Não tomará viúva, nem repudiada, nem infame nem rameira, a não ser tirará de seu povo

uma virgem por mulher,

15 para que não profane sua descendência em seus povos; porque eu Jehová sou o que os santifico.

16 E Jehová falou com o Moisés, dizendo:

17 Fala ao Aarón e lhe diga: Nenhum de seus descendentes por suas gerações, que tenha algum defeito, aproximará-se para oferecer o pão de seu Deus.

18 Porque nenhum varão no qual haja defeito se aproximará; varão cego, ou coxo, ou mutilado, ou demasiado,

19 ou varão que tenha quebradura de pé ou ruptura de mão,

20 ou jorobado, ou anão, ou que tenha nuvem no olho, ou que tenha sarna, ou impigem, ou testículo machucado.

21 Nenhum varão da descendência do sacerdote Aarón, no qual haja defeito, aproximará-se para oferecer as oferendas acesas para o Jehová. Há defeito nele; não se aproximará de oferecer o pão de seu Deus.

22 Do pão de seu Deus, do muito santo e das coisas santificadas, poderá comer.

23 Mas não se aproximará depois do véu, nem se aproximará do altar, por quanto há defeito nele; para que não profane meu santuário, porque eu Jehová sou o que santifico-os.

24 E Moisés falou isto com o Aarón, e a seus filhos, e a todos os filhos do Israel.

1.

Aos sacerdotes.

A mensagem do cap, 21 é para os sacerdotes e suas famílias. Deviam manter-se afastados de todo tipo de contaminação. Ao povo lhe permitia fazer certas coisas que aos sacerdotes estavam vedadas. A sua vez, os simples sacerdotes tinham maiores liberdades que o supremo sacerdote. Havia uma norma de conduta graduada que se tornava mais estrita quanto mais elevada fosse a categoria da pessoa. As regras que se aplicavam ao chefe de família

também se aplicavam em alguns casos a suas famílias, de maneira que a falta do filho ou da filha poderia recair sobre o pai.

2.

Por seu parente próximo.

Um cadáver, já fosse de um pecador ou de um santo, era considerado imundo, e o sacerdote que o tocasse ficava imundo e portanto, incapacitado para oficiar no santuário. As exceções se faziam no caso de que o morto fosse um parente próximo, tais como pai ou mãe, filho ou filha, irmão ou irmã.

4.

Como qualquer homem.

Melhor, "sendo senhor entre os seus"(BJ). Literalmente como "marido" (Exo. 21: 22), ou homem casado (Exo. 21: 3). Embora o sentido não é totalmente claro, é provável que se refira aqui ao sacerdote casado, que não devia poluir-se por parentes políticos. O sacerdote não devia seguir as costumes habituais quanto ao duelo, a não ser sempre devia manter a dignidade do ofício sacerdotal.

6.

Santos serão.

Embora Deus não tem duas normas de conduta para seu povo, espera que seus ministros proporcionem à igreja um exemplo de vida santificada. O serviço de Deus exige que o homem entregue o melhor que tem. Neste capítulo se recalcam três qualidades necessárias para o sacerdócio:

1.Condición física. Deus exigia que lhe servissem só homens que estivessem em bom estado físico, sem defeitos físicos e em pleno domínio de todas as faculdades naturais do corpo. A perfeição física representava a perfeição de caráter, a qual todos deviam esforçar-se por chegar. 811

2. Santidade. Vista-las dos sacerdotes deviam ser sem mancha; suas famílias, irrepreensíveis. Bem pode julgar-se a uma igreja pela vida de seus membros. Outra prova, possivelmente mais estrita, é a norma de santidade manifestada na vida do pastor dessa igreja.

3.Consagración. Aos sacerdotes de antigamente não lhes permitia que coisa alguma interferisse com seu serviço a Deus. O supremo sacerdote não devia fazer luto por um ser amado, nem sequer encarregar-se dos detalhes do serviço fúnebre de um de seus familiares (vers. 10, 11). Nada disto devia estorvar a obra de Deus.

9.

A filha do sacerdote.

Se uma jovem do povo pecava, seu castigo devia corresponder com a gravidade da falta. Mas se a filha de um sacerdote cometia algum ato imoral, não havia a não ser uma lei: morte por fogo.

10.

O supremo sacerdote.

Embora as regras para os sacerdotes eram estritas, eram-no ainda mais para o supremo sacerdote. Só ele, de todos os sacerdotes, tinha sido ungido com azeite sobre a cabeça, só ele tinha sido consagrado para vestir as vestimentas áureas. Não devia a tirar o chapéu cabeça, pois isto requereria tirá-la lâmina de ouro que levava a inscrição "Santidade ao Jehová". Não devia rasgar seus vestidos, como era costume fazê-lo em momentos de fundo pesar. Não devia aproximar-se de um cadáver, nem sequer ao de seu pai ou mãe. As palavras de Cristo a um que queria ser discípulo parecem ter refletido este ideal (Mat. 8: 22). Se o supremo sacerdote fazia isto, poluía-se, incapacitando-se de essa maneira para desempenhar-se nos deveres de seu sagrado ofício.

12.

Nem sairá do santuário.

Os sacerdotes ministraban só durante um curto período cada ano, mas o supremo sacerdote desempenhava um serviço contínuo. Devia estar disponível em tudo tempo, portanto não podia sair de viagem. Um sacerdote podia oficiar em lugar de outro em caso de emergência, mas ninguém podia oficiar em lugar do supremo sacerdote, embora em tempos posteriores lhe proporcionou um substituto.

13.

Uma mulher virgem.

O supremo sacerdote devia casar-se com uma virgem. Não podia casar-se com uma viúva, como podia fazê-lo o sacerdote comum. É obvio, tampouco podia casar-se com uma mulher cuja reputação tivesse sido manchada.

15.

Não profane sua descendência.

Os filhos de qualquer união das mencionadas no vers. 14 estavam desqualificados para acontecer a seu pai no sacerdócio, como também ele ficaria desqualificado por ter violado a lei que proibia tais matrimônios. Estas regras foram dadas a fim de preservar o sacerdócio como uma ordem Santa. Os sacerdotes deviam ser limpos em todos os aspectos de sua vida a fim de que pudessem merecer o respeito do povo.

17.

Algum defeito.

Assim como os sacrifícios oferecidos deviam ser perfeitos e sem defeito, assim também deviam sê-lo-os sacerdotes que oficiavam no altar. Os que tivessem defeitos podiam servir em tarefas de menor importância, mas nunca deviam subir ao altar (vcrs. 21). Podiam ser os guardiães das vestimentas sacerdotais. Podiam juntar e examinar a lenha que tinha que usar-se, mas não podiam fazer o fogo nem tirar as cinzas. Podiam inspecionar aos leprosos, ser porteiros e manter o átrio em ordem, mas não podiam desempenhar nenhuma função estritamente sacerdotal (vers. 23). Não os privava de receber as posses regulares dos sacerdotes, e podiam comer das oferendas dadas aos sacerdotes, tanto das coisas santificadas como do muito santo (vers, 22). As oferendas pelo pecado, pela transgressão, e as oblações eram "muito santos", como o eram também os pães da proposição (caps. 2: 3, 10; 6: 17, 25, 29; 7: 1, 6; 10: 12, 17). A oferenda elevada e a oferenda balançada, as primicias, os primogênitos e as coisas consagradas eram consideradas santas.

18.

Mutilado.

"Disforme" (BJ). Demasiado. "Monstruoso" (BJ). Literalmente "algo estirada", "que tenha um membro muito comprido". Tudo o que se relacionava com o culto a Deus devia ser perfeito. 812

CAPÍTULO 22

1 Os sacerdotes com imundícies sobre si deviam abster-se das coisas sagradas. 6 Forma de purificação. 10 Pessoas relacionadas com o sacerdote que podiam comer das coisas sagradas. 17 O animal destinado ao sacrifício devia ser perfeito. 26 Idade do animal destinado ao sacrifício. 29 Regulamento sobre o consumo do sacrifício de ação de obrigado.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Dava ao Aarón e a seus filhos que se abstenham das coisas santas que os filhos do Israel me dedicaram, e não profanem meu santo nome. Eu Jehová.

3 lhes diga: Todo varão de toda sua descendência em suas gerações, que aproximar-se das coisas sagradas que os filhos do Israel consagram ao Jehová, tendo imundície sobre si, será talhado de minha presença. Eu Jehová.

4 Qualquer varão da descendência do Aarón que for leproso, ou padecesse fluxo, não comerá das coisas sagradas até que esteja limpo. que tocar qualquer coisa de cadáveres, ou o varão que tiver tido derramamento de sêmen,

5 ou o varão que houvesse meio doido qualquer réptil pelo qual será imundo, ou homem pelo qual deva ser imundo, conforme a qualquer imundície dela;

6 a pessoa que o tocar será imunda até a noite, e não comerá das coisas sagradas antes que tenha lavado seu corpo com água.

7 Quando o sol se pusiere, será limpo; e depois poderá comer as coisas sagradas, porque seu alimento é.

8 Mortiço nem despedaçado por fera não comerá, poluindo-se nisso. Eu Jehová.

9 Guardem, pois, meu regulamento, para que não tenham pecado por isso, não seja que

assim morram quando a profanarem. Eu Jehová que os santifico.

10 Nenhum estranho comerá coisa sagrada; o hóspede do sacerdote, e o jornaleiro, não comerão coisa sagrada.

11 Mas quando o sacerdote comprar algum escravo por dinheiro, este poderá comer dela, assim como também o nascido em sua casa poderá comer de seu alimento.

12 A filha do sacerdote, se se casar com varão estranho, não comerá da oferenda das coisas sagradas.

13 Mas se a filha do sacerdote for viúva ou repudiada, e não tuviere prole e voltou-se para a casa de seu pai, como em sua juventude, poderá comer do alimento de seu pai; mas nenhum estranho vírgula dele.

14 E o que por erro comer coisa sagrada, acrescentará a ela uma quinta parte, e dará-a ao sacerdote com a coisa sagrada.

15 Não profanarão, pois, as coisas santas dos filhos do Israel, as quais apartam para o Jehová;

16 pois lhes fariam levar a iniqüidade do pecado, comendo as coisas santas de eles; porque eu Jehová sou o que os santifico.

17 Também falou Jehová ao Moisés, dizendo:

18 Fala ao Aarón e a seus filhos, e a todos os filhos do Israel, e lhes diga: Qualquer varão da casa do Israel, ou dos estrangeiros no Israel, que oferecer seu ofrendaen pagamento de seus votos, ou como oferendas voluntárias oferecidas
em holocausto ao Jehová,

19 para que seja aceito, oferecerão macho sem defeito de entre o gado vacino, de entre os cordeiros, ou de entre as cabras.

20 Nada em que haja defeito oferecerão, porque não será aceito por vós.

21 Do mesmo modo, quando algum oferecesse sacrifício em oferenda de paz ao Jehová para
cumprir um voto, ou como oferenda voluntária, seja de vacas ou de ovelhas, para que

seja aceito será sem defeito.

22 Cego, perniquebrado, mutilado, verrugoso, sarnento ou sarnento, não oferecerão estes ao Jehová, nem deles porão oferenda acesa sobre o altar de Jehová.

23 Boi ou carneiro que tenha de mais ou de menos, poderá oferecer por oferenda voluntária; mas em pagamento de voto não será aceito.

24 Não oferecerão ao Jehová animal com testículo feridos ou machucados, rasgados ou cortados, nem em sua terra o oferecerão.

25 Nem de mão de estrangeiros tomará estes animais para oferecê-los como o pão de seu Deus, porque sua corrupção está neles; há neles defeito, não lhes aceitarão.

26 E falou Jehová ao Moisés, dizendo:

27 O bezerro ou o cordeiro ou a cabra, quando nascer, sete dias estará mamando de sua mãe; mas desde o oitavo dia em 813 adiante será aceito para oferenda de sacrifício aceso ao Jehová.

28 E seja vaca ou ovelha, não degolarão em um mesmo dia a ela e a seu filho.

29 E quando ofrecierais sacrifício de ação de graças ao Jehová, o sacrificarão de maneira que seja aceitável.

30 No mesmo dia se comerá; não deixarão dele para outro dia. Eu Jehová.

31 Guardem, pois, meus mandamentos, e cumpram. Eu Jehová.

32 E não profanem meu santo nome, para que eu seja santificado em meio dos filhos do Israel. Eu Jehová que lhes santifico,

33 que lhes tirei da terra do Egito, para ser seu Deus. Eu Jehová.

2.

Que se abstenham.

Todos os que serviam no tabernáculo deviam estar totalmente limpos, tanto

fisicamente como em forma cerimonial. Se qualquer sacerdote tivesse ficado imundo, cuidadosamente devia abster-se de tocar qualquer das coisas santas, ou até de aproximar-se delas. Estas compreendiam todo o pertencente ao serviço do santuário: os altares, todos seus utensílios, como também as oferendas que o povo apresentava aos sacerdotes. Se algum sacerdote se descuidava nisto, era talhado da presença do Senhor, quer dizer, do serviço do tabernáculo.

4.

Que for leproso.

A maior parte das contaminações que lhe poderiam ocorrer a um sacerdote eram tão somente de natureza temporaria, e o afetado só era excluído do santuário até o entardecer. Entretanto, os que contraíssem lepra ou tivessem fluxo ficavam excluídos até ser novamente declarados limpos, não importando quão comprido fosse esse período. Durante o tempo de sua separação, eram mantidos como os outros sacerdotes, mas não podiam comer das oferendas, posto que isso implicava ter pecado.

5.

Qualquer réptil.

Deus mandou que todos os que serviam no santuário deviam ser absolutamente limpos. Se um sacerdote tocava qualquer réptil, ou a qualquer pessoa que não estivesse poda, devia banhar-se e não poderia servir até o seguinte dia.

7.

Quando o sol se pusiere.

O dia finalizava à posta do sol. A essa hora se fechavam as portas do tabernáculo, dando-se por concluídos os serviços do dia. portanto, se o sacerdote estava imundo até a noite, não podia oficiar até o dia seguinte.

9.

Que não tenham pecado.

Em todo tempo os sacerdotes deviam abster-se de comer coisa imunda, ou despedaçada por fera ou mortiça, que fizesse isto sabendo, morreria por havê-lo feito.

10.

Coisa sagrada.

Quer dizer, o alimento diário do sacerdote e de sua família, a maior parte do qual o proporcionavam as oferendas do povo. Os escravos hebreus e seus famílias eram considerados membros da família e portanto podiam comer de as "coisas sagradas". Uma filha casada que vivesse com seu marido era considerada como de outra família, e portanto não podia participar disso alimento.

14.

Por erro.

Se uma pessoa que não tinha direito a comer das coisas sagradas o fazia inadvertidamente, transgredia "nas coisas santas do Jehová" e se fazia culpado dos regulamentos do cap. 5: 15, 16. Um sacerdote devia sempre estar atento a fim de evitar a infração deste regulamento. Uma filha casada podia visitar a casa de seus pais e receber uma porção de alimento para levar a sua casa. Se era "sagrado", não tinha direito a ele. Poderia dar o caso de que uma pessoa estivesse de visita em casa do sacerdote. Podia tal vez resultar incômodo preparar comida à parte para o visitante, pelo qual este se via obrigado a escolher da comida o que lhe era permitido comer. Se ele ou seu anfitrião se equivocavam, caíam em uma transgressão.

18.

Os estrangeiros no Israel.

Quer dizer, pessoas não naturalizadas que residissem entre os hebreus. Um estrangeiro podia trazer uma oferenda, mas não podia aproximar-se do altar como um israelita. O sacerdote recebia o sacrifício e o oferecia em seu lugar. Tal oferenda necessariamente era uma oferenda voluntária, a qual se aplicava a regra do cap. 1: 3.

21.

Oferenda de paz.

A promessa de lhe apresentar um animal ao Senhor era um voto. Um animal de má qualidade não podia ser aceito; devia ser perfeito em todo aspecto. Isto se aplicava tanto ao israelita como ao estrangeiro.

23.

Oferenda voluntária.

No caso de oferecer uma oferenda voluntária, não em cumprimento de um voto, que oferendava podia apresentar um animal embora tivesse "de mais ou de menos". Tais doações eram freqüentemente usadas para os pobres. Podia ter um corno 814 quebrado, ou algum defeito em uma pata, ou uma cicatriz na pele. Nenhum de estes defeitos as fazia inadequadas como alimento.

24.

Testículo feridos ou machucados.

Aqui se faz referência aos animais que se feriram em forma acidental. Parece ser que a mutilação premeditada dos animais estava proibida.

25.

O pão de seu Deus.

Quer dizer, os sacrifícios apresentados pelo povo, dos quais os sacerdotes para viver.

27.

Sete dias estará mamando.

Quer dizer, estará com sua mãe. Um animal recém-nascido não era aceitável imediatamente como oferenda (ver com. Exo. 22:30). Salvo onde se especifica a idade que devia ter o animal, não havia limite de idade para os animais que seriam sacrificados. Gedeón ofereceu um touro de sete anos (Juec. 6: 25).

28.

A ela e a seu filho.

Não se explica a razão pela qual não se devia matar em um mesmo dia a vaca e seu bezerro. Possivelmente esta regra fora similar a que proibia tirar do ninho a mãe com os filhos (Deut. 22: 6). Talvez estes preceitos tinham por objeto lhe ensinar ao Israel bondade e misericórdia, até para os animais. Também pode ter sido que os ritos das religiões pagãs incluíam tais práticas. Este fato poderia, se por acaso sozinho, explicar satisfatoriamente a proibição feita aqui (ver com. Exo. 23: 19).

O princípio da bondade por volta dos animais vale ainda hoje. Não matemos innecesariamente. Mas bem sintamos esse cuidado tenro e solícito que o Criador mesmo tem pelos animais do campo e do bosque (Mat. 10: 29). Até os meninos pequenos se causar pena pelo dano que sofrem seus bichinhos; não percamos
a sensibilidade da infância no que concerne à bondade. Todo tipo de crueldade devesse nos resultar repulsivo. Cuidem-nos médicos de não endurecer-se ante os sofrimentos de outros. Não esqueçam os ministros as debilidades da humanidade e a necessidade que têm os homens de receber simpatia e não recriminação.

29.

Sacrifício de ação de obrigado.

Nos vers. 29 e 30 se repete a instrução do cap. 7: 15.

CAPÍTULO 23

1 As festas solenes do Jehová. 3 na sábado. 4 A páscoa. 9 O feixe por primicia dos primeiros frutos. 15 A festa do Pentecostés. 22 Os restos de a colheita deviam ficar no campo para os necessitados. 23 A festa das trompetistas. 26 O dia da expiação. 33 A festa dos tabernáculos.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: As festas solenes do Jehová, as quais proclamarão como santas convocações, serão estas:

3 E seis dias se trabalhará, mas o sétimo dia será de repouso,* Santa convocação; nenhum trabalho farão; dia de repouso* é do Jehová em qualquer lugar que habitem.

4 Estas são as festas solenes do Jehová, as convocações santas, às quais convocarão em seus tempos:

5 no primeiro mês, aos quatorze do mês, entre as duas tardes, páscoa é de Jehová.

6 E aos quinze dias deste mês é a festa solene dos pães sem levedura ao Jehová; sete dias comerão pães sem levedura.

7 O primeiro dia terão Santa convocação; nenhum trabalho de servos farão.

8 E oferecerão ao Jehová sete dias oferenda acesa; o sétimo dia será Santa convocação; nenhum trabalho de servo farão.

9 E falou Jehová ao Moisés, dizendo:

10 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: Quando tiverem entrado na terra que eu lhes dou, e seguem sua colheita, trarão para o sacerdote um feixe por primicia de os primeiros frutos de sua ceifa.

11 E o sacerdote balançará o feixe diante do Jehová, para que sejam aceptos; o dia seguinte do dia de repouso* a balançará.

12 E o dia que ofereçam o feixe, oferecerão um cordeiro de um ano, sem defeito, em holocausto ao Jehová.

13 Sua oferenda será dois décimos de f de flor de farinha amassada com azeite, oferenda acesa ao Jehová em aroma muito grato; e sua libação será de vinho, a quarta parte de um hin.

14 Não comerão pão, nem grão torrado, nem 815 espiga fresca, até este mesmo dia, até que tenham devotado a oferenda de seu Deus; estatuto perpétuo é por suas idades em qualquer lugar que habitem.

15 E contarão desde dia que segue ao dia de repouso,* desde dia em que ofereceram o feixe da oferenda balançada; sete semanas cumpridas serão.

16 Até o dia seguinte do sétimo dia de repouso* contarão cinqüenta dias; então oferecerão o novo grão ao Jehová.

17 De suas habitações trarão dois pães para oferenda balançada, que serão de dois décimos de f de flor de farinha, cozidos com levedura, como primicias para o Jehová.

18 E oferecerão com o pão sete cordeiros de um ano, sem defeito, um bezerro de a vacaria, e dois carneiros; serão holocausto ao Jehová, com sua oferenda e seus libações, oferenda acesa de aroma grato para o Jehová.

19 Oferecerão além disso um macho caibro por expiação, e dois cordeiros de um ano em
sacrifício de oferenda de paz.

20 E o sacerdote os apresentará como oferenda balançada diante do Jehová, com o pão das primicias e os dois cordeiros; serão coisa sagrada ao Jehová para o sacerdote.

21 E convocarão neste mesmo dia Santa convocação; nenhum trabalho de servos farão; estatuto perpétuo em qualquer lugar que habitem por suas gerações.

22 Quando segarão a colheita de sua terra, não segarão até o último rincão dela, nem espigará sua ceifa; para o pobre e para o estrangeiro a deixará. Eu Jehová seu Deus.

23 E falou Jehová ao Moisés, dizendo:

24 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: No sétimo mês, ao primeiro do mês terão dia de repouso, uma comemoração ao som de trompetistas, e uma Santa convocação.

25 Nenhum trabalho de servos farão; e oferecerão oferenda acesa ao Jehová.

26 Também falou Jehová ao Moisés, dizendo:

27 Aos dez dias deste sétimo mês será o dia de expiação; terão Santa convocação, e afligirão suas almas, e oferecerão oferenda acesa a Jehová.

28 Nenhum trabalho farão neste dia; porque é dia de expiação, para reconciliamos diante do Jehová seu Deus.

29 Porque toda pessoa que não se afligisse neste mesmo dia, será atalho de seu povo.

30 E qualquer pessoa que fizesse trabalho algum neste dia, eu destruirei a a tal pessoa de entre seu povo.

31 Nenhum trabalho farão; estatuto perpétuo é por suas gerações em em qualquer lugar que habitem.

32 Dia de repouso será a vós, e afligirão suas almas, começando aos nove dias do mês na tarde; de tarde a tarde guardarão seu repouso.

33 E falou Jehová ao Moisés, dizendo:

34 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: Aos quinze dias deste sétimo mês será a festa solene dos tabernáculos ao Jehová por sete dias.

35 O primeiro dia haverá Santa convocação; nenhum trabalho de servos farão.

36 E sete dias oferecerão oferenda acesa ao Jehová; o oitavo dia terão Santa convocação, e oferecerão oferenda acesa ao Jehová; é festa, nenhum trabalho de servos farão.

37 Estas são as festas solenes do Jehová, às que convocarão santas reuniões, para oferecer oferenda acesa ao Jehová, holocausto e oferenda, sacrifício e libações, cada costure em seu tempo,

38 além dos dias de repouso* do Jehová, de seus dons, de todos seus votos, e de todas suas oferendas voluntárias que acostumam dar a Jehová.

39 Mas aos quinze dias do sétimo mês, quando tiverem recolhido o fruto de a terra, farão festa ao Jehová por sete dias; o primeiro dia será de repouso, e o oitavo dia será também dia de repouso.

40 E tomarão o primeiro dia ramos com fruto de árvore formosa, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas, e salgueiros dos arroios, e vos regozijarão diante do Jehová seu Deus por sete dias.

41 E farão festa ao Jehová por sete dias cada ano; será estatuto perpétuo por suas gerações; no sétimo mês a farão.

42 Em tabernáculos habitarão sete dias; tudo natural do Israel habitará em tabernáculos,

43 para que saibam seus descendentes que em tabernáculos fiz eu habitar a os filhos do Israel quando os tirei da terra do Egito. Eu seu Jehová Deus.

44 Assim falou Moisés aos filhos do Israel sobre as festas solenes do Jehová. 816

2.

As festas solenes do Jehová.

As "festas solenes" anuais (Núm. 29: 39) são seis: (1) a páscoa (Núm. 28: 16); (2) a festa dos pães sem levedura (Núm. 28: 17); (3) "a festa de a ceifa", "a festa das semanas" ou Pentecostés (Exo. 23:16; 34: 22; Núm. 28:26; Hech.2:1); (4) a festa das trompetistas (Núm. 29: 1); (5) o dia da expiação (Núm. 29: 7); (6) a "festa da colheita", a "festa dos tabernáculos" ou das cabanas (Exo. 23: 16; Lev. 23: 34; Núm. 29: 12).

junto com estas seis festas se celebravam sete dias de "Santa convocação": o primeiro e último dias da Festa dos pães sem levedura (Núm. 28: 18, 25); o dia das primicias (Núm. 28:26); a festa das trompetistas (Núm. 29: 1); o dia da expiação (Núm. 29: 7); e o primeiro e último dias da festa dos tabernáculos (Lev. 23: 35, 36).

A palavra traduzida "festa" neste capítulo vem de um dos dois vocábulos hebreus seguintes: (1) Mo'ed, uma reunião assinalada (por exemplo se usa no Lev. 23: 2,4, 37; Núm. 29: 39). (2)Jag, uma festa (usa-se por exemplo no Lev. 23: 6, 34, 39,41; Núm. 28: 17; 29: 12). Algumas estas vezes duas palavras se empregam em forma intercambiável, embora mo'ed recalca o tempo da festa, "suas festas" (Núm. 29: 39). Jag faz ressaltar o caráter da festa. Jag se deriva de um verbo que tem como um de seus sentidos possíveis: "realizar uma peregrinação", "fazer uma viagem para um objeto de reverência". A palavra árabe relacionada hadj descreve a sagrada peregrinação a Balance. Em a lista das "Festas solenes" anuais, é de notar que só se aplica Jag

a três delas: a festa dos pães sem levedura, a festa das primicias, e a festa dos tabernáculos. "Três vezes no ano me celebrarão festa" [Jag] (Exo. 23: 14). A fim de celebrar estas festas, todos os varões deviam comparecer "diante do Jehová seu Deus no lugar que ele escolhesse" (Deut. 16: 16). Até ali deviam "fazer peregrinação".

portanto, não existe contradição entre a declaração do Exo. 23: 14, deque os israelitas deviam celebrar festa "três vezes no ano", e a contagem levítica de seis festas anuais (cf. Núm. 28, 29). Cada uma de estas seis festas era um mo'ed, mas três delas se designam também como Jag. Quer dizer que havia seis mo'ed, mas só três jag. Estas três eram "festas ou festivais de peregrinação" (International Standard Bible Encyclopedia).

Embora a páscoa corretamente poderia considerar-se como uma "festa" ou mo'ed à parte, também a pode considerar como parte da festa dos pães sem levedura. O cordeiro pascal era degolado-nos dia 14 do primeiro mês, e comido essa mesma noite, ao começo do dia 15, primeiro dia da festa dos pães sem levedura. A páscoa e a festa dos pães sem levedura eram em realidade duas partes de um tudo, e em alguns casos as considerava assim (Eze. 45: 21). Em vista disto, poderíamos falar de cinco festas anuais e não de seis.

3.

Será de repouso.

Literalmente "um sábado de observância sabática". "Será de descanso completo" (BJ). "Sábado de repouso será" (Valha. ant.). O original hebreu faz notar que é um sábado ou dia de repouso solene e especial.

na sábado é diferente de todas as outras festas e santas convocações (vers. 37, 38), por quanto se originou na criação (Gén. 2: 1-3), enquanto que as festas e os "sábados anuais" originaram-se com a nação judia. na sábado do sétimo dia "foi feito por causa do homem" (Mar. 2: 27), portanto, é obrigatório para os homens de todo tempo. As festas anuais foram feitas para os judeus e deixaram de ser obrigatórias quando o simbólico achou seu cumprimento na morte de Cristo (Couve. 2: 16, 17). O dia sábado forma parte da lei de Deus, dos Dez Mandamentos, a constituição divina para este mundo. Posto que foi instituído antes de que entrasse o pecado, o sábado permanecerá depois que o pecado tenha sido eliminado (ISA. 66: 22,23). Por outra parte, as festas anuais feijões tinham uma aplicação somente

temporário, local e cerimonioso, adaptada às condições existentes em Palestina e não podiam ser aplicadas em todo mundo.

Assim a festa das primicias (das colheitas de inverno), celebrada em maio, a fins da primavera no hemisfério norte, não poderia celebrar-se até seis meses mais tarde no hemisfério sul. Tampouco tivesse sido possível que todos os povos de todos os países observassem a festa dos tabernáculos no outono. Os judeus encontraram que não lhes é possível observar o dia da expiação como Deus o mandou, salvo em relação com o templo. Com toda propriedade podia observá-la páscoa em antecipação de um Redentor vindouro, mas não assim depois de sua vinda. Todas estas festas cumpriram seu propósito, adaptando-se 817 às necessidades dos judeus que viviam na Palestina antes da vinda do Mesías. Estas festas cessaram, mas na sábado semanal permanece.

A fim de assegurar que não se considerasse na sábado como instituição judia, que devia cessar com a nação judia. Cristo declarou enfaticamente: "O dia de repouso foi feito por causa do homem " (Mar. 2: 27). Logo acrescentou: " Por tanto, o Filho do homem é Senhor até do dia do repouso " (vers. 28). O sábado é de Cristo. O é "Senhor" desse dia. Ninguém devesse violá-lo, pois ninguém tem o direito de tocá-lo. Deus o chama "meu dia santo" (ISA. 58: 13).

Dia de repouso é do Jehová.

Isto equivale a dizer: "É na sábado do Senhor", e amostra de quem é esse dia. Se Deus tivesse falado do primeiro dia da semana como "meu dia santo" ou "sábado do Senhor", não haveria nenhuma dúvida quanto ao que queria dizer. Em lugar disso, Deus usa essas mesmas expressões para referir-se ao sétimo dia. É seu dia.

5.

Páscoa é do Jehová.

A páscoa não foi instituída até a liberação do Israel do Egito (Exo. 12: 14, 27). Comemorava o poder salvador de Deus demonstrado em favor do Israel nessa ocasião histórica, e era, portanto, para eles, "páscoa do Jehová". Por contraste, o "sábado do Senhor" foi estabelecido quando, ao final da semana de criação, Deus mesmo descansou nesse dia e o apartou para o uso e o benefício de toda a humanidade (Gén. 2: 1-3; Exo. 20: 8-11; Mar. 2: 27,28.). Todos os seres humanos devem a existência ao poder criador de Deus e estão,

portanto, sob obrigação ante ele de guardar sempre o dia de repouso famoso.

Como já se dissesse, a páscoa foi instituída como recordativo da liberação dos israelitas da escravidão egípcia. Em nos dia 10 do primeiro mês se escolhia um cordeiro para cada casa, "segundo o número das pessoas", ou se a família era pequena, duas ou mais famílias podiam unir-se para realizar o sacrifício. O cordeiro era guardado até nos dia 14, quando o degolava ao entardecer, e se asperjaba seu sangue nos postes e lhes dente das portas (ver com. Exo. 12: 1-10). Essa mesma noite se comia a carne, não fervida na forma habitual, a não ser assada. Com o cordeiro só podia comer-se pão sem levedar e
ervas amargas (vers. 8). Em tempos posteriores, este ritual sofreu certas modificações, mas em essência não trocou.

O sacrifício da páscoa se distingue por quanto Deus o chama "meu sacrifício" (Exo. 23: 18; 34: 25). A páscoa recordava a saída do Israel de Egito, mas também antecipava a "nossa páscoa, que é Cristo", quem havia de ser sacrificado "por nós" (1 Cor. 5: 7). Em vários aspectos a páscoa adequadamente representava a crucificação. Na crucificação, não foi quebrantado nenhum osso do corpo de Cristo (Juan 19: 36); não se devia quebrantar nem um osso do cordeiro pascal (Exo. 12: 46; Núm. 9: 12). O cordeiro pascal era degolado-nos dia 14 do mês do Abib, e comido essa mesma noite (Exo. 12: 6- 10); Cristo morreu quando se celebrava a páscoa (Juan 19: 14). O ato de asperjar o sangue significava passar por cima em forma misericordioso, uma liberação da morte (Exo. 12: 13); assim também pela sangue de Cristo, os pecados cometidos e confessados foram "passados por alto" (ROM. 3: 25). O sacrifício pascal era um cordeiro (Exo. 12: 3); Cristo também foi o "cordeiro de Deus" (Juan 1:29). O cordeiro devia ser sem mancha (Exo.12:5); Cristo não teve mancha (1 Ped. 1: 19). A carne do cordeiro devia comer-se (Exo. 12: 7); assim também devemos participar da carne do Cordeiro de Deus (Juan 6: 51).

A páscoa e a festa dos pães sem levedura estão repletas de verdades evangélicas. Ao degolar o cordeiro, tomava uma medida para salvar aos primogênitos. Mas a morte do cordeiro não bastava para assegurar a salvação; o sangue devia ser aplicada ao dintel da porta.

A páscoa simboliza a morte de Cristo. O é nossa páscoa (1 Cor. 5: 7). Na cruz assegurou a salvação de todos. Mas a cruz em si e por si só não salva a ninguém. Só fez possível a salvação (Juan 1: 12). A morte do

cordeiro proporcionava o meio de salvação; a aplicação do sangue fazia eficaz o meio provido. Ambas as coisas eram necessárias. Assim para o cristão, a expiação na cruz, embora essencial e suficiente para todos, não salva a nenhum indivíduo enquanto não se faça uma aplicação individual do sangue. A ação de asperjar o sangue era tão importante como a morte do cordeiro. Mas até isto não bastava; devia comê-la carne, e devia comer-lhe sob as condições especificadas (Exo. 12: 11). E até isto não era suficiente; devia eliminar-se toda levedura. O descuido no menor detalhe conduziria resultados trágicos (Exo. 12: 13, 19, 23).

Uma coisa é salvar-se da morte. Outra coisa 818 é ter os meios necessários para sustentar a vida. Isto o proporcionava em forma positiva o comer a carne; em forma negativa, o abster-se de levedura. Cristo é "o pão vivo que descendeu do céu", do qual os homens devem comer se quiserem viver "para sempre" (Juan 6: 51). O cordeiro devia assar-se inteiro (Exo. 12: 9). Para cada cordeiro devia haver suficiente número de comensais como para que toda a carne fosse consumida (Exo. 12: 4). Não devia tirar-se nada da casa, e nada devia deixar-se até a manhã. O que ficasse daquelas partes que não podiam comer-se, devia ser queimado (Exo. 12: 10, 46), Da mesma maneira, o cristão deve assimilar completamente a vida daquele a quem o cordeiro representava. Isto implica a inteira identificação do crente com Cristo. Significa aceitar plenamente a vida e o caráter do Jesus.

No NT, a equivalência da páscoa é o Jantar do Senhor, o serviço da comunhão. Logo depois de ter vindo Cristo, não podia haver mais virtude em degolar ao cordeiro pascal, que prefigurava sua vinda. Mas se haveria virtude em comemorar o sacrifício do Calvário e seu poder sustentador. Por esta razão nosso Senhor instituiu a comida simbólica da comunhão, cujo propósito é nos recordar a provisão feita na cruz para nossa salvação. Como seu símbolo, assinala tão para trás como para frente: temos que recordar o Calvário "até que ele venha" (1 Cor. 11: 26).

6.

A festa solene dos pães sem levedura.

Intimamente relacionada com a páscoa, e entretanto independente dela, se celebrava a festa dos pães sem levedura. Na prática se consideravam as duas festas como uma, e os nomes se usam freqüentemente em forma equivalente. Entretanto, seu propósito era um tanto diferente. A páscoa simbolizava a liberação (Exo. 12: 13); o pão sem levedura recordava a presteza com que

Israel saiu do Egito (Exo. 12: 33, 39; Deut. 16: 3). Deus deu indicações explícitas quanto à maneira de celebrar a festa dos pães sem levedura (Exo. 12: 15). Com respeito a esta Festa Pablo disse mais tarde: "Assim que celebremos a festa, não com a velha levedura, nem com a levedura de malícia e de maldade, a não ser com pães sem levedura, de sinceridade e de verdade" (1
Cor. 5: 8).

A levedura devia ser totalmente excluída. Representa a malícia e a maldade (1 Cor. 5: 8), e a falsa doutrina, exemplificada nos ensinos dos fariseus, os saduceos e os herodianos (Mat. 16: 6,12; Mar. 8: 15). A levedura dos fariseus é avareza e injustiça (Mat. 23: 14), o espírito do "cão do hortelano" (vers. 13), falso zelo (vers. 15), estimativa equivocada dos valores espirituais (vers. 16-22), omissão da justiça, a misericórdia e a fé (vers. 23), vã minuciosidad (vers. 24), hipocrisia (vers. 25-28), intolerância (vers. 29-33), e crueldade (vers. 34- 36). A levedura dos saduceos é cepticismo (Mat. 22: 23) e falta do conhecimento das Escrituras e do poder de Deus (vers. 29). A levedura dos herodianos é lisonja, mundanalidad e hipocrisia (vers. 16-21) e maquinações malignas contra os representantes de Deus (Mar. 3: 6).

7.

Trabalho de servos -.

O primeiro e o último dia da festa eram dias da Santa convocação nos quais não devia fazer-se trabalho "servil" (BJ). Cada dia se ofereciam dois bezerros, um carneiro e sete cordeiros em holocausto com seu correspondente oblação, e um macho de caibro como oferenda pelo pecado (Núm. 28: 19-24).

10.

Um feixe por primicias.

A apresentação das primicias era parte da celebração dos dias de pães sem levedura. A apresentação tinha lugar "o dia seguinte do dia de repouso", nos dia 16 do mês do Abib (cap. 23: 11). Este dia não era nem "Santa convocação" nem "dia de repouso". Entretanto, nesse dia se realizava uma obra importante. Nos dia 14 do Abib, marcava-se certa porção de um campo de cevada para ser atalho em preparação da apresentação do dia 16. Três homens escolhidos cortavam a cevada em presença de testemunhas, logo depois de havê-la

maço
previamente em feixes. Logo se juntavam os feixes em uma grande e se a apresentava ao Senhor como "feixe por primicia dos primeiros frutos".
Além disso, apresentavam-se a Deus um cordeiro macho perfeito, uma oblação mesclada
com azeite e uma libação (vers. 12, 13). Enquanto não se realizasse esta cerimônia, Israel não podia usar para seu consumo o fruto dos campos. Esta cerimônia assinalava a "Cristo, as primicias; logo os que são de Cristo em seu vinda" (1 Cor. 15: 23).

14.

Estatuto perpétuo.

Um resumo do ritual da páscoa recalca as grandes verdades centrais do cristianismo. A páscoa simboliza a morte de Cristo. Como morria o cordeiro pascal, assim morreu Cristo. O sangue do cordeiro 819 liberou ao antigo o Israel do anjo destruidor. O sangue de Cristo agora reconcilia a todos os que com fé se amealham a ele. Por meio do simbolismo do feixe balançado, a páscoa também simboliza a ressurreição. O cordeiro morria a tarde do dia 14 do mês do Abib. Nos dia 16, "o dia seguinte do dia de repouso", as primicias, cortadas com antecedência, eram apresentadas ante o Senhor. Cristo morreu o sexta-feira de tarde E descansou na tumba durante na sábado (Luc. 23: 53-56). Ao dia seguinte do sábado (Luc. 24: 1), Cristo surgiu da tumba como "primicias" (1 Cor. 15: 20) e se apresentou ante seu Pai celestial (Juan 20:

O "dia seguinte do dia de repouso" (Lev. 23: 11) não era dia de "Santa convocação" nem de "repouso", nem no símbolo, nem na realidade simbolizada, e entretanto, realizava-se uma importante obra nesse dia. Quando Cristo ressuscitou o primeiro dia da semana, subiu ao Pai para ouvir as palavras de aceitação por seu sacrifício.

A páscoa promovia a camaradagem. As famílias e seus vizinhos se reuniam para comer o cordeiro pascal. Era uma comida em comum que simbolizava a liberação, e a liberação demandava consagração. Tudo pecado devia ser deixado de lado. Não devia ficar nenhuma levedura na casa. Devia examinar-se cada rincão em busca dela. Não se podia aceitar menos que uma completa "santidade ao Jehová" (Sal. 29: 2; 96: 9). A páscoa era uma ocasião muito solene.

A páscoa representava tudo isto, e ainda mais para o antigo povo do Israel.

O Jantar do Senhor não devesse hoje ter menos significado. Existe o grave perigo de que esqueçamos ou deixemos de apreciar as maravilhosas bênções que Deus tem aparelhadas para aqueles que participem dignamente dos ritos de a casa do Senhor. Faríamos bem em estudar a páscoa, tal como foi dada a Israel, a fim de apreciar mais ao que é nosso verdadeiro Cordeiro pascal, e cuja morte se comemora no serviço da comunhão.

16.

Cinqüenta dias.

Esta festa tinha lugar no qüinquagésimo dia depois da apresentação de o feixe balançado o 16 do mês do Abib, quer dizer, no sexto dia do terceiro mês; a fins de maio ou princípios de junho. Esta festa era conhecida como a "festa das semanas", a de "as primicias da ceifa" (Exo. 34: 22). Em tempos do NT, a conhecia com o nome de "Pentecostés", palavra derivada do vocábulo grego que significa "cinqüenta".

Assim como o feixe balançado era apresentada ao começo da colheita, antes de que se pudesse usar qualquer parte dela, assim o Pentecostés marcava o fim da temporada de colheita, embora podia ficar ainda algum cereal por colher nos lugares mais elevados das montanhas. Nesta festa se reconhecia com júbilo que o Israel dependia de Deus, o doador de toda boa dádiva. Nesta ocasião não se apresentava um feixe, a não ser dois pães para oferenda balançada, de flor de farinha, cozidos com levedura, junto com sete cordeiros, um bezerro e dois carneiros (Lev. 23: 17,18). Isto se acompanhava com um macho caibro como oferenda pelo pecado e dois cordeiros como oferenda de paz (vers. 19).

Durante a celebração da páscoa, não devia consumir-se nenhuma levedura, nem a devia encontrar nas casas do povo. No dia do Pentecostés se apresentavam dois pães, "cozidos com levedura" (vers. 17). O feixe balançado representava a Cristo, "as primicias" (ver com. vers. 14). O não teve pecado.

Pentecostés simboliza o derramamento do Espírito Santo. Assim como os pães eram oferecidos 50 dias depois do feixe balançado, assim também transcorreram cinqüenta dias entre a ressurreição de Cristo e o derramamento do Espírito Santo no dia do Pentecostés (Hech. 2: 1-4). Cristo passou na terra quarenta destes dias, instruindo e ajudando a seus discípulos (Hech. 1: 3). Logo ascendeu, e durante dez dias, os onze discípulos continuaram em oração e súplicas, até que "chegou o dia do Pentecostés". Nesse dia receberam a

plenitude do Espírito (Hech. 1: 8; 2:4). No Pentecostés a trabalho dos discípulos se somou a de Cristo, e o resultado foi glorioso para o reino do céu.

Estes dez dias foram importantes para a igreja na terra. Também foram importantes no céu. Quando Cristo subiu "ao alto, levou cativa a cautividad, e deu dons aos homens" (F. 4: 8). Aqueles cujos sepulcros foram abertos no momento quando Cristo morreu, e saíram "dos sepulcros, depois da ressurreição dele", subiram com ele ao céu e foram então apresentados ante o Pai, como uma espécie de primicias da ressurreição (Mat. 27: 52,53).

22.

O pobre.

Neste versículo se repete a instrução do cap. 19: 9, 10. Era apropriado 820 que se dedicasse especial atenção ao pobre e ao estrangeiro em uma época quando havia abundância para todos: a época da colheita.

24.

São de trompetistas.

O primeiro dia do sétimo mês era um dia de repouso; uma "Santa convocação". Nesse dia se tocavam as trompetistas porque se morava o dia da expiação e os primeiros nove dias do mês deviam ser dias de preparação para essa ocasião. O primeiro dia do sétimo mês do calendário religioso, era o dia de ano novo, o primeiro dia do ano civil.

27.

O dia de expiação.

Este era o único dia de jejum obrigatório (ver Hech. 27: 9). Era um dia solene no Israel. Em hebreu o chama "sábado de sábados" e a BJ traduz "dia de descanso absoluto" (Lev. 23: 32). Era o único dia, fora do sábado semanal, em que se proibia todo tipo de trabalho.

29.

Será atalho.

O dia da expiação era também um dia de julgamento, porque qualquer que não afligia sua alma, era "talhado" (ver com. Gén. 17: 14; Exo. 12: 15). Mais ainda, se um homem trabalhava nesse dia, Deus o destruiria. No comentário de Lev. 16 se trata em detalhe a celebração do dia da expiação.

34.

A festa solene dos tabernáculos.

Esta era a última festa do ano eclesiástico e geralmente se celebrava durante o mês de outubro, logo depois de haver-se completado a colheita e de haver-se
recolhido todos os frutos. Era uma ocasião feliz para todos. O dia da expiação tinha passado; todas as incompreensões tinham sido eliminadas; todos os pecados tinham sido confessados e deixados de lado. Os israelitas estavam felizes, e sua felicidade achava expressão na festa dos tabernáculos.

40.

Ramos.

usavam-se para fazer "tabernáculos", ou cabanas nas quais os israelitas tinham que viver durante a festa. No dia da expiação, o povo devia afligir sua alma. Na festa dos tabernáculos, deviam regozijar-se. Era a ocasião mais feliz do ano, quando os amigos e vizinhos reatavam seu camaradagem e viviam juntos em amor e harmonia. Neste sentido, representava proféticamente o momento quando se realizará a grande colhe do povo de Deus, e "virão muitos do oriente e do ocidente, e se sentarão com o Abraham e Isaac e Jacob no reino dos céus" (Mat. 8: 11).

A festa dos tabernáculos comemorava o tempo quando o Israel viveu em tenda no deserto durante seus quarenta anos de peregrinação (ver Deut. 16: 12-15).

É bom recordar como Deus nos guiou no passado. É bom trazer para a memória suas providências, porque algumas vezes tendemos a nos queixar dos caminhos pelos quais nos guia hoje. Não seria bom pensar nas múltiplos bênções que Deus derramou sobre nós, e a maneira maravilhosa em que guiou nossa vida? Se assim o fizéssemos, sentiríamos mais aprecio e

mais gratidão para Deus. E a gratidão é parte vital da religião.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-44 Ed 38-40; PP 578-584

2 Ed 39

5 CS 450; Ed 39; PP 578, 581

6-11 PP 581

15-17 PP 581

24 PR 489

27 CS 471; DTG 412, 705; 5T 520

32 3JT 23; 1T 116

34 DTG 411; Ed 40

34-36 PP 581; PR 490

40 DTG 257

40-43 PP 582

CAPÍTULO 24

1 O azeite para os abajures. 5 O pão da proposição. 10 A blasfêmia do filho do Selomit. 13 O mandamento sobre a blasfêmia. 17 Mandamento sobre o assassinato. 18 Mandamento sobre o prejuízo. 23 Lapidação do blasfemo.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Manda aos filhos do Israel que lhe tragam para o sistema de iluminação azeite puro de
olivas amassadas, para fazer arder os abajures continuamente.

3 Fora do véu do testemunho, no tabernáculo de reunião, disporá-as

Aarón da tarde até a manhã diante do Jehová; é estatuto perpétuo por suas gerações.

4 Sobre o castiçal limpo porá sempre em ordem os abajures diante de Jehová. 821

5 E tomará flor de farinha, e cozerá dela doze tortas; cada torta será de dois décimos de f.

6 E as porá em duas fileiras, seis em cada fileira, sobre a mesa limpa diante do Jehová.

7 Porá também sobre cada fileira incenso puro, e será para o pão como perfume, oferenda acesa ao Jehová.

8 Cada dia de repouso* o porá continuamente em ordem diante do Jehová, em nome dos filhos do Israel, como pacto perpétuo.

9 E ser do Aarón e de seus filhos, os quais o comerão em lugar santo; porque é coisa muito Santa para ele, das oferendas acesas ao Jehová, por direito perpétuo.

10 Naquele tempo o filho de uma mulher israelita, o qual era filho de um egípcio, saiu entre os filhos do Israel; e o filho da israelita e um homem do Israel brigaram no acampamento.

11 E o filho da mulher israelita blasfemou o Nome, e amaldiçoou; então o levaram ao Moisés. E sua mãe se chamava Selomit, filha do Dibri, da tribo de Dão.

12 E o puseram no cárcere, até que fosse declarado por palavra de Jehová.

13 E Jehová falou com o Moisés, dizendo:

14 Saca ao blasfemo fora do acampamento, e todos os que lhe ouviram ponham seus mãos sobre a cabeça dele, e apedreje-o toda a congregação.

15 E aos filhos do Israel falará, dizendo: Qualquer que amaldiçoara a seu Deus, levará sua iniqüidade.

16 Yel que blasfemasse o nome do Jehová, tem que ser morto; toda a congregação o apedrejará; assim o estrangeiro como o natural, se blasfemasse o Nome, que mora.

17 Deste modo o homem que fere de morte a qualquer pessoa, que sofra a morte.

18 O que fere algum animal tem que restitui-lo, animal como animal.

19 E o que causar lesão em seu próximo, conforme fez, assim lhe seja feito:

20 ruptura por ruptura, olho por olho, dente por dente; segundo a lesão que haja feito a outro, tal se fará a ele.

21 O que fere algum animal tem que restitui-lo; mas o que fere de morte a um homem, que mora.

22 Um mesmo estatuto terão para o estrangeiro, como para o natural; porque eu sou Jehová seu Deus.

23 E falou Moisés aos filhos do Israel, e eles tiraram do acampamento ao blasfemo e o apedrejaram. E os filhos do Israel fizeram segundo Jehová havia mandado ao Moisés.

2.

Azeite puro de olivas.

A instrução dada aqui sobre o azeite dos abajures do castiçal é a mesma que se encontra registrada no Exo. 27: 20, 21. A congregação proporcionava o azeite, como também a farinha para os pães da proposição e os pães da festa das semanas. Aarón mesmo era responsável pelos abajures. Ao princípio as atendia ele pessoalmente (Exo. 30: 8), mas mais tarde este trabalho passou a ser dos sacerdotes.

O azeite comum era espremido em uma imprensa, mas o azeite para os abajures do santuário se fazia de azeitonas amassadas. lavava-se a fruta e se tiravam tudo os lixos, folhas ou palitos, Então as amassava e se fazia que o azeite saísse sozinho. Desta maneira se produzia menos azeite que na imprensa, mas o resultado era um produto de superior qualidade.

Não há total acordo entre os eruditos quanto a se os abajures ardiam dia e noite. No vers. 3 se diz que "disporá-as Aarón da tarde até a manhã diante do Jehová", enquanto que no vers. 2 se afirma que as abajures deviam arder continuamente. Segundo Exo. 30: 8, Aarón acendia as abajures ao anoitecer, mas em 1 Sam. 3: 3 se fala de que a "abajur de Deus" era apagada. Entretanto, por regra general "os abajures nunca se extinguiam todas ao mesmo tempo, mas sim ardiam dia e noite" (PP 359, 360). As diversas declarações, embora aparentemente são contraditórias, estão em harmonia. É provável que "o abajur de Deus" (1 Sam. 3: 3) não tivesse sido o castiçal. Também é possível que Elí não tivesse sido tão cuidadoso em seguir o ritual prescrito como devesse havê-lo sido. Assim como devia sempre haver um sacrifício sobre o altar e pão sobre a mesa, também devia haver sempre 822 um abajur aceso. Até durante o dia, a luz natural não era suficiente como para que os sacerdotes realizassem o ritual diário, dentro de uma loja tão coberta e sem janelas.

5.

Doze tortas.

dão-se aqui as instruções específicas para a preparação e o uso do pão da proposição, já mencionado três vezes (Exo. 25: 30; 35: 13; 39: 36). Cada torta era feita de 4,4 litros de flor de farinha. Não se diz nada em quanto a se este pão se fazia com levedura ou sem ela, mas o fato de que se pusesse-o diante do Senhor no primeiro compartimento parecesse implicar que não se usava levedura. Posto que era algo assim como uma oblação contínua (Núm. 4: 7), devia reger-se pelas regras das oblações, e portanto deve haver-se feito sem levedura (Lev. 2: 4, 11). Josefo declara especificamente que não se usava levedura (Antiguidades iII. 6.6). Em tempos posteriores, se considerou que a preparação e o acerto das tortas era trabalho dos levita (1 Crón. 9: 32).

6.

Duas fileiras.

Quer dizer, montões. A palavra significa um acerto ordenado de alguma forma. O tamanho dos pães exigia a colocação dos pães um em cima do outro e não em "fileiras".

7.

Incenso puro.

colocava-se o incenso em dois copos de ouro e, ao tirar o pão, o incenso era queimado sobre as brasas como oferenda ao Senhor.

8.

Cada dia de repouso.

Segundo o Talmud, o pão da proposição era tirado uma vez por semana, o dia sábado, por quatro sacerdotes. Dois tiravam o pão, e dois os copos de incenso. Quando estavam preparados para tirar o pão e os copos, entravam quatro sacerdotes do novo turno que iniciava seu serviço, levando o novo pão e dois copos de incenso. Os que traziam o novo pão se colocavam ao lado norte, olhando para o sul; os que tiravam o pão, ficavam ao lado sul, olhando para o norte. Quando um sacerdote tirava os pães, que estava em frente punha os novos. tomava cuidado se de não tirar o velho até que o novo estivesse preparado para ser colocado. Dê esta maneira sempre havia pão sobre a mesa. O pão velho era então comido pelos sacerdotes como a porção que pertencia-lhes. Faziam-no dentro do recinto sagrado do santuário. Foi de este pão do que Abimelec deu ao David e a seus homens (1 Sam. 21: 4-6; Mat. 12: 3, 4).

Este pão com freqüência era chamado o "pão da Presença" (BJ) e simbolizava a Cristo, o verdadeiro pão de vida (Juan 6: 51). O pão também dava testemunho de que o Israel dependia constantemente de Deus para que ele suprisse todas suas necessidades, tão espirituais como temporários (ver Mat. 6: 31-34). A mesa estava sempre posta; sua provisão se renovava todas as semanas. Como a chama dos abajures do castiçal subia para o céu, assim também o incenso sobre a mesa dos pães da proposição ascendia como perfume agradável ao Doador de toda coisa boa.

Não há mais que um curto passo entre a mesa do Senhor no santuário e a mesa do Senhor no NT. Os sacerdotes participavam do pão que representava a Aquele que descendeu do céu; nós comemos do pão que Cristo afirmou ser seu corpo (1 Cor. 11: 24).

10.

O filho de uma mulher israelita.

O fato de que o jovem era filho de um egípcio e que "saiu entre os filhos de Israel", indica que embora não lhe permitia acesso ao acampamento propriamente dito, tinha entrado nele. produziu-se uma rixa, e o jovem blasfemou o nome do Senhor. Posto que não pertencia ao acampamento e era considerado estrangeiro, foi posto em uma prisão até que se conhecesse a vontade do Senhor, quer dizer até que se determinasse como deviam aplicá-las leis de Israel a uma pessoa que era estrangeira, ao menos em parte. Ao entrar por primeira vez no acampamento, tinha-o feito com o propósito de levantar ali sua loja(PP 431).

11.

Blasfemou.

Em vez de arrepender-se, demonstrou ser perversamente impenitente.

22.

Um mesmo estatuto.

O incidente mencionado nos vers. 10-14 deu lugar a que se esclarecessem certas leis civis, especialmente quanto a sua aplicação ao "estrangeiro" (ver Exo. 21: 12, 24, 33). Deus perdoa o pecado, qualquer que seja, mas os delitos civis não podem resolver sobre esta base. Israel era tanto nação como igreja, e Deus deu regras para ambas. Se um homem matar a outro, Deus em sua misericórdia o perdoará quando se arrepender. Em realidade, não importa o pecado que possa cometer um homem; por atroz que tenha sido, pode receber a abundante misericórdia divina. Deus conhece o coração e por isso pode perdoar, e até esquecer. Mas se o castigo fosse suspenso cada vez que um 823 homem se arrepende, todos os criminosos pretenderiam haver-se arrependido a fim de escapar da forca. Se se fizesse saber que o castigo seria perdoado em caso de haver arrependimento, as prisões não demorariam para ficar vazias.

Alguns esquecem que embora Deus perdoa, geralmente não elimina o castigo por a transgressão. David pôde pecar e arrepender-se; mas não escapou às conseqüências de seu pecado. Sofreu enquanto viveu. Um homem infringe as leis da vida, e qualquer tenha sido a transgressão, sem importar quão profundo tenha sido o pecado, Deus pode perdoar e o fará. Mas só em circunstâncias muito estranhas o homem pode escapar das conseqüências naturais do que há

feito. O perdoa, mas geralmente deve sofrer por suas faltas.

O governante "é servidor de Deus para seu bem. Mas se fizer o mau, teme; porque não em vão leva a espada, pois é servidor de Deus, vingador para castigar ao que faz o mau" (ROM. 13: 4). A lei civil tem seu lugar. Pelo tanto, a exigência divina quanto ao "olho por olho, dente por dente" não deve ser posta de lado como uma mera disposição do AT. Sobre este princípio funda-se o governo hoje em dia. Se não houvesse castigo para os maus, as condições seriam muito piores do que são. "Porque os magistrados não estão para infundir temor ao que faz o bem, a não ser ao mau. Quer, pois, não temer a autoridade? Faz o bom" (ROM. 13: 3).

Mas se tiver que haver castigo pelo mau como será decidido esse castigo? A resposta é que o castigo deve adequar-se ao delito. portanto, "que fere algum animal tem que restitui-lo, animal como animal" (vers. 18). Isto parece ser perfeitamente justo. Isto é justiça e eqüidade.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

5-9 PP 359

10, 11 PP 431

10-16 PP 432

20 DMJ 61

CAPÍTULO 25

1 O ano sabático. 8 Cada cinqüenta anos a festa de jubileu. 14 Contra o engano. 18 A bênção da obediência. 23 O resgate da terra. 29 O resgate das casas. 35 Compaixão com os pobres. 39 O uso de criados. 47 O resgate dos criados.

1 JEHOVA falou com o Moisés no monte do Sinaí, dizendo:

2 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: Quando tiverem entrado na terra que eu lhes dou, a terra guardará repouso para o Jehová.

3 E seis anos semeará sua terra, e seis anos podará sua vinha e recolherá seus frutos.

4 Mas o sétimo ano a terra terá descanso, repouso para o Jehová; não semeará sua terra, nem podará sua vinha.

5 O que de seu nascer em sua terra segada, não o segará, e as uvas de você vinhedo não vendimiarás; ano de repouso será para a terra.

6 Mas o descanso da terra te dará para comer a ti, a seu servo, a você sirva, a seu criado, e a seu estrangeiro que morar contigo;

7 e a seu animal, e à besta que houver em sua terra, será todo o fruto de ela para comer.

8 E contará sete semanas de anos, sete vezes sete anos, de modo que os dias das sete semanas de anos virão a te ser quarenta e nove anos.

9 Então fará tocar fortemente a trompetista no sétimo mês aos dez dias do mês; o dia da expiação farão tocar a trompetista por toda sua terra.

10 E santificarão o ano cinqüenta, e apregoarão liberdade na terra a todos seus moradores; esse ano lhes será de jubileu, e voltarão cada um para sua posse, e cada qual voltará para sua família.

11 O ano cinqüenta lhes será jubileu; não semearão, nem segarão o que nascer de 824suyo na terra, nem vendimiaréis seus vinhedos,

12 porque é jubileu; santo será a vós; o produto da terra comerão.

13 Neste ano de jubileu voltarão cada um para sua posse.

14 E quando venderem algo a seu próximo, ou comprarem de mão de seu próximo, não engane nenhum a seu irmão.

15 Conforme ao número dos anos depois do jubileu comprará de seu próximo; conforme ao número dos anos dos frutos te venderá ele a ti.

16 Quanto major for o número dos anos, aumentará o preço, e quanto menor for o número, diminuirá o preço; porque segundo o número das colheitas te venderá ele.

17 E não engane nenhum a seu próximo, a não ser temam a seu Deus; porque eu sou Jehová seu Deus.

18 Executem, pois, meus estatutos e guardem meus regulamentos, e ponham por obra, e habitarão na terra seguros;

19 e a terra dará seu fruto, e comerão até lhes saciar, e habitarão nela com segurança.

20 E se dijereis: O que comeremos o sétimo ano? Hei aqui não temos que semear, nem temos que recolher nossos frutos;

21 então eu lhes enviarei minha bênção o sexto ano, e ela fará que haja fruto por três anos.

22 E semearão o oitavo ano, e comerão do fruto antigo; até o ano nono, até que venha seu fruto, comerão do antigo.

23 A terra não se venderá a perpetuidade, porque minha terra é; pois vós forasteiros e estrangeiros são para comigo.

24 portanto, em toda a terra de sua posse outorgarão resgate à terra.

25 Quando seu irmão empobrecesse, e vender algo de sua posse, então seu parente mais próximo virá e resgatará o que seu irmão tiver vendido.

26 E quando o homem não tuviere rescatador, e consiguiere o suficiente para o resgate,

27 então contará os anos desde que vendeu, e pagará o que ficar ao varão a quem vendeu, e voltará para sua posse.

28 Mas se não consiguiere o suficiente para que a devolvam, o que vendeu estará em poder do que o comprou até o ano do jubileu; e ao jubileu sairá, e ele voltará para sua posse.

29 O varão que vender casa de habitação em cidade murada, terá faculdade de redimi-la até o término de um ano da venda; um ano será o término de poder-se redimir.

30 E se não for resgatada dentro de um ano inteiro, a casa que estivesse em a cidade murada ficará para sempre em poder daquele que a comprou, e para seus descendentes; não sairá no jubileu.

31 Mas as casas das aldeias que não têm muro ao redor serão estimadas como os terrenos do campo; poderão ser resgatadas, e sairão no jubileu.

32 Mas quanto às cidades dos levita, estes poderão resgatar em qualquer tempo as casas nas cidades de sua posse.

33 E o que comprar dos levita sairá da casa vendida, ou da cidade de sua posse, no jubileu, por quanto as casas das cidades dos levita são a posse deles entre os filhos do Israel.

34 Mas a terra do ejido de suas cidades não se venderá, porque é perpétua posse deles.

35 E quando seu irmão empobrecesse e se acolher a ti, você o amparará; como forasteiro e estrangeiro viverá contigo.

36 Não tirará dele usura nem ganho, a não ser terá temor de seu Deus, e você irmão viverá contigo.

37 Não lhe dará seu dinheiro a usura, nem seus mantimentos a ganho.

38 Eu Jehová seu Deus, que lhes tirei da terra do Egito, para lhes dar a terra do Canaán, para ser seu Deus.

39 E quando seu irmão empobrecer, estando contigo, e se vender a ti, não fará-lhe servir como escravo.

40 Como criado, como estrangeiro estará contigo; até o ano do jubileu lhe servirá.

41 Então sairá livre de sua casa; ele e seus filhos consigo, e voltará para seu família, e à posse de seus pais se restituirá.

42 Porque são meus servos, os quais tirei eu da terra do Egito; não serão vendidos a maneira de escravos.

43 Não lhe enseñorearás dele com dureza, a não ser terá temor de seu Deus.

44 Assim seu escravo como sua pulseira que tiver, serão das gente que estão em seu 825 ao redor; deles poderão comprar escravos e pulseiras.

45 Também poderão comprar dos filhos de quão forasteiros vivem entre vós, e das famílias deles nascidos em sua terra, que estão com vós, os quais poderão ter por posse.

46 E os poderão deixar em herança para seus filhos depois de vós, como posse hereditária; para sempre lhes servirão deles; mas em seus irmãos os filhos do Israel não vos enseñorearéis cada um sobre seu irmão com dureza.

47 Se o forasteiro ou o estrangeiro que está contigo se enriquecesse, e você irmão que está junto a ele empobrecesse, e se vender ao forasteiro ou estrangeiro que está contigo, ou a algum da família do estrangeiro;

48 depois que se vendeu, poderá ser resgatado; um de seus irmãos o resgatará.

49 Ou seu tio ou o filho de seu tio o resgatará, ou um parente próximo de seu família o resgatará; ou se seus meios alcançaram, ele mesmo se resgatará.

50 Fará a conta com o que o comprou, desde ano que se vendeu a ele até o ano do jubileu; e tem que apreciar o preço de sua venda conforme ao número dos anos, e se contará o tempo que esteve com ele conforme ao tempo de um criado assalariado.

51 Se ainda fossem muitos anos, conforme a eles devolverá para seu resgate, do dinheiro pelo qual se vendeu.

52 E se ficar pouco tempo até o ano do jubileu, então fará um cálculo com ele, e devolverá seu resgate conforme a seus anos.

53 Como com o tomado a salário anualmente fará com ele; não se enseñoreará em ele com rigor diante de seus olhos.

54 E se não se resgatasse nesses anos, no ano do jubileu sairá, ele e seus filhos com ele.

55 Porque meus servos são os filhos do Israel; são meus servos, aos quais tirei da terra do Egito. Eu Jehová seu Deus.

2.

A terra guardará repouso.

na sábado semanal foi feito para o homem. Agora Deus anuncia um descanso sabático também para a terra. Devia cessar todo trabalho com a terra, e esta devia descansar. O que crescia de por si podia ser usado por qualquer, rico ou pobre, ou até estrangeiro.

8.

Sete semanas de anos.

Quer dizer, depois de 49 anos. Ao final do dia da expiação devia tocá-la trompetista e proclamar o ano do jubileu.

10.

O ano cinqüenta.

Durante comprido tempo houve diferença de opinião quanto a se o ano do jubileu era o ano posterior aos 49º, que era de repouso, ficando assim dois anos sucessivos sem colheita, ou se se usava o cômputo inclusivo, pelo qual o ano 50º era o mesmo que o do repouso do 49º ano. Certa opinião judia prevalecente é que durante a existência do primeiro templo, ocorria o primeiro, mas que mais tarde se calculava da segunda forma. Nos vers. 8-11 e na analogia do cômputo do dia do Pentecostés (cap. 23: 15, 16), parecesse implicar um ano de jubileu diferente do ano de repouso, mas nos vers. 20-22 há ambigüidade. Os únicos anos de repouso mencionados na história foram depois do exílio, e não se faz referência a eles como se fossem anos de jubileu.

Não temos provas históricas de que os israelitas tivessem seguido estas instruções antes do cativeiro, nem de como o fizeram. Há pouca dúvida de que, depois do cativeiro, os judeus observaram ao menos o sétimo ano e que Deus os benzeu. Encontramos a melhor evidencia desta observância no feito de que Alejandro Magno, e mais tarde Julho César, eximiram aos judeus de pagar impostos nos anos de repouso, por considerar-se que nesses anos não

tinham entradas (Josefo, Antiguidades xI. 8. 6; xIV. 10. 6).

15.

Número dos anos.

Ninguém podia vender terra a perpetuidade, a não ser só até o ano do jubileu. Em esse ano, todas as terras voltavam para seus donos originais. Isto não causava problemas para o que tinha comprado a propriedade e agora devia devolvê-la,

posto que a tinha comprado sabendo claramente que devia devolvê-la no ano do jubileu. De maneira que se um homem vendia sua propriedade cinco anos antes do ano do jubileu, não recebia muito dinheiro por ela; pois só ficavam poucas colhe antes desse ano.

20.

O que comeremos?

Como poderia subsistir o Israel durante todo um ano, ou possivelmente dois, sem cultivar seus campos nem juntar as colheitas? Deus o tinha previsto.

23.

minha terra é.

Embora Deus lhe tinha dado a terra da Palestina a seu povo, ele 826 ainda mantinha o título de propriedade. Os israelitas não eram donos, a não ser mordomos.

O ano de repouso sabático e o ano do jubileu eram instituições únicas em seu gênero e não têm paralelo em nenhuma outra religião. O que outra religião, a não ser a do Jehová, atreveria-se a mandar a seus seguidores a abster-se de trabalhar um ano de cada sete e lhes prometer a bênção e o amparo de Deus a fim de que no sexto ano a terra desse suficiente para dois anos? Se Deus não tivesse-lhes dado uma bênção tão notável, não se tivesse visto prejudicada seu religião? Se Deus não provia o necessário, depois de uma experiência tal o povo nunca mais teria adorado ao Jehová.

Ao terminar o dia da expiação no mês do Tishri (vers. 9) tocavam-se as trompetistas e se proclamava a liberdade. Que momento feliz deve ter sido este

para os que tinham estado em servidão, e que esse dia tinham recebido a expiação de seus pecados, e agora ficavam em liberdade. Podiam voltar para seus lares para começar uma nova vida.

24.

Resgate à terra.

Todas as propriedades voltavam automaticamente para dono original no ano do jubileu, mas em qualquer momento podiam ser redimidas pelo dono ou por um de seus parentes, mediante o pagamento do requerido. A soma a pagar devia calcular-se segundo o número de colheitas que haveria do momento do resgate até o ano do jubileu. que tinha comprado a propriedade a pagava segundo o número de colheitas que teria antes do ano do jubileu -é obvio, sem tomar em conta os anos sabáticos quando não havia colheita - e lhe tinha que pagar da mesma maneira. Esta legislação permitia que em qualquer momento um dono pudesse recuperar sua propriedade.

25.

Quando seu irmão empobrecesse.

Esta legislação favorecia ao pobre e o animava a trabalhar para recuperar seu propriedade. Deus procurava impedir que alguns chegassem a ser muito ricos e os outros muito pobres. Se se tivesse seguido o plano original de Deus para a terra e a servidão, não se tivessem conhecido situações de extrema riqueza nem de extrema pobreza.

29.

Casa de habitação.

Neste caso a situação era inteiramente diferente, e se aplicava uma regra distinta. De haver-se seguido as disposições normais quanto ao resgate de propriedades, que tinha comprado uma casa na cidade podia ser desalojado em qualquer momento. Mas tais propriedades podiam "resgatar-se" só durante o primeiro ano depois de ter sido vendidas. Se não tinha sido resgatada dentro desse tempo, o comprador a podia reter em forma permanente. Posto que a casa não se vendeu tendo em conta o ano do jubileu, esta constituía uma venda Lisa e plaina, e não havia possibilidade de resgate.

31.

As casas das aldeias.

As considerava como pertencentes a "os terrenos do campo", e pelo tanto podiam redimir-se em qualquer momento. No ano do jubileu voltariam para seus donos originais. Entretanto os levita estavam excetuados desta disposição. Suas propriedades podiam ser resgatadas em qualquer momento e, em qualquer eventualidade, voltavam para os proprietários no ano de liberação. Os campos nos subúrbios das cidades eram propriedade comum e nunca podiam vender-se,

35.

Quando seu irmão.

Devia ajudar-se ao irmão, ao estranho ou ao forasteiro necessitado. que estivesse em situação folgada não devia cobrar usura do irmão pobre, nem obter ganho do alimento que lhe vendesse (ver com. Exo. 22: 25). Deste modo se mostra novamente o cuidado de Deus para os pobres. Deus havia liberado ao Israel do Egito e estava a ponto de levá-lo a terra do Canaán. Assim como eles tinham recebido tanta bondade, Deus desejava que fossem bondosos
com os desafortunados (Mat. 10: 8). Só assim poderiam receber a aprovação divina.

39.

Servir como escravo.

Um israelita vendido para servir a outro não devia ser tratado como escravo a não ser como servo assalariado. Não devia tratar-lhe duramente e o devia liberar em o ano do jubileu. Não era necessário que um servo aguardasse o ano do jubileu para ser resgatado. A lei dispunha que fosse solto logo depois de quaisquer seis anos de serviço, se assim o desejava (Exo. 21: 1-6).

47.

Vender-se ao forasteiro.

Um israelita empobrecido que se vendeu para ser escravo podia redimisse,

ele mesmo, se lhe resultava possível, ou ser redimido por outro embora o dono não fora israelita. O preço pago variava segundo os anos restantes até o ano do jubileu, porque nesse ano automaticamente ficaria livre. De modo que tanto o preço pago pelo escravo como o resgate pago por ele, se calculavam segundo o período 827 de serviço que mediava até o ano de liberem.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

4 FÉ 323

4, 5 Ed 41; PP 571

5 PP 571

8-11 PP 574

8-13 Ed 40

10 MC 139

14 MC 141

17 DTG 509

21, 22 PP 572

23 PP 574

23-28 MC 139

25 DTG 294

35 MC 140

35-37 DTG 508; PP 573; 1T 534

40 PP 574

47-49 DTG 294

CAPÍTULO 26

1 A idolatria. 2 A religiosidade. 3 Bênção para todos os que observam os mandamentos. 14 Maldição para os que os quebrantam. 40 Deus promete recordar aos que se arrependem.

1 NÃO HAREIS para vós ídolos, nem escultura, nem lhes levantarão estátua, nem porão em sua terra pedra grafite para lhes inclinar a ela; porque eu sou Jehová seu Deus.

2 Guardem meus dias de reposo,y* tenham em reverência meu santuário. Eu Jehová.

3 Se anduviereis em meus decretos e guardarem meus mandamentos, e os pusessem por obra,

4 eu darei sua chuva em seu tempo, e a terra renderá seus produtos, e o árvore do campo dará seu fruto.

5 Sua debulha alcançará à colheita de uvas, e a colheita de uvas alcançará à sementeira, e comerão seu pão até lhes saciar, e habitarão seguros em sua terra.

6 E eu darei paz na terra, e dormirão, e não haverá quem lhes espante; e farei tirar de sua terra as más bestas, e a espada não passará por seu país.

7 E perseguirão a seus inimigos, e cairão a espada diante de vós.

8 E cinco de vós perseguirão cento, e cento de vós perseguirão a dez mil, e seus inimigos cairão a fio de espada diante de vós.

9 Porque eu me voltarei para vós, e lhes farei crescer, e lhes multiplicarei, e afirmarei meu pacto com vós.

10 Comerão o antigo de muito tempo, e porão fora o antigo para guardar o novo.

11 E porei minha morada em meio de vós, e minha alma não lhes abominará;

12 e andarei entre vós, e eu serei seu Deus, e vós serão meu povo.

13 Eu Jehová seu Deus, que lhes tirei da terra do Egito, para que não fossem seus servos, e rompi as coyundas de seu jugo, e lhes tenho feito andar com o rosto erguido.

14 Mas se não me oyereis, nem hiciereis todos estes meus mandamentos,

15 e se desdenharem meus decretos, e sua alma menosprezasse meus estatutos, não executando todos meus mandamentos, e invalidando meu pacto,

16 eu também farei com vós isto: enviarei sobre vós terror, extenuação e quentura, que consumam os olhos e atormentem a alma; e semearão em vão sua semente, porque seus inimigos a comerão.

17 Porei meu rosto contra vós, e serão feridos diante de seus inimigos; e os que lhes aborrecem-se enseñorearán de vós, e fugirão sem que haja quem lhes persiga.

18 E se até com estas coisas não me oyereis, 828 eu voltarei a lhes castigar sete vezes mais por seus pecados.

19 E quebrantarei a soberba de seu orgulho, e farei seu céu como ferro, e sua terra como bronze.

20 Sua força se consumirá em vão, porque sua terra não dará seu produto, e as árvores da terra não darão seu fruto.

21 Se anduviereis comigo em oposição, e não me queriam ouvir, eu acrescentarei sobre vós sete vezes mais infesta segundo seus pecados.

22 Enviarei também contra vós bestas feras que lhes arrebatem seus filhos, e destruam seu gado, e lhes reduzam em número, e seus caminhos sejam desertos.

23 E se com estas coisas não forem corrigidos, mas sim andassem comigo em oposição,

24 eu também procederei contra vós, e lhes ferirei ainda sete vezes por seus pecados.

25 Trarei sobre vós espada vingadora, em vindicação do pacto; e se

procurarem refúgio em suas cidades, eu enviarei pestilência entre vós,
e serão entregues em mão do inimigo.

26 Quando eu lhes quebrante o sustento do pão, cozerão dez suas mulheres
pão em um forno, e lhes devolverão seu pão por peso; e comerão, e não vos
saciarão.

27 Se até com isto não me oyereis, mas sim procedierais comigo em oposição,

28 eu procederei contra vós com ira, e lhes castigarei ainda sete vezes
por seus pecados.

29 E comerão a carne de seus filhos, e comerão a carne de suas
filhas.

30 Destruirei seus lugares altos, e derrubarei suas imagens, e porei
seus corpos mortos sobre os corpos mortos de seus ídolos, e meu
alma lhes abominará.

31 Farei desertas suas cidades, e assolarei seus santuários, e não cheirarei
a fragrância de seu suave perfume.

32 Assolarei também a terra, e se pasmarão por isso seus inimigos que em
ela morrem;

33 e lhes pulverizarei entre as nações, e desenvainaré espada em detrás
de vós; e sua terra estará assolada, e desertas suas cidades.

34 Então a terra gozará seus dias de repouso, todos os dias que esteja
assolada, enquanto vós estejam na terra de seus inimigos; a terra
descansará então e gozará seus dias de repouso.

35 Todo o tempo que esteja assolada, descansará pelo que não repousou nos
dias de repouso quando habitavam nela.

36 E aos que fiquem de vós infundirei em seus corações tal covardia, em
a terra de seus inimigos, que o som de uma folha que se mova os
perseguirá, e fugirão como ante a espada, e cairão sem que ninguém os persiga.

37 Tropeçarão os uns com os outros como se fugissem ante a espada, embora
ninguém os persiga; e não poderão resistir diante de seus inimigos.

38 E perecerão entre as nações, e a terra de seus inimigos vos consumirá.

39 E os que fiquem de vós decairão nas terras de seus inimigos por sua iniqüidade; e pela iniqüidade de seus pais decairão com eles.

40 E confessarão sua iniqüidade, e a iniqüidade de seus pais, por seu prevaricação com que prevaricaram contra mim; e também porque andaram comigo em oposição,

41 eu também terei andado contra eles, e os terei feito entrar na terra de seus inimigos; e então se humilhará seu coração incircunciso, e reconhecerão seu pecado.

42 Então eu me lembrarei de meu pacto com o Jacob, e deste modo de meu pacto com
Isaac, e também de meu pacto com o Abraham me lembrarei, e farei memória da terra.

43 Mas a terra será abandonada por eles, e gozará seus dias de repouso, estando deserta por causa deles; e então se submeterão ao castigo de seus iniqüidades; por quanto menosprezaram meus regulamentos, e sua alma teve chateio de meus estatutos.

44 E até com tudo isto, estando eles em terra de seus inimigos, eu não os desprezarei, nem os abominarei para consumi-los, invalidando meu pacto com eles; porque eu Jehová sou seu Deus.

45 Antes me lembrarei deles pelo pacto antigo, quando os tirei da terra do Egito aos olhos das nações, para ser seu Deus. Eu Jehová.

46 Estes são os estatutos, regulamentos e leis que estabeleceu Jehová entre si e os 829 filhos do Israel no monte do Sinaí por mão do Moisés.

3.

Se anduviereis.

Este capítulo do Levítico contém uma profecia condicional que indica as bênções que se derramariam sobre o Israel se obedecia, e os castigos que

seguiriam à desobediência. Muitas destas profecias se cumpriram em forma notável.

4.

Chuva em seu tempo.

De um modo muito especial, a prosperidade e a abundância na Palestina dependiam de que as chuvas caíssem a seu tempo. No Egito, os israelitas tinham visto o transbordamento regular do Nilo, pelo qual a terra era regada e se voltava frutífera (ver com. Gén. 41: 34). Palestina era "terra dos Montes e de Vegas" e portanto não se adaptava à rega (Deut. 11: 10- 12). Os Israelitas não estavam acostumados à chuva, posto que estranha vez chove em Egito. Agora tinham que entrar em um país onde sua mesma existência dependia de a chuva do céu. Para tranqüilizá-los, Deus lhes prometeu lhes enviar chuva "a seu tempo, a temprana e a tardia", a fim de que recolhessem o "grão", o "veio" e o ,"azeite" (Deut. 11: 13, 14). Não se tratava somente de receber a chuva, mas sim de recebê-la "a seu tempo".

Entretanto, Deus lhes advertiu que a chuva não cairia sem falta, mas sim não haveria chuva (Deut. 11: 17) se eles se separavam dele para adorar aos ídolos. Isto se cumpriu nos dias do Acab (1Rey. 17: 1).

14.

Mas se não me oyereis.

Deus ameaçou com severos castigos se o Israel deixava de lhe servir e se voltava para
outros deuses. predisseram-se cinco castigos, cada um mais forte que o anterior. depois de cada um dos quatro primeiros Deus prometeu lhes enviar um mau sete vezes pior (vers. 18, 21, 24, 28). É provável que aqui "sete" indique um castigo muito intensificado e não um aumento matemático preciso.

O primeiro passado do quíntuplo castigo pela rebelião persistente aparece nos vers. 14-17. Toda a história do Israel testemunha do cumprimento desta ameaça.

18.

E se até com estas coisas.

Nos vers. 18-20 (ver também Deut. 28: 23, 24) descreve-se o segundo passo. Esta ameaça achou seu cumprimento repetidas vezes na história do Israel. Em tempos do Hageo, Deus explicou a seu povo a razão pela qual tinha retido a chuva: "Por quanto minha casa está deserta, e cada um de vós corre a seu própria casa" (Hag. 1: 9-11).

21.

Se andassem comigo em oposição.

Nos vers. 21, 22 aparece o terceiro passo. Um exemplo do cumprimento disto aparece em 2 Rei. 17: 25; outro no Juec. 5: 6.

23.

E se com estas coisas não forem corrigidos.

O quarto passo aparece nos vers. 23-26.

25.

Em vindicação do pacto.

Deus tinha estabelecido um pacto com o Israel, e se eles não cumpriam sua parte do mesmo, enviaria sobre eles espada e também pestilência. Ezequiel repetiu esta ameaça (Eze. 5: 12), que foi cumprida na destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, e mais tarde pelos romanos.

26.

Díez mulheres.

A fome seria tão intensa e o pão tão escasso que só se necessitaria um forno onde antes se usaram dez.

27.

Se até com isto.

O quinto passo aparece nos vers. 27-33. Um cumprimento disto ocorreu

durante o sítio da Samaria (2 Rei. 6: 28, 29), e outro no de Jerusalém (Jer. 19: 9; Lam. 4: 10).

31.

Farei desertas suas cidades.

Samaria e Jerusalém, por exemplo (ver com. vers. 27).

33.

lhes pulverizarei.

Não só em cautividad, pelos assírios, babilonios e romanos, mas também por dispersão em diferentes comarcas. (Veja-se no tomo 5 o artigo geral "Os judeus do primeiro século cristão", parte V, subtítulo "A diáspora".)

34.

Então a terra gozará seus dias de repouso.

Deus tinha mandado que a terra descansasse a cada sete anos. Parece haver-se feito isto durante algum tempo, mas logo o costume se perdeu. Sem dúvida, alguns pensaram que podiam enriquecer-se recusando deixar descansar a terra cada sétimo ano. Mas como resultado, perderam a terra por completo. Deus conservou o registro do tempo durante o qual a terra tinha sido privada do descanso sabático. E quando veio a destruição com a chegada dos caldeos, a terra recebeu "repouso" em compensação do tempo da transgressão (2 Crón. 36: 21). Os setenta anos sugerem que durante 490 anos a terra não tinha observado seu "repouso".

40.

E confessarão sua iniqüidade.

Durante o transcurso dos séculos, os judeus sofreram grandemente, e esta geração presente não constitui uma exceção. Mas Deus não há 830 desamparado a nenhum judeu que esteja disposto a "confessar" seus pecados. A nação poderá ser rechaçada, mas todo aquele que se volte para Deus ainda pode obter a salvação.

A fim de que os cristãos gentis não se gabem disto, nem pensem que estão em uma posição mais favorecida, recordem que Deus não faz acepção de pessoas (Hech. 10: 34; ROM. 11 : 20, 2 1). As condições da salvação são as mesmas para todos, Deus é estrito e Deus é misericordioso; para todos por igual.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

3-6 Ed 136

4-17 PP 576

5, 6, 19-21 3JT 80

21 PR 316

23, 24 2JT 122; 1T 589

24 2T 154, 661

28, 33 PR 316

CAPÍTULO 27

1 Estimativa do valor das pessoas que fazem voto especial. 9 Estimativa do valor de um animal dedicado por voto. 14 Estimativa de uma casa dedicada por voto. 16 Estimativa da terra dedicada ao Jehová e seu resgate. 28 As coisas consagradas dedicadas ao Jehová não podiam resgatar-se. 32 O dízimo não podia ser trocado.

1 FALO Jehová ao Moisés, dizendo:

2 Fala aos filhos do Israel e lhes diga: Quando algum fizesse especial voto a Jehová, segundo a estimativa das pessoas que se tenham que redimir, o estimará assim:

3 Quanto ao varão de vinte anos até sessenta, estimará-o em cinqüenta siclos de prata, segundo o siclo do santuário.

4 E se for mulher, estimará-a em trinta siclos.

5 E se for de cinco anos até vinte, ao varão o estimará em vinte siclos, e à mulher em dez siclos.

6 E se for de um mês até cinco anos, então estimará ao varão em cinco siclos de prata, e à mulher em três siclos de prata.

7 Mas se for de sessenta anos ou mais, ao varão o estimará em quinze siclos, e à mulher em dez siclos.

8 Mas se for muito pobre para pagar sua estimativa, então será levado ante o sacerdote, quem fixará o preço; conforme à possibilidade de que fez o voto, fixará-lhe preço o sacerdote.

9 E se for animal dos que se oferece oferenda ao Jehová, tudo o que dos tais se diere ao Jehová será santo.

10 Não será trocado nem permutado, bom por mau, nem mau por bom; e se se permutar um animal por outro, ele e o dado em troca dele serão sagradas.

11 Se for algum animal imundo, de que não se oferece oferenda ao Jehová, então o animal será posto diante do sacerdote,

12 e o sacerdote o valorará, seja bom ou seja mau; conforme à estimativa do sacerdote, assim será.

13 E se o quisiere resgatar, acrescentará sobre sua avaliação a quinta parte.

14 Quando algum dedicar sua casa consagrando-a ao Jehová, valorará-a o sacerdote, seja boa ou seja má; conforme a valorar o sacerdote, assim ficará.

15 Mas se o que dedicou sua casa desejar resgatá-la, acrescentará a sua avaliação a quinta parte do valor dela, e será dela.

16 Se algum dedicar da terra de sua posse ao Jehová, sua estimativa será conforme a seu semeia; um homer de semeia de cevada se valorará em cinqüenta siclos de prata.

17 E se dedicar sua terra desde ano do jubileu, conforme a sua estimativa ficará.

18 Mas se depois do jubileu dedicar sua terra, então o sacerdote fará a

conta do dinheiro conforme aos anos que ficarem até o ano do jubileu, e rebaixará-se de sua estimativa.

19 E se o que dedicou a terra quisiere redimi-la, acrescentará a sua estimativa a quinta parte do preço dela, e ficará para ele.

20 Mas se ele não resgatasse a terra, e a terra se vender a outro, não a resgatará mais; 831

21 mas sim quando sair no jubileu, a terra será Santa para o Jehová, como terra consagrada; a posse dela será do sacerdote.

22 E se dedicar algum ao Jehová a terra que ele comprou, que não era da terra de sua herança,

23 então o sacerdote calculará com ele a soma de sua estimativa até o ano do jubileu, e aquele dia dará seu preço famoso, coisa consagrada ao Jehová.

24 No ano do jubileu, voltará a terra a aquele de quem ele a comprou, cuja é a herança da terra.

25 E tudo o que valorasse será conforme ao siclo do santuário; o siclo tem vinte geras.

26 Mas o primogênito dos animais, que pela primogenitura é do Jehová, ninguém o dedicará; seja boi ou ovelha, do Jehová é.

27 Mas se for dos animais imundos, resgatarão-o conforme a você estimativa, e acrescentarão sobre ela a quinta parte de seu preço; e se não o resgatassem, venderá-se conforme a sua estimativa.

28 Mas não se venderá nem se resgatará nada consagrada, que algum tiver dedicado ao Jehová; de tudo o que tuviere, de homens e animais, e de as terras de sua posse, tudo o consagrado será coisa muito santo para o Jehová.

29 Nenhuma pessoa separada como anátema poderá ser resgatada; indefectiblemente
tem que ser morta.

30 E o dízimo da terra, assim da semente da terra como do fruto de as árvores, do Jehová é; é coisa dedicada ao Jehová.

31 E se algum quisiere resgatar algo do dízimo, acrescentará a quinta parte de seu aprecio por isso.

32 E todo dízimo de vacas ou de ovelhas, de tudo o que passa sob a vara, o dízimo será consagrado ao Jehová.

33 Não olhará se for bom ou mau, nem o trocará; e se o trocar, tanto ele como o que se deu em troca serão coisas sagradas; não poderão ser resgatados.

34 Estes são os mandamentos que ordenou Jehová ao Moisés para os filhos de Israel, no monte do Sinaí.

2.

Especial voto ao Jehová.

Um voto é uma promessa solene feita a Deus de realizar algum serviço para ele, de oferecer um presente ou de efetuar algum sacrifício. Em tempos do AT os votos se faziam freqüentemente quando os homens estavam em angústia ou perigo, ou
desejavam receber um favor de parte de Deus. Faziam o voto a condição de que Deus lhes desse o solicitado. Assim Jacob prometeu que se Deus o benzia, o fazia prosperar e o levava de volta a sua terra, serviria ao Jehová (Gén. 28: 20-22). David fez um voto incondicional (Sal. 132: 2-5).

O voto ideal nasce do coração transbordante de amor para Deus e poseído do sincero desejo de fazer algo por ele, sem pensar na recompensa. Este é o espírito que levou aos homens da antigüidade a oferecer holocaustos a Deus. Os votos eram inteiramente voluntários. Deus não os exigia. "Quando lhe abstenha de prometer, não haverá em ti pecado"; mas se um homem fazia um voto, Deus esperava que o cumprisse (Deut. 23: 21-23).

Às vezes os homens, sob a pressão das circunstâncias, fazem votos que, ao refletir bem, sabem que não podem cumprir. É a isto ao que se refere o sábio quando diz: "Laço é ao homem fazer apressadamente voto de consagração, e depois de fazê-lo, refletir" (Prov. 20: 25). Poderia-se interpretar que isto significa que é necedad fazer um voto em forma apressada e logo lamentar havê-lo feito. antes de fazer o voto, a pessoa deveria ter refletido quanto à conveniência de fazê-lo. Encontramos um exemplo disto no voto de quão judeus tinham jurado não comer nem beber

"até que tivessem dado morte ao Pablo" (Hech. 23: 12). O voto do David de que nem entraria em sua casa nem dormiria até ter encontrado lugar para a casa de Deus parece também um tanto apressado (Sal. 132: 2-5). O voto do Jefté foi feito apressadamente (Juec. 11: 34-40).

Deus sabia que os homens fariam votos que não seriam capazes de realizar. Não desejava desalentar aos homens de que fizessem votos, nem desejava liberar os de cumprir os votos já feitos. portanto proporcionou uma saída pela qual pudessem anular a obrigação. Este capítulo tráfico da redenção dos votos.

De acordo com este plano, um voto podia redimisse mediante o pagamento de dinheiro,
segundo uma escala preestabelecida. Se no voto estava comprometido um animal de sacrifício, não podia 832 pagar o valor do animal, mas sim este devia ser devotado sobre o altar. Mas todos os outros votos podiam "redimir-se".

Um homem podia consagrar-se a si mesmo ou a qualquer pessoa ou coisa sobre a qual tivesse jurisdição: esposa, filhos, servos adquiridos, animais, casas, campos. Se o santuário não podia receber o presente -o que ocorria em muitos casos -, o homem podia de todos os modos cumprir sua promessa pagando o preço de a redenção.

3.

Estimará-o.

A soma a pagar-se pela redenção de uma pessoa tinha sido estabelecida por Deus, e se ajustava a uma escala graduada apoiada no sexo e a idade da pessoa a redimisse. Para um varão este preço era de 5 siclos por um menino de até 5 anos; 20 siclos, até os 20 anos; 50 siclos até os 60 anos; e por em cima dessa idade, 15 siclos. Para a mulher, o preço era aproximadamente a metade destes valores. Entretanto, se a pessoa era pobre, não era necessário atenerse estritamente a esta escala, porque o preço da redenção podia ser computado pelo sacerdote de acordo com a capacidade pecuniária da pessoa. Deve notar-se que embora existia diferença nos preços de redenção, essa diferença se devia à idade e não à categoria. O supremo sacerdote não era estimado de mais aprecio que o jornaleiro comum.

9.

E se for animal.

Quando se prometia ou dedicava um animal limpo, este se tornava "santo" e não podia ser permutado nem redimido. Devia ser sacrificado. que o tinha prometido poderia desejar trocá-lo por um animal melhor, ou acaso por um pior. Nenhum de os dois permute podia fazer-se. Se tirava o chapéu esta permuta, os dois animais eram considerados "Santos" e ambos deviam ser sacrificados.

14.

Dedicar sua casa.

Quando um homem dedicava uma casa, o sacerdote a avaliava, e esse preço devia permanecer. Não podia trocar-se, nem se admitia regateio. O homem podia redimi-la ao preço fixado, mais a quinta parte, e então seria "dela" (vers. 15).

16.

A terra de sua posse.

Se um homem dedicava um campo, devia ser avaliado de acordo com a quantidade de semente necessária para semeá-lo. No preço assim convencionado devia tomar-se em conta o ano do jubileu (vers. 17), porque então voltaria para dono.

20.

A terra se vender.

O significado desta declaração não é claro e se tentou lhe dar diferentes interpretações. É provável que signifique que já tinha vendido a terra a outro homem antes de dedicá-la, e que embora já não tinha nenhum direito de dedicá-la, queria receber crédito por aquilo de que não podia dispor. Se este fosse o sentido do versículo, tal homem teria feito em principio o que fizeram Ananías e Safira ao pretender dar certa soma, sem haberío feito em realidade.

22.

A terra que ele comprou.

Se uma pessoa lhe comprava um terreno a seu dono, só podia dedicá-lo até o ano do jubileu, posto que então voltava para seu dono original.

26.

O primogênito dos animais.

Os primogênitos de todos os animais pertenciam a Deus, e ninguém podia lhe dar a Deus o que já era dele. Eles já lhe pertenciam (Exo. 13: 2, 12; 22: 30). Entretanto, podia redimir um animal imundo. Se não se resgatava o animal, devia ser vendido.

28.

Nada consagrada.

A palavra hebréia aqui traduzida "coisa consagrada" indica um voto muito mais solene que o que indica a frase castelhana. Significa um voto que não pode quebrantar-se nem redimisse e que deve ser observado sob pena de severo castigo, até de maldições e imprecações. Este foi o tipo de voto que formularam os homens que estavam decididos a matar ao Pablo: "juramentaram-se sob maldição" (Hech. 23: 12). Uma coisa consagrada não podia ser redimida. Se a oferecia ao Senhor, não podia fazer-se nenhuma mudança nem substituição.

30.

O dízimo da terra.

Posto que já pertencia a Deus, o dízimo não podia ser dedicado. O dízimo do grão podia ser resgatado, mas não assim o do gado (vers. 33).

31.

Quisiere resgatar algo do dízimo.

surgiu a pergunta se será legítimo reter o dízimo se mais tarde se o aumenta com a quinta parte adicional. Esta pergunta revela uma compreensão errônea das palavras da Escritura. Não era o fato de reter o dízimo o que demandava que se acrescentasse a quinta parte. tratava-se de pagar o dízimo em espécie, já fosse trigo, cevada ou algum outro produto. Poderia dar o caso de que a pessoa necessitasse o trigo para semeá-lo, prefiriendo, então,

pagar em dinheiro e não em trigo. Nestas condições podia resgatar o dízimo se fazia avaliar o trigo e logo pagava essa soma mais a quinta parte. Nunca se 833 contemplou a possibilidade de reter o dízimo. Como já se fizesse notar, somente podiam redimir-se desta maneira os grãos e os produtos da terra. O gado não podia resgatar-se nem trocar-se.

32.

Tudo o que passa sob a vara.

Os escritores rabínicos dão a seguinte explicação: quando uma pessoa tinha que dar a Deus o dízimo de suas ovelhas ou de seus bezerros, encerrava todo o rebanho em um curral no qual havia uma saída estreita, só capaz de permitir sair aos animais um por um. O dono que estava por dar o dízimo ao Senhor se localizava junto a essa saída tendo na mão uma vara molhada em cobre em pó ou ocre vermelho. As mães destes cordeiros ou bezerros estavam fora do recinto. Quando se abria a porta, os bichinhos corriam em busca de seus mães. Ao passar os animais pela porta, o dono deixava passar nove e tocava ao décimo com sua vara, lhe deixando uma marca de cor. Não importava que o animal fosse de qualidade inferior ou fraco, perfeito ou defeituoso, era recebido como legítimo dízimo.

34.

Estes são os mandamentos.

Com estas palavras termina o livro do Levítico, apresentando a Deus como a autoridade que respalda seu conteúdo.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

14-16 1JT 546

30 CMC 70,76; COES 146; Ed 41; HAp 61, 270; 1JT 546; MJ 306

30, 32 Ed 134; PP 564

32 3T 546 837